D. Martyn Lloyd-Jones

"Para mim a pregação é a mais elevada, a maior e a mais gloriosa vocação para a qual alguém pode ser chamado."

PREGAÇÃO & PREGADORES

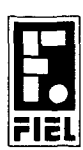
FIEL

PREGAÇÃO & PREGADORES

Alguns poderão fazer objeções às minhas assertivas dogmáticas, mas eu não vou me justificar por elas.
Todo pregador deveria crer fortemente em seu próprio método; e se eu não puder persuadir a todos de que meu método está certo, pelo menos poderei estimulá-los a pensar e a considerar outras possibilidades. Posso declarar mui honestamente que os pregadores de quem mais gosto na realidade têm-se mostrado bem diversos em seus métodos e estilos. A minha tarefa, contudo, não consiste em descrevê-los, mas em afirmar o que acredito estar certo, por mais imperfeitamente que eu tenha posto em prática os meus próprios preceitos.
Só me resta a esperança de que o resultado será de alguma ajuda, sobretudo no caso de jovens pregadores convocados para essa maior de todas as incumbências, mormente nesta época triste e má. Juntamente com muitos outros oro para que "O Senhor da seara envie" muitos pregadores poderosos que proclamem "as insondáveis riquezas de Cristo".

PREGAÇÃO & PREGADORES

POR
D. MARTYN LLOYD-JONES



EDITORA FIEL
DA
MISSÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA

PREGAÇÃO & PREGADORES

D.Martyn Lloyd-Jones

O Dr. D. Martyn Lloyd-Jones tem sido descrito como "o melhor pregador contemporâneo". Mesmo que certamente ele refutaria tal afirmativa, nenhum outro pregador na Grã-Bretanha atraiu, em nossos dias, tão numerosas congregações e nem foi tão altamente considerado.

Por que razão estou preparado para falar e conferenciar sobre a pregação? Há certo número de razões. Esse tem sido o trabalho de minha vida. Tenho militado no ministério durante quarenta e dois anos, e embora sem exclusividade, a porção primacial de meu trabalho tem sido a pregação. Em adição a isso, trata-se de algo sobre o que venho estudando constantemente. Tenho consciência de minhas inaptidões e de meus fracassos, enquanto tenho tentado pregar por todos esses anos; e, inevitavelmente, isso me tem compelido a muito estudo, debate e interesse geral sobre o assunto. Entretanto, em última análise, a razão que tenho para estar bem disposto a expor estas preleções é que, para mim, a obra da pregação é a mais elevada, a maior e a mais gloriosa vocação para a qual alguém pode ser convocado. Se alguém quiser saber doutra razão em acréscimo, então eu diria, sem qualquer hesitação, que a mais urgente necessidade da Igreja cristã da atualidade é a pregação autêntica; e, posto ser a maior e mais urgente necessidade da Igreja, é óbvio que também é a maior necessidade do mundo.

ÍNDICE

PREFÁCIO 5
1. A PRIMAZIA DA PREGAÇÃO 7
2. NÃO HÁ SUBSTITUTOS 19
3. O SERMÃO E A PREGAÇÃO 33
4. A FORMA DO SERMÃO 47
5. O ATO DA PREGAÇÃO 59
6. O PREGADOR 73
7. A CONGREGAÇÃO 88
8. O CARÁTER DA MENSAGEM 104
9. O PREPARO DO PREGADOR 120
10. A PREPARAÇÃO DO SERMÃO 134
11. A ESTRUTURA DO SERMÃO 149
12. ILUSTRAÇÕES, ELOQÜÊNCIA, HUMOR 163
13. O QUE EVITAR 178
14. APELANDO POR DECISÕES 194
15. OS ARDIS E O ROMANCE 208
16. "DEMONSTRAÇÃO DO ESPÍRITO E DE PODER" 224

PREGAÇÃO & PREGADORES

Traduzido do original em inglês:
PREACHING AND PREACHERS

Copyright © Dr. D. Martyn Lloyd-Jones

Quarta edição em português - 1998

Tradução: João Marques Bentes

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro, no todo ou em parte, sem a permissão escrita dos Editores.

Editora Fiel da
Missão Evangélica Literária
Caixa Postal 81
12201-970 - São José dos Campos, SP

MAZINHO RODRIGUES

PREFÁCIO

Quando me foi solicitado que apresentasse uma série de preleções aos estudantes do Seminário Teológico Westminster, acerca de qualquer aspecto do ministério que eu escolhesse, resolvi que falaria sobre "A Pregação e os Pregadores". Por muitas vezes me tem sido solicitado que exponha em uma preleção, ou mesmo duas ou três, sobre a "Pregação Expositiva". Eu sempre replicava que isso seria impossível — que tal tema requeria uma série inteira de preleções, por não existir qualquer fórmula mágica que pudesse ser transmitida a outras pessoas.

Por modéstia, também me sentia incapaz de tratar de tão grandioso tema, e sempre me admirara da sofreguidão com que alguns jovens ministros aconselham seus irmãos sobre a pregação e outras questões pastorais. "Quem, porém, é suficiente para estas cousas?"

Mas mesmo agora reluto em reduzir essas preleções à forma impressa. Talvez a principal justificativa para fazê-lo seja o fato de que falo com base numa experiência de cerca de quarenta e quatro anos. Durante esse período, além de pregar regularmente nas duas igrejas das quais tenho sido pastor — onze anos e meio no Sul do País de Gales, e trinta anos na Capela de Westminster, em Londres — tenho viajado muito entre os dias de domingo, e pregado noutros lugares. Quando eu estava no Sul do País de Gales geralmente pregava por duas vezes, às terças e quintas-feiras e durante a maior parte do tempo que passei em Londres, eu me ausentava às terças e quartas-feiras, procurando estar de volta ao lar, se possível, às quartas-feiras à noite, a fim de preparar-me para os três sermões que eu teria de pregar na Capela de Westminster nos fins de semana.

Devo ter aprendido alguma coisa como resultado disso; e essa é minha única prerrogativa na tentativa de realizar essa tarefa.

Tenho lido muitos livros sobre a pregação no decurso dos anos. Não posso dizer que tenho aprendido grande coisa com eles, mas tenho gostado muito deles, pois com freqüência me têm divertido — e, no que me concerne, quanto mais anedóticos melhor.

Não mais consultei qualquer deles, enquanto preparava estas preleções. Eu sentia que o melhor plano seria definir a minha atitude e a minha prática no que tiverem de mais valioso.

Tive por alvo mostrar-me prático, e tenho procurado abordar os vários problemas e questões minuciosos que com freqüência as pessoas me têm exposto em particular, os quais também têm sido discutidos por muitas vezes nas reuniões de ministros. Seja como for, conforme transparece em muitas das preleções, desgosta-me profundamente qualquer tratamento teórico ou abstrato sobre esse assunto.

Essa consideração também tem servido para determinar o meu estilo. Eu dirigia a palavra (em certo sentido, pensava em voz alta) a estudantes da carreira ministerial e a alguns pregadores já consagrados; e este livro é dirigido aos pregadores e a todos quantos se interessem pela pregação. Por conseguinte, não tenho feito o esforço para modificar o estilo íntimo, de conversa; e, excetuando algumas correções secundárias, o que agora aparece em forma impressa é aquilo que eu realmente disse.

Quando prego, raramente faço alusão a mim mesmo; mas no presente caso senti que seria bastante errado ser impessoal. Portanto, há um bom acúmulo de elemento pessoal e anedótico, e confio que isso venha a ser útil como ilustração daqueles princípios que tenho procurado inculcar.

Alguns poderão fazer objeções às minhas assertivas dogmáticas, mas eu não vou me justificar por elas. Todo pregador deveria crer fortemente em seu próprio método; e se eu não puder persuadir a todos de que meu método está certo, pelo menos poderei estimulá-los a pensar e a considerar outras possibilidades. Posso declarar mui honestamente que os pregadores de quem mais gosto na realidade têm-se mostrado bem diversos em seus métodos e estilos. A minha tarefa, contudo, não consiste em descrevê-los, mas em afirmar o que acredito estar certo, por mais imperfeitamente que eu tenha posto em prática os meus próprios preceitos. Só me resta a esperança de que o resultado será de alguma ajuda, sobretudo no caso de jovens pregadores convocados para essa maior de todas as incumbências, mormente nesta época triste e má. Juntamente com muitos outros oro para que "O Senhor da seara envie" muitos pregadores poderosos que proclamem "as insondáveis riquezas de Cristo".

Apraz-me agradecer ao professor Clowney e ao corpo docente do Seminário de Westminster, bem como a todos os estudantes, por sua tão bondosa recepção, como também pela estimulante atmosfera na qual expus essas preleções, durante seis semanas, em 1969.

Também me sinto penhorado para com a Sra. E. Burney, por haver transcrito as fitas gravadas dessas preleções e por ter preparado o material datilografado, e igualmente, como sempre, para com a minha esposa, que tem suportado minhas pregações através dos anos, e com quem tenho debatido constantemente os vários aspectos desse assunto cativante e vital.

D. M. Lloyd-Jones.

Julho de 1971

Capítulo Um

A PRIMAZIA DA PREGAÇÃO

Por que razão estou preparado para falar e conferenciar sobre a pregação? Há certo número de razões. Esse tem sido o trabalho de minha vida. Tenho militado no ministério durante quarenta e dois anos, e embora sem exclusividade, a porção primacial de meu trabalho tem sido a pregação. Em adição a isso, trata-se de algo sobre o que venho estudando constantemente. Tenho consciência de minhas inaptidões e de meus fracassos, enquanto tenho tentado pregar por todos esses anos; e, inevitavelmente, isso me tem compelido a muito estudo, debate e interesse geral sobre o assunto. Entretanto, em última análise, a razão que tenho para estar bem disposto a expor estas preleções é que, para mim, a obra da pregação é a mais elevada, a maior e a mais gloriosa vocação para a qual alguém pode ser convocado. Se alguém quiser saber doutra razão em acréscimo, então eu diria, sem qualquer hesitação, que a mais urgente necessidade da Igreja cristã da atualidade é a pregação autêntica; e, posto ser a maior e mais urgente necessidade da Igreja, é óbvio que também é a maior necessidade do mundo.

A afirmativa acerca de ser essa a mais urgente necessidade nos leva à primeira questão que devemos considerar juntos — Existe qualquer necessidade da pregação? Haverá algum lugar para ela na Igreja moderna e no mundo moderno, ou a pregação tornou-se algo bastante fora de moda? O próprio fato de que temos de postular essa pergunta e de considerá-la é, segundo me parece, o mais iluminador comentário sobre o estado da Igreja no tempo presente. Sinto ser essa a principal explicação para a condição mais ou menos perigosa de quase parlatório e para a ineficácia da Igreja Cristã do mundo de nossos dias. A questão inteira a respeito da necessidade da pregação e do lugar dela no ministério da Igreja está sendo contestada nesta época, motivo por que temos de começar nesse ponto. Com grande freqüência, quando se pede às pessoas que façam preleções ou falem acerca da pregação, precipitam-se a considerar sobre métodos e maneiras, meios e técnicas. Acredito que isso está completamente errado. Devemos começar pelas pressuposições e pelo pano de fundo, bem como pelos princípios gerais; porquanto, a menos que eu esteja redondamente equivocado, a dificuldade principal se origina do fato que as pessoas não têm pensamentos claros acerca do que a pregação realmente é. Portanto, tratarei da questão de modo geral, antes de descer a particularidades de quaisquer espécies.

Eis, portanto, a grande indagação: Podemos justificar a pregação? Haverá qualquer necessidade de pregação no mundo moderno? Isso, como você sabe, faz parte de uma questão mais ampla. Vivemos numa época quando não somente a pregação, mas a existência da própria Igreja está sendo contestada. Você está familiarizado com o que se diz do "cristianismo irreligioso", paralelamente à idéia de muitos de que talvez a própria Igreja seja o maior empecilho para a fé cristã, e de que se realmente queremos ver as pessoas se tornarem cristãs, ou se o mundo houver de ser "cristianizado", conforme dizem, então devemos dissolver a Igreja, porque a Igreja

se transformou num obstáculo entre as pessoas e a verdade que há em Cristo Jesus.

Naturalmente, temos de concordar com grande parte dessas críticas contra a Igreja. Há tanta coisa de errado na Igreja — tradicionalismo, formalidade, ausência de vida, e assim por diante — e seria vão e totalmente insensato negar tal coisa. Com freqüência, tem-se realmente de fazer certas indagações sobre se determinados agrupamentos e comunidades de pessoas, merecem o título de Igreja, afinal. A Igreja pode se degenerar tão facilmente numa organização, ou mesmo, quiçá, num clube social ou em algo desse tipo, que por muitas vezes é mister pôr em dúvida a questão toda da própria Igreja. No entanto, nosso objetivo nestas preleções não é esse, e nem haveremos de tratar da natureza da Igreja como tal; mas, por fazer parte da atitude geral para com a Igreja, essa questão da pregação, como é óbvio, terá de ser salientada de forma aguda; é desse tema que tratarei.

Qual é a causa da atual reação contra a pregação? Por qual motivo a pregação decaiu da posição que anteriormente ocupava na vida da Igreja e na estima do povo? Não se pode ler a história da Igreja, mesmo de forma superficial, sem perceber que a pregação sempre ocupou posição central e predominante na vida da Igreja, particularmente no protestantismo. Assim sendo, donde vem esse declínio do lugar e do poder da pregação? e por que se põe em dúvida, afinal, a necessidade de qualquer pregação?

Gostaria de dividir minha resposta a essa pergunta em dois tópicos gerais. Em primeiro lugar, há certas razões de ordem geral que justificam isso, e em seguida há certas razões específicas no seio da própria Igreja. Quando digo "geral" quero dar a entender certas idéias comuns que são voz corrente no mundo fora da Igreja. Permita-me ilustrar o que quero dizer. Quando firmo esse ponto, por exemplo, na Grã-Bretanha, geralmente denomino-o "baldwinismo". Para aqueles que não conhecem o termo, quero esclarecer o que pretendo dizer. Nas décadas de 1920 e 1930, houve na Inglaterra um primeiro-ministro de nome Stanley Baldwin. Esse homem, tão pouco importante que seu nome nada significa mesmo hoje em dia, exerceu considerável efeito sobre a maneira de se pensar acerca do valor da linguagem e da oratória na vida das pessoas. Ele assumiu o poder e o cargo após a época de um governo coligado na Inglaterra, liderado e dominado por homens como Lloyd George, Winston Churchill, Lord Birkenhead e outros da mesma envergadura. Ora, esses homens foram oradores, que sabiam realmente falar. Stanley Baldwin não tinha esse dom, motivo por que percebeu que se tivesse de ser bem-sucedido era essencial que diminuísse o valor e a importância da fala e da oratória. Competia com homens brilhantes que eram, ao mesmo tempo, grandes oradores; e assim se fazia passar por um inglês simples, honesto, comum. Dizia não ser grande orador, e transmitia a outros a sugestão de que um grande orador é um homem em quem não se pode confiar, e que não é honesto. Ele colocava essas coisas como se fossem antíteses; e o seu método consistia em adotar a postura do inglês comum, que não podia dar-se licença a grandes arroubos de oratória e imaginação, mas que fazia declarações simples, diretas e honestas.

Essa atitude para com a oratória e para com o poder da linguagem se tem tornado, decididamente, uma questão em voga, especialmente entre os políticos, na Inglaterra.

Infelizmente, porém, afirmo que isso tem igualmente exercido sua influência sobre a Igreja. Tem surgido uma nova atitude para com a oratória, a eloqüência e o falar de uma maneira digna do nome. É uma atitude de desconfiança para com o orador. E, naturalmente, acompanhando isso, e reforçando a atitude inteira, tem-se dado uma nova ênfase à importância da leitura. O argumento usado é que na atualidade somos um povo mais culto e educado; que no passado as pessoas não costumavam ler e dependiam de grandes oradores, grandes faladores; mas que agora isso não é mais necessário porque temos livros, bibliotecas, e assim por diante. Além disso, temos o rádio e a televisão, pelos quais o conhecimento e as informações acerca da verdade chegam diretamente aos nossos lares. Tudo isso, creio eu, tem influenciado a Igreja de modo geral, bem como a atitude da Igreja e do povo evangélico, no que tange à palavra falada e à pregação como tal.

Ora, não quero gastar muito tempo a refutar essa atmosfera geral que se faz inimiga da pregação; contentar-me-ei em simplesmente dizer o seguinte — que é muito interessante a observação de que alguns dos maiores homens de ação que o mundo já conheceu, também foram grandes oradores, que realmente sabiam falar. Não foi por acidente, assim penso, que na Grã-Bretanha, por exemplo, durante as duas Guerras Mundiais deste século, os dois grandes líderes que apareceram em cena também foram notáveis oradores; e esses outros indivíduos que tendem a dar a impressão de que se um homem sabe falar não passa de um palrador que nada faz, têm sido refutados pelos fatos reais da história. Os maiores homens de ação têm sido grandes oradores; e, naturalmente, faz parte da função de um líder, servindo-lhe de qualidade essencial desejável, que ele seja capaz de entusiasmar as pessoas, despertando-as e impelindo-as à ação. Basta-nos pensar em Péricles, em Demóstenes e em outros. A história geral do mundo por certo demonstra de forma bastante clara que os homens que verdadeiramente têm feito história têm sido homens que sabiam falar, que podiam exprimir uma mensagem, e que podiam compelir as pessoas a agir em conseqüência do efeito que produziam sobre elas.

Eis a questão, pois, de modo geral. Todavia, preocupamo-nos muito mais com certas atitudes da própria Igreja, ou com certas razões existentes na própria Igreja, que explicam o declínio da importância dada à pregação. Sugiro que os seguintes são alguns dos fatores principais e básicos, dentro deste assunto. Eu não hesitaria em colocar na primeira posição a perda da crença na autoridade das Escrituras, e o decréscimo na crença da Verdade. Coloco esse aspecto em primeiro lugar por ter a certeza de ser ele o fator principal. Se alguém não for revestido de autoridade, não poderá falar bem, não poderá pregar. Grandes pregações sempre dependem de grandes temas. Grandes temas sempre produzem grandes exposições faladas em qualquer campo, e isso é particularmente veraz, como é óbvio, no campo da Igreja. Enquanto os homens criam nas Escrituras como a autoritária Palavra de Deus, e falavam alicerçados sobre essa autoridade, tínhamos grandiosas pregações. Porém, uma vez que isso desapareceu, e os homens começaram a especular, a postular teorias, a apresentar hipóteses, e assim por diante, a eloqüência e a grandiosidade da palavra falada inevitavelmente passaram a declinar e começaram a desvanecer. Na verdade, não se pode tratar de especulações e conjecturas da mesma maneira como,

antigamente, a pregação abordava os grandes temas das Escrituras. Mas, quando a crença nas grandes doutrinas da Bíblia começou a fenecer, quando os sermões passaram a ser substituídos por perorações éticas e homilias, pelo apoio moral e pelos discursos sócio-políticos, não foi de surpreender que passou a declinar a pregação. Sugiro ser essa a causa primária e maior desse declínio.

Contudo, há uma segunda causa; e precisamos ser justos quanto a essas questões. Acredito que tem havido um movimento de reação contra o que ousou chamar-se de "grandes pregadores do púlpito", mormente aqueles da segunda metade do século passado. Esses podiam ser encontrados em grande número na Inglaterra e também nos Estados Unidos da América. Meu sentimento constante é que o homem mais típico, nesse particular, nos Estados Unidos da América, foi Henry Ward Beecher. Ele ilustrava com perfeição as principais características do "pregador de púlpito". O próprio vocábulo é interessantíssimo, e acredito ser um vocábulo bem acurado. Esses homens eram pregadores de púlpito, e não meros pregadores. O que quero dizer é que eles foram homens que podiam ocupar um púlpito e dominá-lo, e igualmente dominar o povo. Eram profissionais. Neles se destacavam muitos elementos da espetaculosidade, e eram aptos manipuladores de congregações, movendo à vontade as emoções das mesmas. Finalmente, podiam fazer quase qualquer coisa que quisessem com os ouvintes.

Ora, segundo estou certo, isso tem produzido reação; e isso é ótimo. Esses pregadores foram, segundo minha perspectiva da pregação, uma abominação; e eles, de muitas maneiras, foram os principais responsáveis por esta atual reação. É deveras interessante notar que isso já acontecera em épocas passadas, mas também no que diz respeito a outros campos. Há uma interessante assertiva, num livro de autoria de Edwin Hatch, referente à influência das idéias gregas sobre a Igreja cristã, que me parece colocar essa questão de forma admirável. Diz ele que é fato que a filosofia caiu de conceito e sumiu da vida grega como resultado da retórica e do uso crescente da mesma. Permita-me citar as palavras de Hatch. Afirma ele:

> Se examinarmos mais de perto a história, descobriremos que a retórica matou a filosofia. A filosofia morreu porque, exceto para uma minúscula minoria, ela deixou de ser real, passando da esfera do pensamento e da conduta para a esfera da exposição e da literatura. Os seus pregadores pregavam não porque eles transbordavam com as verdades que não podiam deixar de expressar, e, sim, por serem mestres de frases bem formadas e porque viviam em uma época na qual as frases bem formadas tinham valor. Em suma, ela morreu por ter-se transformado em sofisma, mas o sofisma não pertence a qualquer época ou nação em especial, mas é nativo de todos os solos onde medra a literatura. Nem bem se cria qualquer forma especial de literatura, pelo gênio de algum grande escritor, e logo levanta-se uma classe de homens que cultivam esse mesmo estilo, por amor ao próprio estilo. Nem bem é dado qualquer novo impulso à filosofia ou à religião, e imediatamente aparece uma classe de homens que copiam a forma, mas sem a substância, e que tentam fazer o

eco do passado soar como se fora a voz do presente. Assim tem acontecido com o cristianismo.

Esse é um ponto importantíssimo, e penso que se reveste de grande relevância em relação ao ponto que estou frisando acerca da perniciosa influência do "pulpitismo" sobre a verdadeira pregação. Veja bem: a forma tornou-se mais importante do que a substância, a oratória e a eloqüência tornaram-se coisas valiosas por si mesmas, e, por fim, a pregação tornou-se uma forma de entretenimento. A Verdade era notada, respeitavam-na de passagem, mas o que realmente importava era a forma externa. Acredito que vivemos numa época que está experimentando reação contra isso. Essa reação se tem prolongado no nosso século, em que com freqüência tem havido uma forma de pregação popular, sobretudo no evangelismo, a qual tem lançado no descrédito a verdadeira pregação, devido à ausência de substância e por ter-se dado demasiada atenção à forma externa e à apresentação. Por fim, isso degenera naquilo que tenho descrito como profissionalismo, para não falar em exibicionismo.

Finalmente, gostaria de sugerir que um outro fator tem sido uma errônea concepção do que seja realmente um sermão, e, por conseguinte, do que seja realmente a pregação. Trata-se novamente daquele mesmo ponto acerca da forma externa, não da maneira crua a que tenho feito alusão, mas acredito que a impressão e publicação de sermões têm exercido péssimo efeito sobre a pregação. Refiro-me particularmente à publicação de sermões, de modo geral, desde mais ou menos o ano de 1890, e — ouso dizê-lo — sinto que a escola escocesa de pregadores tem sido a principal ofensora quanto a esse particular. Acredito que tudo sucedeu da seguinte maneira. Aqueles homens eram possuidores de um real dom literário, e a ênfase foi transferida, inconscientemente, uma vez mais, da veracidade da mensagem para a expressão literária. Davam grande atenção às alusões literárias e históricas, bem como às citações, e assim por diante. Em outras palavras, aqueles homens, conforme haverei de sugerir em preleção posterior, eram muito mais ensaístas do que pregadores; entretanto, quando publicaram esses ensaios à guisa de sermões, tais ensaios foram aceitos como sermões. E, sem dúvida, isso exerceu um efeito controlador sobre a maneira de pensar de muitos na Igreja, no tocante ao que deva ser um sermão, como também no que tange ao que é, verdadeiramente, a pregação. Portanto, eu poderia atribuir boa parte do declínio da pregação, em nossos tempos, àquelas efusões literárias que se têm feito passar pelo nome de sermões e de pregação.

O resultado de todas essas coisas foi a infiltração de uma nova idéia com relação à pregação, a qual tem assumido variadas formas. Uma das mais significativas idéias foi que as pessoas começaram a falar sobre a "palestra" durante o culto, ao invés de falar sobre o sermão. Por si mesmo, isso indica uma sutil modificação. A "palestra". Não mais um sermão, mas uma "palestra", ou, talvez, uma preleção. Mais adiante eu tratarei dessas distinções. Houve um homem, nos Estados Unidos da América, que publicou uma série de livros com o significativo título de *Conversas Tranqüilas*. Como você deve estar percebendo, *Conversas Tranqüilas* em oposição ao "palavreado bombástico" dos pregadores! *Conversas Tranqüilas sobre a Oração; Conversas Tranqüilas sobre o Poder*, etc. Noutras palavras, os próprios títulos anunciavam que aquele homem

não ia pregar. A pregação, naturalmente, seria algo carnal, despido de espiritualidade, e o que se faria necessário seria uma conversinha, uma conversinha perto da lareira, conversas tranqüilas, e assim por diante! A idéia pegou.

Então, além de tudo isso, deu-se uma nova ênfase "ao culto", no que com freqüência se tem chamado de "elemento da adoração". Ora, essas expressões são muito desencaminhadoras. Lembro-me de um homem que, de certa feita, disse em uma conferência: "Naturalmente, nós das igrejas episcopais, damos maior atenção à adoração do que vocês, das igrejas livres". Pude salientar que o que ele realmente queria dizer, era que eles tinham uma forma litúrgica de culto, e que nós não a tínhamos. Mas ele equiparava a leitura da liturgia com a adoração. Assim cresce a confusão.

Entretanto, tem havido essa tendência; à medida em que a pregação se tem amainado, tem havido incremento no elemento formal do culto. É interessante observar como os homens da igreja livre, os das igrejas não-episcopais, ou qualquer outra coisa que se queira chamá-los, têm tomado por empréstimo, de maneira crescente, essas idéias do tipo episcopal de culto, à proporção que a pregação vem esmaecendo. Eles têm argumentado que o povo deveria ter mais participação no culto, e assim introduziram a "leitura responsiva", bem como mais e mais música, cântico e canto-chão. A maneira de recolher as ofertas do povo ficou mais elaborada, e o ministro e os elementos do coro com freqüência entram no edifício formando um cortejo. É iluminador observar essas coisas; à medida que a pregação foi declinando, essas outras coisas foram sendo enfatizadas; e tudo isso foi feito de modo bastante deliberado. Tudo isso faz parte da reação contra a pregação; e o povo tem sentido que é mais nobilitante dar essa maior atenção ao cerimonial, à forma externa e ao ritual.

Pior ainda tem sido a incrementação do elemento de entretenimento no culto público — o emprego de filmes e o uso de mais e mais cânticos; a leitura da Palavra e a oração foram drasticamente abreviadas, porém, mais e mais tempo foi sendo consagrado aos cânticos. Já existe um "especialista de música" como se fora uma nova espécie de oficial eclesiástico, e ele conduz os cânticos, e supostamente compete-lhe produzir o ambiente próprio. Porém, ele gasta tanto tempo para produzir o ambiente próprio que não resta tempo para a pregação nesse ambiente! Tudo isso faz parte da depreciação da mensagem.

Então, como se não bastasse, há a apresentação de testemunhos. É interessante observar que à medida que a pregação como tal vem declinando, os pregadores mais e mais se têm utilizado das pessoas para que dêem seus testemunhos; principalmente se são pessoas importantes em qualquer ramo da vida. Dizem que isso atrai as pessoas para o Evangelho, persuadindo-as a dar-lhe ouvidos. Quando se puder encontrar um almirante, um general ou qualquer outra pessoa que tenha um título especial, ou um jogador de futebol, ou um ator, atriz ou estrela de cinema, ou cantor de música popular, ou qualquer outro personagem bem conhecido do público, então que se dê a tal pessoa a oportunidade de dar seu testemunho. Isso é reputado como algo muito mais valioso do que a pregação e a exposição do Evangelho. Vocês já notaram que classifiquei tudo isso sob o termo "entretenimento"? Acredito que todas essas coisas não passam disto. Mas é isso que a Igreja vem procurando, ao mesmo tempo em que tem voltado as costas para a pregação.

Um outro fator importante, nessa conexão, é a ênfase crescente sobre o "trabalho pessoal", como lhe chamam, ou "aconselhamento". Uma vez mais, seria interessante preparar um gráfico quanto a isso, tal como no caso daquelas outras coisas. Encontraríamos exatamente a mesma coisa — à medida que a pregação diminui, o aconselhamento pessoal aumenta. Isso está em grande voga, no presente século, mormente desde o fim da Primeira Guerra Mundial. O argumento apresentado é que, devido às novas tensões e pressões e às dificuldades da vida no mundo moderno, as pessoas precisam de muito maior atenção pessoal, e que é preciso que se venha a conhecer suas dificuldades particulares, sendo necessário tratar disso em particular. Somos informados que é somente quando tratamos com as pessoas, uma a uma, que somos capazes de dar-lhes a necessária ajuda psicológica, capacitando-as a solucionar esses problemas, a fazê-las vencer suas dificuldades, a fazê-las viver a vida de modo eficaz e eficiente. Espero poder abordar algumas dessas coisas com maiores detalhes mais adiante, embora agora eu esteja expondo um quadro geral das coisas que são responsáveis pelo declínio da pregação na Igreja cristã, e pela posição subordinada que se tem dado à mesma.

Para completar a lista, devo adicionar — conforme vejo as coisas — a gravação de fitas: a abominação peculiar e especial da época presente.

Aí, pois, estão certas modificações gerais que têm ocorrido no âmbito da própria Igreja. Até este ponto, venho falando sobre pessoas que acreditam na Igreja, que freqüentam a Igreja. Entre tais pessoas tem havido a mudança no lugar e no papel da pregação. Algumas vezes isso tem sido expresso até mesmo de forma puramente física. Tenho observado que a maioria dos novos templos que foram erguidos em nosso país não mais contam com um púlpito central; foi empurrado para algum lado. O púlpito costumava ocupar o lugar central, mas isso não acontece mais, e agora vemo-nos olhando para algo que corresponde a um altar, ao invés de contemplar um púlpito, o qual geralmente dominava o edifício inteiro. Tudo isso é extremamente significativo.

Mas agora, mudando de assunto, desviemos nossa atenção do que tem acontecido entre aqueles que ainda crêem na Igreja, e voltemo-nos para aqueles que estão mais ou menos sugerindo que a própria Igreja pode ser o empecilho, e que nos convém abandonar a Igreja se realmente tivermos de propagar o Evangelho. Penso aqui sobre aqueles que dizem que devemos, em certo sentido, romper definitivamente com toda essa tradição que temos herdado, e que se realmente quisermos tornar as pessoas cristãs, a maneira de fazer isso é nos misturarmos com elas, é vivermos entre elas, é compartilharmos nossas vidas com elas, é mostrar-lhes o amor de Deus, levando as cargas uns dos outros e tornando-nos como uma delas.

Tenho ouvido a questão ser expressa desse modo mesmo por parte de pregadores. Esses têm encarado o fato do declínio da freqüência à Igreja, particularmente na Grã-Bretanha. Afirmam que isso não é surpreendente, que enquanto os pregadores estiverem pregando a Bíblia e as doutrinas cristãs, não terão o direito de esperar qualquer outro resultado. O povo, dizem eles, não está interessado; o povo está interessado pela política, está interessado nas condições sociais, está interessado nas várias injustiças que as pessoas sofrem em diversas regiões do mundo, e também

na guerra e na paz. E assim, argumentam eles, se realmente alguém quiser influenciar as pessoas na direção do cristianismo, é mister que não somente se fale sobre política e se trate das questões sociais oralmente, mas que se tome parte ativa nessas coisas. Se ao menos esses homens que foram separados como pregadores, e outros que são proeminentes na Igreja, saíssem a campo e participassem da política, das atividades sociais e das obras filantrópicas, realizariam muito maior bem do que se ficassem nos púlpitos e pregassem de acordo com a maneira tradicional. Um bem conhecido pregador da Inglaterra realmente colocou nesses termos a questão, cerca de dez anos atrás. Declarou ele que a idéia de enviar missionários estrangeiros para a África do Norte — na ocasião ele estava cuidando daquela área em particular — e de treiná-los para pregarem àqueles povos era algo bastante ridículo, já tendo chegado o tempo de pôr fim a isso. E sugeriu que, em lugar disso, deveríamos enviar pessoas cristãs para aquelas regiões, as quais haveriam de arranjar empregos comuns, misturando-se entre o povo, e, mais especialmente, ingressando em suas atividades políticas e sociais. Se fizéssemos isso como cristãos, dizia ele, então talvez houvesse a esperança de que os netos da presente geração viessem a tornar-se cristãos. Esse seria o método correto de consegui-lo. Não mediante a pregação, não mediante o método antigo, mas misturando-se com o povo, demonstrando interesse, mostrando simpatia, tornando-se um no meio deles, sentando-se no meio deles e discutindo sobre seus negócios e problemas.

Isso está sendo advogado ardorosamente em muitos países nestes nossos dias, ou como um meio de atrair as pessoas para os locais de adoração, para que ouçam o Evangelho, ou então, não apenas como um substituto, mas como um método muitíssimo superior de propalar a fé cristã.

Pois bem, agora a grande indagação é — qual é a nossa resposta a tudo isso? Passo a sugerir, o que será a parte mais solene do que direi, que tudo isso, quando muito, é apenas secundário, e com freqüência nem ao menos é secundário, com freqüência nem é digno de ser mencionado; mas, quando muito é secundário, e que a tarefa primordial da Igreja e do ministro cristão é a pregação da Palavra de Deus.

Cumpre-me demonstrar essa declaração, e passo a fazê-lo da maneira e pelas razões seguintes: Em primeiro lugar, qual é a resposta dada pela própria Bíblia? Neste caso, e confinando-nos exclusivamente ao Novo Testamento — embora também pudéssemos apresentar evidências extraídas do Antigo Testamento, nos profetas — comecemos pelo nosso Senhor em pessoa. Por certo, nada existe de mais interessante em Sua história do que observar esses dois lados, ou esses dois aspectos, de Seu ministério. Nosso Senhor realizou milagres, mas o que é interessante é que esses milagres não foram Sua obra primordial, foram algo secundário. João, como vocês sabem, sempre alude a eles como "sinais", e isso é o que eles foram. Ele não veio ao mundo para curar os enfermos, e os aleijados e os cegos, ou para amainar tempestades no mar. Ele podia fazer essas coisas, e as fazia com freqüência; mas todas elas eram secundárias, e não primárias. Qual era o Seu objetivo primário? Os próprios vocábulos por Ele usados respondem à pergunta. Ele afirmou ser "A luz do mundo". Disse Ele: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas". Sim, essas coisas são legítimas, mas não são primárias; são

secundárias, são conseqüências, são efeitos, são resultados. Ou consideremos Sua famosa resposta às pessoas que Lhe expuseram a pergunta se deveriam ou não pagar impostos a César. "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". Essa era a Sua ênfase especial. A maioria das pessoas preocupa-se com a primeira coisa, "dar a César". Aquilo que geralmente se olvida, sugeriu Ele, é que se deve "dar a Deus o que é de Deus".

Além disso, há algumas interessantíssimas informações dadas indiretamente que iluminam todo esse assunto, ao que me parece, naquilo que Ele fez. Você deve estar lembrado de como, após o milagre da multiplicação dos pães para os cinco mil, somos informados de que o povo ficou tão impressionado que vieram e tentaram arrebatá-Lo à força para nomeá-Lo rei (ver João 6:15). Pensaram eles: "Ora, é exatamente isso que queremos. Ele está cuidando de um problema prático, a fome, a necessidade de alimentos. É a esse que devemos fazer rei, porquanto Ele tem poder, Ele pode fazer coisas assim". Porém, o que nos é dito é que Ele, por assim dizer, empurrou-os para um lado e "retirou-se novamente, sozinho, para o monte". Jesus considerou aquilo uma tentação, como algo que tendia a desviá-Lo do Seu propósito. Foi precisamente esse o caso no episódio das tentações no deserto, acerca das quais lemos em Lucas 4. O diabo ofereceu-Lhe todos os reinos deste mundo, e assim por diante. Mas Ele rejeitou-os deliberadamente, especificamente. Essas coisas são todas secundárias, não são a função primária, não são a tarefa principal.

Levemos em conta outro interessantíssimo exemplo sobre isso, encontrado em Lucas 12:14, onde somos informados de que em certa oportunidade nosso Senhor estivera falando, quando enviava os discípulos para que pregassem e ensinassem, e lhes falou sobre o relacionamento deles para com Deus, e sobre como deveriam encarar a oposição. Parece que Ele fez uma pausa momentânea, e imediatamente um homem irrompeu numa pergunta, dizendo: "Mestre, ordena a meu irmão que reparta comigo a herança". A resposta dada por nosso Senhor àquele homem, sem dúvida, nos fornece grande entendimento acerca da questão inteira. Ele se voltou para o homem e disse: "Homem, quem me constituiu juiz ou partidor entre vós?" Noutras palavras, Ele deixou claro que não viera ao mundo a fim de fazer tais coisas. Não é que essas coisas não precisem ser feitas; é necessário que o sejam; a justiça, a eqüidade e a retidão têm o seu devido lugar; mas Ele não viera para fazer essas coisas. É como se Ele houvesse dito: "Não deixei os céus e desci à terra a fim de fazer algo assim, pois essa não é a minha incumbência primária". Por conseguinte, Jesus repreendeu àquele homem. De fato, descobrimos que, por muitas vezes, quando Ele operara algum milagre notável e extraordinário, e então o povo procurava retê-Lo, na esperança de que faria ainda mais alguma operação miraculosa, Ele deliberadamente deixava a todos e Se retirava para outro local; e ali passava a ensinar e a pregar. Ele é "A luz do mundo" — essa é a questão primária. "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim." Todas as demais coisas são apenas secundárias. E podemos notar que quando Ele enviou os Seus discípulos, Ele os enviou a que "ensinassem e expelissem os demônios". O ensino é a primeira coisa, e Ele sempre relembrava aos Seus discípulos que o cristão é a luz do mundo. Tal como Ele é a luz do mundo, assim também o cristão torna-se a luz do mundo. "Não se pode esconder a cidade edificada sobre um

monte", e assim por diante. Sugiro que nos Evangelhos, bem como na vida e no ministério do próprio Senhor, temos essa clara indicação a respeito da primazia da pregação e do ensino.

Então, após a ressurreição, e no restante do Novo Testamento, vê-se exatamente a mesma coisa. Ele esclareceu àqueles homens escolhidos que eles eram, primariamente, "minhas testemunhas". Essa seria a primeira grande tarefa deles. Ele haveria de proporcionar-lhes outros poderes, mas a principal atividade deles consistiria em prestar testemunho acerca dEle. E por essa mesma razão é interessante notar que, assim que aqueles homens foram cheios do Espírito Santo, no dia de Pentecoste, começaram a pregar. Pedro pregou, expôs e explicou a Verdade ao povo de Jerusalém. Que fenômeno fora aquele, que acabara de acontecer e produzira tal transformação nos discípulos? Essa indagação só pode ser respondida por meio da pregação; e assim se encontra o sermão registrado na última porção do segundo capítulo de Atos dos Apóstolos.

E quando se folheia até ao terceiro capítulo do livro de Atos, encontra-se a mesma coisa uma vez mais. Pedro e João curaram aquele homem que jazia à Porta Formosa do templo, e isso provocou emoção e interesse. O povo pensava que aqueles seriam operadores de milagres, e que deles derivariam grandes benefícios; mas Pedro de novo pôs-se a pregar e a corrigi-los, e depois desviou a atenção deles, por assim dizer, do milagre que ele e João tinham acabado de realizar, para a grande Verdade concernente a Cristo e à Sua salvação, que é infinitamente mais importante. Os apóstolos sempre punham nisso a sua ênfase.

E novamente, no quarto capítulo do livro de Atos — estou considerando o ponto em detalhes por ser essa a origem da Igreja, porque isso é o que ela realmente fez no começo. Ela foi comissionada, foi enviada a pregar e a ensinar, e foi isso que ela passou a realizar. "Falavam com ousadia." O que as autoridades ansiavam por fazer, acima de tudo mais, era conseguir que aqueles homens se calassem, não ensinando nem pregando. Elas sempre criticaram a pregação muito mais do que os milagres; a pregação e o ensino nesse "Nome" é que as perturbava. Mas a réplica dos apóstolos era: "Nós não podemos deixar de falar das cousas que vimos e ouvimos". Esse era o motivo que os impelia a falar, e não podiam evitá-lo; estavam cônscios da grande compulsão que pesava sobre eles.

Porém, em muitos sentidos a mais interessante afirmativa de todas, nessa conexão, segundo algumas vezes penso, é aquela que se acha no sexto capítulo do livro de Atos dos Apóstolos, onde somos informados que surgira grave crise na vida da Igreja primitiva. Nada conheço que fale de modo mais direto sobre o presente estado e condição da Igreja, e de qual seja a sua tarefa primária, do que esse sexto capítulo do livro de Atos dos Apóstolos. A mensagem essencial acha-se nos dois primeiros versículos: "Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas".

Não há dúvida que essa é uma declaração deveras interessante e importante. Que

deveria fazer a Igreja? Ali estava um problema, ali estavam aquelas viúvas dos helenistas, e elas não somente eram viúvas como também padeciam necessidades, e precisavam de alimentos. Era um problema social, talvez em parte um problema político, mas por certo agudíssimo e urgente. Sem dúvida, competiria à Igreja cristã, e aos seus líderes em particular, cuidar daquela premente necessidade, não é? Por que se continuaria pregando, quando as pessoas padeciam fome, passavam por necessidade e sofriam? Essa foi a grande tentação que desabou de imediato sobre a Igreja; mas os apóstolos, sob a liderança e orientação do Espírito Santo, bem como do treinamento que já haviam recebido e da comissão que lhes fora dada por seu Mestre, perceberam o perigo e disseram: "Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas". Isso seria um erro. Estaríamos falhando em nossa comissão se fizéssemos isso. Estamos aqui com a finalidade de pregar esta Palavra, e essa é a questão primária. "E, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra."

Ora, nesse trecho são firmadas as prioridades de uma vez para sempre. Essa é a tarefa primordial da Igreja, a incumbência primária dada aos líderes da Igreja, àqueles que foram colocados nessa posição de autoridade; e não podemos permitir que qualquer coisa nos desvie disso, por melhor que seja a causa, por maior que seja a necessidade. Não se ponha em dúvida que essa seja a resposta direta a muito daquele falso pensamento e raciocínio a respeito dessas questões, nesta nossa época.

E se examinarmos do princípio ao fim o livro de Atos dos Apóstolos, encontraremos a mesma coisa por toda parte. Eu poderia conduzir vocês mostrando-lhes a mesma coisa quase capítulo após capítulo. Quero restringir-me, porém, apenas a mais um exemplo. No oitavo capítulo somos informados acerca de grande perseguição que eclodiu em Jerusalém, e sobre a dispersão de todos os membros da Igreja, excetuando os apóstolos. Que fizeram eles? É-nos dito nos versículos quatro e cinco: "Entrementes os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra". Isso não indica pregação feita de um púlpito. Alguém já apresentou a sugestão de que essa expressão deveria ter sido traduzida por "tagarelar" a Palavra. O principal desejo e preocupação deles era de anunciar ao povo essa Palavra. "Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo." Aqui, no quinto versículo, é empregada uma palavra diferente. Esta significa anunciar como arauto, descrevendo mais de perto um pregador no púlpito, ou, seja como for, de pé em um local público, dirigindo a palavra ao povo. E assim prossegue a exposição, através daquele livro.

Nas epístolas, por semelhante modo, o apóstolo Paulo relembra a Timóteo de que a Igreja é "coluna e baluarte da verdade". A Igreja não é uma organização ou instituição social, não é uma sociedade política, não é uma sociedade cultural, mas é "coluna e baluarte da verdade".

Paulo, ao escrever a Timóteo, em sua segunda epístola, no segundo capítulo e no segundo versículo, coloca nestes termos a questão: "E o que de minha parte ouviste, através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros". Sua palavra final a ele, em certo sentido, é a seguinte: "Prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina". Eis a questão, certamente de modo bem claro.

Tenho somente abordado de leve o argumento, e a sua asseveração, nas páginas do Novo Testamento. Tudo isso é amplamente confirmado na história da Igreja. Não se torna evidente, quando nos é dado contemplar uma visão panorâmica da história da Igreja, de que os períodos e eras de decadência, sempre foram épocas em que a pregação vinha declinando? E o que é que sempre pressagia o alvorecer de uma reforma ou de um reavivamento? É a renovação da pregação. Não somente um novo interesse pela pregação, mas uma nova espécie de pregação. O reavivamento da autêntica pregação sempre anunciou de antemão esses grandes movimentos na história da Igreja. E, naturalmente, ao chegarem a reforma e o reavivamento, eles sempre têm conduzido a grandes e notáveis períodos da mais profunda pregação que a Igreja jamais tem conhecido. Tal como foi verdade no começo, conforme se acha descrito no livro de Atos, assim também se deu após a Reforma Protestante. Lutero, Calvino, Knox, Latimer, Ridley — todos esses homens foram magníficos pregadores. No século XVII o quadro era exatamente o mesmo — os grandes pregadores puritanos e outros. E no século XVIII, Jonathan Edwards, Whitefield, os irmãos Wesley, Rowland e Harris, foram todos grandes pregadores. Aquela foi uma era de pregação grandiosa. Sempre que se verifica reforma e reavivamento, o resultado é sempre esse, inevitavelmente.

Portanto, minha resposta até esta altura, minha justificativa da declaração que fiz de que a pregação é a tarefa primordial da Igreja, está alicerçada desse modo sobre as evidências dadas pelas Escrituras, bem como sobre as evidências confirmatórias e corroborativas da história da Igreja.

Prosseguiremos a fim de raciocinar e de desdobrar um pouco mais os argumentos.

Capítulo Dois

NÃO HÁ SUBSTITUTOS

Em nossa primeira preleção, postulei uma proposição, a de que a pregação é a tarefa primordial da Igreja, e, por conseguinte, do ministro da Igreja, que tudo mais é subsidiário a isso, o que pode ser apresentado como a conseqüência ou concretização da mesma na prática diária. O que estou fazendo é justificar essa proposição, e faço-o, particularmente, em face da tendência de nossa época de depreciar a pregação às expensas de várias outras formas de atividade. Tendo postulado a proposição, procurarei consubstanciá-la por meio de evidências extraídas do Novo Testamento, e também da história da Igreja.

Agora desejo ir um passo mais adiante e sugerir que essas evidências, extraídas do próprio Novo Testamento e confirmadas e exemplificadas pela história eclesiástica, levam-nos à conclusão de que a justificação definitiva para a nossa assertiva sobre a posição primordial da pregação é de natureza teológica. Noutras palavras, argumento que toda a mensagem da Bíblia assevera isso e compele-nos a essa conclusão. Que pretendo dizer com isso? Quero dizer, essencialmente, que no instante em que se considera a necessidade real do homem, como também a natureza da salvação anunciada e proclamada nas Escrituras, chega-se forçosamente à conclusão de que a tarefa primordial da Igreja consiste em pregar e proclamar a Verdade, consiste em apontar a verdadeira necessidade do ser humano, e demonstrar qual é o único remédio, a única cura para tal necessidade.

Permita-me elaborar um pouco o assunto. Isso faz parte da essência mesma de meu argumento. Estou sugerindo que é porque existem pontos de vista falsos em voga, no que tange a essas questões, que as pessoas não mais percebem a importância da pregação. Consideremos a questão da necessidade, da necessidade humana. No que consiste ela? Bem, negativamente falando, não se trata de mera enfermidade. Existe a tendência de considerar como uma enfermidade a dificuldade essencial do homem. E não quero dar a entender enfermidade física somente. Esta faz parte do quadro; mas friso mais um tipo de enfermidade mental, moral e espiritual. Não é o caso, entretanto; não é essa a verdadeira necessidade do homem, não é sua real dificuldade. Eu poderia dizer outro tanto acerca de sua miséria e de sua infelicidade, como também acerca de ser ele uma vítima das circunstâncias.

Na atualidade, a essas coisas é dada posição de proeminência. Existem muitíssimas pessoas que procuram diagnosticar a situação humana; e elas chegam à conclusão de que o homem está doente, de que o homem é infeliz, de que o homem é uma vítima das circunstâncias. Por conseguinte, acreditam que a sua necessidade primária é que essas questões encontrem solução, que o homem seja libertado delas. Todavia, sugiro que esse é um diagnóstico por demais superficial sobre a condição humana, e que a real dificuldade do homem é que ele está rebelado contra Deus, estando, em conseqüência disso, sob a ira de Deus.

Ora, essa é a assertiva bíblica concernente ao homem, essa é a perspectiva bíblica

do homem, conforme ele é por natureza. Ele está "morto em delitos e pecados", ou seja, está espiritualmente morto. Ele está morto para a vida de Deus, para o reino espiritual e para todas as benéficas influências daquele reino sobre ele. Também nos é ensinado que o homem está "cego". "Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto", diz Paulo em II Coríntios 4:3-4, "é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos. . ." Ou então, conforme Paulo formula outra vez a questão, em Efésios 4:18 ss., a dificuldade do homem jaz no fato que os seres humanos estão "obscurecidos de entendimento, alheios à vida de Deus", devido ao pecado que neles reside. Um outro termo bíblico bem comum, usado para descrever essa condição do homem é o vocábulo "trevas". Encontramo-lo em João 3:19: "O julgamento é este: Que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más". E na primeira epístola de João, encontramos a mesma idéia mais desenvolvida. Escrevendo aos cristãos, ele diz que "as trevas se vão dissipando e a verdadeira luz já brilha". O apóstolo Paulo lança mão exatamente da mesma idéia, em Efésios 5. Escreve ele: "Pois outrora éreis trevas, porém agora sois luz no Senhor". Essas são as palavras que exprimem o diagnóstico bíblico sobre a dificuldade essencial do homem. Noutras palavras, podemos resumir tudo isso num vocábulo, ao dizer que se trata de ignorância. Todos os vocábulos, tais como "cegueira" e "trevas", indicam ignorância. E de conformidade com esse ponto de vista bíblico do homem, todas aquelas outras coisas, como a infelicidade e a miséria, e mesmo a enfermidade física, e todas as demais coisas que tanto nos atormentam e atribulam são resultados e conseqüências do pecado original e da queda de Adão. Tais males não perfazem o problema principal; são apenas conseqüências, manifestações, ou, digamos assim, sintomas dessa enfermidade primária.

Sendo esse o quadro da necessidade do homem, não é de surpreender que quando nos voltamos para a narrativa bíblica da salvação descobrimos que ela está nos termos que correspondem a essa expressão da necessidade. O apóstolo descreve a salvação nestas palavras: ela significa o chegar "ao pleno conhecimento da verdade" (I Timóteo 2:4). É da vontade de Deus que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da Verdade. Salvação é um conhecimento da Verdade. Em II Coríntios 5:19-20, afirma ele que a mensagem de que foi encarregado o pregador, o qual é um "embaixador de Cristo", consiste em dizer aos homens que "se reconciliem com Deus". Uma vez mais encontramos isso na prática diária do apóstolo. Lemos concernente a ele que, quando pregava em Atenas, em Atos 17, dizia: "Pois esse que adorais sem conhecer, é precisamente aquele que eu vos anuncio". Eram ignorantes, embora fossem filósofos, e era Paulo quem poderia ensiná-los e fornecer-lhes luz sobre essa questão.

Estou simplesmente demonstrando que o ensinamento bíblico atinente à salvação é o fato de conduzir os homens a esse "conhecimento" que lhes falta, de dissipar essa ignorância. Paulo fala em "pregar todo o conselho de Deus", e Pedro expôs idéia idêntica ao dizer que os cristãos são pessoas que foram chamadas "das trevas para a sua maravilhosa luz". Ora, essas são expressões bíblicas, e todas elas, ao que me parece, indicam que a pregação sempre figura em primeiro lugar, recebendo a

prioridade. Se essa é a mais profunda necessidade do homem, se a sua necessidade final é algo que procede dessa sua ignorância, a qual, por sua vez, é resultado de sua rebeldia contra Deus, então, nesse caso, o que ele necessita antes e acima de tudo é ser informado a esse respeito, ser informado sobre a verdade acerca de si mesmo, ser informado do único meio através do qual a situação pode ser modificada. Por conseguinte, assevero que é tarefa peculiar da Igreja, bem como do pregador, tornar tudo isso conhecido.

Gostaria de destacar a palavra "peculiar" — você pode usar o termo "excepcional", se quiser, ou "especial". O pregador é o único que pode fazer isso. Ele é o único que está na posição de tratar da maior necessidade do mundo. Paulo exprime a idéia em I Coríntios 9:17 ss. Afirma sobre si mesmo que "a responsabilidade de despenseiro... me está confiada". Para tanto é que ele fora convocado — essa dispensação do Evangelho, essa mensagem lhe fora entregue. E encontramos a mesma coisa expressa em gloriosíssima afirmação, no terceiro capítulo da epístola aos Efésios, versos 8-10: "A mim", diz ele, "o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo". Esse fora o seu chamamento, essa era a sua tarefa. Ele já dissera anteriormente que nada disso fora dado "a conhecer aos filhos dos homens, como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito". Esta é a mensagem — "manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos oculto em Deus, que criou todas as cousas, para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora dos principados e potestades nos lugares celestiais".

Minha alegação inteira é que somente a Igreja pode fazer isso, razão por que o pregador é o único que pode tornar essa mensagem conhecida. Ele é separado pela Igreja, conforme passarei a mostrar, a fim de servir nessa função e tarefa específicas. É isso que deve receber a prioridade e ser enfatizado, e necessariamente deve ser esse o caso. No momento em que percebemos a verdadeira necessidade do homem e vemos a única resposta, torna-se evidente que somente aqueles que estão na posse dessa compreensão podem transmitir essa mensagem aos que não a possuem.

Deixe-me desenvolver o ponto um pouco mais. Existem outras agências no mundo que podem cuidar de muitos dos problemas da humanidade. Com isso quero referir-me a coisa como a medicina, o estado, e mesmo outras religiões e cultos, a psicologia e diversos outros ensinamentos e agências políticas. O desígnio de todas essas coisas é aliviar até certo ponto as condições humanas, suavizando a dor e o problema da vida, e capacitar os homens a viverem de modo mais harmonioso e a desfrutarem da vida em maior grau. Elas se propõem a fazer isso, e não faz parte do meu argumento dizer que essas coisas não têm valor. Compete-nos observar os fatos e admitir que elas podem fazer o bem, e muito bem. Até certo ponto, são capazes de cuidar dessas coisas. Mas nenhuma delas pode cuidar dessa dificuldade fundamental e primária que temos estado a examinar.

E não é somente isso, mas quando fizeram tudo quanto lhes é possível, ou mesmo quando a Igreja se reduz àquele nível e opera somente naquele nível e já fez tudo quanto lhe é possível, continua de pé a dificuldade básica. Portanto, quero postular como proposição basilar que a tarefa primária da Igreja não consiste em

educar os homens, nem de curá-los física ou psicologicamente, e nem é torná-los felizes. Vou ainda mais adiante; e nem ao menos é torná-los bons. Existem coisas que acompanham a salvação; e quando a Igreja cumpre sua verdadeira tarefa, então, incidentalmente, ela educa os homens e lhes propicia conhecimento e informação, ela lhes traz a felicidade, ela os torna bons e melhores do que eram. O ponto que quero frisar, entretanto, é que esses não são os seus objetivos primários. Seu propósito primário não é qualquer dessas coisas; antes, é situar os homens dentro do correto relacionamento com Deus, é reconciliar o homem com Deus. Isso precisa, realmente, ser enfatizado no presente, porquanto aqui, no meu modo de entender, está a essência da falácia moderna. Ela tem penetrado na Igreja e está influenciando o modo de pensar de muitos — essa noção de que a tarefa da Igreja é tornar as pessoas felizes, ou é integrar as suas vidas, ou é aliviar as suas circunstâncias e melhorar as suas condições. Todo o meu argumento é que fazer isso é mero paliativo para os sintomas, é dar alívio temporário, mas não vai além disso.

Não estou querendo dizer que é coisa má oferecer um paliativo para os sintomas; não é coisa má, e é obviamente correto e bom fazê-lo. Mas sou forçado a dizer, que embora oferecer um paliativo para os sintomas, ou aliviá-los, não seja algo mau por si mesmo, isso pode ser adverso, pode exercer uma má influência e um mau efeito, do ponto de vista da compreensão bíblica acerca do homem e suas necessidades. Pode tornar-se prejudicial da seguinte maneira: atenuando os sintomas pode-se ocultar a doença verdadeira. Eis algo que precisamos guardar em mente nesta época, porque, a menos que eu esteja totalmente equivocado, isso faz parte vital de nosso problema atual.

Permita-me usar uma ilustração médica. Consideremos um homem deitado no leito a contorcer-se na agonia de dores abdominais. Ora, pode chegar um médico que por acaso seja homem muito gentil e cheio de simpatia. Ele não gosta de ver as pessoas sofrendo, nem gosta de vê-las padecendo dores. Portanto, ele pensa que a única coisa a fazer é aliviar esse homem de suas dores. Ele pode fazê-lo. Pode dar-lhe uma injeção de morfina ou de diversas outras drogas, que darão ao homem alívio quase imediato. "Bem", dirão vocês, "certamente nada há de errado com isso; trata-se de uma ação gentil, de uma boa ação, pois o paciente se sente mais confortável, torna-se mais feliz e o seu sofrimento cessa". Mas a resposta para isso é que se trata de um ato quase criminoso da parte de tal médico. Trata-se de um ato criminoso porque a mera remoção de um sintoma, sem descobrir-lhe a causa, é prestar um desserviço para o paciente. Um sintoma, afinal de contas, é apenas a manifestação de uma enfermidade, e os sintomas são muito valiosos. É pesquisando os sintomas e seguindo as indicações que eles dão que chegamos à enfermidade que deu origem aos sintomas. Por conseguinte, se você tão-somente remover os sintomas, antes de haver descoberto a sua causa de origem, na realidade você estará prejudicando o paciente, porque lhe estará conferindo um alívio temporário que o faz imaginar que tudo vai bem. Mas nem tudo vai bem, porquanto se trata apenas de um alívio temporário, e a enfermidade continua presente, ainda está ali. Se porventura se tratar de uma apendicite aguda, ou algo semelhante a isso, quanto mais cedo o apêndice for retirado, melhor; mas, se tão-somente tivermos aliviado o paciente, fazendo-o sentir-se melhor, sem cuidar da apendicite, estaremos abrindo caminho para um abcesso ou coisa pior ainda.

Certamente isso nos fornece um quadro geral do que está acontecendo na atualidade. Esse é um dos problemas com que se defronta a Igreja cristã hoje em dia. Esta "sociedade da abundância" na qual vivemos está drogando as pessoas e fazendo-as sentirem que tudo vai bem com elas. Desfrutam de melhores salários, de melhores casas, de melhores automóveis, de toda espécie de aparelhos desejáveis em um lar; a vida torna-se satisfatória e tudo parece correr muito bem; e, por causa disso, as pessoas têm deixado de pensar e de enfrentar os problemas reais. Contentam-se com esse lazer e satisfação superficial, e isso milita contra uma compreensão radical e verdadeira sobre a sua condição real. E, naturalmente, nos nossos tempos, isso é agravado por muitas outras agências. Há a mania dos prazeres, e o rádio e a televisão levam a sua influência até o interior mesmo do lar. Todas essas coisas persuadem os homens de que tudo vai bem; elas lhes dão um senso temporário de felicidade; e assim eles supõem que tudo vai bem e deixam de meditar. O resultado é que o homem não percebe sua verdadeira situação, a fim de fazer-lhe frente.

Além disso, temos de acrescentar a ingestão de drogas tranqüilizantes, das chamadas pílulas estimulantes e hipnóticas. As pessoas vivem à base das mesmas, e tudo isso, com grande freqüência, não somente surte o efeito de ocultar o problema físico, mas também, o que é mais sério, de ocultar o problema espiritual. Na medida em que o homem se contenta com esse alívio temporário, tende a continuar supondo que tudo corre bem, e, eventualmente, termina em desastre. A forma que esse desastre está assumindo nestes nossos dias, com freqüência é a toxicomania e assim por diante; existem muitas pessoas que não podem continuar trabalhando sem essa alternância de pílulas estimulantes, hipnóticas e tranqüilizantes. Sugiro que muitas dessas agências, para as quais a Igreja parece estar-se voltando hoje em dia ao invés de realizar a sua tarefa primária da pregação, em última análise estão exercendo o mesmo tipo de efeito. Apesar de não serem elas más por si mesmas, podem tornar-se más, até mesmo prejudiciais, porquanto escondem a verdadeira necessidade.

A tarefa da Igreja, bem como o dever da pregação, que somente esta pode realizar, consiste em isolar os problemas radicais, tratando dos mesmos de maneira radical. É tarefa própria de especialista; é a tarefa peculiar da Igreja. A Igreja não pode ser enumerada como uma dentre outras agências, não está em competição com as seitas, não está em competição com as outras religiões, não está em competição com os psicólogos e nem com quaisquer outras agências, políticas, sociais, ou de qualquer outra natureza possível. A Igreja é uma instituição especial e especialista, e a pregação é uma tarefa que somente ela pode realizar.

Quero apoiar essa minha alegação com certas outras declarações. Aqui, por exemplo, temos uma delas que, na minha opinião, reveste-se de um aspecto quase divertido. Essas propostas que nos convidam a pregar menos e a fazer mais determinadas outras coisas, naturalmente não são nenhuma novidade. As pessoas parecem pensar que tudo isso é relativamente novo, ou que é o carimbo da modernidade censurar ou depreciar a pregação, pondo ênfase sobre essas outras coisas. A resposta simples a isso é que nada há de novo em torno dessa atitude. A sua forma externa pode ser nova, mas o princípio certamente nada tem de moderno; de fato, tem sido a ênfase específica do presente século.

Consideremos todo esse novo interesse pela aplicação social do Evangelho, ou a idéia de viver entre as pessoas, falando-lhes de assuntos políticos, participando de suas atividades sociais, e assim por diante. A resposta simples a isso é que até à Primeira Guerra Mundial, em nosso século, isso estava realmente na moda na maioria dos países ocidentais. Naquele tempo era denominado "evangelho social", mas tratava-se precisamente da mesma coisa. O argumento usado era de que a antiga pregação evangélica da mensagem cristã era por demais pessoal, por demais simples, não abordando os problemas e as condições sociais. Isso fazia parte, como é óbvio, do ponto de vista liberal, modernista, da alta crítica acerca das Escrituras e de nosso Senhor. Ele teria sido apenas um homem perfeito e um grande mestre, um agitador político e reformador, bem como o mais notável exemplo. Ele viera para fazer o bem, e o Sermão do Monte seria algo que se poderia incluir nos atos institucionais, transformando-o em legislação. Dessa forma, criar-se-ia um mundo perfeito. Assim era o antigo liberalismo do período anterior a 1914. A própria coisa que é considerada como tão recente hoje em dia, e que tem sido reputada como a tarefa primordial da Igreja, é algo que já fora experimentado, e experimentado de maneira bem completa, na porção inicial deste século.

Outro tanto se dá com diversas outras agências que estão penetrando na vida e nas atividades da Igreja. O que hoje em dia é defendido como uma nova abordagem já fora praticado pelo que então era chamado de Igreja Institucional; e isso, uma vez mais, foi levado a efeito de forma consideravelmente completa. Surgiram todas as categorias de clubes culturais nas igrejas, e a Igreja foi transformada em centro da vida social. Apareceram jogos organizados e clubes de várias descrições. A tudo isso se conferiu a experimentação mais completa no período anterior a 1914.

Temos o direito de indagar, por certo, se esses métodos funcionaram, quão eficazes se mostraram, e até onde eles conduziram. A resposta é que fracassaram; ficou demonstrado serem apenas fracassos. Não tenho tão boa percepção da posição nos Estados Unidos da América, a qual, segundo sei, é um tanto diferente da que se vê na Grã-Bretanha; não hesito em afirmar, entretanto, que o que foi grandemente responsável pelo esvaziamento das igrejas na Grã-Bretanha foi aquele "evangelho social" e aquela igreja institucionalizada. Isso foi mais responsável por esse estado de coisas do que qualquer outro fator. Com justiça o povo raciocinava da seguinte maneira: se a tarefa da Igreja na realidade é pregar um meio de reforma política e social e de pacifismo, então a Igreja na verdade seria desnecessária, porquanto todos aqueles serviços podiam ser efetuados mediante as agências políticas. Portanto, abandonaram as igrejas, e pelo menos tentaram realizar aquelas coisas por meio de seus partidos políticos. Era algo perfeitamente lógico, mas o seu efeito sobre as igrejas foi extremamente prejudicial.

Isso pode ser ilustrado e demonstrado igualmente bem em nossa época. Existem dois pregadores em Londres que são grandes advogados desse interesse político-social da Igreja pelo homem do mundo, e que asseveram ser essa a maneira de conquistá-lo e ajudá-lo, transformando-o em um cristão. É deveras interessante notar que esses dois homens, tão adeptos desse ensino na Inglaterra, contam com pequenas congregações aos domingos, em seus templos, na porção mais acessível de Londres,

no próprio coração da cidade. Esses são fatos que podem ser averiguados, e que assim esteja acontecendo não é de modo algum surpreendente. As pessoas dizem a si mesmas que não há necessidade de freqüentar a igreja para ouvir essa espécie de coisas. Pode-se obter tais coisas, diariamente, nos jornais, bem como nas instituições políticas e sociais que têm por escopo exatamente isso. Um desses dois homens, que obtém grande publicidade devido ao seu interesse, recentemente chegou mesmo a cancelar os cultos de domingo à noite em seu próprio templo. Ele se tem visto forçado a unir seu culto noturno com o de uma outra igreja, existente na mesma rua.

Ora, isso é extremamente interessante e importante. Ao nos afastarmos da tarefa primária da Igreja para fazermos alguma outra coisa, embora nossos motivos possam ser puros e excelentes, esse é o resultado. Não estou disputando nem criticando quanto aos motivos, mas estou simplesmente demonstrando que, na realidade, essa teoria, posta em prática, tem o efeito reverso daquele que se propusera a realizar. Argumento que, de muitas maneiras, o fato da Igreja afastar-se da pregação é o responsável, em grande medida, pelo estado da sociedade moderna. A Igreja tem procurado pregar a moralidade e a ética sem ter o Evangelho como alicerce; tem pregado a moralidade sem a piedade; mas isso simplesmente não funciona. Nunca funcionou, e jamais funcionará. E o resultado disso é que a Igreja, havendo abandonado sua verdadeira tarefa, tem abandonado a humanidade mais ou menos entregue aos seus próprios recursos.

Um outro argumento que eu gostaria de aduzir nesta altura é que no instante em que começamos a nos afastar da pregação, a fim de apelar para esses outros expedientes, nos acharemos passando por uma série constante de mudanças. Uma das vantagens da idade avançada é que se tem experiência, motivo por que, quando surge algo de novo, e se vê as pessoas ficando muito emocionadas a respeito, ocorre que se está na posição de poder relembrar rebuliço semelhante, talvez há quarenta anos passados. E assim temos contemplado modas, coisas em voga e atrações que têm surgido uma após a outra no seio da Igreja. Cada uma dessas coisas tem ocasionado grande emoção e entusiasmo, sendo anunciada em altos brados como *a* coisa que haverá de encher os templos, *a* coisa que haverá de dar solução para o problema. Já se tem dito o mesmo acerca de cada uma dessas coisas. No entanto, no espaço de alguns poucos anos todos se esquecem dessas coisas, e uma outra atração faz seu aparecimento, ou então surge alguma nova idéia; alguém conseguiu acertar em cheio sobre a grande coisa necessária, ou então recebeu entendimento psicológico do homem moderno. Ali está a coisa certa, e todo mundo se precipita atrás dela; mas não demora ela a esmaecer e a desaparecer, e uma outra coisa qualquer toma o seu lugar.

Sem dúvida essa é uma condição deveras triste e lamentável para a Igreja cristã, na qual, à semelhança do mundo, ela exibe essas constantes modificações de moda. Nesse estado, faltam-lhe a estabilidade, a solidez e a mensagem constante que sempre foi a glória da Igreja cristã.

Porém, minha objeção à substituição da pregação do Evangelho por um interesse sócio-político ainda pode ser definida de maneira mais positiva. Essa preocupação com as condições sociais e políticas, e igualmente com a felicidade do indivíduo e assim por diante, sempre tem sido tratada com mais eficácia quando se tem contado

com reforma, reavivamento e pregação autêntica na Igreja cristã. Vou mais adiante, sugerindo que a Igreja cristã é que tem feito a maior contribuição, no decorrer dos séculos, para a solução exatamente desses problemas. O homem moderno é extremamente ignorante acerca dos fatos históricos; não sabe que os hospitais foram originados por intermédio da Igreja. Foi o povo cristão que, movido pelo sentimento de compaixão pelos sofredores e enfermos, começou a fazer algo no tocante até mesmo às doenças e enfermidades físicas. Os primeiros hospitais foram fundados por cristãos. A mesma coisa se dá no que diz respeito à educação; a Igreja foi a primeira a ter percepção dessa necessidade, passando a fazer algo nesse sentido. Outro tanto ocorreu no caso da Lei de Alívio aos Pobres e da mitigação dos sofrimentos do povo que padecia devido à penúria. Argumento que a Igreja é que, na realidade, tem realizado isso. Os sindicatos e outros movimentos similares que existem, conforme poderão descobrir, procurando os seus primórdios, quase invariavelmente têm tido origens cristãs.

O meu argumento é que quando a Igreja realiza a sua tarefa primária, essas outras coisas invariavelmente resultam daí. Noutras palavras, a Reforma Protestante, para exemplificar, exerceu um estímulo quanto à perspectiva inteira e à vida inteira do homem. Pode ser demonstrado, de maneira bem satisfatória, que a Reforma Protestante exerceu o maior estímulo possível às ciências, à pesquisa científica e ao estudo, e certamente fez a mesma coisa quanto à literatura e a muitas outras atividades humanas. Noutras palavras, quando o homem verdadeiramente se torna naquilo em que, segundo Deus, deve ser, então começa a perceber quais faculdades e propensões possui, e começa a utilizar-se delas. E assim, poder-se-á descobrir que os maiores períodos e épocas da história das nações sempre têm sido aquelas eras logo após as grandes reformas e reavivamentos religiosos. As demais pessoas falam demasiadamente sobre as condições políticas e sociais, mas fazem pouquíssimo a respeito. É essa atividade da Igreja que realmente cuida da situação e produz resultados duradouros e permanentes. Assim sendo, meu argumento é que mesmo do ponto de vista pragmático pode ser demonstrado que devemos conservar a pregação na posição primária e central.

Voltamo-nos agora para o terreno dos problemas pessoais. Isso envolve um argumento familiar de hoje em dia, segundo já indiquei. As pessoas dizem que os pregadores se postam em seus púlpitos e pregam os seus sermões, mas que ali mesmo, à frente deles, há indivíduos com seus problemas pessoais e com seus sofrimentos. E assim, prossegue o tal argumento, dever-se-ia pregar menos e dedicar mais tempo fazendo trabalho pessoal, aconselhando e entrevistando. Minha resposta a esse argumento consiste em sugerir, uma vez mais, que a solução consiste em dar-se à pregação a posição primordial. Por quê? Pela razão que a verdadeira pregação aborda os problemas pessoais, razão por que a verdadeira pregação poupa muito tempo para o pastor. Estou falando com base em quarenta anos de experiência. Que quero dizer com isso? Deixe-me explicar. Os puritanos com justiça tornaram-se famosos, devido à sua pregação pastoral. Eles consideravam aquilo que denominavam de "casos de consciência", tratando dos mesmos em seus sermões; enquanto abordavam esses problemas, estavam dando solução aos problemas pessoais dos indivíduos que lhes

davam ouvidos. Essa tem sido a minha experiência constante. A pregação do Evangelho desde o púlpito, aplicada pelo Espírito Santo aos indivíduos que são seus ouvintes, tem sido o meio de tratar dos problemas pessoais acerca dos quais eu, na qualidade de pregador, nada sabia, até que as pessoas viessem falar comigo, no fim do culto, dizendo: "Quero agradecer-lhe pelo seu sermão, porque se o senhor soubesse que eu me achava presente e conhecesse a natureza exata do meu problema, não poderia ter respondido às minhas várias indagações de modo mais perfeito. Por muitas vezes tenho pensado em trazê-las até o senhor, mas agora elas me foram respondidas sem que eu as tivesse apresentado". A pregação já havia cuidado dos problemas pessoais. Não me compreendam mal, entretanto, pois não estou dizendo que o pregador jamais deve efetuar qualquer trabalho pessoal; longe disso. Mas meu argumento é que a pregação sempre deve vir em primeiro lugar, e que não deve ser substituída por coisa alguma.

Com freqüência tenho narrado um episódio notável, que ilustra esse ponto. Há muitos anos passados foi-me solicitado que fosse ver, na companhia de um médico e de um pastor, uma jovem senhora que, segundo se dizia, estava paralisada de ambas as pernas pelo tempo de oito anos. Fui visitá-la em companhia deles, e descobri, para minha admiração, que ela podia fazer os movimentos mais extraordinários com suas pernas. Isso me levou de pronto ao diagnóstico de que ela sofria de um caso de histeria; e assim, realmente, ficou provado ser. Aquela suposta paralisia, aquela condição funcional, ocorrera em resultado de um desapontamento na vida emocional dela. Ela jazia no leito, e não fui capaz de ajudá-la porque ela não se mantinha suficientemente quieta para que o médico ou eu mesmo a examinássemos apropriadamente. Entretanto, eis o que aconteceu posteriormente. Ela tinha duas irmãs; e sua irmã mais velha, em resultado daquela minha visita, começou a freqüentar a nossa igreja; e após certo número de meses converteu-se e tornou-se excelente cristã. Depois de algum tempo, a segunda irmã começou a freqüentar os nossos cultos, e ela, por sua vez, tornou-se cristã. Então, finalmente, certo domingo à noite, vi quando aquela que era considerada paralítica foi meio-carregada por suas duas irmãs, até o interior do templo. Ela continuou freqüentando as reuniões e, no devido tempo, tornou-se cristã. Ora, o ponto que desejo enfatizar é este: nunca mais eu tive oportunidade de ter outra conversa com ela acerca da sua suposta paralisia; isso nunca mais foi mencionado, e nem discutido, mas desapareceu completamente. Por quê? Como? Em resultado da pregação do Evangelho. Quando ela se fez cristã, aquela questão foi solucionada com a aplicação da Verdade por parte do Espírito Santo, sem que tivesse havido qualquer aconselhamento pessoal ou análise ou tratamento psicológico.

Bem, não estou argumentando que isso sucederá de cada vez. Meu argumento é que se o Evangelho for verdadeiramente pregado, então pode ser usado pelo Espírito de modo admirável no tratamento de casos e problemas individuais, sem que o pregador ao menos tenha consciência disso. Eu poderia relatar a vocês numerosas narrativas que ilustram exatamente esse particular e como, algumas vezes, até mesmo um mero aparte feito pelo pregador tem sido a maneira de solucionar o problema de alguma pessoa.

Seja como for, tenho com freqüência descoberto que a pregação do Evangelho impele as pessoas a falarem com o pregador, dando-lhe a oportunidade de abordar suas condições particulares. Essa é a melhor maneira de apresentar um ao outro, e formar o elo necessário. Algo que fora dito pelo pregador ou dá aos ouvintes a impressão que ele mostrar-se-á cheio de simpatia e compreensão, ou que ele tem discernimento quanto às dificuldades particulares deles. É a pregação que as traz até ao pregador, para serem ajudadas pessoalmente.

Outrossim, assim agindo, somos capazes de cuidar de dúzias, e, quiçá, de centenas de pessoas em cada oportunidade. Espanta-nos deveras descobrir que, quando da exposição das Escrituras, somos capazes de tratar de certa variedade de diferentes condições, todas elas conjuntamente, em um único culto. É isso que eu queria dizer, quando afirmei que a pregação poupa muito tempo para o pastor. Se ele tivesse de entrevistar todas aquelas pessoas uma por uma, sua vida seria impossível, e ele não poderia fazê-lo; porém, em um só sermão ele pode cobrir um bom número de problemas, e todos ao mesmo tempo.

Mas, seja como for — e para mim esse é um importantíssimo argumento — é a pregação que lança os únicos princípios essenciais mediante os quais pode ser dada ajuda pessoal. Deixe-me ilustrar de modo breve. Alguém entra na sua sala, em seu gabinete, desejando consultá-lo acerca de algum problema. A primeira coisa que você terá de fazer é descobrir a natureza do problema. Você terá de descobrir se essa pessoa é cristã ou não, porquanto isso determinará o que lhe convirá fazer. Se um homem não é cristão, você não poderá prestar-lhe ajuda espiritual. Se ele não é cristão, a primeira coisa que você terá de fazer é ajudá-lo a tornar-se um cristão. Esse é o primeiro fator essencial; somente então é que você poderá aplicar sua instrução espiritual àquele problema específico. Se tal homem não é cristão, então será inútil tentar aplicar qualquer ensino espiritual. Estará desperdiçando o seu tempo, como ministro do Evangelho, se quiser tratar dos problemas e dificuldades específicos desse homem. Minha sugestão é que o seu dever, nesse caso, consiste em entregá-lo aos cuidados de alguma outra pessoa, cujo trabalho profissional seja o de tratar dessa natureza de problemas. O seu dever, como ministro cristão, é desempenhar o trabalho de especialista em cuidar de problemas espirituais; pelo que essa será a primeira questão sobre a qual você terá de tomar uma decisão. De nada adiantará falar às pessoas em termos espirituais, a menos que elas tenham compreensão espiritual; e tal compreensão resulta do renascimento espiritual, o que é geralmente produzido pela pregação do Evangelho (ver I Coríntios 2:10-16 e I Pedro 1:23). Se, no decurso de sua pregação, você houver levado aquelas pessoas a perceberem que elas não são cristãs, então elas virão consultá-lo quanto a isso, e você será capaz de mostrar-lhes que o sintoma específico que as preocupa se deve ao fato que não são cristãs, e que se acham em relacionamento errado para com Deus. Ao virem consultá-lo, você poderá aconselhá-las e ajudá-las, mostrando-lhes o caminho da salvação. Se isso não conseguir, por si mesmo, cuidar de algum problema em particular, então agora você estará em posição de raciocinar com elas em termos espirituais. Asseguro que, em última análise, a única base verdadeira para o trabalho pessoal, a menos que tenha de degenerar em puro tratamento psicológico, é a pregação verdadeira e sã do Evangelho.

Meu argumento, portanto, é que o aconselhamento pessoal e todas aquelas outras atividades visam a suplementar a pregação, e não a suplantá-la; que elas sejam a "continuação", o "acompanhamento", se assim quiser, mas que jamais venham a ser reputadas como a obra primária. No momento em que você aceitar um relacionamento errado, não somente estará convidando dificuldades em sentido pessoal, mas também, segundo sugiro, não estará interpretando o mandato dado à Igreja da maneira certa e correta. Assim, pois, quero resumir afirmando que é somente a pregação que pode transmitir a Verdade às pessoas, levando-as à percepção de sua necessidade, bem como à unica satisfação para essa necessidade. As cerimônias e os ritos, os cânticos e os entretenimentos, bem como todos os interesses pelas questões políticas e sociais e tudo o mais, jamais poderão realizar isso. Não estou negando que podem produzir certos efeitos, pois já admiti que podem fazê-lo; e é nesse ponto que entra algumas vezes o perigo. O que homens e mulheres precisam é serem levados ao "conhecimento da verdade"; e se isso não for feito, então vocês estarão meramente oferecendo paliativos para os sintomas, remendando os problemas por mais algum tempo. De qualquer modo, não estarão cumprindo a grande comissão dada à Igreja e aos seus ministros.

Deixe-me, porém, enfrentar algumas objeções que são apresentadas a esse meu argumento e ponto de vista. Alguém poderia dizer: "Mas os tempos não mudaram? Tudo quanto o senhor vem dizendo pode estar correto, digamos, até mesmo há vinte anos atrás, ou até mais, há talvez cem anos; mas os tempos não mudaram? Está correto o seu método hoje, à luz de nossas atuais condições?" Ou então talvez, no Brasil, alguns digam: "Bem, tudo quanto o senhor está dizendo pode ser correto no caso de Londres ou da Inglaterra, mas isso não funciona na América do Sul. Aqui as condições são diferentes; há um pano de fundo diferente, uma cultura diferente, circunstâncias diferentes, e assim por diante". Qual é a resposta para essa objeção? É bastante simples. Deus em nada mudou, e nem o homem mudou. Sei que tem havido modificações superficiais — podemos vestir-nos de maneira diferente, podemos viajar à velocidade de mais de seiscentos quilômetros horários, ao invés de fazê-lo a seis quilômetros por hora — mas o homem, como homem, em nada mudou, e as necessidades humanas são exata e precisamente as mesmas que sempre foram. E não somente isso, tem havido épocas mortas e estéreis na história da Igreja, em períodos passados, conforme vimos na primeira preleção.

Nada há de novo nestas condições em que vivemos; uma das falácias mais centrais de hoje em dia consiste em pensar-se que por estarmos vivendo nos meados do século XX, estamos envolvidos por um problema inteiramente novo. Isso tem invadido sub-repticiamente até mesmo a vida e a maneira de pensar da Igreja, com toda essa conversa de mundo pós-guerra, de era científica, de era atômica, de era pós-cristã, etc. Tudo não passa de tolice; não há novidade alguma nisso. Deus não muda. É conforme alguém já disse: "O tempo não deixa rugas na fronte do Eterno". E o homem também não muda; ele é exatamente o que sempre foi, desde que caiu, e sempre tem tido de enfrentar os mesmos problemas. De fato, eu chegaria ao ponto de dizer que jamais houve mais notável oportunidade para a pregação do que a época de hoje, porquanto estamos vivendo em uma época de desilusões. A era vitoriana, o século

passado, foi uma época de otimismo. As pessoas se deixavam entusiasmar pela teoria da evolução e do desenvolvimento, e os poetas cantavam acerca do surgimento do "parlamento do homem e da federação do mundo". Nós baniríamos a guerra, e tudo ficaria bem, e o mundo transmutar-se-ia em uma só grande nação. Eles realmente criam em tal coisa. Atualmente, ninguém acredita nisso, a não ser algum raro representante aqui e ali do antigo "evangelho social" da era anterior a 1914. Temos vivido bastante para contemplar a falácia daquele antigo liberalismo otimista, e agora vivemos em uma época de desilusão, na qual os homens estão desesperados. É por essa razão que somos testemunhas de protestos estudantis e de toda outra variedade de protestos; e essa é a razão pela qual as pessoas estão ingerindo drogas. Estamos no fim de todo o otimismo dos liberais. Fatalmente seríamos conduzidos a isso porque a idéia estava errada quanto a seus conceitos básicos, quanto às suas origens, em sua própria maneira de pensar. Estamos vendo o fim de tudo isso. Não será esta a própria época em que a porta se escancara para a pregação do Evangelho? A época em que vivemos é tão semelhante à do primeiro século, em muitos aspectos! O mundo antigo andava exausto então. O florescente período da filosofia grega aparecera e se fora; Roma, em certo sentido, já ultrapassara o seu zênite; e imperava o mesmo tipo de cansaço e exaustão, cuja conseqüência era a volta dos homens aos prazeres e às diversões. A mesma coisa acontece hoje em dia; e longe de dizer-se que é mister ter menos pregação e nos voltarmos mais e mais para outros artifícios e expedientes, afirmo que temos uma oportunidade caída dos céus para a pregação.

Agora, consideremos uma segunda objeção. As pessoas podem dizer: "Por certo, estando os homens como são agora, educados, sofisticados e tudo mais, tudo quanto você quer que seja feito não pode ser igualmente bem feito por meio da leitura — a leitura de livros e jornais? Não pode isso ser feito através da televisão ou do rádio, e mormente através de debates?" Naturalmente, a leitura pode ajudar e é de prestimoso auxílio, tal como o são essas outras agências; mas sugiro que é chegado o tempo de indagarmos até que ponto elas estão ajudando realmente e cuidando da situação. Sugiro que o resultado é desapontador, e penso que posso oferecer as razões para isso. A primeira é que se trata de uma abordagem errônea por ser por demais individualista. O indivíduo fica assentado sozinho na leitura do seu livro. É demasiadamente intelectual em sua abordagem, é uma questão de interesse intelectual. E uma outra coisa, que sinto imensa dificuldade por exprimir em palavras, mas que para mim é importantíssima, é que o próprio homem controla demasiadamente a tudo. O que quero dizer é que se alguém não concorda com um livro, interrompe a leitura, e se alguém não aprecia o que está sendo dito pela televisão, desliga-a. Você é um indivíduo isolado, e controla toda a situação. Ou, expressando-o ainda mais positivamente, a abordagem inteira se ressente do elemento vital da Igreja.

Ora, a Igreja é um corpo missionário, e precisamos recapturar essa noção de que a Igreja inteira faz parte desse testemunho sobre o Evangelho e sobre sua veracidade e mensagem. Por conseguinte, é da maior importância que as pessoas se reúnam e escutem em grupos, no âmbito da Igreja. Isso exerce impacto por si mesmo. Com freqüência isso me tem sido dito. O pregador, afinal de contas, não está falando para si mesmo, está falando para a Igreja, está esclarecendo o que seja a Igreja e o que são os

cristãos, e por qual razão são o que são. Você deve estar lembrado de que o apóstolo Paulo, na primeira epístola aos Tessalonicenses, destaca bem essa particularidade. Trata-se de algo que tendemos por negligenciar nestes nossos dias. Ele diz àqueles cristãos de Tessalônica que eles, como uma igreja local, haviam sido de grande auxílio em sua pregação. Ele exprime a questão como segue, em I Tessalonicenses 1:6 ss.:

> Com efeito vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, tendo recebido a palavra, posto que em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito, de sorte que vos tornastes o modelo para todos os crentes na Macedônia e na Acaia. Porque de vós repercutiu a palavra do Senhor, não só na Macedônia e Acaia, mas por toda parte se divulgou a vossa fé para com Deus, a tal ponto de não termos necessidade de acrescentar cousa alguma; pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamaram que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio. . .

A própria presença de um grupo de pessoas faz parte, por si mesma, da pregação, e essas influências começam a operar de imediato sobre qualquer pessoa que participe do culto. Essas influências, sugiro, mui freqüentemente são mais poderosas, em sentido espiritual, do que a mera discussão intelectual.

E não somente isso, pois quando um homem entra em uma igreja e participa de uma congregação, começa a fazer alguma idéia do fato que eles são o povo de Deus, de que são os modernos representantes de algo que tem sido conhecido em cada época e geração através dos séculos. Isso exerce sobre ele um impacto, por si mesmo. Ele não estará apenas considerando uma teoria, uma doutrina ou uma idéia nova. Ali ele está visitando ou participando de algo que conta com essa longa história e tradição.

Entretanto, deixe-me exprimir a questão da forma seguinte: o homem que pensa que tudo isso pode ser realizado mediante a leitura, ou somente olhando para uma tela de televisão, está perdendo de vista o misterioso elemento da vida da Igreja. Que elemento será esse? Trata-se daquilo que nosso Senhor estava sugerindo, penso eu, quando disse: "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles". Não é apenas um mero agrupamento de pessoas; Cristo acha-se presente. Esse é o grande mistério da Igreja. Existe algo na própria atmosfera do povo cristão, reunido para adorar a Deus e para ouvir a pregação do Evangelho!

Permita-me contar-lhe uma história que ilustra o que quero dizer. Lembro-me de uma mulher espírita, com capacidades mediúnicas, uma médium pagã a qual era empregada por uma sociedade espírita. Ela costumava ir todos os domingos à noite a uma sessão espírita, onde lhe eram pagos três ginéus por ter atuado como médium. Isso aconteceu durante a década de 1930, e aquela soma representava bastante dinheiro para uma mulher da classe média inferior. Certo domingo ela estava adoentada, e não pôde atender a seu compromisso. Estava sentada em sua casa e via as pessoas passarem a caminho da igreja onde eu ministrava no Sul de Gales. Algo fê-la sentir o desejo de saber o que aquela gente possuía, e assim resolveu ir ao culto, e realmente o fez. Depois disso, continuou freqüentando a igreja até morrer, tornando-se ótima cristã. Um dia eu perguntei a ela o que sentira na sua primeira visita, e eis o que ela disse — e esse é exatamente o ponto que estou ilustrando. Declarou ela: "No

momento em que entrei no seu templo e me assentei em um banco, entre o povo, tive consciência de um poder presente. Tive consciência do mesmo tipo de poder a que eu estava acostumada em nossas reuniões espíritas, embora houvesse uma imensa diferença; eu tinha a impressão de que o poder, no seu templo, era um poder puro". O ponto que estou salientando é simplesmente este: ela tomou consciência da presença de um poder. Trata-se daquele elemento misterioso. É a presença do Espírito, no coração dos filhos de Deus, do povo de Deus; qualquer visitante toma consciência do fato. Isso é algo que uma pessoa jamais conseguirá obter, se somente sentar-se e começar a ler um livro sozinho. O Espírito pode usar um livro, bem o sei; entretanto, devido à própria constituição da natureza humana — nosso caráter gregário, e a maneira como dependemos uns dos outros e somos ajudados mutuamente, mesmo sem disso termos consciência — esse é um fator da maior importância. Isso é assim mesmo no sentido natural, mas, quando o Espírito Se faz presente, tal fenômeno intensifica-se. Não estou defendendo a psicologia das massas ou das turbas, o que reputo algo extremamente perigoso, particularmente quando deliberadamente provocado. Todo o meu argumento é que quando se entra em uma igreja, em uma congregação, em um agrupamento do povo de Deus, há um fator que imediatamente começa a operar, o qual é reforçado ainda mais pelo pregador que expõe do púlpito a Palavra; e essa é a razão pela qual a pregação jamais poderá ser substituída pela leitura ou pela assistência à televisão, ou por qualquer dessas outras atividades semelhantes.

Capítulo Três

O SERMÃO E A PREGAÇÃO

Continuamos procurando firmar a proposição de que a pregação é a tarefa primordial da Igreja, bem como do ministro da Igreja. Temos aduzido provas escriturísticas acerca disso, além de provas extraídas da história eclesiástica. E então esforçamo-nos por desdobrar o argumento teológico, mostrando como a nossa própria teologia insiste nesse particular, por causa do tema que estamos abordando. Tendo feito isso, começamos a considerar algumas objeções a toda essa questão. A primeira objeção foi: "Os tempos não mudaram?" E a segunda foi: "Todas essas coisas não podem ser feitas agora por meio da leitura, da televisão, do rádio, ou coisa semelhante?"

Isso abre o caminho para uma terceira objeção, a qual indaga: "Tudo isso não poderia ser realizado mais perfeitamente através de debates em grupo? Por que tem de ser feito mediante a pregação? Por que essa forma específica? Não poderia ela ser substituída por alguma espécie de 'diálogo', conforme atualmente se chama a troca de pontos de vista? Não deveríamos encorajar a apresentação de mais perguntas, ao término do sermão, bem como um diálogo efetuado entre o ministro e as pessoas que vieram escutar, tudo, naturalmente, dentro do âmbito da Igreja?" Outrossim, tem sido sugerido que também se pode fazer isso na televisão, por meio de debates; que haja debates em mesa-redonda, algumas pessoas cristãs e outras não, as quais discutirão entre si. A sugestão é que esse não é somente um bom método de evangelização, o qual torna conhecida a mensagem bíblica, mas que é, na presente época, um método superior ao da pregação.

Em face desse método estar obtendo grande apoio e também, certamente, muita publicidade em muitos países nestes dias, temos de abordar o assunto. Gostaria de dar minha resposta na forma de uma outra reminiscência pessoal minha, e adoto esta forma a fim de que os princípios envolvidos recebam maior destaque. Lembro-me que, lá por volta de 1942, recebi o convite para participar de um debate sobre a questão da religião, e isso contra um personagem muito famoso naquele tempo, a saber, o falecido Dr. C. E. M. Joad. Ele fora alvo de intensa publicidade, para não dizermos má fama, por haver tomado parte do que fora chamado de "Conferência entre os Cérebros" no rádio, além de ser orador bem popular, que na época tinha idéias que pendiam mais ou menos para o ateísmo. Solicitaram-me que debatesse sobre o tema da religião, tendo-o como adversário, na Sociedade Estudantil de Debates, na Universidade de Oxford. Não preciso incomodá-lo descrevendo o pano de fundo da ocorrência, e nem as razões por que isso me foi solicitado, mas na realidade tudo se originara nas minhas pregações. Esse é um dos motivos porque menciono o fato. Eu vinha tomando parte em uma missão efetuada naquela universidade, e foi em resultado direto de um sermão que fiz, certo domingo à noite, que me foi feito tal convite. Não aceitei o convite e me recusei a participar do debate. Estava eu com a razão por haver-me recusado a aceitá-lo? Muitos houve que tomaram a posição de

que eu estava errado, de que aquela era uma admirável oportunidade para pregar e expor o Evangelho, porquanto a própria fama do Dr. Joad bastaria para atrair uma numerosa audiência que viria ouvir o debate, que isso provavelmente também obteria a atenção da imprensa, e assim por diante. Assim sendo, muitos sentiram que eu estava repelindo e perdendo uma maravilhosa oportunidade de fazer evangelismo.

Porém, eu mantive então, como até hoje mantenho, que a minha decisão era a decisão correta. Inteiramente à parte de quaisquer razões detalhadas que passarei a dar, penso que toda aquela abordagem seria errônea. A minha impressão é que as experiências dessa espécie mostram claramente que elas raramente são bem-sucedidas, ou que conduzem a algo bom. Elas provêem entretenimento, mas, até onde posso ver, baseado em minha experiência e conhecimento a respeito, mui raramente elas se mostram frutíferas ou eficazes como um meio para ganhar pessoas para a fé cristã.

Mais importantes ainda, porém, são as minhas razões detalhadas. A primeira delas é — e para mim isso é razão suficiente por si mesma — que não se pode debater ou discutir sobre Deus. Deus não é tema para debates, porque Ele é Quem é e é o Que é. Logo dizem-nos que o incrédulo, naturalmente, não concorda com isso; e isso é perfeitamente verdadeiro; mas isso não estabelece nenhuma diferença. Cremos nisso, e asseverá-lo faz parte da nossa própria causa. Firmados no ponto de vista que mantemos, crendo no que acreditamos sobre Deus, não podemos, sob circunstância alguma, permitir que Ele seja reduzido a tema para discussões, debates ou investigações. Apoio o meu argumento, neste particular, sobre a palavra dirigida pelo próprio Deus a Moisés, ao pé da sarça ardente (ver Êxodo 3:1-6). Repentinamente, Moisés começou a ver o fenômeno da sarça ardente, e propunha-se a aproximar-se e examinar aquele espantoso fenômeno. De pronto, porém, foi repreendido por uma voz que chegou até ele e disse: "Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa". A mim parece ser esse o princípio normativo de toda a questão. Nossa atitude é mais importante do que qualquer coisa que fizermos em detalhe, e, conforme somos relembrados na epístola aos Hebreus, sempre nos devemos avizinhar de Deus "com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor" (Hebreus 12: 28-29).

Para mim essa é uma questão extremamente vital. Debater sobre o ser de Deus de maneira casual, afundados em uma poltrona, fumando um cachimbo, um cigarro ou um charuto, para mim é algo que jamais deveríamos permitir, porquanto Deus, conforme venho dizendo, não é uma espécie de conceito ou de "X" filosófico. Cremos no Deus todo-poderoso, glorioso e vivo; e sem importar o que suceda com outros, nunca nos devemos colocar ou deixar que nos coloquem na posição em que estaremos debatendo sobre Deus, como se fosse uma proposição filosófica. Na minha opinião essa é uma consideração que sobrepuja a tudo o mais e que é suficiente em si mesma.

Ainda existem outras razões de apoio, que inevitavelmente se originam dessa. O segundo argumento que postulo é que ao debatermos sobre essas questões, estamos tratando com o que há de mais sério e de mais solene na vida. Estamos tratando de algo que cremos não somente haverá de afetar as vidas daquelas pessoas com quem

nos importamos, enquanto elas estão no mundo, mas igualmente com o seu destino eterno. Noutras palavras, o próprio caráter e natureza do tema é tal que não é possível encaixá-lo dentro de qualquer contexto, exceto aquele da mais séria e contemplativa atmosfera que conhecemos ou somos capazes de criar. Nunca nos deveríamos aproximar desse tema de maneira leviana, ou com mero espírito de debate; e menos ainda deveria esse tema ser tido como matéria para entretenimento.

Parece-me que essas supostas discussões e diálogos sobre a religião, transmitidos pela televisão e pelo rádio, geralmente não passam do mais franco entretenimento. Prazos idênticos são concedidos ao incrédulo e ao crente, e há também os golpes e contra-golpes do debate, com a jocosidade e a diversão. O programa é planejado de tal modo que o tema não pode ser abordado com profundidade. O meu protesto é que a questão que ora nos interessa é tão desesperadamente séria, vital e urgente que jamais podemos permitir que seja abordada dessa maneira.

Posso apresentar uma excelente e sólida razão para dizer isso, na forma de uma comparação. Qualquer de nós pode desenvolver ou ser subitamente fulminado por alguma mui séria enfermidade. Não somente podemos estar sofrendo dores intensas, com febre alta, mas também podemos estar-nos sentindo desesperadamente doentes. Nosso médico encara a situação com grande seriedade, e busca ouvir uma opinião diferente e mais autorizada. Gostaria alguém de apresentar a sugestão de que, nessas condições, nesse estado, o que realmente desejaria ter seria uma discussão e um debate acerca das possibilidades rivais, uma discussão levada a efeito de maneira leviana, em que uma proposição é exposta para ser criticada e avaliada, e depois outra, e assim por diante? Todos nós nos ressentiríamos de tal tratamento. Haveríamos de frisar que nossa vida corre perigo, que não seria ocasião para debates e discussões de superficialidades e leviandades. Quando estamos nesse estado e condição, buscamos a certeza, o tratamento sério, a esperança, e também a possibilidade de sermos curados e de ficarmos em boas condições de saúde. Haveríamos de ficar ressentidos ante a jocosidade e a atitude de indiferença, por causa da urgência do caso; e, naturalmente, estaríamos com toda a razão. Ora, se assim acontece quando se trata da saúde física e do bem-estar, quanto mais deveria ser assim quando tratamos dos males e das enfermidades da alma e do destino eterno do homem!

Não posso ressaltar demasiadamente a questão. Isso deve ser aceito como reprimenda dirigida a todos nós, e nós, que somos cristãos, infelizmente, precisamos ser relembrados do fato tanto quanto o precisam aqueles que não são cristãos. Freqüentemente discutimos assuntos teológicos de forma casual, como se estivéssemos debatendo sobre quaisquer outros assuntos, e como se estivéssemos tratando de algo inteiramente à parte de nossas vidas, de nosso bem-estar e de nosso destino eterno. Mas isso está obviamente errado. Sempre estaremos pessoal e vitalmente envolvidos nestes assuntos, se realmente acreditamos naquilo que alegamos crer e dizemos que acreditamos. Essas questões jamais deveriam ser tratadas em termos de debate ou em um ambiente de debate e discussão; são coisas por demais sérias e solenes, pois nosso viver real neste mundo e nosso destino eterno estão em jogo.

Então, em terceiro lugar, há um sentido em que tal debate, discussão ou diálogo é impossível, devido à ignorância espiritual do homem natural, que não é cristão.

Assevero que o homem que não é cristão é incapaz de participar de uma discussão sobre tais assuntos. Naturalmente, isso se deve à boa razão que ele está cego para as coisas espirituais e se encontra em estado de trevas. O apóstolo Paulo diz-nos, em I Coríntios 2:14, que "Ora, o homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente". Acha-se totalmente despido de entendimento espiritual. O argumento inteiro de I Coríntios 2 é que essas coisas são "espiritualmente discernidas". Cabem dentro da categoria das verdades espirituais, são expressas mediante uma terminologia e uma linguagem espirituais, e só podem ser compreendidas pela mente que já é espiritual. O "homem natural", a pessoa que não é crente, afirma Paulo, é incapaz disso. É claro, pois, que se ela não pode fazer isso, então você não poderá manter um debate com ela a respeito. Noutras palavras, não existe ponto neutro para o crente e o incrédulo, ou seja, não existe ponto de partida comum. Toda a nossa posição como cristãos é o próprio oposto e antítese da outra posição, e serve de completa condenação da mesma. Isso torna praticamente impossível qualquer discussão ou debate sobre esses assuntos.

Passo agora para um quarto ponto que reforça o que já foi declarado. Afirmo que aquilo de que o homem natural precisa, acima de tudo, é de ser humilhado. Isso é essencial, antes que possamos fazer qualquer coisa com ele. O problema mais definitivo do homem natural é o seu orgulho. Esse ponto é desenvolvido na segunda metade de I Coríntios 1: "Onde está o sábio? onde o escriba? onde o inquiridor deste século?" O argumento do apóstolo é que Deus não entra em discussão com o homem, mas o leva a parecer tolo. Esse homem precisa ser humilhado porquanto jacta-se de si mesmo, ao passo que a posição cristã diz que "Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor". A primeira coisa a ser feita com o homem que não aceita a fé cristã consiste em humilhá-lo. Esse é o primeiro ponto essencial. "Porventura não tornou Deus louca a sabedoria do mundo?" Ou então, conforme nosso Senhor coloca pessoalmente a questão: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus" (Mateus 18:3). Essa é uma declaração vital, uma afirmativa controladora, e se aplica a todos. Todas as pessoas têm de converter-se e tornar-se "como crianças". Tudo quanto elas sabem, tudo quanto elas são e tudo quanto possuem, e tudo quanto têm realizado, é totalmente inútil nesse domínio. Não haverá esperança para elas, enquanto não tomarem consciência de sua completa bancarrota, tornando-se "como crianças". É óbvio, por conseguinte, que não podemos e nem devemos debater ou discutir sobre essas questões com elas de igual para igual. Fazê-lo seria negar o postulado cristão inicial. De fato, nosso Senhor foi ainda mais avante quando proferiu o seguinte:

> Por aquele tempo exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas cousas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho senão o Pai; e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mateus 11:25-27).

A verdade nos é revelada nas Escrituras e por intermédio daquela iluminação que só o Espírito Santo pode proporcionar. Meu argumento, portanto, é que toda essa noção de efetuar debates, discussões ou troca de pontos de vista a respeito dessas questões é algo que milita contra a própria característica e a natureza do Evangelho.

Rejeito todas essas modernas substituições para a pregação, portanto, e afirmo que só existe um caminho; e esse foi o caminho adotado pelo apóstolo Paulo em pessoa, em Atenas. Já tive ocasião de citar o apóstolo: "Pois esse que adorais sem conhecer, é precisamente aquele que eu vos anuncio". Essa declaração é essencial; exige o primeiro lugar. Não pode haver troca de idéias proveitosa enquanto essa declaração não tiver sido feita e as pessoas não tiverem recebido certo acúmulo de informações. Essa "declaração" é algo que nós, a Igreja, o pregador com exclusividade, pode fazer; e essa é a primeira e mais importante coisa que devemos fazer.

Falta agora tratar de apenas mais um outro argumento ou objeção, a saber, que isso pode estar certo na teoria, mas que as pessoas não virão para ouvir. Por conseguinte, que fazer nessa conjuntura? É ótimo expor esse maravilhoso caso, dizem, mas as pessoas não dão ouvidos a essas coisas nestes nossos dias, por não estarem interessadas e porque insistem em emitir suas opiniões, exercerem sua influência, e assim por diante. Haverei de abordar essa particularidade mais adiante, quando tiver de considerar sobre "a congregação que dá ouvidos ao pregador". Contudo, permita-me dizer este tanto nesta altura. A resposta a essa objeção é que as pessoas virão, e que elas sempre vêm quando há pregação verdadeira. Já apresentei evidências baseadas na história que provam que as pessoas sempre assim fizeram no passado; e assevero que assim continua acontecendo até o dia de hoje. E o motivo para isso já tivemos ocasião de ver — Deus continua sendo o mesmo, e o homem continua sendo o mesmo. Mais importante ainda, não acreditar nisso indica, em última análise, que temos dado pouquíssimo lugar para o Espírito Santo e para a Sua atuação em nossa perspectiva acerca dessa questão inteira.

Talvez se trate de uma operação lenta; trata-se, afinal, de um empreendimento a longo prazo. Meu ponto, entretanto, é que funciona, que vale a pena, que é uma operação que é respeitada, e que fatalmente deve ser assim por ser o próprio método de Deus. É para isso que Ele nos convoca, é para isso que Ele nos impulsiona à obra, e, portanto, Ele honrará esse método. Ele sempre o honrou e continua honrando no mundo moderno; e depois que vocês tiverem experimentado outros métodos e planos, e tiverem descoberto que eles resultam em nada, então serão finalmente forçados a voltarem a esse método. Esse é o método através do qual as igrejas sempre vieram à existência. Vemo-lo nas páginas do Novo Testamento, como também na história subseqüente da Igreja, e igualmente o vemos neste nosso mundo moderno.

Mas tudo isso nos tem conduzido repetidamente à mesma pergunta: Que é a pregação? Afirmo que quando há pregação autêntica o povo vem escutar. Por conseguinte, de saída somos envolvidos na discussão sobre a pergunta: Que é a pregação? Essa, naturalmente, é a questão vital que nos cumpre tratar, e agora atiro-me a essa tarefa. Minha posição é que a maioria desses problemas, com os quais vimos tratando, e a maioria dessas situações e dificuldades que têm surgido, e que, com toda a razão, estão causando tão grande preocupação para os que pertencem à Igreja, em última

análise se deve ao fato de que tem havido pontos de vista distorcidos sobre a pregação, e, portanto, tem havido pregação defeituosa. Não penso que possamos isentar de culpa o próprio púlpito. Se as pessoas não estão freqüentando os lugares de adoração, assevero que o púlpito é o responsável primário. Naturalmente, a tendência é lançar a culpa sobre outros fatores. A desculpa mais comum tem sido o irrompimento das duas guerras mundiais. Noutra época, porém, éramos informados que a pobreza era a explicação, e que não se podia esperar que as pessoas que têm alimentos insuficientes e vestes inadequadas viessem ouvir os pregadores; a pobreza, diziam-nos, era o grande obstáculo. Hoje em dia, entretanto, vive-se a dizer que a opulência é o grande problema, e que a dificuldade atual é que as pessoas vivem no meio de tanta abundância, possuindo tudo, que não percebem a necessidade do Evangelho. No momento em que procuramos tentar explicar essas coisas em termos das circunstâncias, sempre acabamos, por fim, descambando para alguma posição ridícula desse tipo.

O meu ponto é que o próprio púlpito, em última análise, é o responsável, e que quando o púlpito está correto e a pregação é autêntica, isso atrai e arrebanha o povo para ouvir sua mensagem. Uma vez mais quero dizer que, na minha opinião, dificilmente tem havido alguma época na história do mundo em que a oportunidade para a pregação e a necessidade da mesma tenha sido maior do que se verifica no nosso atual mundo perturbado.

— Que é a pregação, pois? O que entendo por pregação? Vamos considerar essa indagação pelo seguinte prisma. Imaginemos um homem de pé, atrás de um púlpito, a falar, e também pessoas assentadas em bancos ou cadeiras, a escutar. O que está acontecendo? Do que se trata? Por que aquele homem está de pé atrás do púlpito? Qual é o seu objetivo? Por que a Igreja o colocou ali para realizar tal ato? E por que aquela gente vem ouvi-lo? O que é que aquele homem tem o dever de fazer? O que ele está procurando fazer? O que ele deveria estar fazendo? Para mim, essas parecem ser as grandes indagações. Não nos devemos precipitar para considerar técnicas e métodos, nem tampouco "o problema da comunicação". É porque essas perguntas preliminares não têm sido feitas e arrostadas que as pessoas se vêem enleadas em todos esses detalhes e discussões. Mas essa é a grande pergunta, é a consideração em torno da qual tudo gira — o que esse homem está fazendo ali?

Qualquer verdadeira definição da pregação tem a obrigação de dizer que o homem se acha ali a fim de entregar a mensagem de Deus, uma mensagem da parte de Deus para aquela gente. Se vocês preferirem a linguagem usada por Paulo, ele é "um embaixador de Cristo". É isso que ele é. Ele foi enviado, é uma pessoa comissionada, e encontra-se ali de pé como porta-voz de Deus e de Cristo, dirigindo a palavra àquela gente. Noutras palavras, ele não está ali meramente para falar com eles, nem está ali a fim de diverti-los. Ele se encontra ali — e quero ressaltar isso — para fazer algo em favor daquela gente; ele está ali para produzir resultados de várias modalidades, ele está ali para influenciar pessoas. Não lhe compete meramente influenciar uma parte delas; não lhe compete apenas influenciar suas mentes, ou apenas suas emoções, ou meramente fazer pressão sobre a vontade delas, induzindo-as a se lançarem a alguma atividade qualquer. Mas acha-se ali a fim de tratar da pessoa inteira; e a sua pregação

tem por intuito atingir a pessoa inteira, no próprio centro da vida. A pregação deveria efetuar uma diferença tal, no indivíduo que a ouve, que nunca mais ele fosse a mesma pessoa novamente. Noutras palavras, a pregação é uma transação entre o pregador e o ouvinte. Realiza algo em prol da alma humana, em favor da pessoa inteira, do homem todo; trata dele de maneira vital e radical.

Lembro-me de uma observação que me foi feita, há alguns poucos anos atrás, a respeito de alguns estudos que fiz acerca do Sermão do Monte. Eu os havia publicado deliberadamente em forma de sermão. Muitos aconselharam-me a não fazer tal, sob a alegação de que as pessoas não apreciam mais sermões. A época dos sermões, disseram-me, jazia no passado, e tentaram convencer-me insistentemente em transmutar meus sermões em ensaios, revestindo-os de formato diferente. Por conseguinte, fiquei muito interessado quando aquele homem que conversava comigo — e ele é um bem conhecido leigo cristão da Inglaterra — me disse: "Gosto muito desses seus estudos sobre o Sermão do Monte, porque eles falam ao meu coração". E ele continuou: "Muitos livros me têm sido recomendados, escritos por pregadores e professores eruditos, mas o que tenho sentido sobre esses livros é que sempre me parecem tratar-se de professores escrevendo para professores; eles não falam para mim". E ajuntou: "Contudo, o seu material fala para mim".

Ora, esse homem era pessoa de capacidade, que ocupava um lugar de proeminência, mas foi assim que ele colocou a questão. Penso que há muita verdade em tudo isso. Ele sentia que grande parte daquilo que lhe vinha sendo recomendado que lesse era notavelmente elevado, elaborado e erudito; porém, conforme ele mesmo exprimiu, era "professores escrevendo para professores". Penso ser esse um fator dos mais importantes que nos cumpre ter em mente, quando pregamos. Já fiz alusão ao perigo de conferir importância demasiada ao estilo literário. Lembro-me de haver lido um artigo, em um jornal de literatura, cerca de cinco ou seis anos passados, e que tomei como bastante esclarecedor, porquanto o autor frisava esse mesmo ponto em seu próprio campo de trabalho. O argumento que ele empregou foi que uma das dificuldades de hoje é que com demasiada freqüência, ao invés de obtermos verdadeira literatura, obtemos muito mais "críticos escrevendo para críticos". Esses autores criticam as obras uns dos outros, e o resultado disso é que, quando escrevem, a pessoa que eles têm em mente, por muitas vezes, é o crítico e não o público leitor, a quem o livro deveria ser dirigido diretamente, antes de mais nada. A mesma coisa tende por ocorrer em conexão com a pregação. Isso arruina a pregação, a qual sempre deveria ser uma transação entre o pregador e seus ouvintes, com algo vital e vivo acontecendo. Não se trata da mera transmissão de conhecimento, há algo de muito mais profundo envolvido nisso. A totalidade do indivíduo está envolvida em ambos os lados; e se deixarmos de perceber isso, a nossa pregação será um fracasso.

Quero reforçar esse ponto em particular por meio de uma citação extraída de certo filósofo pagão que, sem dúvida, viu claramente essa questão no que concerne à filosofia. Um jovem filósofo abordou Epicteto certo dia a fim de pedir-lhe um conselho. A resposta dada por Epicteto serve de ótimo conselho até mesmo para os pregadores. Disse ele: "O salão de conferências de um filósofo é uma sala de cirurgia. Saindo alguém dali, não deveria sentir prazer, e sim, dor, porquanto ao entrar, algo

havia de errado com esse alguém. Um homem deslocou o ombro, um outro tem um abcesso, e ainda um outro sofre de dores-de-cabeça. Serei eu um cirurgião, para me assentar e lhe dar uma fieira de belas frases, às quais você teça louvores e então vá embora — o homem com o braço deslocado, o homem com um abcesso, o homem com dores-de-cabeça — tal qual chegara? É com essa finalidade que os jovens saem de seus lares e deixam seus pais, sua parentela e suas casas para dizer: 'Bravo, por suas excelentes conclusões morais?' Assim agiram Sócrates, ou Zeno, ou Cleantes?"

Isso se reveste de importância basilar para o pregador. Epicteto afirma que isso é verdadeiro até no caso de um filósofo, porquanto não discute ele sobre problemas e questões abstratas. A própria filosofia deveria preocupar-se com os homens, com os temas vivos, com problemas e com condições. Essa é a situação das coisas, assegura ele; aquela gente se achega porque há algo de errado com ela. Metaforicamente falando, um homem deslocou seu ombro, um outro tem um abcesso, e um outro sofre de dores-de-cabeça. Isso é uma verdade; e sempre será a verdade em todas as congregações. Essa gente não se aproxima somente como mentes ou intelectos, mas como pessoas totais, em meio ao turbilhão da vida, com todas as suas circunstâncias e problemas, com suas dificuldades e provações; e o dever do pregador consiste não somente em relembrar-se disso, mas em pregar de acordo com isso. Ele trata com pessoas vivas, que padecem necessidades e tribulações, algumas vezes inconscientemente; e compete-lhe torná-las cônscias do fato, e cuidar do mesmo. Trata-se de uma transação viva.

Ou então, consideremos uma outra afirmativa do mesmo Epicteto: "Digam-me", afirmou ele, em desafio aos filósofos — o que é desafio igualmente válido para os pregadores — "digam-me quem, após ter ouvido de vocês uma conferência ou um discurso, ficou ansioso a respeito ou pôs-se a refletir sobre si mesmo?" Esse é o grande teste! Se as pessoas podem ouvir-nos sem se sentirem ansiosas consigo mesmas ou sem refletirem por si mesmas, então é porque não estivemos pregando. "Ou então quem", indaga Epicteto, "ao sair da sala, disse: 'O filósofo colocou o dedo sobre as minhas faltas. Não posso mais comportar-me desse modo'?"

Essa é uma excelente explanação sobre os meus pontos de vista acerca da finalidade da pregação. É isso que a pregação significa. Ela fala conosco de tal maneira que nos põe sob julgamento; e trata conosco de tal modo que sentimos estar envolvida toda a nossa vida; e saímos dali dizendo: "Jamais poderei voltar a viver como vivia antes. O que ouvi criou algo diferente em mim. Agora sou uma pessoa diferente, em resultado de ter ouvido aquilo". Epicteto acrescenta que se assim não suceder, então o máximo elogio que o orador obtém é quando alguém diz para outrem: "Foi um belo trecho sobre Xerxes". E o outro responde: "Não, eu gostei mais da fala sobre a batalha de Termópilas". Pois nesse caso, como é fácil de se perceber, nada foi conseguido com eles, em hipótese alguma, mas antes, achavam-se ali assentados, distraidamente, a avaliar e a julgar o orador. Um deles gostou desta citação, outro apreciou esta ou aquela alusão histórica. Tudo não passara de um entretenimento — muito interessante, muito atrativo, muito estimulante talvez, para o intelecto. Mas nada operou sobre os indivíduos propriamente ditos, e saíram dali apenas elogiando este ou aquele aspecto do desempenho do pregador.

Para mim, não é isso que a pregação visa a ser. A pregação autêntica é aquela que trata da pessoa inteira, em que o ouvinte se sente envolvido e sabe que foi profundamente tocado e exortado por Deus, através do pregador. Alguma coisa teve lugar nele mesmo e em sua experiência, o que haverá agora de afetar a sua vida toda.

Aí, portanto, está uma definição geral da pregação. Porém, em termos mais exatos, o que está fazendo o homem atrás do púlpito? Esse é o objetivo, esse é o propósito; mas exatamente o que ele está fazendo? Neste ponto, creio eu, precisamos traçar uma linha de distinção entre dois elementos da pregação. Antes de tudo, há o sermão ou mensagem — o conteúdo daquilo que está sendo anunciado. Mas, em segundo lugar, há o ato de pregar, a forma, podemos dizer, ou o que comumente é chamado de "pregação". É deveras lamentável que essa palavra, "pregação", não tenha sido confinada a esse segundo aspecto, o qual podemos descrever como o ato de entregar a mensagem.

Meu interesse aqui é enfatizar essa mui real distinção entre a mensagem e a entrega da mensagem, a transmissão da mensagem. Deixe-me tentar mostrar-lhe o que quero dizer ao estabelecer essa distinção. Lembro-me de que, certa ocasião, o falecido Dr. J. D. Jones, de Bournemouth, na Inglaterra, fez certa observação, conforme fui informado. Ele estava pregando em determinada localidade quando certo número de ministros locais foi convidado a ter uma entrevista com ele, após o culto noturno. Um deles lhe fez aquela pergunta que tão freqüentemente é apresentada aos pregadores mais idosos: "Qual foi o maior pregador que o senhor já ouviu?" Sua resposta foi discriminadora por excelência. Disse ele: "Não sei se posso dizer-lhe qual foi o maior pregador que já ouvi, mas este tanto posso dizer-lhe com toda a certeza: a maior pregação que já ouvi foi a pregação de John Hutton".

Isso estabelece com cristalina clareza essa distinção vital. Como você deve ter percebido, quando lhe foi perguntado qual o maior dos pregadores, ele sentiu que o termo era por demais inclusivo. Incluía a pessoa do pregador, o seu caráter, o seu sermão, e assim por diante. Quanto a isso, ele sentiu dificuldade em mostrar-se definido e exato em asseverar que um homem era superior a todos os outros. Porém, no que diz respeito à pregação propriamente dita, ou seja, o ato de transmitir a mensagem a outros, ele não embalava dúvidas; tratava-se daquele homem em particular, o Dr. John A. Hutton, ex-ministro da Capela de Westminster, em Londres.

Ora, esse é o tipo de distinção que gostaria de fazer entre a mensagem e o ato de entregá-la. Ou então, consideremos uma outra ilustração. Lembro-me de haver lido a declaração de um grande pregador dos fins do século XVIII, no País de Gales. Ele estabelecia certo aspecto distinto entre os dois maiores pregadores evangelísticos daquele século. Um deles era George Whitefield, que era tão famoso nos Estados Unidos da América quanto o era na Inglaterra, o qual, fora de qualquer dúvida, foi um dos maiores pregadores de todos os tempos. O outro era um pregador do País de Gales, de nome Daniel Rowland. Foi contemporâneo de Whitefield e sobreviveu a este por cerca de vinte anos. Ele era um outro grande pregador, um outro grande orador. A este homem, a quem me refiro, David Jones, de Llangan, no sul do País de Gales, solicitaram para avaliar a diferença entre Whitefield e Daniel Rowland, na qualidade de pregadores. Na sua resposta, disse ele: "No que tange à oratória, no que tange à

entrega da mensagem, no que tange ao ato de pregar, no que tange a elevar-se às mais excelsas alturas, levando a congregação até aos céus, na realidade bem pouca diferença eu poderia detetar entre eles; um foi tão bom quanto o outro. A única grande diferença que havia entre eles", continuou, "era a seguinte: Sempre se podia ter a certeza de ouvir um bom sermão da parte de Rowland mas nem sempre de Whitefield".

Encontramos aí exatamente a mesma distinção. Pode-se ter boa pregação, mesmo com um sermão deficiente; isso é uma possibilidade real. Haverei de aludir a isso de novo, mais adiante, noutra conexão. Mas, por enquanto, tudo quanto me interessa mostrar é que existe uma distinção essencial entre esses dois elementos, naquilo que o pregador faz no púlpito. Há o sermão, o sermão que ele preparou; e há também o "ato" de entregar, de pronunciar esse sermão. Outra maneira de dizer a mesma coisa é esta. Chegou um homem — penso que isso sucedeu realmente em Filadélfia — certo dia, ao grande George Whitefield, e pediu-lhe licença para imprimir os seus sermões. Whitefield lhe deu a seguinte resposta: "Bem, não faço nenhuma objeção inata, se você assim quiser, mas você jamais conseguirá colocar na página impressa os relâmpagos e os trovões". Essa é a distinção — o sermão, e "os relâmpagos e os trovões". Para Whitefield isso se revestia da maior importância, e também deveria ser da maior importância para todos os pregadores, conforme espero poder demonstrar. Pode-se reduzir um sermão à forma impressa, mas não os relâmpagos e os trovões. Isso só ocorre no ato da pregação, e não pode ser transmitido através da fria página impressa. De fato, o ato da pregação frustra os poderes de descrição dos melhores repórteres.

Essa, pois, é a nossa divisão básica da questão. Portanto, começaremos pelo sermão. Uma vez mais terei de subdividir o assunto em dois segmentos. No que concerne ao sermão propriamente dito temos, em primeiro lugar, o conteúdo, a mensagem; e, em segundo lugar, temos a forma outorgada a esse conteúdo ou mensagem. Nisso, uma vez mais, jaz uma importantíssima distinção.

Comecemos pelo conteúdo. O que determina o conteúdo da nossa mensagem, do nosso sermão? Minha sugestão é que um excelente texto bíblico que enfoca a nossa atenção sobre esse ponto em particular é a famosa declaração de Pedro, quando ele e João andavam pelo interior do templo, certa tarde, durante o período de oração. Subitamente viram-se frente a frente com um homem incapacitado, diante da Porta Formosa do templo. Esse homem olhou para eles esperando receber deles alguma esmola. Já recebera esmolas da parte de muitas pessoas. Isso era tudo quanto o mundo podia fazer em favor dele. Não podia curá-lo, mas podia ajudá-lo a viver e a existir, e a melhorar um pouco a sua triste sorte, dando-lhe certo conforto. Assim sendo, ele olhou para aqueles dois homens, esperando receber deles alguma coisa. Entretanto, não recebeu aquilo que esperava. Pedro falou-lhe da seguinte maneira: "Não possuo nem prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, anda!" (Atos 3:1-6).

Que mensagem foi essa? Aquela afirmativa de Pedro relembra-nos do fato que há em tudo isso um aspecto negativo. Há certas coisas que não devemos fazer, e há certas coisas que não estamos preparados para realizar. Todavia, há aquela tarefa especial

para a qual estamos preparados, para a qual fomos chamados, e para a qual fomos capacitados.

Estou usando esta ilustração simplesmente porque ela nos ajuda a relembrar o ponto, porque ela coloca a questão de uma maneira dramática. Quais, pois, são os nossos princípios? Em primeiro lugar, e antes de tudo, a mensagem ou sermão não consiste meramente em comentários sobre assuntos diversos. Noutras palavras, não devemos falar ao povo acerca dos acontecimentos da semana, coisas que tenham ocorrido, que tenham sido manchete dos jornais, questões políticas, ou qualquer outra coisa dessa natureza que você queira mencionar. Há aquela variedade de pregadores que obviamente dependem do que lêem nos jornais para apresentar sua mensagem dominical; e eles somente tecem comentários a respeito. É isso que se chama de pregar sobre atualidades. Outros homens parecem depender quase inteiramente de suas leituras, em alguns casos, da leitura de romances. Falam ao povo acerca da último romance que leram, acerca de sua história e mensagem, e procuram infundir-lhe um toque ou aplicação moral no fim. Nessa conexão, lembro-me de uma jornalista, a qual costumava escrever para as colunas de certo semanário religioso na Inglaterra, que descreveu o homem que ela considerava como seu pregador favorito. Nesse artigo ela esclarecia por qual razão ele era o seu pregador favorito. A razão por ela apresentada foi a seguinte: "Ele sempre compartilha conosco as suas leituras".

Além disso, há outros que parecem pensar que um sermão é um ensaio moral ou alguma espécie de pesquisa sobre princípios éticos, acompanhada de um apelo, de um chamamento e de uma convocação em prol de determinado comportamento ético.

Para outros, ainda, a mensagem deve ser um soerguimento moral, uma forma de tratamento psicológico. Talvez empregue a terminologia cristã, mas esvazia a mesma de todo o seu real significado. Os vocábulos utilizados visam a produzir um efeito psicológico sobre as pessoas, fazendo-as sentirem-se felizes, fazendo-as sentirem-se melhores, ensinando-as a como enfrentar os problemas da vida — é o "pensamento positivo", e coisas dessa natureza. Está em grande voga neste nosso século.

Em seguida, indo para um tipo mais intelectual dentre os aspectos negativos, temos o pensamento especulativo, o filosofar e a manipulação das idéias, em que se busca ir ao encontro do homem moderno no seu próprio nível, em que se tenta obter uma mensagem que seja "adequada aos homens desta era atômica", e assim por diante.

Sugiro que tudo isso está inteiramente errado; que não é essa a tarefa do homem que se coloca no púlpito. Por que não? Porque o mundo pode fazer isso; nada há de especial a respeito. Coloquei isso dentro da categoria de "ouro e prata"; o mundo faz isso, o mundo pode fazer isso. Não é essa, porém, a mensagem que nos foi confiada. Permita-me esclarecer que não estou dizendo que o efeito da pregação não deva ser o de tornar as pessoas mais felizes, pois assim deveria ser; porquanto, conforme já frisei, ela afeta a pessoa inteira. Porém, todos os efeitos e resultados daí advindos são meramente incidentais, são resultados ou conseqüências da mensagem pregada, mas não são a própria mensagem.

Quando eu passar a considerar sobre a constituição do sermão propriamente dito, esforçar-me-ei grandemente para demonstrar por que sempre devemos mostrar

que o sermão é relevante. Mas existe toda a diferença no mundo entre mostrar quão relevante é a mensagem da Palavra de Deus e pregar um sermão sobre atualidades. A aplicação de alguma notícia é incidental, sendo mera conseqüência; não é algo primário. Esse é o tipo de coisa que o mundo, em seus clubes e em suas sociedades éticas, filosóficas, sociais e políticas, é capaz de fazer; mas não é o tipo de coisa para a qual o pregador é chamado a fazer.

— Bem, ao que ele é chamado para fazer? Voltando-nos agora para o aspecto positivo, e lançando mão dessa analogia de Pedro e João diante do aleijado, na Porta Formosa do templo, que mensagem é essa? Essa mensagem é "mas o que tenho". Não sou possuidor daquele outro aspecto, pois não é minha especialidade, não é dever meu; não tenho competência para o mesmo. Porém, "o que tenho", sim. Eu tenho algo; algo que me foi dado, algo que me foi proporcionado. Recebi uma comissão — "mas o que tenho, isso te dou".

A maneira pela qual o apóstolo Paulo coloca a questão, é: "Antes de tudo vos entreguei o que também recebi". É isso que determina a mensagem ou o sermão como tal; é aquilo que o pregador recebeu. O outro termo empregado por Paulo — "embaixador" — destaca isso com perfeita clareza. Um embaixador não é um homem que expressa os seus próprios pensamentos, opiniões ou pontos de vista, e nem os seus próprios desejos. A essência mesma da posição de um embaixador é que ele é um homem que foi "enviado" para falar em lugar de outrem. Ele é o porta-voz de seu governo, de seu presidente, de seu rei ou imperador, ou de qualquer outra forma de governo que porventura tenha o seu país. Não é o homem que se ponha a especular e a exprimir as suas próprias idéias e perspectivas. Mas é o portador de uma mensagem, foi comissionado para transmiti-la, foi enviado para fazer exatamente isso; e isso é o que lhe compete fazer.

Noutras palavras, o conteúdo do sermão é aquilo que, no Novo Testamento, é denominado "a Palavra". "Prega a palavra", ou "prega o Evangelho" ou "prega todo o conselho de Deus". Uma vez que interpretemos isso, temos a mensagem da Bíblia, a mensagem das Escrituras.

No que consiste essa mensagem? Consiste em "o que tenho". E está limitada a isso. Foi isso que recebi, é isso o de que sou possuidor — "o que tenho". Eu o recebi, foi-me entregue. Não estou expondo minhas próprias idéias nem meus próprios pensamentos, e nem digo aos ouvintes o que penso ou suponho; antes, transmito-lhes aquilo que me foi entregue. Isso me foi entregue, e agora o entrego aos ouvintes. Sou apenas um veículo, sou apenas um canal, sou apenas um instrumento, sou apenas um representante.

Essa, portanto, é a mensagem essencial. Mas é óbvio que isso é algo que deve ser dividido em duas secções principais. Reveste-se de grande importância que possamos reconhecer essas duas secções principais na mensagem da Bíblia. A primeira é aquilo a que se poderia chamar de mensagem da salvação, o *kerygma*, aquilo que caracteriza a pregação evangelística. A segunda é o aspecto didático, o *didache*, aquilo que edifica aqueles que já creram — a edificação dos santos. Essa é uma divisão principal, que nunca nos devemos esquecer de fazer, e a qual sempre deve servir de fator controlador quando preparamos nossos sermões e nossas mensagens.

O que quero dizer, quando aludo a essa primeira mensagem de salvação, ou pregação evangelística? Há um perfeito sumário acerca disso em apenas dois versículos na primeira epístola de Paulo aos Tessalonicenses. Paulo despertou a memória dos tessalonicenses sobre o que ele realmente lhes anunciara, da primeira vez que estivera entre eles. Isso é o que trouxera à existência a Igreja em Tessalônica. Diz ele: "... pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio, e como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro, e para aguardardes dos céus o seu Filho, a quem ele ressuscitou dentre os mortos, Jesus, que nos livra da ira vindoura" (I Tessalonicenses 1:9-10). Esse é um resumo perfeito da mensagem evangelística.

Paulo oferece um outro resumo em seu discurso de despedida diante dos anciãos da Igreja de Éfeso, quando desceram para se encontrarem com ele nas proximidades da orla marítima, quando ele estava de subida para Jerusalém. Há uma narrativa admirável a respeito, em Atos 20. Ele fá-los relembrarem-se do caráter de sua pregação. Ele pregara e ensinara "publicamente e também de casa em casa", com muitas "lágrimas". Qual fora essa mensagem? Ele mesmo esclarece: "... o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus" (vv. 17-21). Esse foi o resumo feito pelo apóstolo acerca de sua própria mensagem.

Tendo em vista os nossos propósitos, podemos expressá-lo como segue. Esse tipo de pregação é, antes de tudo, a proclamação do ser de Deus — "... como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro". A pregação evangelística digna desse nome começa com Deus e com uma declaração acerca de Sua existência, poder e glória. Pode-se ver isso por toda parte, nas páginas do Novo Testamento. Foi precisamente isso que Paulo fez em Atenas — "... esse... é precisamente aquele que eu vos anuncio". "Esse!" A pregação a respeito de Deus, que o contrasta com os ídolos, que desmascara a inutilidade, o vazio e a infrutuosidade dos ídolos.

Isso, por sua vez, conduz-nos à pregação da Lei. O caráter de Deus leva-nos à Lei de Deus — o relacionamento inteiro entre Deus, por um lado, e o mundo e o homem, por outro. Tudo isso tem por desígnio levar os homens à convicção de pecado, a fim de conduzi-los ao arrependimento. E isso, por sua vez, deveria levá-los à fé no Senhor Jesus Cristo como o grande e único Salvador. Essa é a mensagem de salvação; é isso que se chama de pregação evangelística. Acha-se exposta de modo perfeito em João 3:16: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

Entretanto, há também o lado oposto, que consiste no ensino, na "edificação dos santos". Esse lado, por sua vez, eu subdividiria também em duas secções: aquilo que é primariamente experimental, e aquilo que serve mais de instrução. Não pretendo elaborar esse ponto por enquanto; mas eu o farei quando chegarmos às porções mais práticas de nossa abordagem sobre esse assunto. Fundamentalmente, porém, eu avento que o homem no púlpito deveria ter em mente essa dupla divisão principal, e então que ele deveria subdividir a segunda divisão nestas duas secções: a experimental e a instrutiva.

Noutras palavras, cada pregador deveria ser, por assim dizer, pelo menos três

espécies ou categorias de pregador. Há aquela pregação que é primariamente evangelística. Essa deveria ter lugar pelo menos uma vez por semana. Há aquela pregação que é didática, mas que se especializa no que é experimental. Geralmente faço isso aos domingos pela manhã. E há aquele tipo mais puramente doutrinário de pregação, o que, pessoalmente, tenho feito em alguma noite durante a semana.

Mas, gostaria de enfatizar que essas distinções não devem ser levadas ao ponto do exagero, do absoluto. Porém, concernente à orientação geral do pregador, na preparação de suas mensagens, é conveniente pensar a respeito desse tríplice aspecto — a pregação para os incrédulos; a pregação para os crentes, de maneira experimental; e, em terceiro lugar, de maneira mais diretamente didática, doutrinária.

Agora convém que partamos desse ponto a fim de ver como esse homem relaciona a mensagem total da Bíblia a essas formas específicas de apresentação.

Capítulo Quatro

A FORMA DO SERMÃO

Já temos visto que há três formas principais de mensagens, que competem ao pregador preparar.

Desejo enfatizar que, se por um lado reputo essas divisões ou distinções como algo importante, por outro lado quero ressaltar o fato de que não são distinções ou divisões absolutas. O que realmente importa é que tenhamos essa espécie de divisão do material em nossas mentes; e isso, naturalmente, também é bom para o povo. A pregação que é exclusivamente evangelística é obviamente inadequada. Por sua vez, a pregação que jamais é evangelística é igualmente inadequada, e assim por diante. Portanto, trata-se de uma espécie de boa divisão prática e de distinção que se deve fazer na própria mente. No entanto, cumpre-me enfatizar que essas diferentes modalidades sempre estão inter-relacionadas e são interdependentes.

Questão de suprema importância destaca-se aqui. Como se pode preservar esse inter-relacionamento entre esses três tipos de pregação? Proponho que a melhor maneira de responder a essa indagação é reconhecer a relação existente entre a teologia e a pregação. Quero postular neste ponto a proposição de que a pregação sempre deve ser teológica, sempre deve estar alicerçada sobre um fundamento teológico. Devemos ser especialmente cautelosos quando pregamos sobre textos isolados e abordamos a cada um deles em separado. A razão para tanto, como é natural, é que podemos nos achar culpados de entrar em contradições. Entregamos uma mensagem qualquer com base em um texto isolado; mas, em face de não estar o mesmo relacionado a outros textos, e nem com a verdade em sua inteireza, quando passamos a tratar de outro texto, podemos afirmar algo que contradiga aquilo que disséramos no primeiro sermão. A maneira de evitar isso, mantendo e preservando o inter-relacionamento entre essas modalidades de pregação, é sermos sempre teológicos. Não existe forma de pregação que não deva ser teológica.

Uma forma de pregação que algumas vezes, e, hoje em dia, mui freqüentemente, é tida como não-teológica, é a pregação evangelística. Estou bem lembrado de como, quando estava sendo efetuada uma campanha evangelística em Londres, há poucos anos atrás, um dos seminários religiosos de tendências liberais, que dava seu apoio à campanha, declarou: "Vamos estabelecer tréguas teológicas, enquanto a campanha prossegue". E continuava o seminário a dizer que terminada a campanha, então deveríamos analisar as coisas e tornar-nos teológicos. A idéia era que o evangelismo não tem fundo teológico, e que introduzir a teologia naquele estágio das coisas seria um erro. A gente "traz as pessoas a Cristo", conforme dizem; e somente então se ensina a elas a verdade. É só subseqüentemente que entra em cena a teologia.

Para mim isso é algo totalmente errado e, de fato, monstruoso. Estou disposto a argumentar que, de muitas maneiras, a pregação evangelística deveria ser mais, e não menos, teológica do que qualquer outra pregação; e isso por uma boa razão. Por que motivo se conclama as pessoas a se arrependerem? Por qual motivo as convidamos

para que creiam no Evangelho? Não podemos abordar devidamente a questão do arrependimento sem abordarmos a doutrina do homem, a doutrina da queda, a doutrina do pecado e a doutrina da ira de Deus contra o pecado. Além disso, quando convidamos os homens para que venham a Cristo e se dediquem a Ele, como poderíamos fazê-lo sem saber quem Ele é, e sem saber com que base os convidamos a virem a Ele, e assim por diante. Noutras palavras, tudo isso é altamente teológico. O evangelismo sem fundo teológico nem ao menos é evangelismo em qualquer sentido verdadeiro. Pode ser um convite para que os homens se decidam, pode ser um chamamento para que as pessoas se tornem religiosas, ou para que tenham vidas melhores, ou pode ser o oferecimento de algum benefício psicológico; mas por definição alguma isso não pode ser reputado evangelismo cristão, porquanto não existe nenhum motivo autêntico para aquilo que fazemos à parte desses profundos princípios teológicos. Assevero, por conseguinte, que todo tipo de pregação deve ser teológico, incluindo a pregação evangelística.

Ao mesmo tempo, é vital que tomemos consciência do fato que pregar não é fazer preleções sobre teologia, ou sobre qualquer aspecto da teologia. Espero poder tratar desse aspecto mais adiante; por enquanto, abordo somente definições gerais, e nada mais.

Se eu disser, portanto, que a pregação dever ser teológica, mas, no entanto, que isso ainda não consiste em fazer preleções sobre teologia, qual será a relação entre a pregação e a teologia? Quanto a mim, eu expressaria a questão deste modo — o pregador deve ter-se assenhoreado, e assenhoreado com perfeição, da mensagem bíblica em sua totalidade, a qual, naturalmente, forma uma unidade. Noutras palavras, o pregador deveria ser bem versado em teologia bíblica, a qual, por sua vez, conduz à teologia sistemática. Para mim, nada é mais importante para um pregador do que o fato que ele deveria estar de posse da teologia sistemática, conhecendo profundamente e estando bem arraigado nela. Essa teologia sistemática, esse corpo de verdades derivadas das Escrituras, sempre deve fazer-se presente como pano de fundo e influência controladora de sua pregação. Cada mensagem, que provém de algum texto ou declaração específica das Escrituras, sempre deve fazer parte ou ser um aspecto desse conjunto total da Verdade. Jamais será algo isolado, jamais será algo separado ou desvinculado. A doutrina que houver em qualquer texto específico, nunca nos deveríamos olvidar, faz parte desse conjunto maior — a Verdade ou a Fé. Esse é o significado da frase "comparando Escritura com Escritura". Não podemos manipular nenhum texto isolado; toda a nossa preparação de um sermão deveria ser controlada por esse pano de fundo de teologia sistemática.

É necessário fazer um aviso nesta altura. É erro grave quando um homem impõe violentamente o seu sistema sobre qualquer texto em particular; porém, ao mesmo tempo, é vital que a sua interpretação a respeito de qualquer texto específico seja confrontada e controlada por esse sistema, por esse corpo de doutrinas e de verdades, que se encontra na Bíblia. A tendência de alguns homens que têm uma teologia sistemática, e à qual se apegam rigidamente, consiste em impô-la a textos particulares, assim forçando tais textos. Noutras palavras, eles não derivam realmente aquela doutrina específica do texto sobre o qual estão tratando na ocasião. A tal doutrina

pode ser verdadeira, mas ela não advém daquele texto em particular; e sempre nos devemos aferrar ao texto. É isso que pretendo dizer quando falo em que não devemos "impor" o nosso sistema sobre qualquer texto ou declaração em particular. O emprego correto da teologia sistemática consiste em que, quando descobrimos alguma doutrina específica no texto selecionado, nós a averiguamos e controlamos, assegurando-nos de que ela cabe dentro de todo esse corpo de doutrinas bíblicas que é vital e essencial.

Em outras palavras, estou argumentando que nossa incumbência primária é entregar essa mensagem toda, esse "todo o conselho de Deus", e também que isso sempre será mais importante do que as particularidades, as porções e partes específicas.

Talvez eu possa esclarecer isso relembrando a você o fato óbvio que, nos dias do Novo Testamento, bem como na época da Igreja cristã primitiva, não se pregava da maneira que se tornou usual entre nós. Eles não extraíam algum texto dentre o Novo Testamento, para então analisá-lo, expô-lo e aplicá-lo, porquanto ainda não tinham o Novo Testamento. Bem, nesse caso, o que pregavam eles? Eles pregavam a grande mensagem que lhes fora entregue, esse grande acúmulo de verdades, essa doutrina inteira da salvação. Meu argumento é que sempre deveríamos fazer assim, embora o façamos mediante a exposição individual de textos específicos. De modo geral, essa é, para mim, a relação entre a teologia e a pregação.

Existe um outro ponto de ordem geral que eu gostaria de salientar aqui, antes de deixarmos de lado essa questão do conteúdo do Sermão; e esse ponto é que nos compete pregar o Evangelho, e não pregar acerca do Evangelho. Essa é uma distinção profundamente vital, que não pode ser facilmente expressa em palavras, mas que, não obstante, é verdadeiramente importante. Existem homens que pensam estar pregando o Evangelho, quando, de fato, estão simplesmente fazendo asseverações concernentes ao Evangelho. Sempre senti que essa é a característica particular, e, deveras, a armadilha dos seguidores de Karl Barth. Eles falam constantemente a respeito de "a Palavra", e dizem coisas a respeito de "a Palavra". Mas não foi para isso que fomos chamados; somos chamados para pregar a Palavra, para expor a Palavra, para levar a Palavra diretamente ao povo. Cumpre-nos não somente dizer coisas a respeito, mas precisamos verdadeiramente comunicá-la. Somos os canais e os veículos através dos quais essa Palavra deve ser transmitida ao povo.

Uma outra maneira pela qual posso expressar isso é dizendo que não fomos chamados para declarar coisas a respeito do Evangelho. Lembro-me de certa modalidade de pregação, há cinqüenta anos ou mais, que com freqüência era descrita como "elogio ao Evangelho". O comentário sobre o sermão e o pregador era que ele havia elogiado o Evangelho. Ele dissera coisas admiráveis a respeito, ou demonstrara quão maravilhoso é o Evangelho. Opino que isso é um erro. O Evangelho é admirável, o Evangelho é digno de encômios, mas não consiste nisso a tarefa primordial do pregador. Ele deve "apresentar", declarar o Evangelho.

Permita-me que eu expresse assim. O trabalho do pregador não é apresentar o Evangelho de modo acadêmico. Freqüentemente se faz assim. O pregador pode analisá-lo e mostrar suas partes e divisões, demonstrando quão excelente ele é;

mesmo assim, continua falando somente coisas acerca do Evangelho, enquanto, na verdade, somos chamados a pregar o Evangelho, comunicá-lo, expô-lo diretamente aos indivíduos que lhe dão ouvidos, apresentando-o ao homem inteiro. Por conseguinte, tenhamos a clara compreensão que não nos cabe falar a respeito do Evangelho, como se fora algo fora de nós. Estamos envolvidos no Evangelho; não devemos considerá-lo apenas como se fora um assunto, para então dizermos coisas a respeito; o próprio Evangelho está sendo diretamente apresentado e comunicado à congregação por nosso intermédio.

Neste ponto, é importante que destaquemos, uma vez mais, que nosso dever é apresentar o Evangelho em sua totalidade. Há nisso um lado pessoal; precisamos ocupar-nos com isso, e devemos começar por aí. Porém, não paramos nesse ponto; há um lado social, de fato, há igualmente um lado cósmico. Precisamos apresentar o plano inteiro da salvação, conforme ele nos é revelado nas Escrituras. Devemos mostrar que o objetivo final, conforme diz o apóstolo Paulo em Efésios 1:10, consiste em enquadrar todas as coisas em Cristo, "todas as cousas, tanto as do céu como as da terra". Essa é a nossa tarefa, e é por esse motivo que advogo que deveríamos dividir nossa pregação e nossa ministração da Palavra nesses três aspectos, conforme sugeri. Naturalmente, é dentro daquela terceira modalidade de pregação, que eu afirmei que deveria ser mais doutrinária, que se ressalta esse elemento. Nesse caso não estaremos pregando evangelisticamente, e nem estaremos cuidando dos problemas dos homens, embora desejemos que eles percebam que fazem parte dessa totalidade mais ampla. Estaremos enfatizando que a salvação não é algo meramente subjetivo, como algum bom sentimento ou sentimento de paz, ou como qualquer coisa que as pessoas estejam buscando. Tudo isso é importantíssimo, e faz parte do todo; porém, há algo mais importante ainda, a saber, o fato que o universo inteiro está envolvido. Precisamos transmitir ao povo esse conceito que envolve o escopo e o âmbito da grandiosidade do Evangelho dentro desse aspecto todo inclusivo.

Cada porção, noutras palavras, faz parte dessa totalidade, e é importante que sempre comuniquemos aos outros essa impressão. Sempre fico fascinado pelo modo como essa característica específica da pregação transparece tão claramente nas epístolas do apóstolo Paulo a cada passo. Permita-me usá-las para frisar esse ponto que aqui firmo. Você sabe como, de modo geral, as suas epístolas podem ser divididas em duas secções principais. Começando por uma saudação preliminar, ele prossegue a fim de lembrar a seus leitores as grandes doutrinas em que eles tinham crido. Tendo feito isso, a meia altura de cada epístola ele introduz seu grande vocábulo, "portanto". Dessa altura em diante, ele vai aplicar a doutrina. É como se estivesse realmente dizendo: "À luz de tudo quanto vocês afirmam ter crido, eis o que se segue". Ele passa a raciocinar com eles acerca de como deveriam viver diariamente, e assim por diante. Em outras palavras, a primeira metade de cada epístola sua, falando em termos gerais, tem cunho doutrinário, ao passo que a segunda porção é a parte prática, ou de aplicação. Todavia, tendo dito isso, o que sempre é tão fascinante, e, para mim, entusiasmador e comovedor, é observar a maneira como, mesmo dentro da secção prática Paulo continua voltando a destacar a doutrina. Há a divisão geral, mas não devemos exagerar quanto a isso, não devemos estabelecer diferenças por

demais absolutas. Não se pode fazer isso com as epístolas de Paulo; todos esses aspectos estão tão intimamente relacionados entre si que sempre precisamos conservá-los juntos.

Noutras palavras, apesar de haver um aspecto da pregação cuja finalidade é inculcar princípios morais e éticos, aplicando-os à vida diária, isso nunca deve ser feito isoladamente. Consideremos, por exemplo, a maneira pela qual Paulo dá início ao décimo segundo capítulo da epístola aos Romanos: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus que apresenteis os vossos corpos. . ." Esse é o apelo. Não se trata de simples moralidade; esse elemento é introduzido "por causa" daquilo que já fora conhecido e crido. Por conseguinte, se por um lado devemos reconhecer essa espécie de distinção, por outro lado, não devemos forçar o ponto em demasia. É algo excelente para propósitos práticos, mas jamais devemos isolar essas coisas uma da outra. O pregador sempre deve declarar "a coisa inteira", por assim dizer, mesmo quando ele, por instantes, salienta de maneira particular e enfatiza certas questões individuais.

Na verdade, você descobrirá que embora tenha começado com essas idéias na mente, algumas vezes perceberá que aquilo a que se propusera não é o que realmente acontece. O que quero dizer é o seguinte: pode-se descobrir as pessoas que têm ouvido nossas pregações mais evangelísticas, sem ficarem debaixo de seu poder, sem terem realmente se convertido, bem poderão converter-se quando estivermos pregando aos santos, por assim dizer, quando estivermos edificando os crentes. Essas são as surpresas que nos aguardam, e mais adiante espero poder mostrar que deveríamos ser gratos a Deus por isso. Isso faz parte do romance da pregação. Você começa bem ao dizer para si mesmo, em certo tipo de culto: Esta será uma reunião de cunho evangelístico, ao passo que noutra ocasião minha meta será edificar os santos na fé. Porém, para surpresa sua, você descobrirá que alguém se converterá ao ouvir a segunda modalidade do sermão, e não a primeira, e assim por diante. "O vento sopra onde quer. . ." Embora não possamos controlar essas coisas, é correto e bom que mantenhamos na mente essa forma de sistema.

Até aqui venho tratando do conteúdo do sermão de maneira geral. Agora passaremos a abordar a forma do sermão. Confesso que, na minha opinião, sem dúvida essa é a mais difícil questão que nos compete abordar. Ela é dificílima; porém, ao mesmo tempo, quero enfatizar que também é uma das questões mais importantes.

Comecemos por algumas observações negativas. Um sermão não é um ensaio. Eis algo que precisa ser dito, e dito constantemente, porquanto tantos existem que não traçam qualquer distinção clara entre um sermão e um ensaio. Esse é um dos particulares a que eu me referia antes, quando destacava o perigo envolvido na impressão e leitura de sermões. Sobre que bases eu afirmo que um sermão não é um ensaio? Eu poderia dizer que, por definição, o estilo das duas coisas é inteiramente diferente. Um ensaio é redigido para ser lido, mas um sermão visa, antes de tudo, a ser proferido e ouvido. Em um ensaio busca-se a elegância literária e uma forma específica, ao passo que esse não é um dos desideratos primários de um sermão. Uma outra diferença pode ser notada no seguinte: em um ensaio, não fica bem a repetição, mas quero frisar que em um sermão a reiteração tem grande valor. Ela faz parte da

própria essência do ensino e da pregação; isso ajuda a fixar a lição na mente dos ouvintes e torná-la patente. Porém, quando se lê um ensaio, a repetição é desnecessária, e, portanto, é má. Outrossim, um ensaio de modo geral trata de alguma idéia, ou pensamento ou conceito em particular. Manuseia tal idéia e a considera sob ângulos diversos. Portanto, o perigo que corre o pregador que não reconhece essa distinção é que ele busca um texto qualquer para obter uma idéia; e então, havendo obtido essa idéia, ele se despede do texto e do seu contexto e passa a escrever um ensaio sobre aquela idéia que lhe fora sugerida pela leitura daquele versículo ou passagem. Ele passa a escrever um ensaio, e então sobe ao púlpito e lê ou recita esse ensaio, que preparara de antemão. Porém, o meu parecer é que isso não é pregação, em hipótese nenhuma; tal coisa tem pouco ou nada a ver com a pregação. Isso se dá, em grande medida, porque não há num ensaio qualquer elemento de ataque. Se houver num ensaio qualquer elemento de ataque, então na mesma proporção será um mau ensaio. O caráter essencial de um ensaio é que o mesmo brinca com idéias, e no seu todo, aborda as mesmas de maneira superficial. Um ensaio deve revestir-se de atração e elegância. É uma forma de literatura que pende para a leitura interessante, agradável, capaz de entreter; mas isso não é pregação.

Em segundo lugar, assevero que a pregação de um sermão não deve ser confundida com a apresentação de uma preleção. Novamente, são duas coisas bastante diferentes, e isso pelas razões a seguir. Uma preleção começa com um tema qualquer, e o seu escopo é prestar conhecimento e informações a respeito desse tema em particular. Seu apelo é dirigido à mente, primária e quase exclusivamente; seu objetivo é dar instrução e declarar fatos. Esse é o seu propósito, a sua função primária. E assim, uma vez mais, a uma preleção falta, e deve faltar-lhe, o elemento de ataque, a preocupação de fazer algo aos ouvintes, o que é um elemento vital da pregação. Mas a enorme diferença, quero dizê-lo, entre uma preleção e um sermão, é que um sermão não começa com um tema; um sermão sempre deve ter natureza expositiva. Em um sermão, o tema ou a doutrina é algo que emerge do texto e do seu contexto, é algo que é ilustrado por aquele texto e seu contexto. Portanto, um sermão não deve ter como ponto de partida o tema como tal; deve começar com as Escrituras que contenham em si uma doutrina ou um tema. Essa doutrina, pois, deve ser tratada em termos desse contexto específico.

Por conseguinte, declaro a proposição de que um sermão sempre deve ser expositivo. De imediato, entretanto, isso me compele a dizer algo que considero importantíssimo em toda essa questão. Um sermão não é um comentário corrente, e nem é mera exposição do significado de um versículo, de uma passagem ou de um parágrafo. Estou salientando isso porque muitos, hoje em dia, se têm mostrado interessados naquilo que consideram como pregação expositiva, mas demonstram muito claramente que não sabem o que significa pregação expositiva. Esses pensam que tudo não passa de fazer uma série de comentários, ou de fazer um único comentário corrente a respeito de um parágrafo, passagem ou declaração. Eles tomam em mãos uma passagem e prosseguem versículo após versículo; tecem seus comentários sobre o primeiro deles, saltam para o próximo versículo, fazem a mesma coisa com esse, passam para o seguinte, e assim por diante. Tendo passado por todo o texto dessa

maneira, imaginam que pregaram um sermão. Não o fizeram, entretanto; tudo quanto fizeram foi tecer uma série de comentários sobre alguma passagem. Quero sugerir que longe de ter pregado um sermão, tais pregadores tão-somente pregaram a introdução ao sermão!

Isso, em outras palavras, levanta toda a questão do relacionamento entre a exposição e o sermão. Meu ponto básico é que a característica essencial de um sermão é que ele se reveste de certa forma definida, e que é essa forma que perfaz um sermão. Este se alicerça sobre a exposição, mas é essa exposição transformada ou moldada em mensagem que tem essa forma característica. Uma frase que ajuda a salientar esse aspecto pode ser encontrada nas páginas do Antigo Testamento, nos Profetas, onde se lê acerca da "sentença pesada do Senhor". Tal mensagem chegou até o profeta qual sentença, tendo chegado até ele como uma mensagem completa, e ele a entregou. Isso é algo, insisto, que jamais acontece com um ensaio ou com uma preleção, e, na realidade, não ocorre com qualquer mera série de comentários sobre qualquer número de versículos. Afirmo que um sermão deve ter forma, no mesmo sentido em que uma sinfonia musical deve ter forma. Uma sinfonia sempre tem forma, tem suas partes e porções componentes. As divisões são claras, são facilmente reconhecíveis, e até podem ser descritas; no entanto, uma peça sinfônica forma um todo completo. Pode-se dividi-la em partes, mas sempre se perceberá que são partes de um todo, e que o todo é mais do que um mero agregado ou adição de partes. Sempre deveríamos pensar em um sermão como se fora uma construção, uma obra que, nesse sentido, é comparável a uma sinfonia. Noutras palavras, um sermão não consiste no mero passear através de certo número de versículos; não é mera coletânea ou série de excelentes e verdadeiras declarações e observações. Todas essas coisas podem ser encontradas em um sermão, mas elas não se constituem em sermão. O que faz um sermão ser um sermão é que tem aquela "forma" específica que o diferencia de tudo o mais.

Agora preciso suspender por um pouco as minhas considerações a fim de levantar uma pergunta, ou a fim de abordar certa posição; e francamente confesso que com freqüência me tenho sentido muito perturbado com aquilo que estou prestes a dizer. Edwin Hatch, em suas Preleções Hibbert, em 1888 — já citei algo dentre elas — faz questão de frisar que a mais primitiva pregação cristã era de ordem inteiramente profética. Ele afirma que os cristãos recebiam as suas mensagens da parte do Espírito Santo, levantando-se e pronunciando-as sem qualquer premeditação, ponderação ou preparo. Esses sermões não tinham forma sermônica, mas eram declarações isoladas: "... homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo." Eram mensagens que lhes sobrevinham de repente, e eles as entregavam. Há indicações a esse respeito em I Coríntios 14 e em outros lugares. Hatch chega mesmo a sugerir não somente que essa era a primitiva pregação cristã, mas, além e acima disso, que nossa idéia de pregação, e, em particular, essa idéia de sermão que estou apresentando, é algo totalmente estranho para o Novo Testamento. Argumenta ele que essa forma penetrou na Igreja cristã e em sua pregação em resultado da influência grega sobre a Igreja primitiva, especialmente durante o segundo século. Os gregos, naturalmente, interessavam-se sobremaneira pela forma, interessavam-se pela forma

quanto a tudo — o corpo humano, os edifícios, etc. — e assim interessaram-se pela forma de seus discursos e preleções. Eles davam excessiva importância a essa particularidade. Um homem não se levantava e falava simplesmente; se quisesse exercer influência sobre as pessoas, a maneira como expunha o que tinha para dizer era muito importante. Foi por essa razão que desenvolveram esse método, ou essa forma; e essa forma tem caracterizado o sermão, segundo o modo geral de encará-lo, dentro da longa história da Igreja cristã.

Quero tratar disso de maneira passageira. Reconheço, logo de saída, que há grande elemento de verdade no que Hatch disse. Pode-se perceber claramente esse elemento espiritual, profético, no Novo Testamento. Mas, mesmo assim, discordo de seu veredito final, e acredito que seu argumento não faz total justiça às evidências neotestamentárias. Concordo em que devemos ser extremamente cautelosos — esse era o ponto de ataque principal dos ensinos de Hatch — para não impormos essa forma sobre a matéria, tornando-nos mais voltados para a forma do que para o conteúdo. Há um perigo bem real nesse particular. No momento em que a gente conta com qualquer espécie de forma, literária ou não, há o perigo de nos tornarmos escravizados à forma, ficando mais interessados na maneira como dizemos qualquer coisa do que naquilo que afirmamos. Muito bem, aceito essa observação; contudo, meu argumento é que, mesmo com base nas próprias evidências extraídas do Novo Testamento, Hatch foi longe demais. Eu poderia dizer que no relato do sermão de Pedro, no dia de Pentecoste, conforme se lê em Atos 2, vê-se nitidamente uma forma, porquanto ele não se levantou para fazer uma série de observações isoladas, pois havia forma definida em seu sermão ou discurso. No caso da autodefesa de Estêvão perante o Sinédrio, conforme está registrado em Atos 7, novamente se entrevê uma forma bem definida, aquilo que eu chamaria de forma de um sermão. Houve um plano perceptível, que ele foi desenvolvendo, conforme prosseguiu passo a passo. Estêvão sabia exatamente onde queria terminar, antes mesmo de ter começado, e foi avançando naquela direção. Não se pode ler Atos 7 sem ficar-se impressionado pela forma, pela arquitetura, pela construção daquele famoso discurso. E por certo, no sermão de Paulo em Antioquia da Pisídia, conforme o registro em Atos 13, podemos achar exatamente a mesma coisa. Ele estava falando de acordo com um plano, ou, se você preferir assim dizer, de acordo com uma espécie de esqueleto ou esboço; certamente havia forma naquele discurso.

Tendo feito essas observações ao longo da defesa do sermão conforme o entendo, em contraposição às críticas de Hatch, não obstante insisto em que nos devemos conservar flexíveis acerca dessas questões. Não podemos ficar cristalizados. A história da Igreja e a história da pregação demonstram com notável clareza como essas coisas podem ser levadas a extremos, o que, por sua vez, sempre provoca reações. A história da Igreja, nesse particular, tal como em muitos outros aspectos, tem sido uma história de excessos e, em seguida, de reações extremadas contra os mesmos, ao invés de apego ao padrão mesmo do Novo Testamento.

Qual, pois, é essa forma que deveria caracterizar um sermão? Sugiro que se trata de algo semelhante ao seguinte: Quando começarmos a preparar um sermão, devemos principiar com a exposição de uma passagem ou de um versículo isolado. Isso é

essencial e vital; conforme eu já disse, toda pregação deve ter cunho expositivo. Não podemos começar por um pensamento, mesmo que seja um pensamento correto, um bom pensamento, não comecemos com isto para então desenvolvermos o discurso. Não podemos fazer isso, porque, se o fizermos, descobriremos que tenderemos por dizer as mesmas coisas de cada vez; ficaremos repetindo nossas próprias palavras interminavelmente. Se não houvesse nenhum outro argumento em favor da pregação expositiva, esse argumento, para mim, seria suficiente por si mesmo; ele preserva e garante variedade e vivacidade na pregação. Salvaguarda-nos das repetições; e isso é ótimo, tanto para os ouvintes quanto para o próprio pregador.

Por conseguinte, você deve ser um pregador expositivo; seja como for, meu argumento inteiro é que deveria ser óbvio para as pessoas de que aquilo que estamos dizendo é algo saído da Bíblia. Estamos apresentando a Bíblia e sua mensagem. Essa é a razão por que sou um daqueles que gostam de ter uma Bíblia de púlpito. Ela deveria estar sempre presente, sempre aberta, para enfatizar o fato que o pregador está pregando alicerçado nela. Já conheci homens que só abrem a Bíblia para ler o texto. Eles então fecham a Bíblia e a relegam para um lado, e continuam falando. Penso que isso está errado do ponto de vista da pregação autêntica. Sempre nos convém demonstrar — e isso é mais importante do que qualquer coisa que dissermos — que aquilo que estamos asseverando procede da Bíblia, e sempre parte dela. Essa é a origem da nossa mensagem, pois foi dali que a recebemos.

Portanto, comecemos pela exposição; não somente em nossa própria preparação, mas também quando transmitirmos a mensagem ao povo. Aquilo que você vai afirmar, o peso mesmo da sua mensagem, se origina dessa exposição. Se tiver realmente entendido o versículo ou a passagem, você chegará a uma doutrina, a uma doutrina em particular, que faz parte da mensagem inteira da Bíblia. A você compete buscá-la, procurar por ela com diligência. Você terá de sondar o texto, de fazer perguntas ao mesmo, sobretudo a seguinte indagação: O que o texto está dizendo? Qual é a doutrina específica que existe aqui, a mensagem especial? Na preparação de um sermão, nada é mais importante do que isso.

Tendo isolado dessa maneira a doutrina, e tendo-a fixado claramente na própria mente, você passará a considerar a relevância daquela doutrina em particular às pessoas que ouvem. Essa questão da relevância jamais deve ser olvidada. Conforme eu já declarei, você não está apresentando uma preleção, e nem está lendo um ensaio; você está ali a fim de atingir uma meta bem definida e particular, que consiste em influenciar aquelas pessoas e a totalidade de suas perspectivas de vida. É óbvio, assim sendo, que você terá de mostrar quão relevante é tudo isso. Você não é como antiquário que dá preleções sobre história antiga ou sobre civilizações passadas, ou algo parecido. O pregador é um homem que dirige a palavra a pessoas vivas hoje em dia, que se defrontam com os problemas da vida; por conseguinte, você terá de mostrar que não se trata de alguma questão acadêmica ou teórica, que possa interessar às pessoas que se ocupam com aquele tipo de passatempo, da mesma maneira que outros gostam de palavras cruzadas ou algo semelhante. Compete-lhe mostrar que essa mensagem é de importância vital para os ouvintes, e também que devem ouvir com a totalidade de seu ser, porquanto isso realmente haverá de ajudá-los a viver.

Tendo feito isso, você chega então à divisão da matéria em proposições ou subtítulos, ou pontos principais — sem importar como você os chama. O objetivo desses subtítulos ou divisões visa a tornar mais clara a doutrina ou proposição central. Mas, para tanto, deve-se usar de uma forma bem definida. Tal como um compositor de música, na introdução de sua peça sinfônica, ou na abertura de sua ópera, geralmente nos deixa entrever o segredo dos vários motivos que ele irá explorar, assim também o pregador deveria indicar o tema principal e suas várias divisões em sua introdução geral. Em seguida, convém que ele desdobre as mesmas em detalhes e de forma ordeira, em seu sermão. Portanto, a matéria precisa ser dividida dessa maneira em certo número de proposições subordinadas.

O arranjo dessas proposições ou subtítulos se reveste de grande importância. Tendo dividido em partes o tema, e tendo destacado seus respectivos elementos, não se arruma essas coisas ao acaso ou em qualquer seqüência. Você tem uma doutrina, um argumento, um caso que quer defender e discutir, desdobrando-o diante dos ouvintes. Assim, pois, é óbvio que você terá de arranjar seus subtítulos ou divisões de maneira tal que o primeiro ponto conduza naturalmente ao segundo ponto, e o segundo conduza ao terceiro, etc. Cada ponto deve ser um trampolim para o próximo, tudo contribuindo, em última análise, para uma conclusão específica. A matéria toda deve ser disposta de tal modo que a principal ênfase de tal doutrina se sobressaia.

A particularidade que estou enfatizando é que deve haver progressão de pensamento, que nenhum dos pontos é independente dos demais, e que nenhum deles, num sentido, tem valor idêntico aos demais. Cada ponto faz parte de um todo, e em cada ponto você deverá ir avançando e levando a matéria adiante. Você não estará simplesmente dizendo a mesma coisa por certo número de vezes, mas estará alvejando uma conclusão final. Portanto, nessa questão da forma de um sermão, é de importância vital a progressão, o avanço, o desdobramento do argumento e do caso postulado. Você deverá terminar em um clímax, e tudo deverá ter conduzido a isso de maneira tal que a verdade central se tenha destacado para dominar a tudo quanto fora dito, a fim de que os ouvintes saiam dali com essa verdade em suas mentes.

Mas, enquanto você apresenta sua mensagem dessa maneira é importante que você aplique o que você está dizendo no decorrer da mesma. Há muitas maneiras de se fazer isso. Pode-se fazê-lo formulando perguntas e dando respostas às mesmas, ou pode-se apelar para outros métodos; mas é mister ir aplicando a mensagem enquanto avança. Isso demonstra, uma vez mais, que você não estará meramente apresentando uma preleção, que não estará abordando alguma questão abstrata, acadêmica ou teórica; antes, trata-se de uma questão viva, que realmente interessa às pessoas na totalidade de suas vidas e de seus seres. Portanto, você deverá aplicar continuamente o que estiver afirmando. E então, a fim de tornar isso absolutamente seguro, quando tiver chegado ao fim do raciocínio e da argumentação, quando tiver atingido o clímax da exposição, deverá aplicar tudo novamente. Isso pode ser conseguido na forma de uma exortação, a qual, por sua vez, pode assumir a forma de uma série de perguntas, ou então a forma de uma série de declarações curtas e diretas. Porém, é vital a um sermão que este sempre termine com essa nota de aplicação ou de exortação.

Essa é minha idéia de um sermão, e é isso que quero dizer quando insisto sobre

essa idéia da forma. Você não deverá se restringir a meramente expor ou explanar o significado do texto. Você fará isso; deverá fazê-lo; mas o que realmente deverá preocupá-lo é comunicar a mensagem. Noutras palavras, um sermão é uma entidade, é um todo. Isso sempre deverá caracterizar um sermão; ele sempre deverá ter essa natureza de algo completo, essa forma. Isso é especialmente importante se você estiver apresentando uma série de sermões. Você poderá pregar uma série de sermões com base no mesmo texto ou com base em alguma passagem em particular; mas o perigo é que, descobrindo que não poderá dizer tudo quanto desejava em um único sermão, venha a dizer: "Bem, aí está, isso é tudo quanto podemos tratar desta vez!" — para então fazer uma parada abrupta.

Na minha opinião, isso é bastante ruim. Cumpre-nos atender ao fato de que cada sermão isolado é algo total e completo. Quando se continua a falar sobre o mesmo tema, em algum sermão subseqüente, deve-se, com poucas frases iniciais, resumir o que já fora dito, para em seguida desenvolver-se o tema. Uma vez mais, entretanto, é necessário que você faça com que o novo sermão seja uma entidade e um todo, completo em si e por si mesmo.

Grande é a minha preocupação com esse aspecto, e isso por muitas razões. Uma delas, como é óbvio, é que pode haver pessoas presentes que não estarão ouvindo no domingo seguinte, as quais, por essa mesma razão, irão embora desapontadas, indagando de si mesmas sobre o que será dito mais adiante. Ou pode haver a presença de pessoas que não ouviram o sermão do domingo anterior, e essas sentirão que, por não terem estado presentes, então não poderão captar o que você disser agora. Essa é uma das razões por que é tão importante que cada sermão seja uma entidade completa, que cada sermão assuma sempre essa forma.

Em outras palavras, assevero que existe um elemento artístico em todo sermão. É nesse ponto que entra o labor da preparação dos sermões. A matéria deve receber forma, ela precisa ser moldada num formato. Imagino que o compositor musical ou o poeta precisa fazer exatamente a mesma coisa. O poeta conta com certas idéias gerais, com certos temas que lhe parecem sugestivos; mas, se ele tiver de produzir um poema, terá de tomar todas essas idéias que lhe têm ocorrido, dando-lhes determinada forma, moldando-as num certo formato. Ora, isso envolve considerável esforço e labor. Espero poder demorar-me nisso com detalhes, quando chegar a tratar da preparação prática de um sermão, destacando o caráter variegado desse labor, juntamente com algumas dificuldades, e também com a maneira como esses problemas são ocasionalmente solucionados de maneiras estranhas e inesperadas. Tudo quanto quero dizer agora é que nossa tarefa, como pregadores, consiste em manipular com afinco nosso assunto de modo tal que o resultado seja dar-lhe a forma de um sermão.

Alguém poderia perguntar, entretanto, por que tudo isso se faz necessário. A resposta é: por causa das pessoas que vão escutar. Foi isso que os gregos descobriram, e com razão, segundo penso. Eles descobriram que quando a verdade é exposta dessa maneira específica, ela é assimilada com mais facilidade pelos ouvintes; é-lhes mais fácil absorvê-la, relembrarem-se dela, compreenderem-na e derivarem dela um benefício. Portanto, não trabalhamos tanto com a forma meramente porque cremos na "arte por amor à arte"; o elemento artístico é introduzido para beneficiar o povo,

porquanto ajuda na propagação da Verdade e na honra prestada ao Evangelho. Acredito que aquilo que tenho procurado dizer pode ser consubstanciado bem claramente através da longa história da Igreja cristã. A pregação que Deus, mediante o Espírito, tem se agradado em honrar mais no decorrer dos séculos, tem sido a pregação baseada em grandes sermões; os grandes pregadores têm sido homens que têm preparado grandes sermões.

Caso alguém cite algum pregador em particular, e diga: "Mas que se pode dizer sobre fulano, que raramente preparava com antecedência um sermão, mas que, sem dúvida, era grandemente usado por Deus?" Minha réplica é: "Exatamente! Trata-se da exceção que comprova a regra. Não se legisla para casos extraordinários, não se formulam teorias sobre exceções. Deus pode usar qualquer um e de qualquer modo. Deus pode usar até mesmo o silêncio de um homem. Nós, porém, somos chamados para ser pregadores que comuniquem a Verdade. Meu argumento é que, se lermos acerca das grandes pregações do passado, ou acerca dos grandes sermões, descobriremos que esses foram os mais honrados pelo Espírito, e usados por Deus na conversão de pecadores e na edificação e fortalecimento dos santos.

Tudo se resume nisso. A preparação de sermões envolve suor e labuta. Pode ser algo extremamente difícil, em determinadas ocasiões, reunir todo o material que você encontrou nas Escrituras e dar-lhe esse formato específico. Assemelha-se a um oleiro que forma algo da argila, ou a um ferreiro que forma uma ferradura para um cavalo; será mister continuar pondo o material no fogo, e em seguida na bigorna, batendo no mesmo com o malho por muitas e muitas vezes. De cada vez o material fica um pouquinho melhor, mas ainda não é perfeito; portanto, faz-se voltar o material ao fogo e à bigorna por repetidas vezes, até se ficar satisfeito com o mesmo, ou não poder aprimorá-lo mais. Essa é a porção mais cansativa da preparação de um sermão; ao mesmo tempo, entretanto, é uma ocupação muito fascinante e gloriosa. Ocasionalmente é tarefa extremamente difícil, fatigante e penosa. Mas, ao mesmo tempo, posso assegurar-lhe de que quando você tiver finalmente obtido sucesso, experimentará um dos mais gloriosos sentimentos que já teve um homem na face desta terra. Tomando por empréstimo o título de um livro de autoria de Arthur Koestler, você terá a consciência de ter realizado um "Ato de Criação", e poderá ter alguma leve idéia do que as Escrituras querem dizer quando asseveram que, quando Deus contemplou o mundo que acabara de criar, Ele viu que "era bom". Pois muito bem! O pregador sempre deve começar com a preparação de seu sermão. Ainda não falei acerca de como ele o prepara; mas chegarei lá. Há várias maneiras de fazer-se isso. Porém, ele tem de preparar um sermão, e esse sermão tem de ser uma verdadeira entidade, sem importar como ele consiga fazê-lo. É nesse ponto que ele começa. Entretanto, permita-me lembrar-lhe que isso representa tão-somente a primeira metade, isso é apenas o começo. Existe um outro lado na questão. E no que consiste esse outro lado? Bem, trata-se da pregação propriamente dita, da elocução do sermão que ele havia preparado; e, conforme espero ser capaz de mostrar, embora você suba ao púlpito com aquilo que considera um sermão quase perfeito, você jamais saberá o que irá acontecer, enquanto não começar a pregar, se é que a pregação tiver de ser digna desse nome!

Capítulo Cinco

O ATO DA PREGAÇÃO

Fixamos agora a nossa atenção no que se chama de "entrega" do sermão, ou seja, o "ato" de pregar, aquilo que se pode denominar de pregação propriamente dita, em distinção ao sermão. Esse é o segundo grande aspecto de nosso assunto.

Gostaria de deixar bem claro novamente: nesta etapa abordarei a questão somente de modo geral. Antes de tudo, procurarei fornecer um quadro geral do que seja, realmente, a pregação, e então passaremos a fazer considerações mais detalhadas. É bom que se tenha, em primeiro lugar, um claro quadro geral, antes de começarmos a discutir acerca dos detalhes.

Ora, essa questão da entrega do sermão que algumas vezes é expressa pelo verbo pregar, é algo difícil de ser definido. Certamente não se trata de uma questão de regras ou regulamentos; e, conforme penso, grande parte da dificuldade surge porque as pessoas consideram isso como uma questão de instruções, regras e regulamentos, uma questão de coisas permitidas ou proibidas. Mas não é nada disso. A dificuldade consiste em colocar realmente em palavras a nossa definição. Pregar é algo que se pode reconhecer assim que se ouve. Portanto, o melhor que podemos fazer é dizer determinadas coisas a respeito. Não podemos chegar mais perto do âmago do que isso. A posição certa é aquela que o apóstolo Paulo parece haver sentido, em I Coríntios 13, quando procurou definir o amor — dispensa descrição. Tudo quanto se pode fazer é dizer certo número de coisas a respeito: que pregar é isto, e não aquilo. No entanto, certas coisas são verdadeiras, e devem fazer-se presentes quando você estiver produzindo pregação autêntica.

A primeira coisa é que a personalidade inteira do pregador deve estar envolvida. Certamente, esse é o ponto que foi ressaltado na bem conhecida definição da pregação, feita por Phillips Brookes, de que é "verdade mediada pela personalidade". Acredito ser isso uma verdade, de que na pregação todas as faculdades do pregador devem ser empenhadas, o homem inteiro deve estar envolvido. Chego mesmo ao extremo de aventar de que o próprio corpo do pregador fica envolvido. Ao falar assim, lembro-me de algo que de certa feita foi dito por um de meus predecessores na Capela de Westminster, em Londres, o Dr. John A. Hutton. No seu caso, a pregação sempre podia ser distinguida da matéria de seu sermão. Seu antecessor em Westminster foi um bem conhecido pregador nos Estados Unidos da América, tanto quanto na Grã-Bretanha, o Dr. John Henry Jowett. Jowett, homem um tanto quieto e nervoso, considerava o amplo púlpito da capela de Westminster muito intimidante. Ele costumava dizer que quando se punha de pé naquela ampla plataforma, ficando a totalidade de seu corpo visível para a congregação, de vários ângulos, sentia-se como se estivesse parado despido em um campo. Ele ficou tão constrangido acerca disso que solicitou que se pusessem cortinas em torno dos gradis à volta da plataforma, a fim de que, pelo menos a maior parte de seu corpo ficasse oculta. Pois bem, conforme eu já declarei, ele foi substituído por Dr. John Hutton. Aconteceu-me estar presente

num culto mais ou menos no terceiro domingo após a chegada do Dr. Hutton. Observei, tal como todos puderam observar também, que todas aquelas cortinas haviam sido removidas, e que o corpo inteiro do pregador podia ser visto, tal como fora anteriormente. O Dr. Hutton esclareceu os ouvintes a respeito disso, e disse-nos que as cortinas haviam sido tiradas a pedido seu, porquanto acreditava que o pregador deveria pregar com a totalidade de seu corpo — o que se dava realmente com ele. Ele afirmava que pregava com suas pernas, tanto quanto com a sua cabeça, e que se o observássemos, descobriríamos ser essa uma verdade. E, observando-o, podia-se perceber que era verdade mesmo! Não tenho certeza se isso sempre era vantajoso para sua pregação, porquanto ele fazia toda espécie de contorções. Ele se equilibrava sobre os artelhos de um pé e enrolava o outro pé em torno da perna parada, e assim por diante. O que desejo ressaltar é que realmente havia algo naquilo que ele dizia, o homem inteiro ficava envolvido. Ele não se postava como uma estátua, simplesmente proferindo palavras com os seus lábios; a pessoa inteira ficava ocupada — gestos, atividades e tudo o mais.

Não quero considerar esse ponto em demasia, mas você deve estar lembrado de que quando perguntaram a Demóstenes acerca do primeiro grande essencial da oratória, sua resposta foi: "Ação". E quando lhe perguntaram: "Bem, e qual é o segundo maior desiderato?", ele respondeu novamente: "Ação". Então perguntaram: "Bem, e qual é o terceiro aspecto mais importante?" Uma vez mais a resposta foi: "Ação". Não há que duvidar sobre isso; a oratória eficaz exige ação; e é por essa razão que sublinho o fato de que a personalidade inteira do pregador deve estar envolvida na pregação.

O segundo elemento que eu gostaria de enfatizar é certo senso de autoridade e controle exercido sobre a congregação e sobre as atividades. O pregador jamais deve desculpar-se por estar com a palavra, jamais deve dar a impressão de estar falando por permissão dos ouvintes, por assim dizer; ele não deve apresentar tentativamente certas sugestões e idéias. Não pode ser essa a sua atitude, sob hipótese alguma. Antes, ele é um homem que está ali a fim de "declarar" certas coisas; é um homem com uma comissão, revestido de autoridade. É um embaixador, e deve ter consciência de sua autoridade. Sempre deve reconhecer que se apresenta à congregação na qualidade de mensageiro enviado. É óbvio que não se trata de uma questão de autoconfiança; isso seria sempre deplorável da parte de um pregador. Temos o testemunho do próprio apóstolo Paulo, de que quando ele foi pregar em Corinto, fê-lo "em fraqueza, temor e grande tremor". Sempre devemos estar cônscios desse fato. Mas isso não significa que devamos nos desculpar por estarmos pregando; mas significa que estamos cônscios da solenidade, da seriedade e da importância do que estamos fazendo. Não é que sejamos impelidos pela autoconfiança, mas é que somos homens revestidos de autoridade, e temos essa autoridade; e isso deve ser evidente e óbvio. Dou a esse elemento uma elevada posição na lista, e afirmo que, longe de ser controlado pela congregação, o pregador deve predominar e controlar a sua congregação. Mais adiante nesta série retornarei a esses aspectos com maiores detalhes.

A qualidade seguinte, nesse panorama geral do pregador e nesse "ato" de pregar, é o elemento da liberdade. Atribuo grande importância a isso. Embora o sermão tenha

sido preparado da maneira conforme indiquei, e com todo o cuidado, contudo o pregador deve sentir-se livre no ato da pregação, no ato de pronunciar o seu sermão. Não pode sentir-se muito amarrado à sua preparação e pela mesma. Essa é uma questão crucial; faz parte da essência mesma do ato de pregar. Não estou pensando meramente em termos de dispor o pregador de um manuscrito à sua frente no púlpito, porquanto ele pode sentir-se amarrado mesmo sem ter um manuscrito. Digo, apenas, que ele deve ser livre; livre no sentido de que esteja franqueado para a inspiração do momento. Já que considero a pregação como uma atividade efetuada sob o poder e a influência do Espírito Santo, precisamos frisar essa questão, porque a preparação ainda não chegou ao fim quando um homem terminou de aprontar o seu sermão. Uma das coisas mais notáveis acerca da pregação é que com freqüência se descobre que as melhores coisas ditas pelo pregador são aquelas que não foram premeditadas, sobre as quais ele nem ao menos pensara durante a preparação do sermão, mas que lhe foram dadas enquanto ele estava no processo mesmo de falar e pregar.

Um outro elemento ao qual empresto importância é que o pregador, enquanto prega, esteja, de certa forma, derivando algo de sua congregação. No auditório sempre existirão pessoas de mentalidade espiritual, cheias do Espírito Santo, que fazem sua contribuição para a ocasião. Sempre haverá um elemento de interação na verdadeira pregação. Eis outra maneira de demonstrar a distinção vital entre um ensaio ou uma preleção, por um lado, e um sermão pregado, por outro. O homem que lê o seu ensaio nada aproveita da parte de seus ouvintes; tudo de que ele dispõe se acha ali escrito, à sua frente; nada de novo ou criativo acontece, não há interação. Mas o pregador — embora ele se tenha preparado, e se tenha preparado cuidadosamente — devido a esse elemento da liberdade espiritual, continua capaz de receber subsídios novos de sua congregação, e assim o faz. Verifica-se certa interação, consistente de ação e reação, o que com freqüência estabelece uma diferença extremamente vital.

Todo pregador digno do nome pode testificar sobre isso. De fato, qualquer homem digno de ser chamado orador, mesmo em questões seculares — como a política, etc. — sabe algo a esse respeito, e com freqüência tem experimentado aquele laço de união possibilitado pela reação positiva dos ouvintes aos quais dirigia a palavra. Ora, isso deve acontecer muito mais amiúde no caso do pregador. E graças a Deus, isso com freqüência ocorre quando o pregador, pobre sujeito, está em seus piores momentos por diversas razões — talvez não tenha tido tempo de preparar-se como deveria ter feito, ou pode ter havido vários fatores físicos e outras coisas que estejam cooperando juntamente e militando contra o êxito da ocasião — a reação positiva e a boa vontade demonstrada por sua audiência o desperta e vivifica. Todavia, o pregador deve manter-se atento para isso; em caso contrário, ele perderá uma das mais gloriosas experiências que pode suceder a um pregador. Por conseguinte, esse elemento da liberdade se reveste de tremenda importância.

Era isso que eu pretendia dizer, em minha última observação da preleção anterior, quando afirmei que embora o pregador tenha preparado seu sermão de maneira cuidadosa e exaustiva, jamais sabe o que irá suceder com o mesmo enquanto não subir ao púlpito e começar a pregar. Você talvez fique atônito e admirado com o que acontece. Novos elementos podem entrar, pode haver sentenças incompletas e

detalhes para acertar. Podem aparecer muitas coisas similares, que os pedantes condenariam, ou que um crítico literário censuraria terminantemente e com justiça em um ensaio; mas que faz parte essencial da pregação. E isso porque a pregação tem por finalidade fazer algo em prol do povo ouvinte. E enquanto você conservar esse fator em primeiro plano, não emprestando significação demasiada a esses outros elementos, você será capaz de ser bem-sucedido.

Esse elemento de liberdade é da maior importância. A pregação sempre deve ser realizada sob a orientação do Espírito — Seu poder e controle — e então você não saberá o que poderá acontecer. Portanto, seja sempre livre. Pode soar como uma contradição dizer: "Prepare-se, e prepare-se cuidadosamente", e, ao mesmo tempo: "Contudo, mantenha-se livre". Entretanto, não há nisso contradição alguma, como também não há contradição quando Paulo assevera: "... desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2:12-13). Você descobrirá, enquanto está pregando, que o Espírito, que o ajudou na preparação do sermão, agora haverá de ajudá-lo, abrindo diante de você de uma maneira inteiramente nova coisas que não tinha percebido enquanto preparava o sermão.

O elemento seguinte é o da seriedade. O pregador deve ser um homem sério; jamais pode transmitir a impressão de que a pregação é algo leviano, superficial ou trivial. Por enquanto só digo isso de passagem, porque meu intuito é abordar a questão com maiores amplitudes, mais adiante. Por enquanto tão-somente faço a declaração geral de que um pregador necessariamente deve dar a impressão de que está tratando de uma questão de maior seriedade que homens e mulheres jamais poderão considerar juntos.

O que então acontece? O que acontece é que o pregador está falando a eles da parte de Deus, está falando a eles acerca de Deus, ele está falando a respeito da condição deles, a respeito do estado de suas almas. Ele lhes está dizendo que, por natureza, estão sob a ira de Deus — são "filhos da ira, como também os demais" — e que o caráter da vida que levam é algo ofensivo a Deus e está sob o juízo divino. Ele está advertindo-os da temível possibilidade eterna que lhes aguarda. Seja como for, o pregador, dentre todos os homens, deveria tomar consciência da natureza fugaz da vida neste mundo. Os homens mundanos vivem tão imersos em seus negócios e atividades, em seus prazeres e em toda a sua ostentação que a única coisa sobre a qual nunca acham tempo para considerar é o caráter passageiro da vida. Tudo isso enfatiza que o pregador sempre deve criar e comunicar a impressão da seriedade daquilo que ocorre no momento em que ele sobe ao púlpito. Você deve estar lembrado das famosas linhas de Richard Baxter:

> Preguei como se não tivesse certeza de pregar de novo,
> E como um homem moribundo para moribundos.

Não acho que esta declaração possa ser melhorada. Você também deve ter memória do que foi dito a respeito do piedoso Robert Murray McCheyne, da Escócia, no século passado. Diz-se que quando ele subia ao púlpito, antes mesmo de haver proferido uma única palavra, o povo começava a chorar em silêncio. Por quê?

Justamente por causa desse elemento da seriedade. A mera contemplação daquele homem dava a impressão de que ele viera da presença de Deus, e de que estava prestes a transmitir-lhes uma mensagem da parte de Deus. Isso é o que exercia tão extraordinário efeito sobre os ouvintes, antes mesmo dele abrir a boca. E esquecemo-nos desse elemento para perigo nosso, e a grande custo para os nossos ouvintes.

Passo a expressar algo que tem por escopo parcialmente corrigir, ou quiçá, não tanto corrigir, mas salvaguardar de toda incompreensão aquilo que venho afirmando. Refiro-me ao elemento da "vivacidade". Isso sublinha o fato que seriedade não indica solenidade, nem quer dizer tristeza, e nem inclui a morbidez. Todas essas coisas são distinções importantíssimas. O pregador deve mostrar-se vívido; e você poderá mostrar-se vívido e sério ao mesmo tempo.

Permita-me expressar a mesma coisa noutros termos. O pregador jamais deve mostrar-se tedioso, nunca deve ser enfadonho; ele nunca deve ser o que se chama de "pesado". Estou enfatizando essas particularidades por causa de algo que por muitas vezes me tem sido dito, e que muitíssimo me preocupa. Pertenço à tradição da Reforma, e talvez tenha contribuído algo, na Inglaterra, para a restauração dessa ênfase, durante os últimos quarenta anos, mais ou menos. Sinto-me perturbado, portanto, quando membros de igrejas me dizem, com certa freqüência, que muitos dos pregadores reformados mais jovens são homens excelentes, que sem dúvida lêem muito e são eruditos, mas que são homens extremamente tediosos e enfadonhos; e isso me tem sido dito por pessoas que também seguem a tradição reformada. Para mim isso é um assunto muito sério; existe algo de radicalmente errado com pregadores tediosos e enfadonhos. Como pode ser tedioso um homem que esteja tratando desses assuntos? Quero dizer que um "pregador tedioso" é uma contradição de termos; se ele é tedioso, então não é um pregador. Pode subir a um púlpito e falar, mas certamente não é um pregador. Ante o tema e a mensagem grandiosos da Bíblia o tédio torna-se impossível. Esse é o assunto mais interessante, mais emocionante e mais absorvente que há no universo; e a idéia de que esse tema possa ser apresentado de maneira tediosa faz-me duvidar seriamente de que os homens que se mostram culpados desse tédio tenham compreendido a doutrina que afirmam crer, e que promovem. Com freqüência revelamos o que somos pela nossa conduta.

Prossigamos, entretanto. Em seguida chegamos às qualidades do zelo e de certo senso de preocupação. Esses elementos, naturalmente, estão intimamente vinculados entre si. Quando eu falo em zelo, quero dar a entender que um pregador sempre deve transmitir a impressão de que ele tem sido cativado pelo que está dizendo. Se ele não se sentir profundamente cativado ninguém mais se sentirá. Portanto, isso é absolutamente essencial. Ele precisa impressionar os ouvintes com o fato que está entusiasmado e absorvido pelo que está fazendo. Seu assunto lhe extravasa e ele anseia por comunicá-lo a outros. Sente-se tão comovido e entusiasmado pelo assunto que quer que todos compartilhem do mesmo sentimento. Ele se interessa profundamente pelos outros; esse é o motivo por que prega para eles. Preocupa-se com eles. Anela por ajudá-los; anela por falar-lhes da verdade de Deus. Portanto, faz isso com energia, com zelo e com aquele interesse óbvio pelas pessoas. Noutras palavras, o pregador que parece desligado da Verdade, e que meramente afirma certo número de

coisas que podem ser excelentes, verdadeiras e ótimas por si mesmas, não é um pregador de forma alguma.

Recentemente encontrei com um notável exemplo daquilo que aqui condeno, quando convalescia de certa enfermidade. Eu me encontrava em uma aldeia de certa região da Inglaterra e fui à igreja local que ficava justamente do outro lado da estrada do lugar onde estava hospedado. Notei que o pregador pregava sobre o profeta Jeremias naquela noite. Revelou-nos que estava dando início a uma série de sermões sobre aquele profeta. Assim sendo, começou pelo grande texto onde Jeremias diz que não poderia refrear-se mais, porquanto a Palavra de Deus era como fogo em seus ossos. Esse foi o texto que ele selecionou. Que sucedeu? Saí daquela reunião com a impressão de que fora testemunha de algo extraordinário, porquanto a grande coisa que faltava naquele culto era o "fogo". O bom homem falava sobre o fogo como se estivesse assentado sobre um *iceberg*. Abordava o próprio tema do fogo de maneira desligada e fria; era uma negação viva daquilo mesmo que afirmava; ou melhor, eu poderia dizer, era uma negação morta. O seu sermão, do ponto de vista da construção e da preparação, era bom. Tornava-se óbvio que ele passara tempo considerável em sua preparação, e que escrevera por extenso cada palavra, porquanto lia o seu sermão; mas o grande ausente era o fogo. Não havia zelo, não havia entusiasmo, não havia interesse patente por nós, membros da congregação. Sua atitude inteira parecia desligada, acadêmica e formal.

Deixe-me colocar a questão nestes termos. Lembro-me de haver lido, anos atrás, o relato feito por bem conhecido jornalista da Escócia, acerca de uma reunião a que ele estivera presente. Empregou ele uma frase da qual nunca me esquecerei; com freqüência ela me tem repreendido e com freqüência me tem condenado. Ele estivera ouvindo a dois oradores que falavam sobre o mesmo assunto. E prosseguiu a fim de dizer que ambos eram homens muito hábeis e eruditos. Então veio a frase devastadora: "A diferença entre aqueles dois oradores era a seguinte: o primeiro falava como um advogado, o segundo, como uma testemunha". Essa declaração cristaliza perfeitamente a nossa contenção. O pregador jamais deve ser mero advogado. A tarefa, a incumbência do advogado, do encarregado da defesa, é representar a alguém diante de um tribunal. Não está interessado pela pessoa que defende, e talvez nem a conheça, não sentindo qualquer interesse pessoal por ela; no entanto, recebeu aquilo que chamamos de sumário acerca do processo que envolve aquela pessoa. O sumário foi preparado para ele, com os fatos em suas minúcias, destacando os pontos legais e salientes do processo em pauta. Foi-lhe entregue nas mãos aquele sumário, e o que ele faz agora é utilizá-lo para defender o caso. Não se envolve pessoalmente e realmente não se preocupa. Acha-se em posição imparcial e manusea a questão como algo que não lhe diz respeito.

Ora, isso jamais deve acontecer ao pregador. Essa, novamente, é uma das diferenças entre o pregador e o conferencista. O pregador vê-se envolvido a cada instante, razão pela qual deve haver esse elemento de zelo. Ele não está apenas "lidando" com um caso. Fazer exatamente isso é uma das maiores tentações que assaltam muitos pregadores, mormente aqueles dentre nós que são combativos por natureza. Nossa causa é incomparável, conforme já tivemos visto; temos a nossa

teologia sistemática e esse conhecimento da Verdade. Que maravilhosa oportunidade para argumentar, raciocinar, demonstrar e provar a causa, refutando todas as objeções e contra-argumentos. Porém, se o pregador der a impressão de que é apenas um advogado que apresenta uma causa, terá fracassado completamente. O pregador é uma testemunha. Esse é o próprio vocábulo empregado pelo Senhor: ". . . e sereis minhas testemunhas. . ."; é exatamente isso que o pregador deve ser sempre, em todas as ocasiões. Nada é tão fatal em um pregador como deixar ele de dar a impressão de estar pessoalmente envolvido.

Isso nos conduz inevitavelmente ao próximo elemento, que é o "calor". Para utilizarmo-nos de um termo que é comum hoje em dia, o pregador jamais deve mostrar-se "clínico". Tão freqüentemente o pregador mostra-se tal. Tudo quanto ele faz está certo, e, de fato, está quase perfeito; mas ele mostra-se clínico, e não vivo; ele mostra-se frio, e não comovente, porquanto ele mesmo não tem sido comovido. No entanto, isso jamais deveria ser verdade no caso do pregador. Se ele realmente acredita naquilo que está dizendo, deve deixar-se comover pelo que diz; é-lhe impossível não deixar-se comover. Isso nos conduz ao calor por necessidade. O apóstolo Paulo revela-nos pessoalmente de que pregava "com lágrimas". Ele relembra os anciãos de Éfeso acerca disso em Atos 20. E ao fazer alusão a certos pregadores falsos, em Filipenses 3, ele o faz "chorando".

Ora, o apóstolo Paulo era dotado de um intelecto gigantesco, sendo ele uma das maiores mentes de todos os séculos; mas por muitas vezes ele chorava enquanto falava e pregava. Com freqüência ele chegava às lágrimas. De onde lhes proveio essa noção de que se alguém é um grande intelecto, não demonstra qualquer emoção? Quão ridículo e fátuo é tudo isso! Um homem que não se deixa comover por essas coisas, assevero eu, jamais realmente as compreendeu. Um homem não é um intelecto em um vácuo; ele é uma pessoa inteira. Tem coração, tanto quanto tem cabeça; e se a sua cabeça entende verdadeiramente, seu coração ficará comovido. Lembre-se de como o apóstolo expressa isto em Romanos 6:17: "Mas graças a Deus", diz ele, "porque, outrora escravos do pecado, contudo viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues". Se o coração de um homem não está envolvido, então peço licença de examinar e indagar se ele realmente entendeu com a sua cabeça, devido ao próprio caráter da Verdade com a qual está tratando. Isso tem sido verdade, naturalmente, no caso de todos os grandes pregadores dos séculos. Whitefield, ao que parece, quase invariavelmente, enquanto pregava, tinha lágrimas que lhe desciam pelo rosto. Sinto que todos merecemos ser condenados neste particular, precisando ser repreendidos. Confesso francamente que eu mesmo preciso ser repreendido. Onde está a paixão na pregação que sempre caracterizou a grandiosa pregação do passado? Por qual razão os pregadores modernos não se deixam comover e arrebatar, conforme sucedia tão freqüentemente aos pregadores antigos? A Verdade em nada mudou. Acreditamos nela? temos sido impressionados e humilhados? e então temos sido exaltados até nos "perdermos em admiração, amor e louvor"?

O pregador, portanto, é um homem que por essas razões e dessas maneiras entra em contato com as pessoas que o escutam. Longe de sentir-se desligado, há mútua comunhão. E isso transparece em sua voz, em seus gestos, em toda a sua abordagem;

toda a aparência dele mostra que há essa intimidade de contato entre o pregador e a sua congregação.

E assim prossigo para frisar o elemento seguinte, que é o senso de urgência. Já fiz alusão a isso, em certo sentido; mas tal fator merece ser isolado e acentuado em si mesmo. O pregador sempre deve ser insistente "a tempo e fora de tempo", diz Paulo a Timóteo; novamente, pela mesma razão, por causa da situação inteira. Essa é a razão que faz a pregação ser um ato tão espantoso, uma responsabilidade tão grande e uma questão tão avassaladora. Não é de surpreender que o apóstolo Paulo, considerando o ministério, tenha perguntado: "Quem, porém, é suficiente para estas cousas?" O homem que imagina que por ter a cabeça repleta de conhecimentos é suficiente para essas coisas, faria bem melhor se recomeçasse os seus estudos. "Quem, porém, é suficiente para essas coisas?" O que você está fazendo? Você não está apenas transmitindo informações, você está cuidando de almas, você está tomando conta de peregrinos que estão a caminho da eternidade, você está tratando de questões não apenas de vida e morte neste mundo, mas questões de destinos eternos. Nada pode ser tão terrivelmente urgente. Lembro-me das palavras ditas certa tarde por William Chalmers Burns, que foi usado grandemente nos reavivamentos na Escócia, por volta de 1840, e, incidentalmente, na igreja de Robert Murray McCheyne, a quem já me referira antes. Certo dia ele pôs a mão no ombro de um irmão ministro e disse: "Irmão, temos de ter pressa". Se não conhecemos algo acerca desse senso de urgência, então não sabemos o que é a verdadeira pregação. Você poderá apresentar uma preleção em qualquer ocasião, agora ou dentro de um ano; não fará grande diferença. A mesma coisa é verdade com relação à maioria dos outros assuntos. Porém, a mensagem do Evangelho é algo que não pode ser adiado, porquanto não sabemos se nós mesmos ou as pessoas para quem falamos ainda estarão vivas dentro de uma semana ou dentro de um dia. "No meio da vida, estamos na morte." Se o pregador não sugerir esse senso de urgência, de que ele está ali entre Deus e os homens, falando entre o tempo e a eternidade, então não tem o direito de estar em um púlpito. Não há lugar para um desinteresse calmo, frio e científico quanto a essas questões. Isso pode estar perfeitamente certo em um filósofo, mas é inconcebível em um pregador, devido à situação inteira em que ele se acha envolvido.

Exatamente pela mesma razão a pregação sempre deve caracterizar-se pela persuasão. "Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus." Por certo o objetivo todo desse ato é persuadir as pessoas. O pregador não diz coisas simplesmente, com a atitude de "faça como quiser". Ele deseja persuadir seus ouvintes sobre a veracidade de sua mensagem; ele quer que seus ouvintes percebam sua mensagem; ele está procurando fazer algo em favor deles, está procurando influenciá-los. Ele não está apresentando uma erudita pesquisa de um texto, e nem está fazendo exibição de seu próprio conhecimento; ele está tratando com almas vivas e deseja comovê-las, conduzindo-as com ele, guiando-as até à Verdade. Esse é todo o seu propósito. Portanto, se esse elemento não estiver presente, sem importar o que mais esteja, não se tratará de pregação. Todos esses pontos destacam a diferença entre apresentar uma preleção e pregar, ou entre um ensaio e um sermão.

Uma palavra especial também deve ser dita, embora em determinado sentido já

tenhamos feito alusão a isso, acerca do elemento de empatia. Se eu me tivesse de confessar culpado de algo mais do que de qualquer outra coisa, então teria de admitir que talvez seja esse o elemento que mais falta tem feito em meu próprio ministério. Esse elemento deveria originar-se em parte por amor às pessoas. Richard Cecil, um pregador anglicano de Londres, de perto dos fins do século XVIII e dos começos do século XIX, disse algo que nos deveria fazer pensar. "Gostar de pregar é uma coisa, e amar aqueles para quem pregamos é algo bem diferente." O problema que há com alguns de nós é que gostamos de pregar, mas nem sempre nos certificamos de que amamos realmente as pessoas para quem estamos pregando. Se a você faltar esse elemento de compaixão pelas pessoas, então também lhes faltará o elemento de empatia que é extremamente vital em toda a verdadeira pregação. Nosso Senhor olhou para toda aquela multidão e "... compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor". Mas se você não conhece nada disto, então não deveria subir a um púlpito, porquanto esta falta por certo transparecerá na sua pregação. Não podemos ser puramente intelectuais ou argumentativos; esse outro elemento também deve fazer-se presente. Não somente o seu amor pelas pessoas produzirá essa empatia, mas a própria matéria pregada tende por obter esse resultado. Pois o que pode haver de mais comovente do que a percepção de que Deus, em Cristo, fez algo por nós? Qualquer tentativa, portanto, de considerar e compreender esse fato, deveria comover-nos profundamente. Notemos o que sucedia ao próprio grande apóstolo Paulo. Ele começa com um argumento cujo desígnio é o de convencer-nos de nossa pecaminosidade e condição de perdidos e de total dependência de Cristo. Mas no momento em que ele menciona aquele Nome, parece olvidar-se de seu argumento e irrompe em um de seus grandes arroubos de eloqüência. Fica comovido até às maiores profundezas de seu ser, e escreve algumas daquelas passagens resplendentes que nos deveriam levar às lágrimas. É a contemplação daquilo que Deus tem feito por nós, em Cristo, e do sofrimento nisso envolvido, bem como da grandiosidade do amor de Deus para conosco. "Deus amou o mundo de *tal maneira*. . ."

Esse elemento de empatia era uma das grandes características da pregação de Whitefield, um dos maiores mestres pregadores de todos os séculos. Foi David Garrick, o grande ator do século XVIII, que de certa feita afirmou que gostaria de ao menos poder pronunciar a palavra "Mesopotâmia" da mesma maneira que Whitefield podia fazê-lo! E também disse que com prazer daria cem ginéus se pudesse ao menos proferir o vocábulo "Oh!" com a mesma empatia de Whitefield. O homem moderno e sofisticado pode rir-se disso, mas é somente quando começamos a conhecer algo dessa qualidade enternecedora que seremos pregadores reais. Naturalmente, o homem que procura apenas produzir um efeito torna-se um ator, não passando de um abominável impostor. O fato, porém, é que quando "o amor de Deus é derramado" no coração de um homem, conforme se deu no caso de Whitefield, então a empatia é inevitável.

Esse elemento de empatia e emoção, para mim, é extremamente vital. É isso que tem estado tão lamentavelmente ausente neste nosso século, sobretudo entre os reformados. Tendemos por perder o equilíbrio, tornando-nos por demais intelectualizados, e, de fato, chegamos quase a desprezar o elemento de sentimentos e de

emoção. Somos homens tão eruditos, dominamos tão profundamente a Verdade, que tendemos por desprezar os sentimentos. As pessoas comuns, sentimos, são emocionais e sentimentais, mas elas não têm qualquer compreensão!

Não é este o perigo? não é esta a tendência? desprezar os sentimentos, que são parte essencial do homem, e que nele foram insuflados por Deus? Não sabemos mais o que significa ficar arrebatados, não mais sabemos o que quer dizer ficar profundamente comovidos. Você deve estar lembrado da descrição de Matthew Arnold sobre a religião. Declarou ele que "Religião é moralidade tingida por emoção". Quão típico de Matthew Arnold, e quão equivocado; que completa cegueira! Moralidade "tingida" por emoção. Apenas uma "tintura". Seria rude e descortês ter algo mais que uma "tintura". O "pequeno cavalheiro" jamais deixa entrever as suas emoções. Não nos esqueçamos que Matthew Arnold era filho de Thomas Arnold, o mestre-escola da bem conhecida escola pública de Rugby. Ele ensinava que o verdadeiro cavalheiro jamais exibe seus sentimentos, mas sempre os conserva sob controle. Essa atitude parece haver permeado a vida da Igreja e a de muitos cristãos. As emoções são quase consideradas como algo indecente. Minha resposta a tudo isso, uma vez mais, consiste apenas em dizer que se podemos contemplar essas gloriosas Verdades que foram entregues aos nossos cuidados, na qualidade de pregadores que somos, sem que elas nos comovam, então é que existe algo de defeituoso em nossa visão espiritual.

O apóstolo Paulo, conforme eu já disse, nunca pode meditar sobre essas coisas sem ficar comovido até o mais profundo de sua alma grandiosa. Deixe-me ilustrar aquilo que estou dizendo. Você deve estar lembrado de como, em Romanos 9, 10 e 11, ele vinha tratando do problema específico dos judeus. Onde é que eles se situavam, qual seria a posição deles à luz do que ele vinha dizendo a respeito da justificação pela fé, e assim por diante? Ele tomara nas mãos esse assunto, argumentara a respeito, raciocinara em torno do mesmo e chegara à sua grande conclusão. Porém, ele não pára aí; antes, irrompe nesta expressão:

> Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? ou quem foi o seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele e por meio dele e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém.

Isso exprime puras grandiosas emoções. Notem que eu falo sobre emoções, e não emocionalismo. Eu reprovo isto. Nada existe de mais odioso do que o indivíduo que deliberadamente procura manipular as emoções superficiais das pessoas. Não me interesso por isso, senão para denunciá-lo. Meu argumento é que quando alguém verdadeiramente entende essa verdade em que alega crer, então por certo fica comovido ante ela. Se não ficar comovido, então não pertencerá àquele grupo, àquela categoria de homens que inclui o próprio grande apóstolo. No entanto, tornou-se a moda desprezar as emoções.

Lembro-me de uns poucos anos passados, quando teve lugar uma grande

campanha evangelística em Londres, um homem, que era um líder em círculos religiosos, aproximou-se de mim e perguntou: "Você já esteve na campanha?" Respondi: "Não, ainda não". "É maravilhoso", continuou ele, "maravilhoso. As pessoas vêm à frente às centenas. Nenhuma emoção, compreende? — maravilhoso". E ficava repetindo essa de: "Nenhuma emoção". O que para ele era tão maravilhoso é que aquela gente estava vindo à frente, em resposta aos apelos, sem demonstrarem qualquer emoção. Para ele era algo glorioso. Nenhuma emoção, maravilhoso! Nenhuma emoção, esplêndido!

Que se pode dizer sobre uma atitude tal como essa? Vou apenas fazer algumas poucas indagações. Poderia um homem ver a si mesmo como um pecador condenado ao inferno, sem sentir qualquer emoção? Poderia um homem olhar para o interior do inferno sem qualquer emoção? Poderia um homem ouvir as trovoadas da Lei e nada sentir? Ou, vice-versa, poderia um homem contemplar deveras o amor de Deus, em Cristo Jesus, sem sentir qualquer emoção? Toda essa idéia é totalmente ridícula. Lastimo que muitas pessoas hoje em dia, na sua reação contra os excessos e o emocionalismo, chegam a uma posição tal que, em última análise, estão virtualmente negando a Verdade. O Evangelho de Jesus Cristo envolve o homem inteiro, e se o que passa por Evangelho não faz tal, então *isto não é o Evangelho*. O Evangelho tem por finalidade fazer exatamente isso, e assim o faz. O homem inteiro fica envolvido porque o Evangelho conduz à regeneração; por conseguinte, afirmo que esse elemento de empatia e emoção, esse elemento de alguém ser comovido, sempre deveria fazer parte bem proeminente da pregação.

Em último lugar, compete-me introduzir a palavra poder. Não vou penetrar fundo nisso, por enquanto, por tratar-se de questão muito importante a qual merece todo um capítulo a seu respeito, não na próxima preleção, mas um pouco mais adiante. O fato, porém, é que se não houver poder, também não haverá pregação. A verdadeira pregação, afinal de contas, consiste na atuação de Deus. Não se trata apenas de um homem a proferir palavras; é Deus quem o está usando. Ele está sendo usado por Deus. Ele está debaixo da influência do Espírito Santo. Trata-se daquilo que Paulo chama, em I Coríntios 2, de "demonstração do Espírito e de poder". Ou então, conforme ele o expressa em I Tessalonicenses 1:5: "... o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas sobretudo em poder, no Espírito Santo e em plena convicção..." Eis aí! Esse é um dos elementos essenciais da pregação autêntica.

Resumindo, portanto, a verdadeira pregação consiste em ambos esses elementos combinados em suas justas proporções — o sermão e o ato de pregar. Há esse "ato", em adição ao sermão. Isso perfaz a verdadeira pregação. Ambos os elementos precisam ser enfatizados. Já dei alguma idéia sobre qual seja a diferença entre essas duas coisas, mas ainda preciso dizer mais uma palavra a esse respeito. Se você não souber a diferença entre o sermão e o ato de pregar, então, como pregador que é, não demorará a descobri-lo. E uma das maneiras pelas quais mais provavelmente você fará tal descoberta, será a maneira como eu mesmo a descobri, já por muitas vezes. Tudo acontece como segue. Você está em sua própria igreja, pregando em um dia de domingo. Você está pregando um sermão e, por alguma razão, tal sermão parece fluir fácil e suavemente, com certo grau de poder. Você mesmo se sente comovido; você

está tendo o que se costuma chamar de "um bom culto", e os ouvintes têm consciência disso, tanto quanto você mesmo. Pois muito bem. Você está incumbido de pregar em algum outro lugar, ou no domingo seguinte ou em alguma noite durante a semana, e diz para si mesmo: "Pregarei aquele sermão que apresentei no domingo passado. Houve um culto maravilhoso com ele". E assim você sobe a esse outro púlpito e se vale do mesmo texto, e começa a pregar. Mas repentinamente você descobre que não possui coisa alguma, tudo parece ter entrado em colapso em suas mãos. Qual é a explicação disso? Uma das explicações é a seguinte. O que acontecera no domingo anterior, em que você estava pregando aquele sermão, em seu próprio púlpito, é que o Espírito descera sobre você, ou talvez sobre os ouvintes (bem pode ter sucedido, segundo já expliquei, que Ele tenha descido principalmente sobre o povo, e que você tenha recebido o reflexo disso). Naquele caso, seu pequeno sermão fora levado para novas alturas, e a você fora dada uma unção e uma autoridade especiais, de maneira extraordinária, e por isso houve um culto tão notável. Porém, agora você se encontra em circunstâncias diferentes e diante de uma congregação diferente, e você mesmo está se sentindo diferente. Por conseguinte, desta vez você se vê obrigado a depender de seu sermão; e, de repente, você descobre que o seu sermão não vale grande coisa.

Isso ajuda a ilustrar a diferença entre um sermão e o ato de pregar um sermão. É um grande mistério. Espero poder abordar uma vez mais esse assunto. Mas digo isto agora a fim de ressaltar que as duas coisas são diferentes entre si, e que a verdadeira pregação consiste na combinação desses dois elementos. Você não poderá depender nem de um e nem de outro. Não poderá depender de seu sermão exclusivamente, e nem deve depender somente do ato da pregação; ambos os elementos são essenciais para que haja verdadeira pregação.

Permita-me colocar isso novamente na forma de uma história, de uma anedota. Havia um idoso pregador que conheci bem no País de Gales. Era um velho muito capaz e um bom teólogo; porém, entristece-me dizer que ele tinha a tendência para o cinismo. No entanto, era um crítico muito perspicaz. Certa ocasião, estava presente em um sínodo, em cuja sessão final dois homens estavam pregando. Ambos esses homens eram professores de teologia. Pregou o primeiro homem, e ao terminar, o idoso pregador, o idoso crítico, voltou-se para seu vizinho ao lado e disse: "Luz sem calor". Então pregou o segundo professor — era homem um pouco mais idoso e um tanto emocional. Ao terminar, o idoso crítico voltou-se para seu vizinho e disse: "Calor sem luz". Bem, ele estava com a razão em ambos os casos. Mas o aspecto importante a destacar é que ambos os pregadores mostraram-se defeituosos. Precisamos ter luz e calor, sermão e pregação. Luz sem calor jamais afetará a quem quer que seja; calor sem luz não tem valor permanente. Pode ter um efeito passageiro temporário, mas na realidade não ajuda as pessoas, não as edifica e realmente não lida com elas.

No que consiste a pregação? Em lógica pegando fogo! Em raciocínio eloqüente! Serão essas coisas contraditórias? Naturalmente que não. A razão atinente a essa Verdade deve ser poderosamente eloqüente, conforme se percebe nos casos do apóstolo Paulo e outros. É teologia em chamas. E a teologia que não pega fogo, insisto eu, é uma teologia defeituosa; ou, pelo menos, a compreensão de quem a prega é

defeituosa. Pregação é quando a teologia extravasa de um homem que está em chamas. A verdadeira compreensão e a experiência da Verdade necessariamente conduz a esse resultado. Repito que o homem que pode falar sobre essas coisas de maneira desapaixonada não tem qualquer direito de subir a um púlpito; e jamais se deveria permitir que ele subisse a um púlpito.

Qual é a principal finalidade da pregação? Gosto de pensar que é a seguinte: Dar a homens e mulheres o senso de Deus e de Sua presença. Conforme eu já disse, no decorrer do ano passado estive enfermo, e assim tive a oportunidade, e privilégio de ouvir outros, ao invés de eu mesmo pregar. Enquanto ouvi em meio à debilidade física, é isso que busquei, anelei e desejei. Posso perdoar um homem por um mau sermão, posso perdoar em um pregador quase qualquer coisa, contanto que ele me dê o sentimento da presença de Deus, contanto que ele dê qualquer coisa para a minha alma, contanto que ele me outorgue a sensação de que, embora ele se mostre inadequado em si mesmo, está manuseando algo de mui profundo e glorioso, contanto que me transmita alguma tênue visão da majestade e da glória de Deus, do amor de Cristo, meu Salvador, e da magnificência do Evangelho. Se ele conseguir isso, então eu lhe serei devedor, e sentir-me-ei profundamente grato a ele. Pregar é a atividade mais admirável e emocionante na qual uma pessoa pode estar ocupada, por causa do que ela pode propiciar a todos nós no presente, e por causa das gloriosas e infindas possibilidades que ela reserva para nós no futuro eterno.

Quero encerrar com duas citações. Houve um extraordinário pregador nos Estados Unidos da América, há pouco mais de cem anos passados, chamado James Henry Thornwell. É provável que ele tenha sido o maior teólogo que a Igreja Presbiteriana Sulista já produziu; no entanto, ele também era grande pregador e homem dos mais eloqüentes. Existem mesmo aqueles que asseveram que depois de Samuel Davies ele foi o mais eloqüente pregador que o continente americano já produziu. Eis como o seu biógrafo procura nos dar alguma impressão acerca do que era ver e ouvir Thornwell pregando. Note que isso confirma e ilustra a minha definição da verdadeira pregação, como algo que se deve ver tanto quanto algo que se deve ouvir, porquanto o homem inteiro está envolvido nessa ação. Eis como ele o exprime:

> Quais símbolos inventados poderiam dar a idéia daqueles olhos faiscantes, daqueles tons tremeluzentes e variegados na voz, daquela atitude expressiva, daqueles gestos prenunciadores e típicos, de todo aquele corpo que se balançava e que era nele o complemento do autor consumado! O brilho súbito do relâmpago, as nuvens lanosas bordadas no céu, a crista branca de uma onda no oceano, ultrapassam as habilidades de um pintor. Era algo indescritível.

Essa era a impressão que ele tinha da pregação de Thornwell.

Consideremos, agora, o que o próprio Thornwell declarou a respeito da pregação, e acerca dele mesmo como pregador:

> É importantíssimo compreender o que significa ser um pregador, e como deve ser levada a efeito a pregação. Sermões eficazes são a prole do

> estudo, da disciplina, da oração e, especialmente, da unção do Espírito Santo. Eles precisam combinar as excelências características de toda outra modalidade de composição que visa a ser expressa pela palavra falada, devendo ser proferidos não apenas com a intensidade da fé, mas com a influência constrangedora do amor nascido nos Céus. Deve-se sentir que eles procedem do coração, e de um coração cheio do amor de Cristo, do amor pelas almas. Acreditem que há bem pouca pregação neste mundo, e que é um mistério da graça e do poder divino que a causa de Deus não seja arruinada no mundo, quando consideramos as qualificações de muitos de seus ministros professos para pregá-la. Meu próprio desempenho nesse particular me enche de desgosto. Jamais preparei, e menos ainda preguei, um sermão em toda a minha vida, e estou começando a perder as esperanças de ser capaz de fazê-lo. Que o Senhor nos dê mais conhecimento, graça e singeleza de propósitos.

Nada se pode acrescentar a isso. Qualquer homem que já conseguiu entrever o que significa pregar, inevitavelmente sentirá que nunca pregou. No entanto, continuará tentando, na esperança de que, pela graça de Deus, um dia ele chegue a pregar verdadeiramente.

Capítulo Seis

O Pregador

Quero lembrar-lhe novamente qual é o nosso método de abordar este tema. Estamos num culto na igreja, e contemplamos um homem de pé, dirigindo a palavra ao povo. Tendo demonstrado a importância primordial da pregação, e de ser essa a tarefa primária da Igreja, prosseguimos a fim de considerar dois aspectos da pregação — o sermão e o próprio ato de pregar. Confio em que deixei perfeitamente claro que, conforme eu vejo as coisas, seja como for, esses dois aspectos são vitalmente importantes; não se deve ter uma das coisas sem a outra. Ambas são essenciais, e a pregação autêntica consiste na mistura correta desses dois elementos.

Prosseguindo agora com o mesmo tipo de abordagem, mas ainda considerando a pregação de maneira geral, parece-me que o próximo ponto lógico a ser investigado é: Quem deve fazer isso? Quem deve pregar? Ou então, em termos bíblicos: "Quem é suficiente para essas coisas?", isto é, para comunicar essa mensagem, conforme a temos definido, e da maneira como temos indicado? Essa é uma questão importantíssima, principalmente hoje em dia quando alguns afirmam que de maneira alguma precisamos da Igreja e falam sobre um "cristianismo irreligioso". Todavia, mesmo entre aqueles que ainda acreditam na Igreja, essa pergunta precisa ser formulada: "Quem deve realizar essa pregação?"

O primeiro princípio que desejo postular é que nem todos os cristãos são claramente destinados a fazer isso, e que nem todos os homens cristãos devem pregar, quanto menos as mulheres! Noutras palavras, precisamos levar em conta o que se denomina "pregação leiga". Isso já vem sendo praticado de modo bastante comum há cem anos ou mais. Antes disso, era prática comparativamente rara, mas hoje em dia é algo muito comum. Seria interessante examinarmos a história dessa prática, mas o tempo exíguo não nos permite fazê-lo. Novamente, o que há de mais interessante a ser observado é que essa modificação se deveu primariamente a causas teológicas. Foi a mudança teológica do século passado, de uma atitude reformada e calvinista, para uma posição essencialmente arminiana, que provocou o incremento da pregação de leigos. A explicação dessa causa e efeito é que o arminianismo, em última análise, é não-teológico. Eis por que a maioria das denominações evangélicas da atualidade são geralmente não-teológicas. Sendo essa a situação, não é de surpreender que se tenha tornado corrente, a idéia de que a pregação está franqueada a qualquer varão que se tenha tornado cristão, e, posteriormente, a qualquer mulher também.

Minha assertiva é que essa é uma perspectiva antibíblica da pregação. Naturalmente, há circunstâncias excepcionais onde isso pode tornar-se necessário; mas, nesse caso, eu duvido que se trate realmente de "pregação leiga". O que entendo por circunstâncias excepcionais é que bem pode ocorrer, devido ao estado e às condições da Igreja — falta de meios e coisas semelhantes — que a Igreja não esteja capacitada a sustentar um homem por tempo integral na obra do ministério, e, especificamente, na obra da pregação. As definições são importantes quanto a isso. O ponto de

vista moderno sobre a pregação de leigos, derivado principalmente dos ensinamentos dos metodistas e dos Irmãos, é que essa deve ser a prática normal, e não a exceção, como também que o pregador é um homem que ganha a vida por meio de alguma profissão ou negócio, e, por assim dizer, prega em suas horas vagas.

A situação excepcional que tenho em mente é a de um homem que se sente chamado para o ministério, e que gostaria de dedicar ao mesmo todo o seu tempo, mas que, por motivo das circunstâncias que acabo de descrever, é incapaz dessa dedicação. Ele anela pelo dia em que a Igreja venha a tornar-se bastante forte, financeiramente falando, como também noutros aspectos, para sustentá-lo, a fim de que possa consagrar todo o seu tempo a essa obra. Portanto, eu não o chamaria, estritamente falando, de pregador leigo; antes, ele é um homem que, pelo menos por agora, tem de ganhar a vida, pelo menos em parte, fazendo outra coisa, a fim de tornar possível a sua pregação. O que me interessa examinar é a noção que qualquer varão cristão pode e deve pregar. Existem alguns agrupamentos da Igreja cristã que têm ensinado isso com regularidade. Chegou-se mesmo a criar uma divisa, que diz: "Dêem ao novo convertido algo para fazer; enviem-no a pregar e a dar o seu testemunho" — e coisas desse tipo. Tem havido essa tendência de forçar as pessoas a entrar na pregação. Grande parte disso pode ser atribuído à influência de Charles G. Finney e também de D. L. Moody, sendo este último muito entusiasmado quanto à idéia de dar-se algo a fazer aos novos convertidos.

Em que bases mostramo-nos críticos contra essa atitude acerca da pregação? Avento que isso se deve ao fato de não se ter entendido a diferença entre dizer que todo cristão deve estar preparado, conforme afirma Pedro em I Pedro 3:15, "... para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós", e dizer que todo o cristão deve pregar o Evangelho. Essa é a distinção. Todo crente deve ser capaz de esclarecer por qual motivo é um cristão; mas isso não significa que de todo cristão se espera que pregue.

Essa distinção é ressaltada de forma mais interessante em Atos 8:4-5. No primeiro versículo daquele capítulo somos informados que eclodira intensa perseguição contra a Igreja, em Jerusalém, e que todos os membros da mesma foram dispersos, com exceção dos apóstolos. E então se nos informa, nos versículos 4 e 5: "Entrementes os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra. Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo". Na mais comum tradução em inglês, em ambos os versículos encontramos a palavra "pregava". No original grego, entretanto (tal como em nossa versão portuguesa — N. do T.), não é usado somente um vocábulo, mas dois; e essa é a distinção vital. O que os crentes fizeram, ao serem dispersos, e conforme alguém já sugeriu que deveria ser traduzido, foi "tagarelar" a Palavra, falar sobre o Evangelho em sua conversação diária. Filipe, por sua vez, fez algo bem diferente; ele era um "arauto" do Evangelho. Estritamente falando, é isso que significa pregar, no sentido em que estou usando esse termo. Não é por acidente que essa distinção foi feita no próprio texto bíblico.

Essa é a posição correta, pois, que todo o cristão deveria ser capaz de fazer o que é indicado no quarto versículo, mas que somente alguns são convocados para realizar o que é indicado no quinto versículo. Nas páginas do Novo Testamento, essa

distinção é traçada de modo perfeitamente claro; somente certas pessoas são separadas e convocadas para anunciar a mensagem, por assim dizer, em prol da Igreja e de maneira oficial. Essa incumbência se limita aos anciãos, e mesmo assim somente a alguns deles — os anciãos que ensinam, os anciãos que tiverem recebido o dom do ensino, os pastores e mestres. Pois é patente que a pregação, nos tempos do Novo Testamento, estava confinada aos apóstolos, aos profetas, aos evangelistas e a esses outros.

E por que sugiro ser isso importante? Qual é a crítica mais importante contra o que se denomina de "pregação leiga"? A resposta se resume no fato que isso parece perder completamente de vista a noção inteira do "chamamento". E também existem outras razões que me parecem militar contra essa idéia. Meu argumento principal é que o quadro que já ofereci acerca de um pregador e do que ele deve fazer, insiste não somente sobre o fato que isso é algo para o que um homem é chamado, mas também sobre o fato que se trata de algo que deveria absorver todo o seu tempo, à parte de circunstâncias excepcionais. Não se trata de algo que possa ser feito como uma tarefa avulsa, isso é uma abordagem errônea, uma atitude errada para com a questão.

Em primeiro lugar, consideremos a questão do ponto de vista de uma chamada. Que é um pregador? Bem, é óbvio que um pregador é um cristão exatamente como qualquer outro cristão. Isso é um essencial básico e absoluto. Porém, ele é algo mais do que isso, ele vai além; e nesse ponto entra a questão inteira de uma chamada. Um pregador não é um cristão que resolveu pregar. Não é ele quem decide fazer tal coisa; nem ao menos é ele quem decide que abraçará a pregação como uma chamada. Ora, isso tem acontecido com freqüência. Sempre haverá homens que apreciam a idéia de se tornarem ministros. Parece ser esse um tipo ideal de vida, uma vida com muito tempo de lazer, que fornece amplas oportunidades para leitura — leitura de obras filosóficas, teológicas ou quaisquer outras que queiram ler. Se porventura eles se inclinam para a poesia, então essa vida lhes dá tempo suficiente para escreverem poemas. Outro tanto se aplica aos ensaístas ou romancistas. Esse quadro acerca do tipo de vida que leva um ministro por muitas vezes tem atraído os jovens, e muitos têm entrado no ministério desta forma.

Quase nem preciso dizer que essa atitude é totalmente errada e completamente estranha ao quadro que obtemos nas Escrituras, ou nas biografias dos grandes pregadores através de todos os séculos. A resposta a esse ponto de vista falso é que pregar nunca será algo que um homem decida fazer. O que acontece, em lugar disso, é que ele se torna consciente de um "chamamento". Toda essa questão do chamamento não é uma questão fácil; e todos os ministros se têm debatido com isso, por ser algo tão vitalmente importante para nós.

"Sou chamado ou não a ser um pregador? E como se pode saber disso?" A minha sugestão é que existem determinados testes. Um chamamento geralmente começa na forma de algo consciente no espírito de um homem, tornando-o cônscio de certa forma de pressão que é exercida sobre seu espírito, provocando determinada perturbação nesse campo, após o que o indivíduo observa que sua mente é dirigida para a questão toda da pregação. O indivíduo não provocou deliberadamente esses pensamentos, e nem se sentou para considerar as possibilidades a sangue frio, para então,

após tê-las ponderado, ter-se resolvido a seguir o ministério. Não é nada disso. Pelo contrário, é algo que nos acontece; é Deus que vem tratar conosco, e é Deus atuando sobre nós por meio do Seu Espírito. Trata-se de algo sobre o que tomamos consciência, e não de algo que realizamos. Trata-se de algo que nos é imposto, que nos é apresentado e quase nos é forçado com insistência.

Além disso, o que estiver sucedendo no terreno do nosso espírito, nesse sentido, irá sendo confirmado ou acentuado através da influência de terceiros, que venham falar conosco ou que nos interroguem a respeito. Com freqüência, essa é uma das formas pelas quais muitos homens têm sido chamados a ser pregadores. Em muitas biografias pode-se ler acerca de algum jovem que nunca pensara em pregar, até que foi abordado por um ancião ou por algum membro espiritual da Igreja, e que lhe fez uma pergunta parecida com esta: "Você não acha que talvez você esteja sendo chamado para pregar o Evangelho?" O indagador, em seguida, geralmente dá a razão por haver perguntado tal coisa. Ele vinha observando aquele jovem, e nessa vigilância sentiu que deveria falar-lhe sobre a questão. Talvez seja através de alguém assim que ocorra o impulso inicial da chamada. A minha experiência é que, de modo geral, essas duas coisas ocorrem conjuntamente.

Esse impulso então se desenvolve, transformando-se em interesse por outros. Estou contrastando isso com a idéia mui generalizada de que entrar no ministério é ingressar numa profissão ou "uma vocação". O verdadeiro chamamento sempre inclui o interesse pelo próximo, a preocupação pelos outros, a percepção de que se encontram em estado e condição de perdidos, além do desejo de fazer algo em favor deles, de anunciar-lhes a mensagem e apontar para eles o caminho da salvação. Isso tudo é parte essencial do nosso chamamento; e é importante particularmente por ser um meio pelo qual podemos examinar a nós mesmos.

Com freqüência tem acontecido que alguns jovens com determinados dons, ao ouvirem algum grande pregador, sentem-se cativados por ele e pelo que ele está fazendo. Ficam atraídos pela sua personalidade ou pela sua eloqüência, deixam-se comover por ele e, inconscientemente, começam a sentir o desejo de serem semelhantes a ele e de fazerem o que ele está fazendo. Ora, isso tanto pode estar certo, como pode estar inteiramente errado. Podem ficar fascinados somente pelo encanto da pregação, atraídos pela idéia de dirigirem a palavra a audiências, a fim de influenciá-las. Todas as formas de motivos falsos e errôneos podem insinuar-se. A maneira de nos precavermos de tal perigo é fazermo-nos a pergunta: Por que quero fazer isso? Por que estou preocupado com isso? E a menos que possamos descobrir um interesse genuíno por outros, por seu estado e condição, bem como pelo desejo de ajudá-los, muita razão teremos em pôr em dúvida os nossos motivos.

Contudo, precisamos prosseguir para algo ainda mais profundo; também deveria haver certa impressão de estarmos sendo constrangidos. Certamente esse é o teste mais crucial de todos. Nesses casos, temos o sentimento de não podermos fazer outra coisa. Era o Sr. Spurgeon, acredito, quem costumava dizer aos jovens: "Se você pode fazer outra coisa, então faça-o. Se você pode ficar fora do ministério, fique fora do ministério". Sem a menor sombra de dúvida, eu mesmo poderia asseverar isso sem hesitações. Eu diria que o único homem realmente chamado a pregar é aquele que

não pode fazer outra coisa qualquer, no sentido que ele não fica satisfeito com qualquer outra coisa. Esse chamamento para a pregação pesa-lhe de tal maneira, tão grande é a pressão que ele precisa suportar, que termina por dizer: "Não posso fazer qualquer outra coisa; tenho de pregar".

Ou então deixe-me colocar a coisa nestes termos — e eu estou falando com base na minha experiência pessoal. Ficamos absolutamente certos do chamamento quando ficamos incapazes de mantê-lo à distância e de resistir-lhe. Podemos tentar ao máximo oferecer tal resistência. Dizemos: "Não, mas continuarei ocupado com o que estou fazendo; sou capaz de fazê-lo e é um bom trabalho". Esforçamo-nos até o fim de nossas forças para manter tal impulso à distância e para nos desvencilharmos daquela perturbação de espírito que nos assedia de diversas maneiras. Porém, acabamos por chegar ao ponto em que não mais podemos resistir. Torna-se quase uma obsessão, e tão avassaladora que, no fim, dizemos: "Nada mais posso fazer; não posso mais resistir".

Conforme vejo as coisas, isso é o que se entende por chamamento para pregar. Porém, averigüemos um pouco mais essa questão, através de algo que é igualmente importante. Já insinuei esse outro modo, a saber, que se instaura certo senso de acanhamento, certo senso de indignidade, certo senso de inadequação. Não existe expressão mais perfeita quanto a isso do que as palavras que se acham em I Coríntios 2, onde Paulo alude a respeito de "fraqueza, temor e grande tremor". Ele reitera a idéia em II Coríntios 2:16, onde indaga: "Quem, porém, é suficiente para estas cousas?" O ensinamento de Paulo no tocante à chamada de Deus para essa incumbência específica, e sobre a qual temos estado a fazer exposições detalhadas, inevitavelmente conduz a essa pergunta. O apóstolo coloca essa questão como segue:

> Graças, porém, a Deus que em Cristo sempre nos conduz em triunfo, e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento. Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo; tanto nos que são salvos, como nos que se perdem. Para com estes cheiro de morte para morte; para com aqueles aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para estas cousas?

Compreendendo que pregação envolve isso, é inevitável que um homem se sinta indigno e inadequado. Portanto, ele não somente hesita, mas também sonda seus sentimentos e indaga sobre os mesmos, examinando a questão com extremo cuidado; e esforça-se ao máximo por livrar-se dela.

Estou ressaltando tudo isso porque, por alguma estranha razão, esse é um dos aspectos do assunto que dificilmente é sequer mencionado em nossa época e geração. E também é o meu argumento mais definitivo contra a idéia da pregação leiga. Consideremos o indivíduo que se autocomissiona para ser um pregador e que se apressa por subir a um púlpito para pregar, e que assevera poder fazer isso como tarefa avulsa, em suas horas vagas. Que sabe tal homem sobre "fraqueza, temor e grande tremor"? Algumas vezes, infelizmente, dá-se justamente o contrário, e em sua autoconfiança ele se mostra altamente crítico, chegando mesmo a zombar dos pregadores devidamente consagrados ao ministério. Embora estes últimos nada mais

tenham que fazer, são fracassos totais; mas ele mesmo pode realizar tal tarefa como um "trabalho extra"! Ora, isso importa em contradizer diametralmente o que temos descoberto ter sucedido ao grande apóstolo, e também o que tem sucedido aos grandes pregadores da Igreja em todos os séculos subseqüentes. De fato, a verdade parece ser que quanto maior o pregador, mais hesitante ele se tem mostrado em começar a pregar. Com grande freqüência tais homens tiveram de ser persuadidos por ministros, anciãos e outros a dedicarem-se ao ministério, tão fortemente eles procuravam evitar aquela terrível responsabilidade. Isso sucedeu a George Whitefield, um dos maiores e mais eloqüentes pregadores que já adornaram um púlpito. E também tem acontecido com muitos outros. Meu argumento, por conseguinte, é que o homem que se sente competente, e que pode cumprir tal tarefa com facilidade, e assim se precipita a pregar, sem qualquer senso de temor e tremor, sem qualquer tipo de hesitação, é um homem que está proclamando nunca haver sido "chamado" para ser um pregador. O homem que está sendo chamado por Deus é um homem que percebe aquilo para o que está sendo chamado, e que, por essa mesma razão, reconhece a enormidade da tarefa, e busca evitá-la. Nada aquém desse senso avassalador de ter sido chamado, de compulsão, deveria levar qualquer homem a tornar-se um pregador.

Portanto, esse é o primeiro motivo que faz um homem subir a um púlpito a fim de pregar. Preciso apressar-me a adicionar que mesmo isso precisa ser verificado e confirmado; e isso é algo que é feito pela Igreja. O primeiro aspecto é apresentado novamente pelo apóstolo, em Romanos 10: "Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo. Como, porém, invocarão aquele em que não creram? e como crerão, naquele de quem nada ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? e como pregarão se não forem enviados?" (Romanos 10:13-15). O pregador é "enviado". Mas como podemos nós ter certeza de que somos "enviados" nesse sentido, e que não estamos meramente nomeando a nós mesmos? É nesse ponto que a Igreja faz o seu papel. Esse é o ensinamento do Novo Testamento, não somente no tocante à pregação e ao ensino, mas também no que tange aos diversos ofícios ministeriais da Igreja. Já desde o sexto capítulo do livro de Atos dos Apóstolos são postuladas certas qualificações referentes aos diáconos. A Igreja seleciona esses homens em termos de princípios dados; a ela é ensinado o que deve procurar, e ela passa a procurar por tais qualidades. Acha-se a mesma coisa nas epístolas pastorais, onde são dadas instruções no que concerne às qualificações de anciãos e diáconos. Portanto, antes de termos a plena certeza de que um homem é chamado para ser pregador, sua chamada pessoal precisa ser confirmada pela Igreja, ela deve ser atestada pela Igreja.

Uma vez mais vejo-me na obrigação de qualificar essa afirmativa, dizendo que a história da Igreja, e dos pregadores, claramente demonstra que algumas vezes a Igreja pode equivocar-se. Ela já errou por muitas vezes, tendo rejeitado homens que, com o registro de suas vidas, demonstram que obviamente eram pregadores chamados por Deus. Por exemplo, o Dr. G. Campbell Morgan foi rejeitado pela Igreja Metodista da Inglaterra. Mas isso é a exceção, a exceção que comprova a regra; e ninguém legisla para exceções e casos difíceis. Estou falando de maneira geral. Quando há um homem excepcional e extraordinário, Deus o torna conhecido de alguma maneira, a despeito dos homens; mas isso não acontece com muita freqüência.

O mais comum é ocorrer que homens se sintam chamados quando, na realidade, não o são; e à Igreja cabe averiguar isso, cuidando da situação. Eu poderia apresentar muitos exemplos e ilustrações acerca disso. Sempre senti, quando alguém me aborda e me diz que foi chamado para ser pregador, que minha tarefa primordial é colocar todo obstáculo concebível que eu possa imaginar, em seu caminho. Em acréscimo a isso, exerço meu juízo e faço uma avaliação de sua personalidade, inteligência e capacidade de falar. A correspondência daquilo que o indivíduo sente com aquilo que a Igreja deve sentir, é de vasta importância. Uma bem conhecida história sobre Spurgeon ilustra bem esse fato. Um homem aproximou-se dele, terminada uma reunião de domingo à noite, e disse: "Sr. Spurgeon, o Espírito me diz que devo pregar aqui, neste tabernáculo, na próxima quinta-feira à noite". "Bem, é deveras curioso", retrucou Spurgeon, "que o Espírito nada me tenha dito a esse respeito!" Assim sendo, o homem não pregou no tabernáculo na quinta-feira! Tudo seguiu uma lógica bem sadia. Se o Espírito houvesse dito àquele homem para que fizesse tal, também teria dito isso ao Sr. Spurgeon. O Espírito Santo sempre age de maneira ordeira.

Trata-se de uma questão extremamente sutil. A natureza de um indivíduo, as suas ambições ou sua preferência por certos ofícios ou trabalhos específicos podem criar nele o desejo de tornar-se pregador; e tal homem persuade a si mesmo de que isso é orientação do Espírito de Deus. Já vi isso acontecer por muitas vezes; e uma das tarefas mais dolorosas, com que se confronta um ministro, consiste em desencorajar a um homem que se avizinha dele com essa atitude. E com que base ele o desencoraja? Existem certos testes que ele deve aplicar, e outro tanto se aplica à Igreja. O que a Igreja busca achar em um homem que se afirma chamado para pregar? É óbvio que ela deve procurar algo de excepcional nele. Naturalmente, ele deve ser um cristão, mas deve haver algo mais, deve haver algo em adição.

O que se deve procurar? Bem, vocês devem estar lembrados como, em Atos 6, mesmo na questão da nomeação dos diáconos, os quais meramente cuidariam de problemas financeiros, bem como da tarefa caridosa de alimentar viúvas, insistiu-se que deveriam ser homens "cheios do Espírito". Essa é a primeira e maior qualificação. Temos o direito de esperar certo grau incomum de espiritualidade, e isso deve ter a primazia devido à natureza mesma da tarefa. Além disso, temos o direito de esperar certo grau de certeza no que tange ao conhecimento da Verdade por parte do candidato, e seu relacionamento com ela. É claro que se ele é homem que vive sempre a braços com problemas, dificuldades e perplexidades, se vive procurando descobrir a verdade, ou sente-se tão incerto que se deixa influenciar sempre pelo último livro que tiver lido, deixando-se arrastar ao redor "por todo vento de doutrina" e por toda nova moda teológica, então é claro, *ipso facto*, que ele não é um homem convocado ao ministério. O homem que vive cercado de grandes problemas consigo mesmo e em estado de perplexidade, sem dúvida, não está apto para ser um pregador, porquanto estará pregando a pessoas com problemas, e sua função primária será ajudá-las a resolverem esses problemas. "Como pode um cego guiar outro cego?" é a pergunta de nosso Senhor diante de tal situação. O pregador, pois, deve ser homem que se caracteriza por uma espiritualidade de elevado nível, homem que já atingiu um seguro e firme conhecimento e compreensão da Verdade, e que sente que é capaz de pregá-la a outros.

O que mais se deseja? Passamos agora a considerar o que comumente se chama caráter. Caráter significa ser caracterizado por uma vida piedosa. Uma vez mais, tudo isso nos é destacado claramente nas Escrituras, por exemplo, na epístola de Paulo a Tito: "Quanto aos moços, de igual modo, exorta-os para que, em todas as cousas, sejam criteriosos. Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras. No ensino, mostra integridade, reverência, linguagem sadia e irrepreensível, para que o adversário seja envergonhado não tendo indignidade nenhuma que dizer a nosso respeito" (Tito 2:6-8). O pregador deve ser um homem piedoso. Mas também deve ser sábio. E não somente isso, mas também deve ter paciência e tolerância. Isso é importantíssimo em um pregador. O apóstolo expressa a questão nestes termos: "Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e, sim, deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente" (II Timóteo 2:24).

Essas são qualificações básicas. Um homem pode ser um bom cristão, e pode ser muitas outras coisas; entretanto, se lhe faltam essas qualidades, jamais poderá ser um pregador. Outrossim, ele deve ser homem que compreenda as pessoas e a natureza humana. Essas são qualidades e características gerais que deveríamos procurar e sobre as quais devemos insistir.

Somente depois de enfatizar tais qualidades é que chegamos à questão das habilidades. Parece-me que uma das tragédias da Igreja moderna é que tendemos por dar às habilidades o primeiro lugar. Isso não deveria ocupar o primeiro lugar, mas somente no estágio em que chegamos. Certamente faz parte do quadro e precisa ter seu devido lugar. Lembro-me de um homem ainda jovem que se aproximou de mim, há muitos anos passados, para dizer-me que tinha plena certeza de haver sido chamado para o ministério. Não somente me disse isso, mas também disse outra coisa que muitíssimo me preocupou. No domingo anterior eu estivera, por acaso, afastado de minha igreja, quando um pregador visitante me substituiu. Meu jovem amigo fora visitar aquele pregador e disse-lhe que se sentia chamado a pregar e a ingressar no ministério; e o pregador visitante, nada conhecendo a respeito do jovem, o encorajara e elogiara, exortando-o para que prosseguisse. O fato real era que o pobre sujeito não tinha capacidade mental necessária para tornar-se um pregador. A coisa era simples assim. Jamais ele teria sido capaz de passar ao menos pelos exames preliminares; e mesmo que ele tivesse passado pelos mesmos por um triz, faltava-lhe a capacidade mental exigida pelo trabalho que já descrevemos. Portanto, precisamos frisar a inteligência e a habilidade naturais. Se um homem tiver de manejar "bem a palavra da verdade", então terá de possuir habilidade. O apóstolo Paulo diz que tal homem deve ser "apto para ensinar". E posto que pregar significa comunicar a mensagem de Deus do modo como temos descrito, o que exige certa relação entre a teologia sistemática e o sentido exato de um texto específico, é óbvio que isso requer certo grau de intelectualidade e habilidade. Portanto, se a um homem falta aquele mínimo básico no que concerne a isso, por certo não foi chamado para ser um pregador.

Em adição a isso, eu acrescentaria o "dom de falar". Aqui, novamente, temos outra coisa que tendemos por certo a olvidar em nossos dias. Esse é o motivo por que tenho ressaltado tanto o ato de pregação, o ato real de falar. O que é um pregador? A primeira coisa, obviamente, é que ele é um orador. Não é, primariamente, um escritor

de livros, não é um ensaísta ou um literato; o pregador é, antes de tudo, um orador. Por conseguinte, se um candidato ao ministério não tem o dom de falar bem, sem importar o que mais possua, jamais será um pregador. Poderá ser um grande teólogo, pode ser um homem excelente para oferecer conselhos e advertências pessoais, além de muitas outras coisas; porém, por definição básica, se um homem não possui esse dom de falar, não poderá ser um pregador.

Posso ilustrar isso, de novo, por meio de um exemplo. Lembro-me do caso de um jovem que era excelente cientista, e que se destacara e continuava se destacando nesse mister que lhe era próprio. Aproximou-se de mim para dizer que tinha a certeza de que era chamado para ser um pregador. Mas imediatamente percebi que ele estava equivocado. Por quê? Não devido a qualquer discernimento espiritual de minha parte, mas simplesmente porque evidentemente ele quase não podia expressar-se numa conversa particular, quanto menos em público. Era homem de grandes habilidades, mas não possuía o dom da comunicação. Não sabia falar desembaraçadamente; mostrava-se hesitante, saltitante e cheio de dúvidas, além de mostrar-se extremamente acanhado em toda a sua maneira de expressar-se. Fiz tudo quanto estava ao meu alcance para impedi-lo de dar prosseguimento ao seu treinamento. Entretanto, ele não quis dar-me ouvidos por estar tão seguro de sua chamada. Tornou-se estudante de teologia, saiu-se muito bem em Oxford, e eventualmente foi consagrado ao ministério. Penso que tenho razão ao dizer que no espaço de sete anos ele passou por nada menos de três igrejas diferentes. E então, em resultado daquela experiência, ele percebeu claramente que jamais fora chamado a pregar. Retornou aos seus estudos científicos e está se saindo muito bem naquele campo. Ali é que ele sempre deveria ter ficado, porquanto lhe faltava aquele dom específico e essencial de falar bem.

Esses pontos específicos se revestem da máxima importância. Falo como alguém que se tem visto a braços com esse problema por tantas vezes, durante os últimos quarenta anos. Seja-me permitido contar uma outra história, que ilustra bem o que estou dizendo. Algumas vezes esse equívoco sobre a chamada não foi feito pelo próprio indivíduo, mas por algum ministro ou ancião que tomou sobre si mesmo a tarefa de sugerir àquele homem que deveria tornar-se um pregador, chegando a exortá-lo e a fazer pressão sobre ele a respeito. Lembro-me bem de certo incidente, ocorrido em um domingo à noite. Eu voltara ao gabinete, após ter pregado, quando um jovem veio ver-me. Ele parecia muito agitado, e eu lhe disse: "Bem, do que se trata? como poderei ajudá-lo?" Ele disse que não queria ocupar muito do meu tempo, mas que só queria saber uma coisa de mim. Conhecia eu algum psiquiatra evangélico? "Bem", respondi, "e por qual razão você precisa entrevistar um psiquiatra evangélico?" Ele respondeu: "Estou em grave perturbação, estou em profunda confusão". Indaguei-lhe qual a causa dessa confusão. Incidentalmente, não devemos enviar um homem a um psiquiatra, a menos que tenhamos a certeza de que ele precisa de tal ajuda; e a minha experiência mostra que a maioria das pessoas que perguntam o nome de algum psiquiatra evangélico, precisam muito mais de ajuda espiritual do que de tratamento psiquiátrico. Entretanto, perguntei àquele jovem: "Por que você precisa ver um psiquiatra?" Novamente ele respondeu: "Sinto-me muito confuso". "E qual é a

causa da sua confusão?", insisti. E ele me contou a sua história. Durante os últimos quinze dias ele estivera freqüentando certa escola que bem recentemente fora aberta para treinar evangelistas. Até então ele viera seguindo sua profissão de padeiro, na parte oeste da Inglaterra. Era dotado de excelente voz de cantor, a qual ele usava para ajudar no trabalho de sua Igreja local. Bem recentemente, houvera uma campanha de evangelização em sua pequena aldeia, e ele fora o solista noite após noite. Terminada a campanha, o evangelista chamou aquele jovem a um lado e lhe disse: "Você não acha que sua chamada é o ministério?" Conversou com ele longamente e, por fim, persuadiu o jovem que realmente deveria dedicar-se ao ministério. Ambos concordaram que ele, naturalmente, precisava de um pouco de treinamento, e o evangelista lhe disse o quão afortunado era ele, já que havia uma escola disponível para ele. Portanto, ele enviara o jovem à nova escola, onde ele ficou por quinze dias. Agora, entretanto, ele vinha falar comigo extremamente perturbado. "Que sucedera?", perguntei eu. "Bem, não posso seguir as aulas", disse ele. "Vejo os outros alunos fazendo anotações, mas eu não sei como fazer anotações." Ele nunca fora um bom leitor, e nunca recebera aulas na forma de preleções, conforme estava sucedendo, e por isso, é claro, estava totalmente confuso. O evangelista lhe dissera que ele era chamado ao ministério, e quem era ele para pôr em dúvida o veredito de um homem daqueles? No entanto, sentia que não podia prosseguir. Sentia-se tão infeliz e tão confuso que fora falar com o diretor da escola; e a primeira coisa que o diretor lhe dissera, ao ouvir a sua história, foi: "Penso que você precisa consultar um psiquiatra". Parece que esse é o conselho quase rotineiro que se dá aos crentes em perplexidade nestes nossos dias. Por essa razão é que aquele jovem estava inquirindo pelo nome de um psiquiatra evangélico. Mas eu lhe disse: "Não penso que você precise consultar um psiquiatra de maneira alguma. O próprio fato que você está perplexo e confuso, sentindo não poder continuar, mostra-me claramente que você voltou ao 'bom senso' novamente, e que você está em estado saudável e tem a mente sã". E acrescentei: "O momento em que você deveria ter consultado um psiquiatra, foi quando deu ouvidos àquele evangelista e ingressou naquela escola. Mas agora você está vendo as coisas como elas realmente são. Volte e retome a sua ocupação de padeiro, e use a voz, o dom que Deus lhe deu, para cantar. Reconheça que você não foi chamado ao ministério e prossiga fazendo o que você pode fazer". Aquele homem literalmente não possuía o equipamento mental necessário, e sabia disso, pois já o vira claramente. Imediatamente sentiu-se aliviado e despediu-se de mim muito alegre. Seguiu os meus conselhos e reiniciou seu valioso e feliz serviço para a glória de Deus, em sua Igreja local.

Estas são as formas mediante as quais a Igreja submete a teste o indivíduo que afirma ter recebido uma chamada. Meu argumento é que Deus opera através do próprio indivíduo e através da voz da Igreja. É o mesmo Espírito que atua em ambos, e quando há acordo e consenso de opinião, então temos o direito de pensar que se trata de um chamamento da parte de Deus. Um homem não nomeia a si mesmo; e nem é guindado ao ministério meramente por pressão da Igreja. As duas coisas correm paralelas. Ambos esses lados têm sido negligenciados. Tenho conhecido a muitos que se têm iludido a si mesmos. Também já conheci muitos casos de indivíduos que foram

empurrados para o ministério, mas que jamais deveriam ter entrado para o mesmo, e tudo por causa de ensinamentos falsos pregados pela Igreja. As duas coisas correm paralelas.

Aqui, pois, está o começo do processo; eis um homem chamado para pregar o Evangelho. Em seguida vem toda a questão do treinamento e da preparação. Não me proponho a entrar fundo na questão que se segue, e nem passar juízo condenatório contra os seminários teológicos, mas há algumas poucas coisas que eu gostaria de dizer de passagem, de modo geral. Minha opinião é que a questão inteira do treinamento para o ministério precisa ser passada em revisão com urgência, porquanto se fazem necessárias mudanças drásticas e radicais. Do que precisa um homem assim, no campo de treinamento? Ele precisa, antes de mais nada e acima de tudo, de certo acúmulo de conhecimento geral e de experiência de vida. Ele é um cristão. Passou pela experiência da conversão. Mas isto, por si só, não basta para equipá-lo como pregador. Isso é verdade no que tange a muitas pessoas que não são chamadas para serem pregadores. Esse homem também necessita de certo tesouro de conhecimentos gerais e de experiências na vida.

Por que estou enfatizando isso? Pela razão que se ele não obteve isso, sua tendência será de ser por demais teórico em sua pregação, por demais intelectual. Provavelmente ele subirá ao púlpito a fim de tratar de seus próprios problemas, e não dos problemas do povo assentado nos bancos, que viera ouvi-lo. No entanto, ele se acha ali a fim de pregar para eles, a fim de ajudá-los, e não a fim de tentar resolver os seus próprios problemas individuais e as suas perplexidades. O modo de nos salvaguardarmos disso é que cada qual tenha seu próprio acervo de conhecimentos gerais e de experiências na vida; e quanto mais, melhor. Há aqueles que dizem, e tendo por concordar com eles, que seria ótimo se todos quantos entram no ministério tivessem alguma experiência preliminar da vida no mundo, em um negócio ou em uma profissão. Eles questionam a sabedoria de um sistema mediante o qual um jovem sai da escola e da universidade e entra diretamente em um seminário, e daí inicia o ministério, sem ter qualquer experiência fora disso. Existe o perigo, no mínimo, de uma abordagem exageradamente teórica e intelectual; de maneira tal que o homem por detrás do púlpito, na verdade, sente-se divorciado da vida do povo que se encontra nos assentos e veio ouvi-lo. Portanto, o conhecimento e a experiência em geral são de inestimável valor.

Por semelhante modo, eu gostaria de enfatizar grandemente a importância do treinamento geral da mente. Todos precisamos contar com uma mente treinada. Podemos possuir um bom intelecto, mas este precisa ser disciplinado. E assim, um bom treinamento geral em qualquer arte ou ciência, naturalmente, é coisa boa, porquanto isso nos ensina como pensar e raciocinar sistemática e logicamente. Ressalto esse fato porque, conforme temos visto, no sermão deve haver esse elemento de raciocínio e progressão do pensamento. A fim de garantir essa finalidade, é mister certo treinamento. Deixar sair da boca determinado número de pensamentos ao acaso, sem que tenham sido postos em ordem, em nada ajuda à congregação; sendo assim, o pregador precisa ter uma mente treinada nesse sentido geral. A forma específica desse treinamento não importa, contanto que produza uma mente

treinada; essa mente treinada, em seguida, pode aplicar-se à tarefa específica do pregador.

Por igual modo, o conhecimento e as informações gerais serão de grande valor ao pregador e à sua pregação. Isso o ajudará a ilustrar e a dar conteúdo às suas mensagens, expostas diante do povo, permitindo que sigam e assimilem a mesma com mais facilidade.

Porém, deixando de lado um treinamento geral, agora desejamos falar sobre um treinamento mais especial. O que se faz necessário nesse particular? Darei apenas um esboço geral e bem amplo. Em primeiro lugar e acima de tudo, deve haver o conhecimento da Bíblia e de sua mensagem. O homem que se mostrar deficiente quanto a isso, jamais poderá ser um autêntico pregador. Tenho frisado "todo o conselho de Deus"; tenho enfatizado o esquema todo e o plano da salvação, e bem assim a importância da "teologia sistemática". Não se pode ter essa teologia sem se ter um completo conhecimento da Bíblia, um conhecimento da Bíblia inteira e sua mensagem. Isso, portanto, faz parte vital desse treinamento.

Qual é o lugar do conhecimento das línguas originais? São de grande valor quando se trata de exatidão; nada mais além disso. Não podem garantir a exatidão, mas promovem-na. Isso faz parte da mecânica da pregação, embora não seja a questão vital, a grande questão; todavia, é importante. O pregador deveria ser acurado, jamais devendo afirmar alguma coisa que qualquer erudito membro da congregação possa mostrar estar errado e baseado em interpretação equivocada. O conhecimento das línguas originais é importante nesse sentido. Nunca nos olvidemos, entretanto, de que o objetivo final do treinamento desse homem é capacitá-lo a pregar, a comunicar a mensagem da Bíblia ao povo — cuja vasta maioria não se compõe de grandes conhecedores dos idiomas originais ou da filosofia. Sua incumbência é transmitir-lhes a mensagem, é "ser compreendido pelo povo". O objetivo de seu treinamento não é torná-lo um estudioso proficiente em questões de lingüística, e, sim, é torná-lo um homem acurado no que assevera.

Coloquei a questão nesses termos porque grande parte do treinamento, nos nossos dias, gasta muito tempo tratando de críticas negativas, manuseando ossos secos, e porque os homens se têm preocupado muito mais com isso do que com a própria mensagem. Eles "perdem de vista a floresta, por causa das árvores", e se esquecem que compete-lhes ser pregadores que transmitam a mensagem ao povo à sua frente, conforme esse povo é. Por conseguinte, caso se percam em gastar todo o seu tempo com questões de crítica — alta crítica e coisas dessa natureza, como a defesa e as respostas certas a ela — e pensem que isso é tudo, então não sabem o que é pregar, e as "ovelhas famintas olham para eles, mas não são alimentadas". Tudo isso faz parte das estruturas, conforme denominarei adiante esses auxílios. Ninguém cessa de construir ao erigir as estruturas; estas são meramente uma medida preliminar para o edifício ser erguido. Ou então, consideremos a coisa em termos de um esqueleto. Um esqueleto é essencial, mas um esqueleto, isoladamente, é uma monstruosidade; precisa ser revestido de carne.

Passemos agora para o estudo da teologia. Trata-se de uma necessidade óbvia, como já tenho afirmado. Não é bastante que um homem deva meramente conhecer as

Escrituras; ele deve conhecê-las no sentido de que possa captar delas a essência da teologia bíblica e possa apreendê-las de maneira sistemática. Também lhe convém estar bem versado em tudo isso, para que toda a sua pregação seja controlada por esse fato.

Em seguida, eu situaria o estudo da história da Igreja. Neste ponto eu gostaria de enfatizar, em particular, a importância de aprendermos o perigo das heresias. Um homem pode ser um bom cristão e ter tido grandes experiências, e daí pode imaginar que nada mais lhe é necessário. Ele possui as Escrituras, ele conta com o Espírito de Deus que nele habita, ele está resolvido a fazer o bem, e assim por diante; e assim, tende por pensar que está suficientemente seguro, e que tudo corre bem. Poderá descobrir mais tarde, entretanto, que está sendo acusado de heresia; e fica atônito e admirado diante de tal coisa. A melhor maneira de nos salvaguardarmos disso é aprendendo algo sobre as heresias — como elas surgiram no passado, geralmente por meio de homens excelentes e conscienciosos. A história mostra-nos quão sutil é toda essa questão, e como muitos homens, aos quais faltou o equilíbrio, ou que não mantiveram a proporção da fé e o inter-relacionamento das várias porções dentro do todo da mensagem, foram pressionados pelo diabo a darem ênfase excessiva a algum *aspecto específico, e com exagero tal que, eventualmente, achavam-se em posição* de contradição direta com a Verdade, tornando-se hereges. Portanto, a história eclesiástica é valiosíssima para o pregador. Não é um privilégio dos acadêmicos. Eu diria que a história eclesiástica é um dos estudos mais essenciais para o pregador, mesmo que apenas lhe mostre esse terrível perigo de escorregar devagarinho para as heresias, ou para o erro, sem dar-se conta do que lhe está sucedendo.

Ao mesmo tempo, o estudo da história da Igreja lhe narrará os notáveis reavivamentos que se têm verificado. Desconheço outra coisa, na minha opinião, que tanto rejubile e ajude, ou que tenha atuado mais freqüentemente como um tônico para mim, do que a história dos reavivamentos. Consideremos a época em que vivemos. Quão desencorajadores são estes nossos dias; tão desencorajadores, de fato, que um homem, mesmo munido da Bíblia aberta, e na qual crê, mesmo contando com a presença do Espírito, por muitas vezes se sente descoroçoado e abatido quase às profundezas do desespero. Não existe melhor tônico, em tais condições, do que nos familiarizarmos com as épocas passadas da história da Igreja que têm sido semelhantes à nossa própria, e ficarmos sabendo como Deus cuidou dessas condições. O pregador é um homem — e espero poder abordar este ponto em preleção subseqüente — que é atacado de muitos lados; e talvez o perigo maior que o ameaça seja o de tornar-se desencorajado e deprimido, sentindo que não pode mais prosseguir. A história eclesiástica e, sobretudo, a história dos reavivamentos, é um dos melhores antídotos para isso.

Lembro-me de haver lido algures, a respeito do romancista francês Anatole France, que ele costumava dizer, sempre que se sentia cansado e abalado pela tendência de ficar deprimido e abatido: "Nunca vou para o interior do país para trocar de ares ou para gozar férias, mas, ao invés disso, sempre vou ao século XVIII". Por muitas vezes tenho dito exatamente o mesmo, embora não com o mesmo sentido em que ele usava essas palavras, naturalmente. Quando me sinto desencorajado, exausto e

esgotado, invariavelmente vou para o século XVIII. George Whitefield nunca me decepcionou. Vamos para o século XVIII! Noutras palavras, leiamos as histórias das grandes marés altas e movimentos do Espírito, experimentados naquele século. Trata-se da experiência mais arrebatadora, do mais excelente tônico que já conheci. Para um pregador isso se reveste de valor absolutamente incalculável; nada existe que se lhe compare. Quanto mais ele aprender, nesse particular, a respeito da história da Igreja, tanto melhor pregador ele será.

Ao mesmo tempo, naturalmente, ele deve, durante esse treinamento, tornar-se afeito às histórias dos grandes homens do passado, dos grandes santos e pregadores. Isso atuará não somente como admirável tônico no caso dele, em períodos de depressão, mas haverá de mantê-lo humilde, quando for tentado ao orgulho e ao espírito de exaltação. Isso é algo igualmente necessário. Quando um homem começa sua carreira de pregador, e tem apenas um ou dois sermões, chega a pensar que é, realmente, um pregador! O melhor tratamento para isso é fazê-lo ler acerca de Whitefield ou Jonathan Edwards, ou Spurgeon, ou acerca de algum outro poderoso homem de Deus. Isso não demora a trazê-lo de volta à terra.

Finalmente, e só em último lugar, a homilética. Para mim, isso se tornou quase uma abominação. Existem livros que exibem títulos como estes: *A Perícia da Construção do Sermão*, e *A Perícia da Ilustração do Sermão*. Para mim, isso é degradação. A homilética apenas entra nestas considerações, nada mais que isso.

Que diremos da pregação propriamente dita, do ato de pregar que venho falando? Só me resta dizer mais uma coisa acerca disso; isso não pode ser ensinado. É algo impossível. Os pregadores nascem feitos, não são fabricados. É questão absoluta. Você jamais conseguirá ensinar um homem a ser um pregador se ele já não for tal. Todos os livros tais como *O A B C da Pregação*, ou *Pregação Facilitada*, deveriam ser lançados no fogo o mais cedo possível. Porém, se um homem nasceu para ser um pregador, então poder-se-á ajudá-lo um pouquinho — mas não muito. Talvez possa ser aprimorado um pouco aqui e um pouco ali.

Como se pode fazer isso? Neste ponto, como é provável, tornar-me-ei um tanto inclinado à controvérsia. Diria eu: Não em uma aula sobre sermonizar, não fazendo com que um estudante pregue um sermão diante de seus colegas, que passem então a criticar a matéria apresentada e os seus métodos. Eu proibiria tal coisa. E por qual razão? Porque um sermão pregado em tais circunstâncias estará sendo pregado com um objetivo errado; e as pessoas que lhe dão ouvidos também fazem-no da maneira errada. Jamais deveríamos escutar a mensagem da Bíblia desse modo. Pois ela será sempre a Palavra de Deus, e ninguém jamais deveria ouvi-la exceto no espírito de reverência e com a piedosa expectação de receber uma mensagem.

Quando se chega a outros refinamentos modernos, como, por exemplo, os vídeo-tapes de televisão, nos quais um homem subseqüentemente vê seus próprios gestos, etc. — então, para mim, tudo isso se torna repreensível em extremo. O mesmo se aplica às instruções sobre a "conduta no púlpito", como lhe chamam, ou a "conduta na televisão". Há só uma palavra para tal sorte de coisa: é o mais deslavado aviltamento, é instrução nas artes de um degradador. O pregador sempre deve ser natural, nunca autoconsciente; e se durante o treinamento, você o fizer tornar-se cônscio de suas

mãos, ou do que faz com a cabeça, ou com qualquer outra porção de seu corpo, então lhe estarão causando um grande mal. Isso nunca deveria ser feito; é algo que deveria ser proibido! Não se pode ensinar um pregador acerca dessas coisas; e sinto que tentar tal coisa é fazer uma injustiça à Palavra de Deus.

Portanto, que deve fazer o jovem pregador? Que ouça a outros pregadores, os melhores e mais experientes. Haverá de aprender muita coisa da parte deles, negativa e positivamente. Aprenderá o que não deve fazer, e aprenderá muito sobre o que deve fazer. Que ouçam aos pregadores! Por igual modo, leiam sermões. Mas certifiquem-se de que foram publicados antes do ano de 1900. Leiam os sermões de Spurgeon, de Whitefield, de Edwards e de todos os gigantes. Esses homens, por sua vez, leram os escritos dos puritanos e foram tremendamente ajudados por eles. Até parece que se nutriam dos puritanos. Pois bem, que o jovem pregador, por sua vez, viva deles, ou talvez que seja conduzido aos puritanos por intermédio deles. Nesta altura — talvez venha a elaborar este ponto mais adiante — quero estabelecer uma grande distinção entre a pregação dos puritanos e a pregação daqueles homens do século XVIII. Eu mesmo pertenço mais ao século XVIII do que ao século XVII; mas acredito que se deva usar os homens do século XVII tal como os usavam os homens do século XVIII.

Assim sendo, qual é o ingrediente principal? Digo que não se trata de nenhum desses artifícios mecânicos, exceto o mínimo possível. O que realmente importa? A coisa principal é o amor a Deus, o amor às almas, o conhecimento da Verdade e a presença do Espírito Santo em nós. Essas são as coisas que fazem de um homem um pregador. Se ele tem o amor de Deus em seu coração, e se ele mesmo tem amor a Deus; se ele possui o amor pelas almas dos homens, e se interessa profundamente por eles; se ele conhece a verdade que há nas Escrituras; se conta com o Espírito de Deus no seu interior, esse homem pregará. Essa é a coisa mais importante. As outras coisas podem ser úteis; mas conservem-nas nos seus devidos lugares, e jamais permitam que elas usurpem qualquer outra posição.

Ao prosseguirmos, a fim de considerar as pessoas para quem esse homem estará pregando, descobriremos ainda outras particularidades em conexão com o treinamento de um pregador.

Capítulo Sete

A CONGREGAÇÃO

Continuamos contemplando, de modo geral, esse quadro de um homem que se põe por detrás de um púlpito e prega a certo número de pessoas. Já consideramos o pregador, o seu chamamento e o que lhe compete realizar, de maneira geral. Agora, ao que me parece, é igualmente essencial que consideremos as pessoas que o escutam, as pessoas assentadas nos bancos. Afinal de contas, ele está pregando para elas; não se encontra ali somente para expressar algumas de suas idéias e opiniões, e nem a fim de expor qualquer tipo de inquirição teórica ou acadêmica sobre os ensinamentos das Escrituras. Ele se acha ali, primariamente, para dirigir a palavra às pessoas que se reuniram a fim de ouvir o que ele tem a dizer-lhes. Isso, pois, levanta a questão da relação entre os bancos e o púlpito, entre aqueles que estão ouvindo e o homem que está pregando. Isso se tem transformado em problema bastante agudo nestes nossos dias, e isso sob uma forma nova. A antiga idéia tradicional desse relacionamento parece estar desaparecendo. Seja como for, isso está sendo questionado e impugnado seriamente, e é claro que se trata de algo vinculado ao último tema que ventilamos, a saber, o treinamento do pregador. É óbvio que o relacionamento entre os bancos e o púlpito por certo afeta o treinamento do pregador, e que assim sucede está se tornando crescentemente patente nesta nossa época.

É cristalinamente claro que o novo fator que entrou na questão é a grande ênfase que hoje em dia se dá aos ouvintes nos bancos. No passado, precisamos admiti-lo, houve demasiada tendência do púlpito ser quase independente dos bancos; e era comum que as pessoas que ocupavam os assentos reverenciassem ao pregador quase ao exagero da idolatria. Você deve estar lembrado da história de uma pobre mulher que saía de uma reunião em uma famosa igreja de Edimburgo, onde um grande e erudito mestre acabara de pregar. No caminho, alguém perguntou dela se havia gostado do sermão; e quando ela respondeu afirmativamente, houve uma segunda indagação: "E você foi capaz de acompanhar o que ele disse?" Ao que ela replicou: "Longe de mim presumir que poderia entender tão grande homem como aquele!" Essa era, com excessiva freqüência, a atitude antiga; mas isso já desapareceu, e não é mais o caso. Estamos em uma nova posição, na qual os ouvintes nos bancos estão insistindo nos seus direitos, procurando mais ou menos ditar ordens ao púlpito.

Essa é uma atitude que se expressa de muitas maneiras diferentes. Eis alguns pareceres a respeito, vindos de diferentes ângulos. Certo escritor, por exemplo, diz: "O mundo está mais carente de bons ouvintes do que de bons pregadores". Isso é uma crítica dirigida aos ouvintes nos bancos. Nota-se que ele sente que o grande problema de hoje é a ausência de bons ouvintes, e não de boa pregação. Entretanto, qualquer que seja a forma específica que assuma essa crítica, a grande ênfase recai sobre o homem moderno e sobre a situação moderna em que vivemos. Eis declarações feitas pelo teólogo holandês Kuitert, da Universidade Livre, de Amsterdam, o qual está se tornando mais e mais popular na Europa. Afirma ele: "Outrossim, a pregação não é

uma ajuda genuína para um cristão que procura encontrar o seu caminho neste mundo de Deus, nesta época e neste lugar". Essa foi a crítica que ele fez contra a teologia tradicional e contra o tipo tradicional de pregação. Ou novamente: "Um grande número de cristãos, convencidos de que a fé e as obras são inseparáveis, são mesmo assim incapazes de descobrir sozinhos como enfocar essa unidade sobre os problemas de nossos próprios dias". Essa é a ênfase atual. Ou, uma vez mais: "Precisamos conhecer os problemas, o que está em jogo em nosso tempo e lugar. É nesse particular, e não em qualquer outro, que a verdade precisa concretizar-se". Observem a constante ênfase sobre o "aqui e agora", sobre "a situação atual", sobre "o homem de hoje". Essa mesma ênfase se pode achar nos escritos de Bultmann, cujo argumento básico em favor do que ele chama de demitizar o Evangelho é que ninguém pode esperar que o homem moderno, com seu pano de fundo científico e com sua atitude científica, venha a crer no Evangelho — a mensagem que ele mesmo afirmava estar ansioso por comunicar a outros — enquanto este estiver atado ao elemento miraculoso, que tal homem acha impossível aceitar. Noutras palavras, como vemos, aquilo que o homem moderno pode "aceitar" torna-se o fator determinante. Trata-se da mesma conversa que diz que "o homem tornou-se adulto", além de outros característicos chavões modernos.

Examinemos algumas das maneiras pelas quais essa atitude tende por manifestar-se. Ela se manifesta em sua abordagem para o que poderíamos chamar de "povo comum". Dizem-nos que nesta nossa época o povo comum não pode raciocinar e nem seguir declarações que contenham raciocínios, porquanto estariam tão acostumados a atitude e mentalidade produzido pelos jornais, televisão e cinema que são incapazes de seguir um raciocínio apresentado na forma de argumento. Portanto, precisamos oferecer-lhes filmes e "slides", contratando artistas da tela para falar-lhes, cantores populares para lhes dirigirem suas canções e breves discursos e "testemunhos", com uma ou outra palavra do Evangelho interposta. "Crie uma atmosfera", é o que está na moda, e então acrescente uma bem breve palavra do Evangelho, no fim.

Uma outra forma assumida por essa atitude consiste em dizer que essa gente não pode compreender a terminologia bíblica, que falar sobre "justificação", "santificação" e "glorificação" é algo sem significado para eles. Precisaríamos perceber que estamos vivendo em uma era "pós-cristã", e que esse é o mais formidável obstáculo à pregação nestes nossos dias, a saber, que as pessoas não entendem os nossos vocábulos. Essas palavras lhes parecem arcaicas, não são modernas, não estão atualizadas. O resultado é essa grande sede moderna por novas traduções da Bíblia na linguagem familiar de todos os dias, nas quais Deus não é mais tratado por "Senhor", mas com um simples "você". Isso, dizem-nos, é importantíssimo, pois quando o homem moderno ouve uma linguagem mais elevada, é-lhe quase impossível continuar ouvindo o Evangelho, quanto mais dar-lhe crédito. Portanto, temos de modificar a nossa linguagem, e fazemos isso nas nossas traduções modernas das Escrituras, como também nas nossas orações, bem como em nosso estilo geral de pregação e em todas as nossas atividades religiosas. É assim que essa atitude moderna referente aos ouvintes nos bancos que procuram controlar o púlpito, está se manifestando no tocante ao indivíduo comum.

Então, quando voltamos nossa atenção para os intelectuais, asseveram que atualmente eles são donos de uma nova atitude científica, que aceitam a teoria da evolução e toda aquela perspectiva científica que torna impossível um mundo tridimensional, etc., e que, por conseguinte, devemos deixar claro para eles que a Bíblia aborda exclusivamente questões de salvação, de vida e experiência religiosa. Se deixarmos de demonstrar que a Bíblia e a natureza (conforme ela é exposta pelos cientistas) são complementares e igualmente autoritativas como formas de revelação, então estaremos ofendendo esses modernos intelectuais, e eles nem ao menos darão atenção ao Evangelho. Portanto, devemos deixar de falar, da maneira como fizemos no passado, acerca da origem do mundo e do homem, acerca da queda no pecado e acerca de milagres e intervenções sobrenaturais na história, e precisamos concentrar todo nosso esforço exclusivamente nessa mensagem religiosa. Naturalmente, nada há de novidade em tudo isso; Ritschl já dissera tudo isso cem anos atrás. Mas agora essas idéias voltaram mascaradas com uma nova forma.

Uma outra particularidade que vem sendo crescentemente ressaltada é que temos de entender que o homem moderno, desse tipo intelectual, é sofisticado, que ele pensa em termos da literatura moderna, da arte moderna, do vestuário moderno, dos romances, e assim por diante, e que a menos que lhe falemos nesse novo idioma, que lhe é tão familiar, provavelmente não produziremos sobre ele qualquer impacto. Precisamos entender que essas coisas é que estão controlando a sua maneira de pensar. Tivemos extraordinária ilustração concernente a essa atitude há poucos meses passados, nos comentários sobre um livro, em um periódico religioso da Inglaterra. O escritor terminou o seu comentário dizendo que se todos os pregadores lessem aquele livro surgiria uma nova esperança para a pregação, porquanto aquele volume haveria de induzir os pregadores a tomarem consciência de que suas noites de sábado seriam mais proveitosas se passadas a ver o que se chama de "Teatro Noturno do Sábado", pela televisão. Vendo o "Teatro Noturno do Sábado", os pregadores acabariam conhecendo e compreendendo a mentalidade, as atitudes e a gíria do homem moderno; e, dessa maneira, estariam melhor qualificados para pregar a esse homem moderno no domingo! Assim sendo, dessa maneira é que o pregador deveria preparar-se para o domingo — não mais em oração e meditação, mas vendo o "Teatro Noturno do Sábado" e procurando entender a "mentalidade moderna".

Uma outra forma assumida por essa maneira de pensar consiste em destacar o fato que o moderno homem sofisticado sente aversão particular pelas assertivas dogmáticas, e que não mais tolerará os antigos pronunciamentos dogmáticos feitos do púlpito. Ele é um homem erudito, e não lhe podemos falar como se ele fosse "inferior"; está no mesmo nível do homem no púlpito, e talvez até lhe seja superior. Acredita em examinar as coisas de modo cuidadoso, racional e científico, considerando diversos possíveis pontos de vista. De fato, recentemente li um apelo, feito em uma revista pertencente a uma organização estudantil evangélica, no sentido de que aquilo que o púlpito deveria estar fazendo na atualidade seria ler breves porções bíblicas, preferivelmente das novas traduções, fazer alguns esparsos comentários, e então convidar as pessoas para entrarem em debate e fazerem perguntas. Dessa maneira, pois, teríamos "cultos inteligentes", ao invés de termos um único homem de

pé atrás do púlpito a impor a lei, por assim dizer, e a ditar ao povo "todas as coisas a respeito dela". A participação do povo que está nos bancos seria algo essencial. Por conseguinte, o homem no púlpito encontrar-se-ia ali tão-somente para ler as Escrituras de maneira lenta e inteligível, e isso de acordo com essas diferentes traduções, para que em seguida houvesse oportunidade de debate. Troca de pontos de vista, confrontação, diálogo, estão na ordem do dia!

E então no nível prático, no que toca ao treinamento de ministros, essa nova atitude se transmuta no que se segue. Existem aqueles que afirmam que um homem não está verdadeiramente apto para pregar a uma comunidade industrial, a menos que ele mesmo tenha alguma experiência de trabalho em uma fábrica. Tem havido propostas sérias no sentido que todos os pregadores, ao terminarem o seu treinamento acadêmico, deveriam ir trabalhar em alguma fábrica, digamos, pelo espaço de seis meses, a fim de poderem entender a perspectiva e a mentalidade dos operários de fábrica. Os pregadores deveriam compreender a linguagem daqueles homens e como eles se exprimem; porquanto lhes é quase impossível pregar a tais pessoas a menos que tenham a mesma experiência deles.

Eis aí, expus essa posição em linhas gerais, conforme ela se expressa mais comumente. Que devemos dizer diante dessas coisas? Até que ponto os bancos devem controlar o púlpito? Assevero que essa nova maneira de pensar sobre essas questões labora em erro total, e pelas razões que passo a expor. Permita-me dividir as minhas respostas em duas categorias, geral e mais particular. Ela está em erro, de modo geral, antes de tudo, porque está errada de fato, porque está errada em confronto com a experiência. Está errada em toda a sua compreensão psicológica sobre a situação.

Quero agora elaborar a resposta. Nunca me esquecerei — e relato novamente aqui o caso porque penso que o mesmo ajuda a esclarecer o ponto — nunca me esquecerei de haver pregado, há cerca de vinte e sete anos passados, numa capela da Universidade de Oxford, certo domingo pela manhã. Eu pregara exatamente da mesma maneira que teria pregado em qualquer outro local. No momento em que a reunião foi encerrada, e antes mesmo que eu tivesse tido tempo para descer da plataforma, veio correndo para mim a esposa do diretor, para dizer-me: "Quer saber de uma coisa? Essa foi a coisa mais notável que já sucedeu nesta capela". Eu perguntei: "O que a senhora quer dizer?" "Bem", retrucou ela, "você sabia que foi, literalmente, o primeiro homem que eu ouvi nesta capela que pregou para nós como se fôssemos pecadores?!" Então ela acrescentou: "Todos os pregadores que têm vindo aqui, por ser uma capela da Universidade de Oxford, obviamente têm tido cuidados especiais para preparar sermões polidos e intelectuais, supondo que todos somos grandes intelectos. Para começar, os pobres sujeitos deixam entrever que eles mesmos não são grandes intelectos, embora se tenham esforçado ao máximo para apresentar o último grama de erudição e cultura, e o resultado é que vamos embora absolutamente famintos e sem qualquer reação. Temos ouvido aqueles ensaios, e nossas almas foram deixadas ressequidas. Parece que eles não compreendem que, embora vivamos em Oxford, nem por isso deixamos de ser pecadores". Ora, essa foi uma declaração dos fatos, feita por uma dama altamente inteligente, esposa do diretor da universidade.

Lembro-me de certo pregador, um bom homem que fizera um bom trabalho em

uma igreja situada numa área operária. Depois ele fora convidado para ser pastor de uma igreja suburbana de outra cidade. Recordo-me de haver notado, após algum tempo — quando ele veio numa reunião do presbitério ao qual eu pertencia — que aquele homem começava a parecer cansado e tenso; conversei com ele a respeito disso. Na conversa ele admitiu que se sentia extremamente tenso e cansado. E eu lhe disse: "Pois bem, do que se trata? Você tem bastante experiência, tem trabalhado por certo número de anos naquela outra igreja, onde foi bem-sucedido". "Ah, é que agora", disse ele, "eu tenho uma espécie diferente de congregação. Agora tenho de pregar a pessoas que vivem nos subúrbios chiques". Algumas daquelas pessoas são profissionais, outras são negociantes bem-sucedidos que se mudaram dos apartamentos encima das lojas para os bairros residenciais. E ali estava aquele pobre homem, procurando produzir grandiloqüentes sermões intelectuais para aquela gente, que ele aquilatara naqueles termos. A realidade dos fatos, segundo eu soube, é que aquela gente começava a queixar-se da sequidão das pregações dele. Não era isso o que eles queriam. De fato, pouca hesitação mostro ao dizer que o pobre sujeito finalmente matou-se, devido à sua errônea atitude para com a pregação. Sua saúde ficou abalada e ele faleceu com idade comparativamente jovem. Não era aquilo que aquela gente desejava, nem era o de que precisavam e que aguardavam da parte dele.

Em seguida, pensemos sobre essa conversa acerca da incapacidade das pessoas de hoje ouvirem sermões, sobretudo longos sermões, de modo geral. Há um ano atrás eu me achava enfermo; e naquela época recebi um bom número de cartas. A carta que sempre me parecerá mais cara além de todas, é a seguinte. Mas antes devo dizer que, de acordo com os padrões modernos, minhas idéias sobre a pregação estão todas equivocadas; tendo por mostrar-me longo — quarenta e cinco minutos, mais ou menos — e por certo não passo o meu tempo narrando estórias! Entretanto, a carta que tanto prezo me foi enviada por uma menina de doze anos de idade, que escrevia em seu próprio nome e no de seu irmão, sem que seus pais de nada soubessem, dizendo que estavam orando pela minha recuperação e esperando que em breve eu pudesse reocupar o púlpito. Então, ela ofereceu-me a razão para tanto, razão essa que muito me alegrou. Ela dizia: "Porque o senhor é o único pregador que podemos entender". De acordo com as idéias e teorias modernas, não sou um pregador fácil, ensino em demasia e há excessivo raciocínio e argumentação em meus sermões. Já ouvi dizer que certas pessoas nunca levam seus amigos recém-convertidos para me ouvirem, e nem aconselham a quem pareça estar sob convicção de pecado para que me venha ouvir. Dizem que isso seria dose demasiada para tais pessoas, que elas não seriam capazes de me acompanhar, e assim por diante. Mais tarde, talvez, mas não naquele estágio inicial. No entanto, eis aí uma criança que afirmava: "O senhor é o único pregador que podemos entender". E estou certo de que ela está com a razão!

Mas, reforçando ainda mais esse ponto, com freqüência tenho passado pela experiência de conhecer pessoas que se converteram, passaram a freqüentar a igreja e nela cresceram, para tempos depois virem a mim a fim de contar-me o que lhes sucedera. O que têm dito com freqüência é: "Quando começamos a freqüentar a igreja, na realidade não compreendíamos muito do que o senhor estava falando". Então lhes tenho perguntado por qual razão continuavam a freqüentá-la, e por muitas e muitas

vezes tenho obtido a resposta seguinte: "Havia algo em toda a atmosfera que nos atraía, fazendo-nos sentir que tudo estava certo. Isso nos fazia voltar, e gradualmente, começamos a descobrir que estávamos absorvendo a verdade inconscientemente. Ela começou a fazer sentido mais e mais para nós". Essas pessoas não entendiam os meus sermões tanto quanto outras, mas entendiam alguma coisa, e isso lhes era de grande valor. E elas continuaram a crescer em seu entendimento até o ponto que, agora, são capazes de desfrutar da reunião inteira, da mensagem toda. Essa é uma experiência bem comum; pessoas de diferentes níveis parecem ser capazes de extrair, sob a influência do Espírito, aquilo de que precisam, aquilo que lhes é útil. Essa é a razão por que se pode pregar para uma congregação mista, de intelectos, entendimentos, conhecimentos e cultura variegados, em que todos podem obter da pregação algum benefício.

Acresça-se a isso o fato que essa moderna idéia se vê inteiramente refutada pela tradição dos séculos. Não somos as primeiras e as únicas pessoas que têm vivido no mundo. Tendemos por falar como se assim fosse, ou como se fôssemos alguma raça especial e peculiar. Mas não é verdade, porquanto neste mundo sempre haverá esses diferentes tipos de pessoas. Eis o que Lutero tinha a dizer sobre a questão: "Um pregador", disse Lutero, "deveria possuir a aptidão para ensinar de maneira simples, completa e clara àqueles que não têm boa instrução; porquanto ensinar é mais importante do que exortar". E então adicionou: "Quando prego, não levo em conta nem doutores e nem magistrados, acerca dos quais tenho mais de quarenta na minha congregação. Toda a minha atenção está focalizada sobre as empregadas e as crianças. E se os eruditos não estão satisfeitos com o que ouvem, bem, a porta está aberta". Sem dúvida, essa é a atitude correta. Alguns "doutores e magistrados" talvez sintam que o pregador, no púlpito, não lhes está dando atenção suficiente. Mas o pregador sábio focaliza a sua atenção sobre as empregadas e as crianças. E se algum grande erudito pensar que não está obtendo coisa alguma, nesse caso estará se condenando a si mesmo. E estará condenando a si mesmo no sentido que não é dotado de mente espiritual, que não é capaz de absorver a verdade espiritual. Vive tão "inchado" e repleto do seu próprio conhecimento intelectual que se esqueceu de que tem coração e alma. Ele estará se condenando a si mesmo, e se porventura afastar-se, bem, ele será o perdedor. Naturalmente, neste caso estou supondo que o pregador esteja realmente pregando a Palavra de Deus!

Desejo reforçar o que digo narrando um incidente que aconteceu em minha experiência, mui estranhamente, uma vez mais na Universidade de Oxford. Fui convidado a pregar em uma missão da Universidade nos idos de 1941. Coube-me por sorte pregar no domingo à noite, no primeiro culto realizado por aquela missão, no famoso púlpito de John Henry Newman — posteriormente cardeal Newman — na Igreja de Sta. Maria, onde este pregava no tempo em que ainda se achava na Igreja na Inglaterra. Naturalmente, tratava-se, acima de tudo, de uma congregação de estudantes. Preguei para eles como teria pregado em qualquer outro local. Fora combinado e anunciado que se as pessoas tivessem perguntas a fazer, lhes seria dada a oportunidade para isso contanto que se retirassem para outro edifício atrás do templo após a reunião. Assim, o capelão e eu fomos para lá, esperando encontrar

algumas poucas pessoas. Mas descobrimos que o lugar estava repleto. O capelão tomou seu assento e indagou se havia quaisquer perguntas. Imediatamente um jovem, assentado na fila de cadeiras da frente, levantou-se. Depois descobri que ele estava estudando advocacia e era um dos principais oficiais da famosa União da Sociedade de Debates da Universidade de Oxford, onde futuros estadistas, juízes, causídicos e bispos com freqüência aprendem a arte de falar em público e de debater. Suas próprias vestes e posição corporal deixavam entrever quem ele era. Levantou-se e disse que tinha uma pergunta a fazer; e passou a formulá-la com toda a graça e a polidez características de um hábil polemista. Fez alguns elogios ao pregador e disse que muito apreciara o sermão; mas que havia certa grande dificuldade e perplexidade que ficara em sua mente, em resultado do sermão. Na realidade ele não podia ver porque aquele sermão, ao qual ouvira com prazer, e que admitia ter sido bem construído e apresentado, não poderia ter sido pregado igualmente bem diante de uma congregação de homens do campo, ou de qualquer outro grupo. Imediatamente ele se sentou. O grupo todo prorrompeu em gargalhadas. O presidente voltou-se para mim, para que eu apresentasse minha réplica. Levantei-me e expus o que sempre tem sido minha resposta ante tal atitude. Respondi que estava muito interessado na indagação, mas que na realidade não podia ver a dificuldade do inquiridor; porque, confessei francamente que, embora eu fosse tomado por um herege, até aquele momento vinha considerando os estudantes, e até mesmo os já graduados pela Universidade de Oxford, como quem não passava de pessoas comuns e como miseráveis pecadores, iguais a qualquer outra pessoa, mantendo o ponto de vista que suas necessidades eram precisamente as mesmas que as dos agricultores e as de quaisquer outras pessoas. Pregara como o fiz deliberadamente! Isso, novamente, provocou nova explosão de gargalhadas, e mesmo de vivas; mas o importante é que eles apreciavam o que eu dizia, e me deram a maior atenção possível daí por diante. De fato, foi em resultado disso que fui convidado para o debate ao qual já fiz alusão em preleção anterior, contra o famoso Dr. Joad, da União de Oxford. Não existe falácia maior do que pensar que se faz necessário algum tipo especial de Evangelho para tipos especiais de pessoas. Isso é inteiramente contrário ao claro ensino bíblico; e também é contradito pelo que lemos nas biografias de todos os grandes pregadores como Whitefield, Spurgeon, e as crônicas sobre evangelistas como D. L. Moody. Eles nunca reconheceram essas falsas distinções, e seus ministérios foram uma bênção para todas as categorias de pessoas — intelectuais, sociais, etc.

Em terceiro lugar, essa idéia moderna na verdade se alicerça sobre um raciocínio falso. E isso para mim, reveste-se da maior importância. Supõe ela que a dificuldade e o empecilho, para o homem moderno, aquilo que o impede de crer no Evangelho, é quase inteiramente uma questão de linguagem e de terminologia, aquilo que é descrito hoje em dia, de forma grandiloqüente, como "o problema da comunicação"! Essa é a razão por detrás de muito dessa maneira de pensar.

Apresso-me a ajuntar que concordo inteiramente em que sempre devemos procurar as melhores traduções possíveis. Não podemos ser obscurantistas quanto a essas questões. Que tenhamos nas mãos o melhor que os tradutores nos possam dar. Mas não é essa a questão real por detrás da idéia que agora chamemos Deus pelo

pronome "você" ao invés de "Senhor", se tivermos de "comunicar" o Evangelho ao homem moderno. A suposição básica, por detrás desse modo de pensar, é que o motivo pelo qual as pessoas não acreditam em Deus, nem Lhe fazem orações e nem aceitam o Evangelho, é a linguagem arcaica da versão tradicional; e então, se esse defeito for corrigido, a situação inteira se modificará, e o homem moderno será capaz de crer nessas coisas. A resposta simples a tudo isso é que sempre as pessoas acharam estranha essa linguagem. A resposta ao argumento que as pessoas desta era pós-cristã não entendem termos como "justificação", santificação" e "glorificação" consiste, simplesmente, em fazer-se uma outra pergunta. Quando foi que as pessoas os entenderam? Quando foi que o incrédulo compreendeu essa linguagem? A resposta é: Nunca! Esses termos são peculiares ao Evangelho, pertencem-lhe de modo especial. Nossa tarefa, na posição de pregadores, é mostrar que nosso Evangelho é essencialmente diferente, e que não estamos falando sobre questões comuns. Precisamos enfatizar o fato que estamos falando sobre algo singular e especial. Precisamos guiar as pessoas para que esperem justamente isso; e, portanto, devemos asseverar tal fato. Temos a incumbência de ensinar ao povo qual o significado desses vocábulos. Não são as pessoas que decidem e determinam o que deve ser pregado, e de que maneira: nós é que possuímos a Revelação, a Mensagem, e precisamos torná-la compreendida. Foi com base nesse grande princípio que trabalharam os grandes reformadores protestantes. Por esse motivo produziram suas novas traduções; eles queriam, conforme colocaram a questão, que a mensagem fosse "compreendida pelo povo". Existe toda a diferença no mundo entre o fato de um homem não entender latim e o fato de não compreender os vocábulos vinculados à salvação, como a palavra "justificação". Sempre será justo que a Bíblia e a pregação devam ser na linguagem nativa de qualquer povo ouvinte, mas isso ainda deixa sem solução o problema de compreender a terminologia especial acerca da salvação. Ora, essa é a tarefa especial da pregação. Não podemos esperar que as pessoas entendam esses termos sem qualquer explanação; a finalidade mesma da pregação é conferir-lhes esse entendimento. "Ora, o homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente" (I Coríntios 2:14). Bem faríamos em escutar as palavras do professor J. H. S. Burleigh, em suas Preleções Croall, acerca da filosofia de Agostinho, e, mormente, sobre a obra de Agostinho, *A Cidade de Deus*. Citando Agostinho, afirma ele:

> Se Moisés estivesse vivo, eu me apegaria a ele e lhe indagaria e rogaria que desvendasse essas coisas para mim. Ofereceria meus ouvidos corporais aos sons que se derramassem de sua boca. Porém, se ele falasse em hebraico, em vão as suas palavras feririam meus órgãos de audição. Jamais chegariam à minha mente. Mesmo que ele falasse em latim, suas palavras porventura chegariam ao meu entendimento?

O professor Burleigh continuou, dizendo:

> No *De Magistro*, Agostinho analisou o complexo processo da comunicação da verdade de uma mente para outra. Além do processo físico de falar e de ouvir, também é mister que funcione o processo espiritual. As palavras, quer faladas quer escritas, são auxílios mecânicos indispensáveis para

> que haja entendimento, mas não são a causa do entendimento. São símbolos que indicam a verdade, a qual só é apreendida porque a mente possui seu próprio mestre interior, identificado com Cristo, o qual é a própria Verdade, e que fala ao ouvido interior.

Muitos daqueles que alegam concordar com isso na teoria, parecem inteiramente esquecidos do fato na prática.

Meditemos agora sobre aquele outro argumento falso, o de que precisamos saber a condição exata das pessoas, antes de lhes podermos pregar verdadeiramente, e que, por tal motivo, o pregador deveria primeiro trabalhar por seis meses em uma fábrica, a fim de poder pregar com eficácia aos operários de fábrica. Para mim, esse é o argumento mais monstruoso e falaz de todos, porquanto, se ele expressa uma verdade e se for levado à sua conclusão lógica, então jamais terminará o treinamento do pregador, porquanto, se alguém tiver de pregar para os alcoólatras, terá primeiro de passar seis meses nos bares, etc., e terá de gastar seu tempo para que experimente todas as profissões, atividades e departamentos, passando seis meses em cada um deles. Então, e somente então, estará pronto para pregar ao público. A idéia inteira, afirmo, é ridícula, pois, se seguirmos esse argumento e suposição, jamais poderemos pregar a congregações mistas e gerais. Teríamos de contar com um culto para uma determinada congregação, a dos não-intelectuais; e então contaríamos com outro culto especial para os intelectuais; e além disso, também teríamos de contar com outro, para os intermediários. Além disso, teríamos de ter reuniões especiais para os diferentes níves de idade, para os operários de fábrica, para os profissionais liberais, e assim indefinidamente. O resultado seria que estaríamos dividindo e pulverizando em minúsculas partículas as nossas congregações; nunca teríamos um ato de adoração da parte do público comum, e nem nunca seria pregado um sermão, sob hipótese alguma. Tivessem os pregadores de se dividirem dessa forma, e o seu trabalho seria interminável. Seja como for, seria algo totalmente prejudicial para aquele grande princípio fundamental do Novo Testamento, de que somos todos um: "... onde não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre". E adiciono aqui que não pode haver intelectual nem não-intelectual, operário de fábrica, profissional liberal, ou qualquer outra espécie de pessoa. Somos todos iguais no pecado, no fracasso, no desespero, na necessidade que todos temos do Senhor Jesus Cristo e de Sua grande salvação.

Permita-me colocar a coisa nestes termos. Tendo passado a primeira porção de minha vida adulta como médico, por muitas vezes fiquei interessado na diferença entre o trabalho de um médico e o trabalho de um pregador. Naturalmente, há vários pontos de semelhança, mas também há uma diferença essencial que se destaca da maneira seguinte. De que maneira o médico trata com os seus pacientes? Bem, a primeira coisa que ele faz é solicitar de um paciente que relate seus sintomas e suas dificuldades — suas dores e mal-estares, onde se fazem sentir, por quanto tempo já se manifestam, como tudo começou, se porventura tem havido modificações, etc. Toda essa descrição precisa ser feita em minúcias. O médico toma conhecimento exato da história do paciente, e então indaga acerca da sua vida anterior, desde a meninice. Tendo feito isso, passa a indagar sobre a história da família, porquanto isso pode

lançar considerável luz sobre qualquer enfermidade em particular. Existem doenças hereditárias e de família, além de predisposições que atingem famílias quanto a certas enfermidades, e, por isso mesmo, a história clínica da família é extremamente importante. Tendo-se certificado desses fatos, o médico passa a fazer seu próprio exame físico do paciente.

Ora, sem esse conhecimento detalhado, específico, especial e pessoal do paciente, o médico não pode realizar o seu trabalho; e é neste particular, insisto, que há tão marcante contraste entre o trabalho de um médico e o de um pregador. O pregador não precisa conhecer esses fatos pessoais a respeito de sua congregação. E esse é um ponto, aliás, que também aparece numa outra conexão, a saber, no ato de prestar testemunho cristão nas campanhas de evangelização. Alguns vinculam uma excessiva importância a isso, e argumentam que se alguém ouvir de alguma outra pessoa a sua própria história, a qual contém o seu pecado ou fraqueza particular, e como foi libertado disso por meio da "aceitação de Cristo", então aquele alguém receberá ajuda. A grande diferença consiste no seguinte: o pregador não precisa saber desses detalhes. E por que não? Porque sabe que todas as pessoas que estão à sua *frente padecem da mesma enfermidade, que é o pecado* — cada uma delas. Os sintomas poderão variar de modo espantoso de caso para caso, mas a tarefa do pregador não consiste em medicar os sintomas, e, sim, tratar da doença. O pregador, por conseguinte, não deveria mostrar-se excessivamente interessado pelas formas particulares assumidas pelo pecado.

Surge o mesmo ponto, e também com igual importância, quando o pregador entrevista pessoas em seu gabinete, no fim do culto. Algumas pessoas entrarão para conversar com ele, e ele descobrirá que, quase invariavelmente, elas desejam falar a respeito de algum pecado em particular. Parecem ter o sentimento, pelo menos algumas delas, de que se ao menos pudessem libertar-se desse problema, tudo iria bem. Mas é justamente nesse particular que o pregador tem de possuir pulso forte para corrigi-las. Precisamos mostrar-lhes que, embora elas se livrem daquele pecado específico, ainda continuam em grande necessidade, tanto quanto antes, e que a questão da salvação não consiste somente em nos livrarmos de problemas particulares, e, sim, de pôr o "homem inteiro" em correta relação com Deus.

Portanto, o pregador não precisa saber desses fatos detalhados e particulares sobre as pessoas, porquanto sabe que existe essa necessidade geral e comum. Faz parte vital da pregação reduzir todos os ouvintes a esse denominador comum. O pregador tem de mostrar ao fariseu auto-satisfeito que a sua necessidade é terrivelmente urgente, que ela é tão grande como a do publicano, se não mesmo maior. Ele precisa mostrar ao grande intelectual, que se jacta de seu conhecimento e de sua compreensão, que ele é culpado de orgulho intelectual, que é um dos piores dentre todos os pecados, muito pior do que muitos dos pecados da carne. Ele precisa desmascarar esse orgulho do homem que confia em si mesmo, em sua erudição e em seu conhecimento. Ele precisa humilhar, por meio de sua mensagem, àquele indivíduo que vem ouvir mais como um inspetor e juiz, do que como um pecador. É necessário convencê-lo de pecado, é mister que seja levado a reconhecer sua terrível necessidade. E assim, o pregador se acha numa posição tal que não precisa penetrar

nessas diversas secções, graus e divisões da sociedade. Ele conhece o problema do operário de fábrica, ele conhece o problema do profissional liberal; porquanto tal problema é exatamente o mesmo. Um deles pode embebedar-se com cerveja, e o outro com vinho, digamos assim, mas a verdade é que ambos são alcoólatras; um deles pode pecar vestido de trapos, e o outro vestido em trajes finos, mas ambos pecam. "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus." "Não há justo, nem sequer um." "Todo mundo seja culpável perante Deus."

Essa abordagem moderna se fundamenta sobre um raciocínio totalmente falso. De fato, em última análise se deve a uma teologia errônea. Baseia-se no fracasso de perceber a verdadeira natureza do pecado, e que o problema é o pecado, e não os pecados em geral, e que as especializações nas formas e manifestações específicas do pecado são coisas irrelevantes e principalmente um desperdício de tempo. A história da Igreja e de sua pregação através dos séculos confirma esse argumento. Aos casos específicos a pregação geral do Evangelho é aplicada de uma maneira particular pelo Espírito Santo. Homens e mulheres são levados a ver sua necessidade comum e fundamental, e se convertem e são regenerados da mesma maneira e pelo mesmo Espírito. Por essa razão, convivem na mesma Igreja; e se sentirem que não podem fazê-lo, e não o fazem, bem, nesse caso, não estão regenerados. Tudo se resume nisso. Se algum deles sentir que está sendo negligenciado, em face de seu profundo intelecto, isso somente mostra que se caracterizam por fundamental falta de humildade; não foram humilhados como deveriam ter sido. A glória da Igreja é que ela consiste em todos os tipos e espécies, de todas as variedades e variações possíveis da humanidade; e no entanto, porquanto todos compartilham dessa vida comum, são capazes de participar juntos da mesma pregação e de desfrutá-la.

Eis o caso em linhas gerais. Mas posso imaginar que determinada indagação está sendo levantada nesta altura. "Que dizer acerca do trecho de I Coríntios 9:19-23?" Paulo, ao descrever o seu próprio ministério, assevera:

> Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele.

Essa é uma passagem altamente relevante. Vista superficialmente, poderia parecer a justificação de muito da argumentação destes nossos dias, que sugere que os ouvintes nos bancos deveriam, realmente, controlar o púlpito. À primeira vista, parece que o apóstolo está dizendo que aquilo que fazia era determinado pelas pessoas para quem ele falava.

Como tratamos dessas coisas? Não há que duvidar que o apóstolo abordava

principalmente aqui a sua conduta e o seu comportamento geral, e não tanto sua pregação propriamente dita; mas acredito que, ao mesmo tempo, ele também tratava sobre o método ou modo pelo qual expunha a Verdade. Por certo é possível chegarmos a determinadas conclusões. Esse apóstolo, dentre todos os apóstolos — mas também era uma verdade no que toca a todos os outros — por certo não quis dizer que o conteúdo de sua mensagem variava de acordo com o povo ouvinte. Ele alude aqui apenas à forma de apresentação. Porém, quando abordamos essa questão da apresentação — que é a nossa preocupação por enquanto — no que consiste o ensino? É óbvio que temos aqui um claro ensino que redunda no fato que, na qualidade de pregadores, devemos ser flexíveis: não podemos ser tradicionalistas e legalistas. Há algumas pessoas cujo deleite parece ser usar frases arcaicas; e se alguma outra pessoa não se utiliza delas, parece àquelas que estas últimas não estão pregando verdadeiramente o Evangelho. São escravos de certas frases. Tenho observado alguns jovens que, após terem sido impelidos por um novo interesse, digamos, pelos puritanos, começam a falar e a escrever como se vivessem no século XVII. Isso é totalmente ridículo. Usam de frases que eram correntes e comuns naquela época, e chegam a tentar assumir o tipo de postura e aparência que imagino caracterizava os puritanos, mas que não mais caracteriza os cristãos de hoje em dia; e se tornam afetados com certos maneirismos. Tudo isso é algo inteiramente errôneo.

Não nos devemos interessar pelo que é incidental, pelo que pertence ao que é temporário e passageiro na religião; mas devemos estar interessados nos princípios básicos, nas coisas de valor permanente. E sem dúvida é disso que o apóstolo estava falando. Ele tivera de combater acirradamente por causa de toda essa questão. No capítulo anterior da epístola, Paulo vinha tratando da questão referente às carnes oferecidas aos ídolos. Também trata do mesmo problema na epístola aos Romanos, capítulo 14. As pessoas estavam agrilhoadas a tradições pertencentes ao seu estado inconverso, e estavam genuinamente perturbadas devido a esses assuntos. Os crentes judeus estavam perturbados, como também o estavam alguns crentes gentios, acerca de carnes que haviam sido oferecidas aos ídolos e acerca de algumas outras questões. O que o apóstolo assevera repetidamente é que, ao mesmo tempo em que nos devemos aferrar ao que é essencial, devemos ser elásticos no tocante às coisas não-essenciais. E ele qualifica isso por estar preocupado com "o irmão mais fraco". Não devemos pisotear a consciência tenra de tal irmão, mas antes, devemos procurar ajudá-lo, devendo até mesmo cessar de praticar coisas legítimas por si mesmas, se porventura elas ofendem a um nosso irmão. E diz o apóstolo: "E por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo". "Consciência, digo, não a tua propriamente, mas a do outro", e assim por diante. Porém, o que ele diz, e isso de modo bem claro e franco, é que não podemos permitir que os preconceitos se interponham entre as pessoas e a nossa mensagem; não podemos deixar que os nossos pontos fracos nos controlem. Precisamos esforçar-nos ao máximo por ajudar àquelas pessoas para quem pregamos, a fim de que venham ao conhecimento da Verdade. Assim sendo, dizia o apóstolo, não se deve, quando se está pregando aos gentios, insistir sobre certas coisas a respeito das quais os judeus crentes continuavam insistindo; pois insistiam sobre elas erradamente. Devemos

estar igualmente lembrados de como Paulo teve de "resistir a Pedro face a face", em Antioquia, exatamente por esse motivo. Pedro ficara confuso acerca disso tudo, e Paulo foi forçado a corrigi-lo publicamente. Este último fala a esse respeito em Gálatas 2. Tratava-se do mesmo princípio essencial sobre o qual ele trata neste ponto.

Deixe-me fazer um sumário do caso, em termos modernos, asseverando que sempre devemos ser contemporâneos; nosso objetivo é cuidar das pessoas vivas que estão à nossa frente e nos ouvem. Não me convém subir ao púlpito com a idéia de um pregador ideal na mente, como, por exemplo, a imagem de um pregador puritano de trezentos anos passados, ou um outro de cem anos atrás, agindo como se ainda estivéssemos naquela época. Agir assim será causar prejuízo. Será uma ofensa a uma congregação moderna; dificultará a atenção por parte dos ouvintes; e, seja como for, nada disso faz parte essencial da mensagem. Posso aprender da parte dos pregadores do passado, e devo fazê-lo; mas não devo ser um mero imitador deles. Sou auxiliado pelo conhecimento que tinham da Verdade e pelas exposições deles; mas, no que tange às coisas que eram meramente incidentais à pregação deles — às coisas passageiras e temporárias, meros costumes e usos da época deles — não me devo agarrar a elas, tornando-as quase tão essenciais quanto a própria Verdade. Isso não é "apegar-se à verdade"; isso é tradicionalismo. Isso se aplica, naturalmente, não só à maneira de pregar, mas igualmente à forma do culto, ao modo de vestir e a muitas questões semelhantes.

O argumento do apóstolo, por certo, é que deve haver elasticidade em nossa maneira real de apresentação. Deixemos aqui esclarecido, porém, que até quanto a esse princípio há limites. Não podemos ser arcaicos e legalistas; mas existem limites, e um desses limites, como é óbvio, é que "o fim não justifica os meios". Esse é um argumento muito generalizado hoje em dia. O argumento por tantas vezes alegado, é: "Mas as pessoas se convertem em resultado disto ou daquilo". Não podemos aceitar esse argumento tipicamente jesuíta, e temos bons motivos para nos negarmos a tal.

Em segundo lugar, os nossos métodos sempre devem ser coerentes e compatíveis com a nossa mensagem, sem jamais contradizê-la. Isso, uma vez mais, é importantíssimo ponto nesta nossa época presente. Existem homens perfeitamente sinceros, genuínos e honestos, cujos motivos indubitavelmente são bons, e cuja preocupação consiste em conduzir pessoas à salvação. E no entanto, deixam-se arrastar de tal modo por isso que, no seu desejo de entrar em contato com as pessoas e de facilitar-lhes a fé na mensagem, fazem coisas que, ao meu ver, freqüentemente contradizem a própria mensagem. No momento em que um método contradiz nossa mensagem, esse método tornou-se pernicioso. Tenhamos elasticidade, mas nunca ao extremo de entrarmos em contradição com a nossa própria mensagem.

Essa é uma verdade não somente nos termos dos princípios bíblicos, mas também é uma realidade comprovada na prática. O que sempre me deixa perplexo acerca dessas pessoas que tanto se preocupam com os métodos modernos é a sua patética ignorânca psicológica; parecem desconhecer a natureza humana. O grande fato é que o mundo espera que sejamos diferentes; e essa idéia de que podemos conquistar o mundo demonstrando que, afinal de contas, somos muito parecidos com ele, quase sem margem de qualquer diferença, ou mesmo com minúscula diferença, é

uma idéia basicamente equivocada, não somente do ponto de vista teológico, mas até do ponto de vista psicológico.

Deixe-me ilustrar o que quero dizer, mediante um bem conhecido exemplo. Terminada a Primeira Guerra Mundial, houve na Inglaterra um famoso clérigo que se tornou conhecido pela alcunha de "Woodbine Willie". Por que ele era chamado de "Woodbine Willie"? A explicação é que ele fora capelão do exército e obtivera grande sucesso nessa atividade. Seu êxito ele mesmo atribuía ao fato — e muitos concordavam com ele nesse particular — de que confraternizava com os homens das trincheiras de maneira familiar. Fumava juntamente com eles e, em particular, fumava aquela marca barata de cigarros conhecida pelo nome de "Wild Woodbine", mais comumente ainda chamados "Woodbines". Antes do ano de 1914, cinco cigarros dessa marca podiam ser comprados por um centavo. Ora, essa marca de cigarros não era do tipo que um oficial geralmente fumaria, embora fosse consumida pelos soldados. Assim, aquele homem, cujo nome era Studdert-Kennedy, a fim de deixar os seus homens à vontade, e a fim de facilitar o seu trabalho de capelão, fumava os "Woodbines", donde lhe proveio o apelido de "Woodbine Willie". E não somente isso, mas, observando que a maioria dos homens não sabia falar sem usar palavrões, ele também usava palavrões. Não é que ele quisesse usar palavrões, mas mantinha a posição de que se quisermos conquistar as pessoas, então precisamos usar a mesma linguagem delas e ser semelhantes a elas em todos os aspectos. Tudo isso, certamente, tornavam-no uma figura popular — não se admitam dúvidas a respeito. Terminada a Primeira Guerra Mundial, ele costumava percorrer o país, ensinando isso e exortando aos pregadores para que fizessem a mesma coisa; e muitos tentaram fazê-lo e começaram a fazê-lo. Mas o veredito da história quanto a isso é que tudo redundou em completo fracasso, por não passar de uma "moda" temporária ou "dispositivo" que obteve notoriedade por algum tempo, mas que não tardou a desaparecer do modo de pensar da Igreja. No entanto, por algum tempo, fez furor como algo em voga.

Da perspectiva do Novo Testamento, tudo aquilo se alicerçava sobre completa falácia. Nosso Senhor atraía os pecadores porque Ele era diferente. Aproximavam-se dEle porque sentiam haver nEle algo diferente. Aquela pobre mulher pecadora, acerca de quem lemos em Lucas 7, não se aproximou dos fariseus a fim de lavar-lhes os pés com suas lágrimas, e de enxugar-lhos com os seus cabelos. Não, mas ela pressentiu algo em nosso Senhor — Sua pureza, Sua santidade e Seu amor — e por essa razão se aproximou dEle. Foi a diferença fundamental que nEle havia que a atraiu. E o mundo sempre espera que sejamos diferentes. Essa idéia de que poderemos ganhar pessoas para a fé cristã se lhes mostrarmos que, afinal de contas, somos notavelmente parecidos com elas, é um erro profundo, teológica e psicologicamente falando.

Esse mesmo princípio tem uma outra aplicação na época presente. Existem alguns tolos protestantes que imaginam que a melhor maneira de conquistar os católicos romanos é mostrando-lhes que não há praticamente qualquer diferença entre os protestantes e eles, ao passo que os católicos romanos que se convertem ao Evangelho sempre dizem que o que os atraíra fora o contraste. "A ação e a reação são iguais e contrárias." O moderno conceito labora em erro teológica e psicologicamente.

O que faz as coisas serem assim, inevitavelmente, é que o assunto sobre o qual

falamos é tão diferente. Nesse terreno estamos tratando a respeito de Deus, de nosso conhecimento de Deus, de nosso relacionamento com Deus. Portanto, neste particular, tudo deve estar "sob Deus", devendo ser feito "com reverência e santo temor". Não nos compete decidir sobre isso; não estamos encarregados e nem no controle dessas coisas. Deus é quem segura o leme. Trata-se do serviço dEle, e nos devemos aproximar dEle "com reverência e santo temor, porque o nosso Deus é fogo consumidor".

Outrossim, os entretenimentos superficiais, a familiaridade e a jocosidade fáceis não são compatíveis com a percepção da seriedade da condição das almas de todos os homens, por natureza. Não são compatíveis também com o fato de que todos, por natureza, estão perdidos e correm o perigo da condenação eterna, e que conseqüentemente necessitam de salvação. E não somente isso, mas tais métodos não podem destacar a Verdade; e a nossa tarefa consiste em pregar a Verdade. Esses métodos podem afetar as pessoas psicologicamente e também de outros modos, conduzindo-as a tomarem "decisões". Nosso objetivo, entretanto, não é meramente obter decisões, e sim, levar os homens ao conhecimento da Verdade. Acresça-se a isso que jamais devemos dar a impressão de que tudo quanto se faz necessário é que as pessoas façam um pequeno ajustamento em sua maneira de pensar, em suas idéias e em sua conduta; porquanto isso seria militar contra a nossa mensagem. Nossa mensagem estipula que todo homem "deve nascer de novo", e que tudo quanto lhe venha a suceder, aquém disso, não tem qualquer valor do ponto de vista do seu relacionamento com Deus. O ensino neotestamentário é que o incrédulo labora totalmente em erro. Não estão erradas somente suas idéias sobre a arte ou o teatro; tudo quanto diz respeito a ele está errado. Seus pontos de vista particulares estão em erro porque toda a sua perspectiva está distorcida, porque ele mesmo está errado. A grande regra determina: "Buscai, pois, em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, e todas essas (outras) coisas vos serão acrescentadas". Se pusermos a nossa ênfase sobre essas "outras coisas", ao invés de pô-la sobre o "buscar em primeiro lugar o reino de Deus", estaremos condenados ao fracasso e estaremos menosprezando a mensagem que nos foi confiada.

Ninguém jamais entrou no reino de Deus à força de "argumentos"; isso é impossível. Isso jamais sucedeu, nem poderá suceder. Somos todos iguais no pecado — "... e todo mundo seja culpável perante Deus". Todos nos encontramos em idêntica situação espiritual. Portanto, o meu argumento é que tudo quanto é ensinado naquela passagem de I Coríntios 9:15-27 é que nos devemos esforçar ao máximo por nos tornarmos claros, diretos e compreendidos. Nunca devemos permitir que nossos preconceitos pessoais, nossos pontos fracos ou as coisas meramente incidentais à mensagem sirvam de obstáculos à nossa mensagem. Compete-nos ser "tudo para com todos" nesse sentido, e nesse sentido exclusivamente.

Meu comentário final é que a real dificuldade em torno dessa perspectiva moderna é que ela omite o Espírito Santo e o Seu poder. Conforme pensamos, tornamo-nos tão peritos na compreensão de assuntos psicológicos e na capacidade de dividir as pessoas em grupos — grupos psicológicos, culturais, nacionais, etc. — que concluímos, em resultado disso, que aquilo que está certo para uma pessoa, não

está certo para outra; e assim, eventualmente, acabamos tornando-nos culpados de negar o Evangelho. "Onde não pode haver grego nem judeu, circuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo e em todos." Existe UM SÓ Evangelho — o ÚNICO Evangelho. Visa ao mundo inteiro, e à totalidade da humanidade. A humanidade é una. Temos caído no erro crasso de adotar modernas teorias psicológicas a tal ponto de nos desviarmos da verdade, algumas vezes a fim de nos protegermos da mensagem, e com freqüência, a fim de justificarmos métodos que não são coerentes nem consoantes com a mensagem que vamos pregar.

Capítulo Oito

O CARÁTER DA MENSAGEM

Essa questão do vínculo entre os bancos e o púlpito, ou seja, entre os ouvintes e o pregador, reveste-se da maior importância possível. Tendo examinado a instrução do apóstolo, em I Coríntios 9, no que tange a isso, desejo tirar certas conclusões.

Quero postular, de maneira axiomática, a proposição de que os bancos nunca devem controlar ou ditar ao púlpito. Isso precisa ser enfatizado nos dias em que vivemos.

Tendo enfatizado isso, porém, quero salientar igualmente que o pregador, não obstante, precisa avaliar a condição daqueles que se acham nos bancos, mantendo isso em mente durante a preparação e a entrega de sua mensagem. Note como coloco a questão. Não é que os ouvintes devam controlar a situação, mas que ao pregador compete avaliar as condições e a posição dos seus ouvintes. Deixe-me agora fornecer as confirmações escriturísticas para essa assertiva. Existem diversos trechos bíblicos, pelo que escolho alguns dos mais óbvios. Leiamos, por exemplo, o que o apóstolo Paulo diz no começo de I Coríntios 3: "Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais; e, sim, como a carnais, como a crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnais. . ." É óbvio que ele afirmava que o que fazia era influenciado pelas condições dos crentes de Corinto. Não é que lhe estivessem impondo condições; mas ele é que os avaliava, e isso, por sua vez, determinava em parte de que maneira ele pregava a eles.

Consideremos, entretanto, um segundo exemplo. Acha-se na epístola aos Hebreus, capítulo 5 e no começo do verso 11. O autor vinha aludindo a nosso Senhor como "sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque". E prossegue a fim de dizer:

> A esse respeito temos muitas cousas que dizer, e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir. Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes novamente necessidade de alguém que vos ensine de novo quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim vos tornastes como necessitados de leite, e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite, é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal.

Nessa passagem bíblica, uma vez mais, encontramos exatamente a mesma idéia. O autor queria falar a eles sobre aquela grande doutrina concernente a nosso Senhor como o grande Sumo Sacerdote, e, no entanto, sentia que não podia fazê-lo porquanto sua estimativa é que eles não eram capazes de recebê-la.

Naturalmente, esse é um fator elementar no que diz respeito ao ensino. A primeira coisa que o professor de qualquer disciplina precisa fazer é determinar a capacidade de seus ouvintes, de seus alunos, de seus estudantes, ou qualquer coisa que eles sejam. Essa regra fundamental sempre deveria permanecer na mente do pregador, e todos nós precisamos ser constantemente relembrados a respeito dela, particularmente quando somos jovens. A falha principal de todo jovem pregador consiste em pregar ao povo conforme ele gostaria que eles fossem, e não conforme eles de fato o são. Isso é algo mais ou menos inevitável. Porquanto ele vem lendo biografias de grandes pregadores, ou talvez tenha lido alguns dos escritos dos puritanos, e, em resultado disso, em sua mente formou-se um quadro, uma espécie de quadro ideal do que deveria ser a pregação. Em seguida ele tenta realizar pessoalmente a mesma coisa, esquecido de que o povo que ouvia os puritanos — os quais às vezes pregavam por nada menos de três horas seguidas — fora treinado para aquele tipo de mensagem de vários modos por cerca de mais ou menos um século. Não me convém fazer aqui uma digressão, mas parece-me que as pessoas com freqüência se esquecem de que as obras dos principais puritanos, aquelas que nos são mais acessíveis, foram escritas pelos meados do século XVII, quando o puritanismo já estava estabelecido há cerca de cem anos. O povo que escutava aqueles sermões era um povo preparado, treinado e instruído, motivo por que era capaz de acompanhar o raciocínio e a argumentação complicados que havia naqueles longos sermões. Se algum jovem pregador não entender essa particularidade, e tentar pregar, como o faziam os puritanos, por cerca de duas horas, logo descobrirá que não lhe resta congregação para a qual pregue. É de vital importância que o pregador avalie o povo para o qual estiver pregando.

Quero oferecer um exemplo que parece ridículo, mas que de fato sucedeu bem recentemente. A cada semana era efetuada uma reunião de senhoras, em conexão com certa igreja de Londres. Não se destinava às senhoras que eram membros da igreja, mas às mulheres mais pobres do bairro. Vinha servindo a um propósito útil durante anos, e tinha natureza primariamente evangelística. Diferentes oradores dirigiam a palavra a cada reunião semanal. A maioria das ouvintes se compunha de pobres e idosas mulheres; a média da idade tendia por subir cada vez, porquanto as mulheres mais jovens mantinham-se ocupadas em seus lares ou saíam para trabalhar em diversas atividades. Mas ali estavam elas, cerca de quarenta ou cinqüenta vinham àquelas reuniões todas as semanas. Foi-se tornando paulatinamente mais agudo o problema de arranjar oradores, mas muitos se prontificavam a ajudar. Certa semana, um jovem profissional, que era membro da Igreja, estava presente para dirigir-lhes a palavra. Ele apresentou um estudo sobre "A Trindade", para aquelas idosas senhoras! Conto esse fato a fim de ridicularizar tal procedimento. Ali estava um inteligente e bem treinado profissional liberal, acerca de quem pensaríamos ser capaz de fazer melhor idéia sobre como dirigir a palavra ao povo; mas é evidente que nem pensara nisso, e provavelmente estivera lendo algum artigo ou livro, recentemente, a respeito da Trindade. Mas, como é natural, o que ele fez foi totalmente inútil. Não se oferece "alimento sólido" aos bebês, pois eles tomam leite. Esse é o princípio ensinado tanto pelo apóstolo Paulo quanto na epístola aos Hebreus.

Cumpre-me, todavia, adicionar algo a isso. Apesar de ser dever e tarefa do pregador avaliar a sua congregação, é mister que ele tenha o cuidado de haver feito estimativa legítima e acurada. Certamente isso precisa ser ressaltado. O perigo se manifesta tanto do ponto de vista do púlpito como do ponto de vista dos bancos. O púlpito pode fazer uma falsa estimativa acerca dos bancos; e os bancos podem ter falsa impressão sobre si mesmos. Sinto que ambos esses erros muito se evidenciam hoje em dia, e que essa é uma das principais causas e explicações de nossa presente condição.

O principal perigo com que se defronta o púlpito, quanto a isso, consiste em supor que todos quantos se dizem cristãos, ou que pensam que são cristãos, ou que são membros de alguma igreja, são necessariamente cristãos. Para mim, esse é o mais fatal erro dentre todos; e por certo também é o mais comum. Supõe-se que em vista das pessoas serem membros de igrejas, forçosamente são cristãos. Isso é perigoso e errado, pelo seguinte motivo: se supusermos isso, inclinar-nos-emos, em face dessa suposição, a pregar, em todas as reuniões, de maneira apropriada aos crentes. Nossas mensagens sempre terão tom didático, e o comentário e elemento evangelístico serão negligenciados, talvez quase inteiramente.

Essa é uma grave e grandíssima falácia. Permita-me oferecer-lhes as razões pelas quais falo assim. Gostaria de começar pela minha própria experiência pessoal. Pelo espaço de muitos anos pensei que era um cristão, quando de fato não o era. Foi somente mais tarde que cheguei a perceber que eu nunca fora um crente, e então me tornei tal. No entanto, eu era membro de uma igreja e participava dela e freqüentava suas reuniões com regularidade. E assim, todos quantos supunham — conforme sucedia à maioria dos pregadores — que eu era um crente, faziam uma suposição falsa. Não era uma verdadeira estimativa da minha condição. O de que eu precisava era de pregação que me convencesse de pecado e me fizesse perceber a minha necessidade, levando-me ao verdadeiro arrependimento e esclarecendo-me algo sobre a regeneração. Contudo, eu nunca ouvia falar a esse respeito. A pregação que ouvíamos sempre se baseava sobre a suposição de que todos ali éramos crentes, de que não nos encontraríamos na congregação a menos que fôssemos crentes. Esse, penso eu, tem sido um dos equívocos cardeais da Igreja, especialmente neste nosso século.

Isso, entretanto, tem sido reforçado por muitas vezes em minha experiência de pregador e de pastor. Penso ser capaz de dizer com toda a exatidão que minha mais comum experiência, quando converso com as pessoas que me procuram no gabinete, acerca da questão de se tornarem membros da Igreja, tem sido essa. Indago delas por qual motivo querem tornar-se membros, qual seja a experiência delas, etc. A resposta mais comum que tenho obtido, particularmente em Londres, por mais de trinta anos, tem sido algo parecido com o que passo a dizer. Essa gente — e com bastante freqüência são estudantes universitários ou recém-formados — me diz ter vindo a Londres estudar em alguma universidade, proveniente de suas Igrejas locais, crendo plenamente ser crentes. Essas pessoas não embalam dúvida alguma quanto a isso. Tinham perguntado em suas Igrejas locais antes de virem para Londres onde deveriam freqüentar aos domingos e haviam sido recomendados para nós. E em seguida

afirmam que, tendo chegado dessa maneira, e tendo ouvido a pregação, especialmente aos domingos à noite, quando, conforme eu já disse, minha pregação é invariavelmente evangelística em sua natureza, a primeira coisa que descobriram é que nunca tinham sido crentes, e que estavam vivendo debaixo de uma falsa suposição. A princípio, conforme alguns têm sido bastante honestos para confessar, sentiam-se irritados diante do fato. Não o apreciavam e se ressentiam ante o mesmo; no entanto, era um fato. E essas pessoas, apesar de não gostarem da situação, mas percebendo ser essa a sua realidade, continuaram a vir. Essa situação arrastava-se às vezes, durante meses, quando então atravessavam um período de arrependimento, em que suas almas muito sofriam. E temiam confiar em quase qualquer coisa porque, tendo antes assumido erroneamente que eram crentes, agora temiam repetir o mesmo erro. Eventualmente, contudo, chegaram a perceber a Verdade claramente, tendo experimentado o seu poder e tendo-se tornado crentes legítimos. Essa tem sido a mais comum das experiências em meu ministério. Isso mostra a completa e perigosa falácia da suposição que todos quantos freqüentam regularmente os cultos necessariamente são crentes.

Deixe-me narrar-lhe um outro episódio, e ainda mais impressionante. Faço isso com o propósito exclusivo de ressaltar esta questão vital. Foi meu prazer e privilégio pregar por nove domingos consecutivos em Toronto, Canadá, no ano de 1932. Estou bem lembrado de haver sido saudado no primeiro domingo pela manhã pelo ministro daquela igreja; e ele, embora estivesse em gozo de férias, ainda não se ausentara da cidade. Ele me apresentou à congregação e, ao responder à boa acolhida, pensei que seria sábio se eu indicasse à congregação qual era o método que eu usava como pregador. Então eu disse à congregação que meu método consistia em supor que, de modo geral, aos domingos pela manhã, eu me estava dirigindo aos crentes, aos santos, e que eu procuraria edificá-los; mas que à noite eu pregaria supondo que estava falando a não-cristãos, pois sem dúvida haveria muitos deles presentes. De certo modo, eu disse isso só de passagem.

Encerrou-se aquela reunião matinal, e no final o ministro perguntou se eu ficaria à porta do templo para apertar as mãos das pessoas, enquanto saíam. E assim fiz. Já nos havíamos despedido de certo número de pessoas quando, subitamente, ele se pôs a sussurrar, dizendo: "Está vendo aquela idosa dama que está caminhando para cá lentamente? Ela é o mais importante membro desta igreja. Ela é riquíssima, e é quem dá o maior apoio financeiro à obra". Noutras palavras, ele me pedia que exercesse ao máximo qualquer pequeno cavalheirismo que eu tivesse. Não preciso explicar mais do que isso! Bem, o fato é que a idosa senhora se aproximou e pudemos conversar com ela, e nunca me esquecerei do que então sucedeu. Isso me ensinou uma profunda lição, que jamais olvidarei. A idosa dama disse: "Será que entendi que o senhor disse que à noite pregaria na suposição de que os ouvintes não são crentes, e pela manhã na suposição de que são crentes?" "Sim", respondi. "Bem", continuou ela, "tendo ouvido o senhor hoje pela manhã, resolvi voltar esta noite". Ao que se saiba, ela nunca se fizera presente nos cultos noturnos; nunca. Freqüentava somente as reuniões matinais. Mas ela declarou: "Estarei aqui esta noite". Não posso descrever quão embaraçosa foi a situação. Senti que o ministro ao meu lado pensou que eu estava

arruinando o seu ministério, e que lamentava amargamente ter-me convidado a ocupar o seu púlpito! O fato, entretanto, é que a idosa senhora voltou naquele domingo à noite, bem como a cada domingo à noite em que ali preguei. Terminei tendo uma entrevista particular com ela, na sua casa, e descobri que ela se sentia muito infeliz por causa de sua situação espiritual, pois não sabia onde se achava espiritualmente. Ela possuía caráter excelente e generoso, e vivia uma vida exemplar. Todos supunham — não só o pastor, mas todos — que ela fosse uma crente excelente e excepcional; e, no entanto, ela não era crente. Essa idéia de que as pessoas que freqüentam as reuniões nas igrejas de modo regular são, necessariamente, crentes, é uma das mais fatais suposições, e sugiro que isso explica grande parte do estado da Igreja em nossos dias. Portanto, devemos exercer grande cautela quanto a esse particular.

A mesma coisa se aplica aos ouvintes, e eles tendem a fazer a mesma suposição errônea. Visto que tais pessoas se supõem bons cristãos, sua tendência é ofender-se diante de uma pregação que dá a entender que elas não são crentes, embora disso é que precisem acima de tudo. Isso, uma vez mais, pode ser ilustrado por meio de um episódio. Conheci uma senhora que deixou de ser membro de uma igreja local, após ter ouvido por cerca de um ano as pregações de um novo pastor. E ela disse qual a razão para tê-lo feito. Declarou ela: "Esse homem prega para nós como se fôssemos pecadores!" Era algo terrível! Ela se sentia mal e era forçada a sondar a si mesma, vendo-se como realmente era; e não gostava do que via. Já vinha freqüentando aquela igreja por quase trinta anos; e, no entanto, com isso demonstrou o seu antagonismo para com a Verdade, ao ter de enfrentá-la diretamente, de modo pessoal. Ela apreciava exposições gerais das Escrituras, bem como sermões baseados em trechos bíblicos dirigidos aos crentes. Esses trechos não a feriam, nem a perturbavam, nem a sondavam e nem a convenciam de pecado. Ela se comprazia naquelas passagens, mas não gostava da pregação que fosse pessoal e direta.

Essa é uma atitude extremamente comum, e no que tange a toda essa questão da avaliação, precisamos ter cuidado nesse ponto. Lembro-me que certa vez recebi uma carta de um dos mais proeminentes líderes de bem conhecido grupo de cristãos evangélicos de Londres. Eu o conhecia bem de nome, mas nunca havia me encontrado com ele. Ao abrir a carta, reconheci seu nome. Dizia-me que estivera na congregação de nossa Igreja no domingo passado, à noite, e que fizera uma estranha descoberta. É que era possível, a um crente de sua idade e de sua posição, derivar benefício do que era, clara e obviamente, um culto evangelístico. E declarou que por toda a sua vida vinha supondo que isso era impossível, e que quando um crente como ele se fizesse presente a um culto domingo à noite, tudo quanto lhe restava fazer era orar pelos inconversos, e que não poderia esperar derivar qualquer benefício disso, porquanto já teria ultrapassado tal estágio. A despeito disso, ele descobrira, para seu grande espanto, que o culto o deixara comovido e se apossara dele, tendo feito algo em seu favor e tendo-lhe conferido algo. Até então ele pensara ser isso impossível. Fizera essa descoberta pela primeira vez em sua vida, e sentia que tinha de escrever-me a esse respeito.

Obviamente, trata-se de seríssima questão, porquanto exerça tão grande

influência sobre o pregador e sobre o que ele faz. Como podemos explicar essa falsa suposição? Parece-me que ela se origina do fato que muitas pessoas que pensam ser crentes, que aceitaram intelectualmente o ensinamento bíblico, jamais sentiram o poder da Palavra. Nunca sentiram o seu poder, pois aceitaram um ensino puramente intelectual. E como nunca ficaram debaixo de seu poder, nunca se arrependeram verdadeiramente. Talvez tenham experimentado alguma espécie de tristeza por causa do pecado, mas isso pode ser bem diferente do arrependimento. Com freqüência é isso que explica a situação delas. O crente verdadeiro sempre sente o poder da Palavra, e sempre sente a convicção que dela procede. Em certo sentido, a fé ocorre de uma vez para sempre, mas, em um outro sentido, não é assim. Há algo de essencialmente errado com o indivíduo que se chama de cristão e que pode ouvir um sermão verdadeiramente evangelístico sem sentir novamente convicção, sem sentir algo de sua própria indignidade, sem regozijar-se ao ouvir o remédio do Evangelho ser apresentado. Foi isso que sucedeu ao homem que me escreveu. Seu coração era muito mais são do que sua mente e do que o ensino que ele havia aceitado.

Se um homem pode ouvir um sermão verdadeiramente evangelístico sem sentir-se emocionado ou tocado, peço licença para indagar se é realmente um crente. Para mim é inconcebível que um homem que seja um verdadeiro crente possa ouvir a exposição da excessiva pecaminosidade do pecado e da glória do Evangelho, sem sentir-se emocionado de duas maneiras. Uma dessas maneiras é sentir, por algum tempo, em face do que sabe a respeito da praga arraigada em seu próprio coração, que talvez nem seja crente; e a outra é regozijar-se diante do glorioso remédio do Evangelho, o qual lhe confere livramento. Por muitas e muitas vezes, terminado um culto dessa natureza, um homem ou uma mulher, aproxima-se de mim e diz: "Sabe de uma coisa? se eu não me tivesse convertido antes, certamente ter-me-ia convertido esta noite". Sempre gosto de ouvir essas palavras. Isso significa que sentiram novamente o poder do Evangelho, que contemplaram o quadro inteiro de novo; e, por assim dizer, quase passaram de novo pela experiência da conversão. O que estou asseverando é que deve necessariamente haver algo de errado, de radicalmente errado, com aquele que se declara crente, mas que não fica sob o poder desse glorioso Evangelho a cada vez em que o mesmo é apresentado, seja qual for a sua forma.

Noutras palavras, devemos usar de extremo cuidado, na qualidade de pregadores, para não sermos culpados de classificar as pessoas por demais rigidamente, dizendo: "Estes são cristãos, portanto..." É mister que tenhamos plena certeza de que são crentes, porque a tendência de muitos é dizer: "Sim, tornamo-nos cristãos em resultado de certa decisão que fizemos em uma reunião evangelística; e agora, em face de já sermos cristãos, tudo o de que precisamos é de instrução e edificação". Eu contesto isso fortemente e exorto a que sempre se deva ter algum culto evangelístico em conexão com as reuniões semanais de todas as igrejas locais. Eu transformaria isso em uma regra absoluta, sem qualquer hesitação. Insisto assim porque, conforme digo, creio que essa confusão é a verdadeira dificuldade que impera hoje nas Igrejas em todos os países.

Sempre me lembrarei do que me disse um idoso homem, há muitos anos passados. Discutíamos juntos o triste declínio da tonalidade espiritual e da espiri-

tualidade da Igreja, particularmente no País de Gales. Preocupávamo-nos acima de tudo com a Igreja Presbiteriana, que começou no século XVIII, em resultado do despertamento evangélico na Igreja Metodista Calvinista. Eu já lera a história daquele grandioso e ilustre período, pelo que então lhe perguntei: "Quando ocorreu a transição, daquilo que lemos na história inicial e nos primeiros cem anos dessa denominação, e aquilo que sabemos, eu e você, sobre a situação atual — quando teve lugar essa transição?" E ele replicou: "Não hesito em dizer que a resposta a essa pergunta é que isso sucedeu após o reavivamento de 1859". "Mas de que maneira?", indaguei. "Bem, da seguinte maneira", ele respondeu. "Aquele reavivamento foi tão poderoso que quase literalmente varreu a todos para dentro da Igreja. Antes disso houvera a distinção entre 'a Igreja' e 'o mundo'. Os testes de admissão como membro de uma igreja até então haviam sido muito rigorosos com o resultado que antes de 1859 sempre houvera certo número de pessoas que freqüentavam a adoração pública e ouviam as pregações, e que eram ouvintes e adeptos apenas, que não se tinham tornado membros da Igreja".

Esse é ponto dos mais interessantes e importantes. Quão raramente isso acontece na Igreja da atualidade! Mas até cerca de meados do século passado sempre houve ouvintes e adeptos, como também membros, na maioria das igrejas não-episcopais. A modificação teve lugar parcialmente em resultado do grande movimento do reavivamento do Espírito, como também em resultado da crescente tendência de considerar como crentes os filhos batizados dos membros das igrejas. A conseqüência foi que os pregadores passaram a considerar todos os ouvintes como crentes, não mais pregando evangelisticamente, e com freqüência não mais houve cultos de evangelização de forma alguma. Supunha-se que todos fossem crentes, e o ministério se dedicou inteiramente à edificação, disso resultando que uma geração inteira cresceu sem jamais haver conhecido o poder do Evangelho, sem nunca realmente ter ouvido uma pregação que contribuísse para convencer os homens de pecado. Conforme eu já disse, eu mesmo pertenço a essa geração. Foi a segunda geração após o reavivamento de 1859; e mais tarde descobri que na realidade jamais ouvira um sermão evangelístico deveras convencedor. Fui recebido no seio da Igreja porque podia dar as respostas certas a várias perguntas preestabelecidas; mas nunca fui interrogado ou sondado em sentido experimental. Não posso repreender por demais fortemente essa tendência para supor que porque as pessoas vão à igreja, devem ser necessariamente crentes, ou que os filhos dos crentes são forçosamente crentes. Olhando para a situação de um outro ângulo, diria eu que uma das mais satisfatórias e alegres experiências da vida de um pregador é aquilo que acontece quando pessoas que todos supunham ser crentes, subitamente se convertem e se tornam crentes autênticas. Nada exerce mais poderoso efeito sobre a vida de uma igreja do que quando isso acontece com certo número de pessoas.

Estou insistindo em que todas as pessoas que freqüentam uma igreja precisam ser dominadas pelo poder do Evangelho. O Evangelho não visa meramente o intelecto; e se nossa pregação sempre for expositiva e para edificação e ensino, isso produzirá membros de Igreja que são duros e frios, e com freqüência azedos e auto-satisfeitos. Desconheço outra coisa que mais provavelmente produza uma congregação de

fariseus do que isso. Outro resultado dessa atitude errada é que tais pessoas só freqüentam uma reunião a cada domingo; uma vez por semana lhes é suficiente, não precisam mais do que isso! E geralmente se fazem presentes somente aos domingos pela manhã; tornaram-se "crentes-de-um-culto", conforme se costuma chamá-los.

É uma situação verdadeiramente deplorável; e meu primeiro argumento é que isso pode ser atribuído à falsa avaliação das pessoas por parte do púlpito e dos bancos. Ambos concordam em seu diagnóstico de que essas pessoas são crentes; e assim elas nunca ouvem uma pregação do tipo que assegura que assim elas realmente são. O modo de corrigir isso, conforme já tenho dito, é garantir que uma reunião por semana seja de natureza nitidamente evangelística, no seu sentido bíblico.

Isso, naturalmente, significa que tudo isso tem de ser claramente explicado aos ouvintes. Faz parte da nossa pregação porque, ao agirem com base nessa errônea suposição, muitos desses ouvintes não virão aos cultos evangelísticos por sentirem que não precisam dos mesmos, porquanto nada teriam a dar-lhes.

Para mim, isso faz parte da essência mesma do problema inteiro da Igreja atual. Que diremos para essas pessoas? Precisamos convencê-las da importância de se fazerem presentes a cada culto na igreja. Cada culto! Por quê? A primeira resposta — e por muitas vezes tenho usado esse argumento, e as pessoas têm chegado a perceber o fato — é que se não se fizerem presentes a cada culto, descobrirão algum dia que não estavam presentes quando algo realmente marcante teve lugar.

Isso levanta novamente a questão inteira: Que é a pregação? Refiro-me uma vez mais ao que tenho chamado de sua essência, o poder do Espírito. Adiante, desenvolverei esse aspecto um pouco mais. A idéia de que nunca se sabe o que poderá suceder é o elemento todo-importante que devemos recapturar em conexão com nossos cultos nas igrejas. Se o pregador sempre sabe o que acontecerá, segundo a minha opinião ele nem deveria ocupar um púlpito. A glória mesma do ministério é que não se sabe o que porventura pode acontecer. Em uma preleção, sabemos o que está acontecendo, nós estamos no controle; mas não é esse o caso quando estamos pregando. Subitamente, inesperadamente, outro elemento pode irromper em um culto — o toque do poder do Espírito de Deus. Trata-se da coisa mais gloriosa que jamais poderá acontecer a qualquer indivíduo ou grupo de pessoas. Portanto, digo para esses "crentes-de-um-culto", que se eles não estiverem presentes a cada reunião, poderá chegar o dia quando os outros lhes contarão acerca de alguma admirável ocorrência, em um culto de domingo à noite ou de domingo pela manhã — mas eles não estavam lá, perderam tudo. Em outras palavras, deveríamos criar o espírito de expectação entre o povo, mostrando-lhe o perigo de perder certos "tempos de refrigério... da presença do Senhor" (Atos 3:20).

A isso deve seguir-se uma pergunta: Por qual motivo algum crente não ansiaria por obter tanto quanto possível dessa bênção? Sem dúvida, não anelar por tal seria bastante desnatural. E por certo é algo antibíblico. Consideremos a maneira pela qual o salmista, no Salmo 84, exprime sua infelicidade e tristeza, por não poder subir, juntamente com os outros, à casa do Senhor. "Quão amáveis são os teus tabernáculos, Senhor dos Exércitos!" "A minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor; o meu coração e a minha carne exultam pelo Deus vivo!" Ele pensava, em seguida, sobre

aqueles que tinham tal privilégio: "Bem-aventurados, Senhor, os que habitam em tua casa: louvam-te perpetuamente". Em seguida meditava acerca deles com certa inveja, porquanto não podia estar na companhia deles. Nada se comparava a estar na casa de Deus. "Pois um dia nos teus átrios vale mais que mil..." Por certo isso deveria ser algo instintivo para o verdadeiro crente. Há algo de seriamente errado, espiritualmente falando, no caso de qualquer pessoa que alegue ser um cristão, mas que não deseje receber tudo quanto se pode obter através do ministério da Igreja.

Ou consideremos um outro aspecto desse mesmo assunto. Ouço da parte de muitas fontes, em muitos países, que há uma crescente tendência, em muitas congregações, de se ditar ao pregador por quanto tempo ele deve pregar. Já me foi contado por muitos jovens pregadores que, ao chegarem a alguma igreja para pregar, foi-lhes entregue uma Ordem do Culto onde tudo estava escrito detalhadamente, estabelecendo um cronograma: "Onze horas, convocação para a adoração — Doze horas, bênção final". E posto que exigiram um ou dois trechos da Bíblia para serem lidos, diversas orações, três ou quatro hinos, uma apresentação infantil ou um solo, além de tempo para anúncios e para recolhimento de ofertas, o sermão, necessariamente, ficava muito abreviado.

Ora, por que acontecem coisas assim? Não haverá algo de seriamente errado com tais pessoas? Essa não é a atitude delas para com alguma peça teatral ou para com algum programa de televisão. Nesses casos, a dificuldade delas é que essas diversões terminam cedo demais. Outro tanto elas sentem quando se trata de uma partida de futebol ou de voleibol, ou quando se trata de qualquer outra coisa que lhes interesse — é pena que essas coisas terminam tão depressa. Porém, por que estabelecer uma distinção aqui? Essa é questão das mais sérias. No tocante a essas outras coisas, essas pessoas não levantam objeções ao tempo que passa, porque as apreciam, porque gostam delas, e querem mais e mais de tais diversões. Por que razão, pois, não acontece a mesma coisa com o crente? Estou novamente levantando a questão de supor-se que aquelas pessoas são crentes, simplesmente porque freqüentam os cultos. Eu sugiro que se elas estabelecem esses limites aos sermões, então é que estão praticamente confessando que não são pessoas crentes, que lhes falta a vida espiritual. Por qual razão, igualmente, elas se mostram tão desatentas quando ouvem a pregação? Com freqüência dão ao pregador a impressão de que ele prega por permissão delas, e somente sob a condição de que a pregação seja breve. Existem mesmo algumas pessoas que, em sentido literal e físico, acomodam-se para tolerar o sermão.

Recordo-me que um de meus predecessores na capela de Westminster, John A. Hutton, a quem já fiz alusão, costumava contar uma história muito divertida nesse sentido. Ele defendia o ponto de vista que estou pondo em evidência, a saber, que é o púlpito que realmente determina o caráter dos bancos e dos ouvintes. Bons ouvintes são produzidos por boa pregação. Ele, pois, costumava contar a seguinte história. Pregava ele em uma igreja, certa ocasião, e quando estava justamente anunciando seu texto, viu um homem, assentado num canto extremo da igreja, que se ajeitava e realmente chegava a pôr seus pés sobre o assento — obviamente se acomodava a fim de dormir. Ora, John Hutton não era homem de deixar passar em branco uma atitude como aquela, pelo que dirigiu a palavra diretamente àquele homem. Disse ele:

"Senhor, eu não o conheço; mas, sem importar quem seja, não penso que esteja sendo justo". E continuou: "Se ao término do meu sermão o senhor estiver dormindo, bem, então a culpa será toda minha; mas, como se pode ver, o senhor nem me está dando uma oportunidade; está se acomodando para dormir enquanto estou ainda dizendo qual é o meu texto. Isso não é justo".

Não se duvide que muitos membros de congregações evangélicas vêm às reuniões com tal mentalidade e com tal atitude. De fato, cheguei à conclusão, no ano passado, durante minha convalescença, enquanto eu assentava-me no fundo de muitas congregações, que certo número de pessoas aparentemente busca um lugar de adoração e vai a um culto só por costume. A idéia básica deles parece ser a de saírem da igreja para irem embora para casa. E por qual razão vão à igreja, afinal? Essa é a pergunta, penso eu, que precisa ser formulada. Como explicar essa grande ansiedade para que termine o culto, e especialmente o sermão? Disso só se pode tirar uma única conclusão; essa gente precisa ser humilhada. A essa gente falta espiritualidade, falta a mentalidade e a atitude espirituais, falta o entendimento espiritual.

Não se trata meramente de uma questão de opinião. Afirmo isso após comparar essas pessoas com os cristãos primitivos, de Atos 2, pois ali por certo temos a norma daquilo que todos deveríamos ser. Eis o que nos é dito ali: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações". "Diariamente" — sim, diariamente — "perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa, e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e contando com a simpatia de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos".

Ali estavam crentes que se reuniam diariamente com a finalidade de ouvir a pregação, de receber ensino e instrução. Eles não se reuniam só aos domingos, ou somente uma vez a cada domingo; não ficavam ansiosos por voltar para casa o mais cedo possível; não esperavam que a pregação fosse rápida, nem se aborreciam com o pregador se ele não fosse breve, mas, "diariamente" perseveravam unânimes. Era isso que queriam e do que desfrutavam acima de tudo o mais. Naturalmente, isso é algo inevitável em todo verdadeiro crente. O apóstolo Pedro exprime essa verdade como segue: "Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que por ele vos seja dado crescimento para salvação" (I Pedro 2:2). Os recém-nascidos em Cristo desejam efetivamente o genuíno leite da Palavra. Em caso contrário, serão enfermiços, serão inertes, estarão em mau estado, e será mais conveniente levá-los a um médico. A natureza clama por nutrientes apropriados; e se você conhece pessoas as quais toma como cristãos, e que se consideram cristãs elas mesmas, mas que não querem ouvir a pregação da Palavra, nem se rejubilam com ela, nem se comprazem nela, e que procuram com toda a força livrar-se dela, então opino que a pergunta certa que se pode fazer acerca de tais pessoas, é: "Essas pessoas são crentes, realmente?" Essa conduta é contrária à natureza. Elas não se conformam ao que lemos a respeito dos cristãos, no Novo Testamento. Aqueles se compraziam ante a pregação da Palavra; e eram um povo inclinado ao louvor. Não freqüentavam as reuniões de maneira mecânica, nem o faziam por mero senso de dever, nem agiam assim porque era isso

que se esperava da parte deles, dizendo para si mesmos: "Bem, já fui à reunião e cumpri o meu dever; e agora posso escrever cartas aos meus familiares e passar o resto do dia lendo e fazendo várias outras coisas de que tanto gosto". De maneira alguma; antes, pareciam nunca poder ficar saciados com a Palavra.

Os pregadores dos dias do Novo Testamento, os apóstolos, não precisavam fazer um circuito pelas casas a exortar ao povo cristão para que viessem às reuniões. A dificuldade que os apóstolos enfrentavam consistia em mandá-los de volta às suas casas! Eles queriam passar todo o seu tempo disponível naquela atmosfera; e quanto mais recebiam, mais queriam receber. Diariamente! Perseverantemente! Não se podia mantê-los afastados. E essa tem sido a característica da Igreja, sempre, em todo período de reforma e de reavivamento. João Calvino costumava pregar todos os dias em Genebra. Todos os dias! E o povo tinha sede de ouvi-lo, bem como a outros pregadores. Isso também sucedia no caso de Martinho Lutero. Isso sempre se verificou, em todo o período da vida da Igreja em que ela esteve efetivamente funcionando como a Igreja. Minha contenção é que as pessoas não freqüentam assiduamente os lugares de adoração, hoje em dia, por causa dessa errônea avaliação que conduz àquele tipo errôneo de pregação. Ou a pregação está errada, ou o modo de ouvir está errado, ou então, como é mais provável, ambas essas coisas estão erradas.

A minha exortação a esses ouvintes, da maneira mais suave possível, consiste em dizer-lhes que se não têm qualquer outro motivo para se fazerem presentes a cada culto de suas igrejas, pelo menos deveriam dar-se conta de que há grande valor nos números. Considerem a coisa pelo seguinte prisma. Pensem a respeito de um homem que não é um crente, de um homem mundano que, de repente, se vê em grande tribulação. Ele está às voltas com um problema terrível, e parece que ninguém é capaz de ajudá-lo. Percorrendo as ruas sem rumo, acontece-lhe passar diante de uma igreja, de um lugar de adoração, e resolve entrar na expectativa de achar alguma ajuda. Ora, se ele encontrar ali apenas um punhado minúsculo de pessoas, pessoas de aparência abatida, e que, enquanto o pregador prega se põem a olhar repetidamente para os seus relógios, chegará ele à conclusão que ali nada existe de aproveitável. Concluirá que aquelas poucas pessoas vão lá porque foram criadas em tal hábito e ainda não ponderaram o bastante a respeito para interrompê-lo. Pois é óbvio que aquilo não significa muito para eles; fazem tudo, claramente, por mera questão de rotina ou tradição. O pobre homem sentir-se-á totalmente decepcionado; nada daquilo poderá ajudá-lo de forma alguma. Por outro lado, se ele entrar em uma igreja repleta de pessoas, tomando consciência de certo espírito de antecipação, e ali contemplar um povo que aguarda anelante por algo, então dirá: "Aqui existe algo de valor. O que é que traz essas pessoas aqui, essa grande multidão?" Portanto, ele ficará imediatamente interessado, e começará a dar toda a atenção a tudo quanto ali estiver ocorrendo. O próprio fato de uma multidão estar agindo assim, com freqüência, tem sido utilizado pelo Espírito de Deus para levar pessoas à convicção e à conversão. Já vi isso acontecer por muitas vezes.

A dificuldade é que muitos não param a fim de meditar sobre essas questões. Vão aos cultos meramente como questão de dever, e, tendo feito isso, sentem-se melhor por haverem cumprido a sua obrigação. Essa atitude para com os cultos obviamente

se exterioriza, e os visitantes podem senti-la, concluindo que se aquela é a atitude daqueles que os freqüentam regularmente, não há grande valor neles. Mas, por outro lado, quando entram num lugar de adoração onde as pessoas o freqüentam por sentirem que Deus vem ao encontro delas, isso também é comunicado aos visitantes, de alguma maneira estranha que ninguém compreende perfeitamente. Sentem, portanto, que algo de real está sucedendo, e esse sentimento bem pode ser usado por Deus para levá-los ao conhecimento da verdade.

Tudo isso significa que aquilo que se faz necessário no púlpito é autoridade, grande autoridade. Os ouvintes nos bancos não estão em posição de determinar a mensagem ou o método, e nem de ditar ao púlpito. Quero postular isso como um absoluto. Ao púlpito cabe fazer a sua avaliação, e deve fazê-la com autoridade. A maior necessidade da Igreja atual consiste em restaurar essa autoridade ao púlpito.

Como é que isso pode ser feito? Como poderíamos restaurar tal autoridade? Temos de usar de grande cautela aqui, porque com freqüência esse tem sido o problema, e com freqüência ele tem sido enfrentado da maneira errônea. Assim se deu com o *Tractarian Movement* (Movimento dos Folhetos), no século passado, vinculado aos nomes de Keble, Cardeal Newman, E. B. Pusey, Cardeal Manning, e outros. Preocupava-os essa questão da autoridade. Tinham consciência do fato que o púlpito, ou seja, a Igreja, havia perdido a sua autoridade, e começaram a buscar um modo de reconquistar e recuperar tal autoridade. Mas, do ponto de vista protestante, deram um passo inteiramente equivocado. Diziam que a maneira de restaurar a autoridade consistia em remover o ministro para mais distante do povo. E o modo de conseguir isso seria vesti-lo em trajes de várias descrições, a fim de enfatizar o seu caráter sacerdotal e o misterioso elemento das suas funções. Noutras palavras, procuraram edificar sua autoridade através desses esquemas espetaculares e externos, denominando-o sacerdote e afirmando que ele possuía autoridade especial por meio dos sacramentos, e coisas dessa espécie. Podemos admitir que o motivo era bom, mas tomaram uma vereda errônea que, por fim, levou à depreciação da pregação e à falsa ênfase sobre sacramentos, ressaltando, em muitos casos, o mero aspecto estético da adoração.

No tocante às igrejas estranhas à tradição episcopal do século passado, parece-me que também optaram por uma falsa alternativa; chegaram a crer que a chave para a autoridade no púlpito seria a erudição. Ora, a erudição reveste-se, como é patente, de grande valor e importância; mas a erudição por si só não pode outorgar autoridade a um pregador. Ela lhe conferirá bom conceito entre outros eruditos, tornando-o simpático entre os "sábios", mas não é isso que se faz primariamente necessário no púlpito. A primordial e maior necessidade do púlpito é a autoridade espiritual. Já declarei que quanto mais capaz for um homem, tanto melhor pregador ele será. O conhecimento e a cultura são de inestimável valor, mas somente sob a condição de serem usados como servos e criados; por si mesmos não proporcionam autoridade. Só existe uma coisa capaz de dar autoridade a um pregador, a saber, que ele seja "cheio do Espírito Santo". A história da Igreja, através dos séculos, e mormente durante os últimos cem anos, comprova e consubstancia o que estou dizendo.

Dessas variegadas maneiras, pois, estou asseverando o que muitos intelectuais

modernos, que fazem bastante objeção à autoridade no púlpito, e que preferem que tão-somente se façam simples leituras das Escrituras, acompanhadas de poucos comentários e discussão, precisam ouvir — que o homem no púlpito não está ali por ser mais capaz do que os outros homens, e, sim, porque Deus lhe outorgou certos dons especiais que não deu a outros. Acha-se ali por ter recebido esse "chamamento", o qual foi confirmado pela Igreja. Os outros não deveriam sentir que estão em competição com ele, e nem deveriam impugnar o direito que ele tem de dirigir-se a eles com autoridade, pelo fato de terem eles tanto conhecimento quanto o pregador, podendo ler os mesmos livros que ele lê. Tudo isso pode ser perfeita verdade, e eles até podem ser mais capazes e terem maiores conhecimentos do que o pregador; no entanto, tal homem foi consagrado ao ministério. E por quê? Não somente por causa de seus dotes naturais, mas especificamente por causa daquilo que Deus fizera a ele. Isso é o que lhe tem propiciado a sua autoridade, a qual não é dada a todos; e se um cristão, sem importar quão capaz, erudito e inteligente ele seja, não está disposto a sentar-se e dar ouvidos a esse homem a quem Deus chamou, nomeou e enviou para que realizasse essa tarefa, com alegria e aguda antecipação, então prefiro desistir de indagar se tal homem é realmente um crente. Trata-se de uma questão de autoridade espiritual, e não de autoridade intelectual ou cultural; e todos deveriam reconhecer isso, estando dispostos, por conseguinte, a dar atenção àquele pregador.

Isso nos leva ao término destas considerações gerais sobre o que seja a pregação, esse "ato" de pregar. Mas, a fim de completar minha exposição, preciso ainda acrescentar uma outra palavra, a qual pode parecer extremamente destituída de espiritualidade, após o que venho dizendo. No entanto, trata-se de algo realmente importante; e esse algo é o edifício. Afinal de contas, a congregação reúne-se dentro de um edifício, assentada e a ouvir o homem que lhes dirige a pregação. O edifício, pois, reveste-se de importância. Pode ajudar ou impedir a concretização do propósito da vinda deles. O edifício tem a sua importância, mas tal importância não deve ser exagerada. Os católicos romanos e seus diversos sucessores e imitadores têm exagerado quanto a esse particular. Pode-se reconhecer que, quanto ao seu melhor lado, eles foram animados por excelentes motivos. As edificações grandiosas, imponentes e ornadas que eles têm erigido — as catedrais e coisas semelhantes — têm sido tentativas de exprimir o senso que têm tido da glória e da majestade de Deus, a quem têm desejado adorar "na beleza da santidade". Porém, exageram de tal modo nesse particular que suas edificações se tornam entraves quase intransponíveis do ponto de vista da pregação, tornando-se assim culpados de negligenciar a coisa mais importante de todas. Um templo muito nos fala acerca das pessoas que o edificaram.

Uma transformação das mais interessantes teve lugar cerca dos meados do século passado, não somente na Grã-Bretanha, mas por igual modo nos Estados Unidos da América. Até então, as igrejas, os templos, eram geralmente edificações bastante simples. Eram chamadas "casas de reuniões", porquanto eram erigidas a fim de que as pessoas se congregassem para adorar a Deus e para ouvir a pregação do Evangelho. O de que se precisava era um local apropriado e adaptado para esse fim. Porém, por volta dos meados do século passado ocorreu uma transformação e começaram a erigir grandes e bem ornados edifícios imitando o estilo gótico. Vastas

somas em dinheiro foram gastas a fim de se construírem aqueles edifícios de abóbadas elevadas com transeptos. Enfatizou-se a beleza e a magnificência. Quão lamentavelmente aquela gente deixou-se trair. Começaram a dizer: "Nós, os não-conformistas e os cristãos livres agora estamos ficando mais respeitáveis. Estamos ficando mais educados e cultos, e estamos ocupando nosso lugar na sociedade, lado a lado com as classes eruditas e dominantes". Por conseguinte, começaram a imitar as edificações dos anglicanos e dos católicos romanos, incluindo grandes cúpulas e colunatas e outros ornamentos que tornam a maioria dos edifícios acusticamente inapropriados em extremo. A idéia era exibir o quanto haviam progredido do analfabetismo e da aspereza do evangelicalismo; entretanto, o que isso tudo realmente proclamava era um trágico declínio na espiritualidade. À proporção que as edificações foram ficando mais ornamentadas, a espiritualidade invariavelmente ia declinando. As edificações muito nos dizem a respeito das pessoas que nelas se reúnem e nelas se deleitam; e mais ainda a respeito das pessoas que as erigiram.

Quais as características desejáveis, portanto, em uma edificação dessas? Sem dúvida o primeiro fator essencial e absoluto é uma boa acústica. Não se pode exagerar ao ressaltar esse particular. Falo alicerçado em considerável experiência, após muitos anos de pregação, em igrejas de diversos países. Pode parecer incrível, mas a verdade pura a ser dita é que não posso pensar em um único exemplo de uma nova edificação erguida na Grã-Bretanha, desde a última guerra — muitas tiveram de ser reconstruídas por causa dos bombardeios — sim, não posso pensar em uma única dessas edificações onde já não se tenha instalado um sistema de alto-falantes. Por quê? Não por serem amplas edificações — algumas delas são bastante pequenas — mas porque a acústica é deplorável. E por que as coisas teriam de ser assim? Porque os arquitetos, falando de maneira geral, pouco conhecem a respeito das leis da acústica. Interessam-se pela beleza externa, pela aparência, interessam-se pelas linhas, curvas, etc.; pouco conhecem a respeito de questões de acústica, e nada sabem acerca da pregação. O mais essencial em um templo é que tenha boas propriedades acústicas. E como se pode assegurar a acústica? A grande regra, a regra essencial quanto a esse particular, é um teto plano. Qualquer variação, por menor que seja, sempre produz dificuldades. Curvas e ângulos são uma abominação. Os tetos planos deveriam ser uma medida compulsória. Nossos antepassados sabiam disso. Edificavam salões quadrangulares com tetos planos, e o resultado disso era que, sem importar quão vastos fossem, acusticamente falando eram quase perfeitos. Não são as dimensões de um edifício que realmente importam; as qualidades acústicas são determinadas principalmente pelo teto. As recâmaras são ruinosas, como também é um erro construir salões elevados demais. Nesse ponto é que o pendor por imitar os católicos romanos e anglicanos tem provocado tanto dano à pregação. A presença de tábuas de ressonância, acima de tantos de seus púlpitos, presta eloqüente testemunho a respeito do que estou dizendo. Eloqüente? Talvez eu devesse dizer "reverberante"! O pregador deve ser livre. Ter de concentrar a atenção sobre a produção de som diminui a eficácia de sua pregação. O pregador deveria ser livre, e a característica do edifício desempenha importante papel em tudo isso.

Que dizer sobre o púlpito? Seja o mesmo colocado no centro; não se deve

empurrá-lo para alguma extremidade. A pregação é o maior ato em conexão com a Igreja e sua função; é disso que os homens necessitam, acima de tudo o mais. Por conseguinte, que se ponha o púlpito no centro. E que dizer sobre a altura do púlpito? É importante que o mesmo tenha a correta altura em relação aos ouvintes. A tendência atual é ter-se púlpitos baixos; isso se deve ao fato que os planejadores não sabem no que consiste a pregação! Não compreendam mal o que digo, mas arquiteturalmente, mecanicamente, o pregador sempre deveria pregar para uma congregação postada em nível inferior. O púlpito, por conseguinte, sempre deveria ter altura apropriada. Se houver uma galeria no templo, o grande teste se dá quando o pregador se põe de pé no púlpito, quando então seus olhos deveriam estar mais ou menos no mesmo nível em que estão as pessoas assentadas na primeira e mais baixa fileira da galeria à sua frente. Se estiverem em maior altura que ele, ele terá que inclinar a cabeça para trás ao olhar para eles, e isso sempre será prejudicial para sua garganta, a qual sempre deverá estar relaxada. Outrossim, a altura da mesa de leitura, no púlpito, é igualmente importante. Achei ser extremamente difícil pregar em certa igreja, bem recentemente, porquanto a mesa de leitura estava à mesma altura que a porção superior de meu peito. Eu me sentia como se estivesse me esforçando constantemente para realizar o nado de peito. Do ponto de vista da pregação, a situação era extremamente ridícula. Quase não preciso dizer que se tratava de uma edificação de construção recente. Não se pode pregar quando se está confinado em uma espécie de caixa. O pregador não é prisioneiro em um banco de réus. Precisa desfrutar de liberdade de movimentos; e deve insistir em que essa lhe seja conferida.

Desejo terminar a presente preleção com um episódio que ilustra o ponto. Lembro-me de ter ido pregar em um imenso templo ao norte do País de Gales há quase quarenta anos passados. O ministro daquela igreja era bem conhecido, sendo o que se costuma chamar de "pregador popular". Jamais me esquecerei do que ele fez em seu gabinete, antes do culto. Ele me recebeu mui educadamente, de fato, com maneiras nobres pelas quais era famoso; e em seguida passou a examinar-me com os olhos de alto a baixo. Perguntei a mim mesmo se eu estaria suficientemente bem vestido para satisfazê-lo, ou se haveria algo de seriamente errado comigo, e do qual eu não tinha consciência. Em seguida ele dirigiu-se diretamente a mim e me tocou na região de meu epigástrio. Por essa altura, eu já começava a indagar o que estaria sucedendo. Então ele afirmou, em parte para mim e em parte para certo número de diáconos que se encontravam em nossa companhia: "Penso que duas plataformas serão suficientes". A explicação para tão estranha maneira de proceder, segundo descobri subseqüentemente, foi a seguinte. O templo dele era um vasto edifício onde se acomodavam cerca de 1.400 pessoas. Ele sabia que o mesmo ficaria literalmente repleto, e ansiava para que aquele pequeno pregador fosse assessorado de toda maneira possível para que pudesse dominar tão numerosa congregação. Disse ele: "Como você sabe, nenhum homem pode pregar se a mesa à sua frente for mais alta do que mais ou menos a boca de seu estômago". Portanto, no interesse dos pregadores visitantes, ele fizera a sua gente fixar três plataformas defronte do púlpito. Um homem bem alto não precisaria de qualquer plataforma extra; um outro homem poderia precisar de uma plataforma; um outro, duas, e alguns até mesmo três. Dessa maneira,

ele queria certificar-se que todo pregador se postasse na mesma posição em relação à congregação. Talvez isso possa parecer ridículo; mas, na qualidade de alguém que já sofreu diante de muitos púlpitos, posso garantir-lhes que é algo que se reveste de real importância. Porventura não é um princípio exarado por Oliver Cromwell: "Confia em Deus e conserva seca a tua pólvora".

Capítulo Nove

O PREPARO DO PREGADOR

Temos chegado agora a um novo aspecto de nosso estudo em torno da pregação, ou melhor, do pregador e sua pregação. Temos examinado o que sucede quando um homem se posta de pé em um púlpito e prega em um culto, numa igreja. Tivemos de começar naquele ponto. Esse é um fato; é o que está transpirando; e por essa razão temos considerado no que consiste a pregação, de modo geral, bem como a preparação do homem que irá pregar.

Mas agora voltamos nossa atenção para um aspecto diferente dessa questão. Até agora nossa abordagem tem sido geral. Consideramos neste ponto a questão específica de como esse homem realmente se prepara para tal tarefa, semana após semana. Confio que minhas divisões gerais fiquem claras. Conforme encaro essa importantíssima questão, precisamos ser claros e diretos em nossa compreensão do todo, antes de descermos às particularidades. Mas agora chegamos a esse ponto, e assim podemos contemplar esse homem, que tem consciência de seu chamamento, a preparar-se para o exercício de seu ministério de pregação.

Como é que ele faz isso? Qual é o processo do preparo? Gostaria de estabelecer, como primeiro postulado, que ele vive sempre preparando-se. E quero dar a entender isso literalmente. Isso não significa que ele está sempre assentado por detrás de uma escrivaninha; mas que se prepara continuamente. Assim como é veraz a afirmativa de que não existe tal coisa como um dia feriado no reino espiritual, sempre sinto que, em igual sentido, o pregador nunca tem um dia feriado. Há períodos de ausência de seu trabalho normal, e há período de férias; mas, devido à natureza e ao caráter de seu chamamento, ele nunca está isento da necessidade de trabalhar. Tudo quanto ele faz, bem como tudo quanto lhe acontece, ele descobre ser relevante para essa grande obra; e tudo, por conseguinte, faz parte do seu preparo.

Voltando-nos, porém, para certas questões específicas, a primeira e mais fundamental tarefa do pregador consiste em preparar-se a si mesmo, e não ao seu sermão. Qualquer homem que já venha atuando há algum tempo no ministério concordará comigo de todo o coração a esse respeito. É algo que cada qual precisa aprender por experiência própria. A princípio um indivíduo imaginará que a grande coisa a ser preparada é o sermão — e o sermão, conforme venho dizendo, precisa mesmo de preparação extremamente cuidadosa. Mas, muitíssimo mais importante é o preparo do pregador.

Em um sentido, o pregador é homem de uma só coisa. No passado houve quem dissesse, à semelhança de João Wesley, que os pregadores haviam se tornado "homens de um Livro". Apesar disso expressar uma verdade, de maneira geral, ainda é mais verídico que o pregador é um homem de uma só coisa. Trata-se daquilo para o que foi chamado, e é a grande paixão da sua vida.

Portanto, que deve ele fazer quanto a isso? A primeira grande regra é que ele deve ser cuidadosíssimo para manter a disciplina geral em sua vida. Há muitos perigos na vida de um ministro. Diferentemente de homens ocupados em profissões e negócios,

ele não está necessariamente limitado a horários e outras obrigações sociais, e nem a condições fora de seu controle; em comparação com esses outros, ele é o seu próprio senhor. Refiro-me a isso com referência a outros homens. Naturalmente, no que concerne a Deus, ele não é o seu próprio senhor. Não obstante, existe essa óbvia distinção entre a vida de um ministro e a vida da maioria dos outros homens; e, visto que as rédeas estão em suas próprias mãos, então cumpre-lhe perceber que há determinados sérios perigos e tentações com os quais ele se defronta de maneira toda especial. Um desses é o perigo de deixar o tempo escoar-se à toa, especialmente pela manhã. Alguém começa a ler um jornal, e é facílimo gastar-se tempo demasiado nessa atividade, de modo quase inconsciente. Além disso, há revistas e jornais semanais, as interrupções provocadas pelas chamadas telefônicas, etc. E tal homem bem poderá descobrir que sua manhã escoou-se toda, sem importar se estava trabalhando em casa ou num escritório na igreja. Assim sendo, venho sentindo sempre, e cada vez mais com a passagem dos anos, que uma das grandes regras do pregador é que ele saiba salvaguardar bem suas manhãs. Que se faça disso uma norma absoluta. Procure criar um sistema mediante o qual não esteja disponível para responder chamadas telefônicas pela manhã; que sua esposa ou qualquer outra pessoa atenda a essas chamadas, informando aos que telefonam de que você não está disponível naquela hora. Literalmente falando, é mister o pregador lutar pela própria vida, nesse sentido!

Quão freqüentemente é interrompido o trabalho matinal, no escritório, por uma chamada telefônica acerca de alguma questão sem qualquer urgência, algumas vezes acerca de um convite para pregar daqui a dois anos! Coisas assim acontecem. Você poderá cuidar da situação em uma de duas maneiras. Uma delas é solicitar ao bom homem que lhe escreva, a fim de que você possa considerar a questão criteriosamente. Mas a segunda maneira, e mais eficaz, é não atender a chamadas telefônicas durante a manhã inteira, instruindo a outrem para que responda, em seu lugar: "O senhor se importaria em telefonar novamente, em tal hora?" — na hora do almoço, ou noutra hora, quando você já tiver terminado o trabalho matinal. Tais interrupções são verdadeiramente enfadonhas; a única coisa boa a respeito delas, talvez seja que lhe ajuda sobre a questão da própria santificação! Não permita nem mesmo que as questões da Igreja sirvam de interferências. Salvaguarde as suas manhãs! Elas precisam ser dedicadas a essa grandiosa tarefa de preparo para o trabalho no púlpito.

Preciso acrescentar uma palavra que, para mim, se reveste de importância, embora talvez não seja aceita por todos. Eu sou um adversário de regras universais para todos. Nada é mais importante do que um homem vir a conhecer a si mesmo. E nisso incluo a necessidade dele conhecer-se a si próprio, temperamental e fisicamente e de igual modo em outros aspectos. Digo assim porque existem aqueles que pretendem receitar um programa para o pregador e ministro; dizem-lhe a que horas deve levantar-se pela manhã, o que fazer antes do desjejum e o que fazer pouco mais tarde, etc. Não hesitam em estabelecer sistemas e programas, defendendo os mesmos e chegando mesmo a sugerir que se um homem não segue tais programas, então é um pecador e um fracassado. Sempre fui oponente dessas idéias, e pela seguinte razão: somos todos diferentes uns dos outros, e ninguém pode determinar um programa dessa ordem para todos.

Desejo ilustrar o que quero dizer. Vivemos em nossos próprios corpos, e estes diferem de pessoa para pessoa. Também somos possuidores de temperamentos e naturezas variegados, pelo que ninguém pode firmar regras universais. Quero usar uma ilustração baseada na dietética. Isso sempre foi motivo para muitas discussões. O que deve alguém comer? Qual dieta seguiria alguém? Sempre haverá quem se preste a vir à frente a fim de advogar alguma espécie de dieta universal, por ele mesmo concebida. Todos deveriam seguir a dieta por ele traçada, pois se todos fizerem assim, nunca terão quaisquer dificuldades nesse terreno. Mas existe uma resposta definitiva para isso. Afirmo que a primeira norma da dietética diz simplesmente que: "João Magriço não podia comer carne gorda, e sua esposa não podia comer carne magra". Isso é a pura verdade. João Magriço era constituído de tal forma que não suportava digerir gorduras. Ele não havia tomado qualquer decisão a esse respeito; nascera assim. É uma questão de processo metabólico do organismo, que ninguém pode determinar. Sua esposa, no entanto, era totalmente diferente; ela não podia digerir carnes magras, mas sentia-se bem com gorduras. Ora, receitar uma dieta comum para João Magriço e sua esposa sem dúvida seria a mais pura insensatez.

O mesmo princípio, mantenho, se aplica a um nível mais elevado. Alguns de nós acordam lentamente pela manhã; mas outros despertam frescos e transbordando de energia (como um cão que se solta da correia), esperando lançar-se ao trabalho. Não podemos determinar essas coisas; elas são de nossa natureza constitucional. Dependem de muitos fatores, e em parte, se não principalmente, de pressão arterial e de coisas como a constituição nervosa do indivíduo, o equilíbrio das glândulas de secreção interna, etc. Todos esses fatores têm a sua contribuição. Meu argumento é que nossa primeira tarefa consiste em nos conhecermos a nós mesmos, acerca de como operarmos com nossa constituição particular. Procure saber quando está no auge da boa forma, e como conduzir a si próprio. Tendo feito isso, não permita que outra pessoa imponha regras mecânicas sobre como deverá trabalhar e dividir o seu dia. Antes, trace o seu próprio programa; você é quem sabe a que horas pode trabalhar melhor. Se não fizer assim, logo descobrirá que é possível se assentar diante de uma escrivaninha — de acordo com normas e regulamentos — por um par de horas, com um livro aberto à frente, a folhear as suas páginas, sem poder absorver praticamente coisa alguma. Talvez mais tarde, naquele mesmo dia, você pudesse fazer muito mais em meia hora do que durante duas horas pela manhã. É isso que quero dizer.

Isso significa que a questão da disciplina é lançada de volta aos ombros do próprio indivíduo. Ninguém pode dizer-lhe o que lhe convém fazer. O que controla a tudo é sua própria percepção de que se ele tiver de ser o que lhe compete, se tiver de ser legítimo pregador, se tiver de ser homem dotado de mentalidade espiritual que se preocupa em ministrar para a glória de Deus e para salvação e edificação das almas, então deve agir dessa maneira. Isso deveria compeli-lo a exercer disciplina. Se um homem tem o motivo correto e o objetivo certo, se de fato foi chamado, então ansiará por realizar tudo quanto lhe cabe realizar da maneira mais eficaz e, para tanto, esforçar-se-á por descobrir como melhor ordenar e organizar os seus próprios dias. Já conheci muitos homens que caíram em dificuldades sérias por se terem deixado guiar por algum sistema que aceitaram de fora, mas com o qual não se puderam adaptar.

Abordo a questão seguinte com pouca coragem, com muita hesitação e envolto em um senso de total incapacidade. Suponho que todos falhamos no que tange ao assunto seguinte, mais do que em qualquer outra área; refiro-me à questão da oração. A oração é algo vital na vida do pregador. Leia as biografias e as autobiografias dos maiores pregadores de todos os séculos e descobrirá que essa sempre foi a grande característica das vidas deles. Sempre foram notáveis homens de oração, homens que dedicavam um tempo considerável à oração. Poderia eu citar muitos exemplos, mas preciso refrear-me, pois existem tantos, e eles são bem conhecidos. Esses homens descobriram que se tratava de um fator absolutamente essencial, o qual foi crescendo de importância à medida que iam progredindo.

Sempre hesitei em manipular esse tema. Tenho pregado a respeito da oração quando se trata de uma passagem que eu vinha explorando; mas nunca tive a presunção de produzir um livro sobre o assunto da oração, e nem mesmo um folheto. Algumas pessoas se têm lançado a essa empresa de maneira demasiado mecânica, procurando guiar-nos através de seus diferentes aspectos e classificando a tudo. Tudo isso parece muito simples. Mas a oração não é algo simples. Há certo elemento de disciplina na oração, naturalmente, mas por certo não podemos abordar a questão nesses termos, devido à sua própria natureza. Tudo quanto me aventuro a dizer é isto — e novamente falo com o respaldo da experiência própria — que é muito importante que o indivíduo conheça a si mesmo quanto a esse aspecto. Se o que digo serve de sinal de pouca profundidade espiritual ou não, não sei dizê-lo — não penso que sirva de sinal — mas confesso francamente que por muitas vezes encontro dificuldade em dar início às minhas orações pela manhã.

Acabei aprendendo certas coisas que dizem respeito à oração em particular. Orar para satisfazer uma norma não é um ato possível. Pode-se ajoelhar para satisfazer tal norma; mas como orar? Tenho aprendido que nada é mais importante do que descobrir de que maneira entramos naquela atitude e condição em que podemos orar realmente. É preciso que você aprenda como dar a partida, e é exatamente quanto a essa particularidade que o conhecimento de você mesmo é tão importante. O que geralmente tenho descoberto é que a leitura de algo que possa ser caracterizado, de modo geral, como matéria devocional, reveste-se de grande valor. Com a palavra devocional não quero dar a entender algo sentimental, mas algo que envolva verdadeiro elemento de adoração. Note que não digo que você sempre deve tomar impulso para a oração mediante a leitura das Escrituras; porquanto você poderá encontrar precisamente o mesmo tipo de dificuldades nesse ponto. Comece mediante a leitura de algo que lhe aqueça o espírito. Desvencilhe-se da frieza que porventura se tenha desenvolvido em seu espírito. Você precisa aprender a como acender uma chama no espírito, a fim de que se aqueça, a fim de que dê a partida. Se assim quiser, isso pode ser comparado a dar partida a um automóvel, quando ele está frio. Você tem de aprender como se usa o afogador espiritual. Já pude observar que se trata de uma medida mui recompensadora, e que assim fazendo não estaremos lutando em vão. Quando um homem se vê nessa condição, quando lhe é difícil começar a orar, não se agonize em oração por enquanto, mas antes, leia alguma coisa que o aqueça e estimule; e então descobrirá que se colocou numa outra condição, na qual será capaz de orar com muito maior liberdade.

Mas nem por um momento estou sugerindo — bem pelo contrário — que você deve confinar as suas orações somente pela manhã, quando começar seu trabalho ou estudo. A oração é algo que deve continuar pelo dia a fora. Por necessidade, as orações não têm de ser longas; podem ser breves, pois às vezes uma mera exclamação é uma verdadeira oração. Não há que duvidar que foi isso que o apóstolo Paulo quis dizer, em sua exortação em I Tessalonicenses 5:17: "Orai sem cessar". Isso não quer dizer que o crente deva viver perpetuamente de joelhos, e, sim, que sempre esteja em atitude de oração. Enquanto você caminha por uma estrada, ou enquanto está trabalhando no seu escritório, volte-se freqüentemente para Deus, em oração.

Acima de tudo — e isso reputo como algo de capital importância — sempre reaja favoravelmente a todo impulso para orar. O impulso de orar pode ocorrer quando você estiver lendo ou quando estiver lutando com um texto. Sempre faço disso uma lei absoluta — obedecer sempre a tal impulso. De onde vem esse impulso? É obra do Espírito Santo; faz parte do significado das palavras: "... desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2:12-13). Geralmente isso nos conduz a algumas das mais extraordinárias experiências da vida de um ministro. Por conseguinte, jamais resista, jamais adie tal impulso, e nunca o empurre para um lado, por estar demais ocupado. Antes, entregue-se ao mesmo, ceda diante dele; e você descobrirá que não somente não estará desperdiçando tempo no que tange ao assunto que você tiver em mãos, mas também que, na realidade, isso muitíssimo terá ajudado a você. Você experimentará a facilidade de compreender o que estiver lendo, de pensar, de colocar em ordem a matéria de um sermão, de escrever ou de fazer qualquer outra coisa, o que é bastante surpreendente. Tal convocação à oração jamais deve ser tida como uma interrupção; mas sempre corresponda a ela sem tardança, e dê graças a Deus se esse impulso ocorrer-lhe com freqüência.

Em todos os pontos de vista o ministro, o pregador, deve ser homem de oração. Isso é constantemente enfatizado nas epístolas pastorais e noutras passagens, e, conforme tenho asseverado, isso é abundantemente confirmado ao longo da história já extensa da Igreja, mormente nas vidas dos mais notáveis de seus pregadores. João Wesley costumava dizer que tinha em bem pouco conceito o homem que não orasse quatro horas por dia. Por igual modo, nada se destaca tão claramente nas vidas de homens como David Brainerd e Jonathan Edwards, Robert Murray McCheyne e um exército de outros santos. Por essa razão é que nos sentimos tão humilhados ao ler a história das vidas desses homens.

Isso nos leva ao próximo ponto essencial na vida de um pregador – a leitura da Bíblia. Obviamente trata-se de algo que ele faz regularmente e todos os dias. Meu principal conselho é o seguinte: Leia sistematicamente a sua Bíblia. O perigo está em ler ao acaso, o que significa que toda pessoa pende por ler tão-somente as passagens que lhe são favoritas. Noutras palavras, o indivíduo não lê a Bíblia inteira. Não posso deixar de enfatizar a importância vital da leitura da Bíblia toda. Eu diria mesmo que todos os pregadores deveriam ler a Bíblia, de princípio a fim, pelo menos uma vez por ano. Você poderá traçar seu próprio plano para tanto, ou poderá lançar mão dos métodos criados por terceiros. Lembro-me de como, após ter esquematizado um

plano para mim mesmo e para os membros da minha Igreja, nos primeiros anos de meu ministério, encontrei o esquema traçado por Robert Murray McCheyne para os membros de sua própria Igreja, em Dundee. Encontra-se esse plano em sua biografia, de autoria de Andrew Bonar. Se você seguir o esquema de Robert Murray McCheyne, então estará lendo quatro capítulos da Bíblia a cada dia; e assim fazendo, lerá o Antigo Testamento uma vez, mas os Salmos e o Novo Testamento duas vezes, a cada ano. Diferentemente de muitos esquemas modernos, ele não selecionou pequenas secções, ou alguns versículos ou breves parágrafos aqui e ali, o que requer muitos anos para que a Bíblia seja lida em sua inteireza, e em alguns casos, salta por cima de certas passagens inteiramente. O principal objetivo de um esquema assim é fazer as pessoas atravessarem completamente as Escrituras a cada ano, sem omitir nada. Esse deveria ser o mínimo de leitura bíblica para todo pregador.

Tenho percebido ser isso um dos fatores mais importantes. E então, tendo feito isso, você poderá estudar por conta própria algum livro específico da Bíblia, com a ajuda de comentários ou de quaisquer outros auxílios que prefira empregar. A leitura que venho descrevendo até o momento é apenas uma leitura geral; mas agora fica subentendido que você estudará porções específicas, como um dos capítulos que tiver lido, se assim quiser, com detalhes e com cuidado, com toda a ajuda que puder encontrar, e com o conhecimento que tiver das línguas originais, e tudo mais.

Desejo ressaltar mais fortemente ainda tudo isso. Um dos hábitos mais fatais que um pregador pode ter é o de simplesmente ler a Bíblia a fim de encontrar textos para sermões. Isto é um verdadeiro perigo; deve ser reconhecido, combatido e resistido com todas as forças. Não leia a Bíblia para descobrir textos para sermões; antes, leia a Bíblia porque é o alimento que Deus proveu para a sua alma, por ser a Palavra de Deus, por ser o meio através do qual poderá chegar a conhecer a Deus. Leia por ser ela o pão da vida, o maná providenciado para nutrição e bem-estar de sua alma.

O pregador, asseguro, não lê a sua Bíblia com o propósito de achar textos; mas se ele ler a Bíblia do modo que sugerimos — o que, de fato, deveria ser feito por todos os cristãos — então subitamente descobrirá, no decurso de sua leitura, que se destaca algum trecho particular, o qual, por assim dizer, fala com ele e o abala, sugerindo-lhe de imediato um sermão.

Nesta altura quero dizer algo que considero ser, de inúmeras maneiras, a mais importante descoberta que já fiz em minha vida de pregador. Tive de descobri-la pessoalmente, e todos a quem tenho revelado a questão, sempre se mostraram muito gratos por causa dela. Quando você estiver lendo as Escrituras dessa maneira — sem importar se você lê pouco ou muito — se algum versículo destacar-se, prendendo a sua atenção e arrebatando-o, não continue lendo. Pare imediatamente e lhe dê ouvidos. Ele estará falando com você; portanto, escute-o e fale com ele. Interrompa a leitura prontamente, e concentre-se sobre a declaração que tanto o impressionou. Continue pensando a respeito até que surja o "esqueleto" de um sermão. Esse versículo ou declaração falou a você, sugeriu-lhe uma mensagem. O perigo que há nesse ponto, conforme tive de descobrir, consiste em dizer a si mesmo: "Sim, esta passagem é muito boa; eu me lembrarei dela mais tarde"; para então prosseguir na leitura. Se assim fizer, no fim da semana não terá sermão algum para o domingo; nem

ao menos terá um texto, e dirá a si mesmo: "Bem, que trecho era aquele sobre o qual li dias atrás? Ah, sim, era este versículo deste capítulo". E então folheará a Bíblia até ali somente para descobrir que o trecho nada diz para você, em absoluto; você não será capaz de recapturar a sua mensagem. Por essa razão é que eu disse acima que sempre que alguma coisa vier a impressioná-lo, você deverá parar imediatamente, procurando formar o esboço de um sermão em sua mente. Porém, não pare por aí: registre tudo no papel.

Por muitos anos não leio a Bíblia sem ter uma caderneta de notas ou sobre minha escrivaninha ou no bolso; e no momento em que qualquer pensamento me ocorre ou me arrebata imediatamente eu o registro na caderneta. O pregador precisa assemelhar-se a um esquilo, pois tem de aprender a coligir e armazenar material para os futuros dias de inverno. E assim, não somente você arma o esboço mentalmente, mas também o registra no papel, porquanto, doutro modo, não mais lembrará dele. Talvez você imagine ser capaz de recordá-lo, mas logo descobrirá que não é verdade. O princípio aqui envolvido é precisamente aquele que opera no que concerne aos exames escolares. Todos sabemos bem o que significa ficar sentado a escutar uma preleção e a ouvir o preletor dizer certas coisas. Enquanto você está ouvindo, "Muito bem, eu sei disso". Mais tarde, entretanto, você vai prestar exames, e tem de responder uma pergunta exatamente sobre aquela matéria, e de repente descobre que não sabe grande coisa a respeito da mesma. Pensava que sabia, mas estava equivocado. Por conseguinte, a regra é: sempre que alguma coisa o impressionar, deve anotá-la no papel. O resultado disso é que descobrirá que em pouco tempo terá acumulado uma pequena pilha de "esqueletos" — esboços de sermões — por ter assim agido. E então estará bastante suprido.

Já conheci pregadores que se sentiam nervosos quando, no sábado, não contavam ainda com textos e nem sermões para o domingo, e que desesperadamente tentavam agarrar-se a alguma coisa. Isso se dá simplesmente porque não põem em prática as medidas que aqui advogo. Isso equivale a dizer que, se eu tivesse de singularizar alguma coisa como mais importante do que qualquer outra, dentro do nível prático, essa seria a mais importante de todas. Lembro-me que, certa ocasião, quando examinava minha pilha de esboços, pouco antes de partir em minhas férias de verão, observei que havia dez esboços que tratavam do mesmo tema. Ali mesmo arranjei-os na ordem certa, passando a contar com uma série de dez sermões consecutivos, prontos para quando eu regressasse. Em certo sentido, eu não precisava mais de férias!

Em segundo lugar eu situaria — não posso pensar em melhor vocábulo, embora eu gostaria de encontrar outra expressão, por ter sido tão desvirtuada — a "leitura devocional". Não quero dar a entender, com isso, aquilo que se convencionou chamar de comentários devocionais. Para mim, os comentários "devocionais" são uma abominação. Não quero que outras pessoas realizem em meu lugar as minhas devoções; mesmo assim, não posso pensar em expressão melhor. Estou antes pensando no tipo de leitura que nos ajuda na compreensão geral e no aprazimento das Escrituras, preparando-nos para subir ao púlpito. Esse tipo de leitura só ocupa segundo lugar depois das Escrituras. E no que consiste? Não hesitaria em colocar,

dentro dessa categoria, a leitura dos escritos dos puritanos. É precisamente isso o que aquelas obras fazem por nós. Aqueles homens eram pregadores, eram pregadores práticos e experientes, que tinham grande interesse pastoral e cuidado pela sua gente. Portanto, quando lemos suas obras, descobrimos que não davam somente conhecimento e informação, mas, ao mesmo tempo, faziam algo pelas pessoas. Novamente, quero enfatizar que é importantíssimo que o pregador chegue a conhecer bem a si mesmo de modo geral, mas também seu estado de espírito, suas atitudes e suas condições. O pregador jamais deveria mostrar-se melancólico; mas sua disposição está sujeita a variações. Ninguém pode dizer como se sentirá amanhã de manhã; você não poderá controlar isso. Nossa tarefa consiste em fazer algo sobre essa disposição variada, não nos permitindo cair vítimas da mesma. Você nunca será exatamente a mesma coisa dois dias em seguida; e terá de tratar de si mesmo de acordo com essas condições variáveis. Por conseguinte, terá de descobrir qual seja a mais apropriada leitura para você, de conformidade com esses diversos estados de espírito.

Penso que, de modo geral, você descobrirá que os puritanos são quase invariavelmente úteis. Não preciso elaborar exageradamente sobre esse particular, mas existem puritanos e puritanos! John Owen, no seu todo, é difícil de ler; ele foi um homem de elevada intelectualidade. Mas havia escritores puritanos mais calorosos, mais diretos e mais experimentais. Jamais deixarei de sentir-me grato a um deles, de nome Richard Sibbes, que serviu de bálsamo à minha alma, em um período da vida quando estava por demais ocupado e exausto, e, portanto, estava sujeito, de modo incomum, aos assédios do diabo. Naquele estado e condição de nada adianta ler obras teológicas; de fato, isso será praticamente impossível. O de que então precisamos é de algum tratamento gentil para as nossas almas. Descobri, pois, naquela época, que Richard Sibbes, o qual na Londres dos primórdios do século XVII era conhecido como "O Celeste Doutor Sibbes", era um remédio infalível. Suas obras, *The Bruised Reed* (A Cana Quebrada) e *The Soul's Conflict* (O Conflito da Alma), me aquietaram, suavizaram, consolaram, encorajaram e curaram. Tenho dó do pregador que desconhece o medicamento apropriado para ser aplicado a si mesmo, naquelas diversas fases através das quais a sua vida espiritual inevitavelmente tem de passar.

Isso pode parecer estranho para certas pessoas, ou mesmo errado. Podem ter uma perspectiva teórica, pois nada conhecem a respeito do ministério e nada conhecem acerca dos seus problemas, preocupações e provações. O apóstolo Paulo sabia o que era viver com "lutas por fora, temores por dentro". Ele sabia o que significa estar "abatido" e em "grande conflito", o que significa estar em meio a grandes lutas; e qualquer ministro digno do nome está destinado a conhecer essas coisas. "A preocupação com todas as igrejas", escreve o apóstolo algures. Todos esses vários fatores — problemas com as pessoas, problemas conosco mesmo, estados e condições físicos — conduzem a essas modalidades de variação, no nível da experiência espiritual do indivíduo. Tal tem sido, por semelhante modo, o testemunho dos santos no decorrer dos séculos. Muito desconfio de qualquer crente que me diz que (ele ou ela) nada sabe acerca dessas variações. Existe um corinho que diz: "Sim, eu sou feliz; sim, vivo a cantar..." Não acredito nisso; não é verdade. Porquanto haverá ocasiões em que você se sentirá infeliz. Existem esses estados de espírito, essas condições da alma, e quanto

mais cedo você aprender a manipular essas coisas e a tratar delas, melhor será para você e para as pessoas para quem você estiver pregando.

Dentro desta mesma divisão eu poria a leitura de sermões. Quanto a isso, preciso exercer cautela. Já dei a entender que existem sermões e sermões, e que a data em que foram publicados tem certa importância. Posso meramente testificar que, em minha experiência, foi imensurável a ajuda que recebi da leitura dos sermões de Jonathan Edwards, nos primeiros anos de meu ministério. E, é claro, não somente os seus sermões, mas também as narrativas sobre aquele grande despertamento, aquele grande reavivamento religioso que teve lugar na América do Norte no século XVIII, e aquela sua grande obra, *The Religious Affections* (Simpatias Religiosas). Todas essas coisas me foram valiosas porque Edwards era exímio no tratamento dos estados e condições da alma. Ele abordava, de maneira eminentemente prática, os problemas surgidos em um ministério pastoral entre as pessoas que atravessam as diversas fases da experiência espiritual. Isso é de grande valia para o pregador. O pregador, por conseguinte, deve escolher judiciosamente o seu material de leitura, não apenas por amor à sua própria alma, mas também para que possa ajudar a outras pessoas, não somente de modo direto, mas igualmente em suas leituras. Muito dano ocorre com freqüência devido ao conselho dado a pessoas, para lerem o tipo errado de livros — podemos torná-las piores, e não melhores. Se um homem já camba levemente para a melancolia, inclinando-se para a morbidez e para a introspecção, e se alguém lhe der um livro cuja finalidade seja, principalmente, a de produzir convicção de pecado, despertando-o e alarmando-o, bem poderá isso levá-lo à loucura. Tal homem não precisa disso, mas precisa de encorajamento e de instruções positivas no momento. Por conseguinte, precisamos saber o que nós mesmos devemos ler, e o que convém a outros. Deixo a questão nesse ponto. Há grande abundância de material de leitura; de fato, a grande dificuldade do pregador consiste em achar tempo suficiente para leitura; é uma batalha constante.

Precisamos achar tempo para ler, e agora nos volvemos para a modalidade de leitura que é mais puramente intelectual. A primeira delas é a teologia. Maior equívoco não existe do que aquele que pensa que nos devemos divorciar da teologia ao deixar as aulas de seminário. O pregador deveria continuar a ler obras teológicas por todos os anos de sua vida. Quanto mais ele as ler, melhor; e há muitos autores e diferentes sistemas que precisam ser examinados. Tenho conhecido ministros do Evangelho, bem como homens de outras profissões, que interromperam esse tipo de leitura ao terminarem o seu treinamento. É que imaginam já haver adquirido tudo o de que precisavam; têm suas anotações feitas em sala de aula, e nada mais lhes é mister. O resultado disso é que ficam vegetando, tornando-se praticamente inúteis. Continue a ler; e leia as grandes obras. Tenho muitos motivos para falar assim. Retornaremos a esse ponto um pouco mais adiante.

Em seguida, volto a tratar daquilo que enfatizara ao considerar o treinamento do pregador — a importância da leitura da história da Igreja. Esta jamais deveria ser reputada apenas como mais uma disciplina para ser estudada com vistas aos exames; pois tem muito maior valor para o pregador do que para os estudantes. E ele precisa ser constantemente relembrado acerca dos grandes fatos históricos. Exatamente pela

mesma razão, deveria o pregador continuar a ler biografias e crônicas dos homens de Deus, sobretudo aqueles que foram grandemente usados como pregadores — Whitefield, os irmãos Wesley, e assim por diante. Continue a examinar suas histórias; é uma pesquisa interminável. Quanto mais você ler sobre esses assuntos, melhor equipado ficará. Tudo isso, lembre-se, cabe dentro do tema do seu preparo pessoal.

Na ordem descendente, em seguida vem a leitura das apologias. Com isso quero frisar que existem modas nos campos da teologia e da filosofia; elas surgem e desaparecem. A tarefa do pregador é familiarizar-se com tudo isso; e por esse motivo, terá de ler algumas dessas obras. Não poderá ler a todas, porquanto seu número é muito grande; mas poderá, ao menos, ler algumas delas. Outrossim, há questões vinculadas às ciências, onde estas parecem entrar em conflito com a fé e com o ensinamento das Escrituras. Todas essas questões precisam ser devidamente consideradas. E finalmente, como é natural, existe a questão da psicologia, com seus ataques particularmente sutis contra a nossa fé.

Ninguém pode ser exímio em tudo; mas um homem pode procurar conservar-se a par e à testa de tudo, do melhor modo possível. Assim, pois, cumpre-lhe ler sobre essas questões, para que se mantenha informado sobre o que acontece. Até aqui venho pensando principalmente em termos de livros. Mas, em adição, há os jornais e periódicos; e não somente aqueles que pertencem a qualquer dada denominação, mas também outras revistas relevantes à obra, mormente nestes dias ecumênicos. Tudo isso se faz necessário para ajudar o pregador a fazer uma correta avaliação das pessoas que vão ouvi-lo. Ele precisa saber algo a respeito do pano de fundo e das atitudes delas, do que pensam, do que lêem e das influências que sofrem. As pessoas, em sua inocência e ignorância, continuam prontas a dar ouvidos a oradores plausíveis, acreditando em tudo quanto lêem em jornais e revistas populares; e nossa tarefa consiste em ajudá-las e protegê-las. Somos pastores, cuidamos de ovelhas, e devemos saber cuidar e proteger essa gente que foi entregue aos nossos cuidados. Nossa tarefa, por conseguinte, é equiparmo-nos para essa grande empresa.

Antes do prosseguir para outros tipos de leitura, desejo enfatizar fortemente a importância capital de manter em bom equilíbrio a nossa leitura. Não posso ressaltar demasiadamente essa necessidade. Devido às nossas diferenças naturais, todos temos preconceitos e preferências. Assim, há aquele tipo de homem que passa todo o seu tempo lendo obras teológicas, há aquele outro tipo que lê filosofia, e outro que lê psicologia; e seu pendor é não ler praticamente outra coisa. Isso constitui um real perigo; e o modo de contrabalançar tal coisa é programar para nós mesmos uma leitura bem equilibrada. O que quero dizer é o seguinte. Leia obras de teologia, conforme eu já disse; mas sempre contrabalançando com a leitura não só de história eclesiástica, mas também com biografias e com modalidades mais devocionais de leitura. Deixe-me explicar por que isso é tão importante. Você está se preparando, lembre-se; e o perigo que ameaça a um homem do tipo intelectual, que lê somente obras de teologia ou de filosofia, é deixar-se arrastar pela soberba. Acaba persuadindo-se de que conta com um sistema perfeito; não há nenhum problema e nem dificuldade. Mas logo descobrirá que há problemas e dificuldades; e, se quiser evitar o naufrágio, a melhor coisa que ele pode fazer, ao sentir que sabe tudo, ao sentir-se

arrebatado e tentado ao orgulho intelectual, é apanhar, digamos, o diário de George Whitefield. Ali ficará sabendo como aquele homem foi usado por Deus, na Inglaterra, no País de Gales, na Escócia e na América do Norte, e também ficará sabendo de suas experiências sobre o amor de Cristo. E se não chegar a sentir prontamente que é apenas um verme, então opino que tal homem nunca foi regenerado. Precisamos continuamente sermos diminuídos. Eis por que uma leitura bem equilibrada é um absoluto essencial. Se seu coração não estiver tão envolvido nessas coisas, como sua cabeça, então sua teologia será defeituosa — à parte de qualquer outra coisa. Existe esse real perigo de você tornar-se ultrateórico, ultra-acadêmico, ultra-objetivo, ultra-intelectual. Isso significa não somente que você se acha em perigoso estado espiritual, mas que, nessa exata proporção será pregador e pastor deficiente. Não estará ajudando sua gente, e estará fracassando diante da tarefa para a qual foi convocado.

A maneira de contrabalançarmos e de nos salvaguardarmos disso, é manter bom equilíbrio em nossa leitura. Nunca deixemos de fazer isso. Assevero que o pregador sempre deveria ler de acordo com essas diferentes linhas diariamente. Tenho criado uma espécie de rotina, que penso ser sã e proveitosa, tanto do ponto de vista físico como do outro ponto de vista. Se estiver lendo os livros mais solenes e difíceis, ou as obras mais diretamente teológicas pela manhã, então lerei de outros tipos à noite. É conveniente que a mente não seja por demais estimulada e exercitada antes de nos recolhermos ao leito, se quisermos evitar o problema da insônia. Isso não se reveste de grande importância quando ainda somos jovens — naquele estágio podemos fazer quase qualquer coisa que quisermos, e ainda poderemos dormir — mas, à medida que vamos envelhecendo, descobriremos que isso não é tão fácil. Por muitas vezes tenho tido de esclarecer isso para homens por demais nervosos, à beira mesmo do colapso nervoso. Ao ouvir suas histórias, torna-se óbvio para mim que tinham o hábito de ler matéria realmente pesada, que exige todas as suas reservas e habilidades mentais, até exatamente o momento de se recolherem à noite para dormir. E então se surpreendem quando suas mentes se recusam a deixar de trabalhar, não podendo relaxar e dormir. É pura questão de bom senso; mas é algo muito importante. Portanto, procure equilibrar sua leitura, por todas essas razões.

Qual é o propósito de toda essa leitura? Reitero que o objetivo dela não é primariamente arranjar idéias para os sermões. Isso constitui um outro temível perigo. Assim como os homens tendem por ler a Bíblia em busca de textos para sermões, assim também se inclinam por ler livros para encontrar material de pregação. Posso quase descrever isso como a enfermidade ocupacional do ministério. Lembro-me de certo ministro que me contou, em 1930, que estivera em uma reunião ou festa particular, cujo desígnio era aprofundar as experiências espirituais das pessoas. Falou-me ele do grande benefício que derivara daquela reunião. Eu esperava que ele me contasse algo do que havia experimentado, ou do que tivera significação espiritual para ele; mas não foi sobre isso que ele falou. Antes, disse: "Ali obtive maravilhoso material para as minhas pregações". Material de pregação! Massa bruta para sermões! Ele não fora àquela reunião a fim de extrair dela benefícios espirituais, mas simplesmente para obter material — ilustrações, narrativas sobre experiências de outras

pessoas, etc. — para os seus sermões. Virtualmente ele se isolou de qualquer influência espiritual, porquanto se aproximava de tudo por esse prisma. Tornara-se um profissional. Lia a sua Bíblia a fim de arranjar textos, lia livros para obter idéias, e assim por diante.

De fato, isso pode tornar-se bastante ridículo; e regozijo-me que as coisas sejam assim, pela seguinte razão, que os pregadores que precisam apelar para os livros a fim de arranjar sermões geralmente acabam sendo apanhados! Isso se impôs poderosamente à minha atenção quando eu vivia em Gales do Sul. Havia famosa livraria religiosa em certa localidade, e os pregadores dos distritos circunvizinhos tinham por costume ir ao mercado de livros e visitar as estantes uma vez por semana ou mesmo com maior freqüência. Todos eles dirigiam-se a essa livraria e compravam dali vários livros. A tendência, naturalmente, era todos comprarem os mesmos volumes, e o resultado era que muitos deles pregavam o mesmo sermão! Mas, infelizmente para eles, os membros de suas igrejas, a sua própria gente, conheciam-se uns aos outros, e quando se encontravam, conversavam sobre suas respectivas Igrejas e os seus ministros. Um deles falaria acerca de um maravilhoso sermão que tinha ouvido no domingo anterior. "E qual foi o texto?", o outro perguntava. Ao ser informado, o inquiridor começava a sorrir, porquanto também estivera ouvindo praticamente a mesma coisa. Naturalmente, havia minúsculas variações, mas, essencialmente, era sempre o mesmo sermão! Aqueles pobres homens tinham-se tornado dependentes de livros para obterem idéias.

Recordo-me de um outro ministro, que era um bom pregador, o qual me contou, em certa ocasião, quando viajei no mesmo compartimento de um trem e o encontrei a ler a obra de Robert Bridges, *Testament of Beauty* (O Testamento da Beleza), que ele "obtinha" muito mais subsídios "destes sujeitos" do que de quaisquer outros autores. O que ele desejava dizer é que derivava dali um maior número de idéias e material de pregação. Existem indivíduos que arranjam suas idéias em livros e jornais, e, de fato, em toda espécie de estranhas fontes.

Assevero que não é esse o objetivo primário de nossas leituras. Qual, portanto, é o propósito, a função primordial? É prover informações; mais importante ainda, entretanto, é que esse é o melhor estímulo geral. O de que o pregador sempre necessita é estímulo.

Em certo sentido, ninguém deveria buscar idéias nos livros; a finalidade dos livros é fazer a pessoa pensar. Não somos discos de gramofone, razão por que devemos pensar com originalidade. Aquilo que pregamos deve ser resultado das nossas próprias meditações. Não nos compete meramente transmitir idéias. O pregador não tem por finalidade servir de mero canal através do qual flui a água; ele deve muito mais parecer-se com um manancial. Por conseguinte, a função da leitura é estimular-nos de forma geral, estimular-nos a pensar, a pensar por nós mesmos. Tomemos tudo quanto lermos e mastiguemos totalmente o material lido. Não reiteremos tudo da mesma maneira que o recebemos; antes, comuniquemo-lo à nossa própria maneira, que tudo emerja como parte de nós mesmos, com nossa própria assinatura. Eis por qual razão enfatizo o princípio geral de que essa é a principal função da erudição. É trágico quando os homens se transformam em meros

discos de gramofone, ou gravadores de fita, em que uma mesma coisa é reproduzida e repetida interminavelmente. Um homem assim não demorará a ficar árido; logo cairá em dificuldades; e a sua gente poderá reconhecer esse fato muito antes dele.

Mais uma observação acerca de nossas leituras. Leituras gerais também são importantes. Por qual razão? Bem, se não houvesse qualquer outra razão — simplesmente por motivo de descanso mental. A mente precisa de descanso. O homem que se mostra tenso demais e que sobrecarrega a sua mente, não demorará a cair em dificuldades. Precisamos dar alívio e repouso à mente. Entretanto, aliviar a mente não significa meramente deixar de ler; antes, que se leia algo diferente. Se você ler alguma coisa inteiramente diferente, sua mente sentir-se-á relaxada. Uma modificação quanto a isso é tão boa quanto um período de descanso. E, ao mesmo tempo, você estará acrescentando algo ao seu tesouro de boas informações gerais, o que serve de excelente pano de fundo para a pregação. Portanto, advogo a leitura de obras históricas. Agora falo a respeito de história secular, de biografias, da história de grandes estadistas, e mesmo a respeito da história de guerras, se você gosta de tais narrativas. Ou talvez você mostre algum interesse especial por algum assunto, como passatempo; bem, nesse caso, faça bom uso do mesmo, desenvolva-o. Uma vez mais, no entanto, uma solene advertência! Não dedique demais do seu tempo a isso. Nisso consiste o perigo. Você sempre estará combatendo quanto a essa questão. Sempre haverá a tendência de irmos a extremos. Porém, se você tiver algum interesse especial, cultive-o com moderação. Isso será bom para a sua mente; preservará a elasticidade e o frescor. Portanto, sempre tenho procurado fazer isso, examinando certas revistas que tratam de assuntos gerais e de material literário, onde há bons e bem escritos artigos e boas bibliografias que sugerem outros livros que devem ser lidos. Não acredito muito em obras condensadas e enciclopédias, as quais encorajam a mentalidade de "computador imediato" muito mais do que a meditação.

O ministro sempre deveria ler dessa maneira bem equilibrada, que programa para si mesmo. Sempre foi minha prática, desde muitos anos passados, levar comigo algum grosso volume, quando em gozo de férias de verão. Naquela época, geralmente era algum livro com as últimas Conferências de Bampton. Geralmente eram efetuadas por homens que não eram evangélicos, mas eram pessoas que sabiam fazer uma extensa pesquisa sobre algum aspecto particular da Verdade. Descobri que se revestiam de grande valor as Conferências de Bampton ou as Conferências de Hibbert. Um pregador atarefado raramente dispõe de tempo para a leitura consecutiva que esse tipo de livro exige, e por esse motivo eu me aproveitava de meus períodos de férias a fim de ler tais obras. Minha esposa sempre se mostrava bem disposta a concordar com o meu esquema, e, mais tarde, por semelhante modo, as crianças. Elas me deixavam desfrutar à vontade de minhas manhãs, a fim de que eu pudesse fazer isso; e então, tendo realizado esse propósito, eu estava preparado para fazer qualquer coisa que eles me propusessem. Fazendo um retrospecto, alegro-me de que eu tenha tido o bom senso e a sabedoria de agir dessa maneira.

Preciso dizer uma palavra sobre a música. A música não ajuda a todo mundo, mas é de prestimoso auxílio para algumas pessoas; e, afortunadamente, sou uma delas. Recentemente, alguém me disse que ficara atônito ao ler notícias a respeito de Karl

Barth, por ocasião do seu falecimento, e haver descoberto que Barth costumava dar início às suas atividades matinais ouvindo um disco de música composta por Mozart. Disse-me tal pessoa que não podia entender algo assim. Perguntei-lhe: "Qual é a sua dificuldade?" "Bem", ele retrucou, "estou surpreso que um pensador como Karl Barth apelasse para Mozart; eu esperaria antes que ele gostasse de Beethoven, ou de Wagner, ou talvez de Bach". Essa pessoa estava profundamente admirada. Mas meu sentimento acerca daquele homem é que evidentemente ele desconhecia o real valor da música, ou como usá-la. "Posso dizer-lhe por qual razão Karl Barth apreciava Mozart", respondi. "Ele não buscava em Mozart pensamentos ou idéias, mas Mozart fazia algo por ele em um sentido geral. Mozart o punha em bom estado de espírito, fazendo-o sentir-se feliz em sua alma. Mozart o liberava, deixando-o à vontade para pensar os seus próprios pensamentos." Um estímulo geral nesse terreno com freqüência é de maior ajuda do que um estímulo mais particularmente intelectual. O próprio indivíduo é maior do que o seu intelecto. Não seria essa uma das razões pelas quais os profetas da antiguidade pediam que lhes fosse tocada música, na harpa ou em algum outro instrumento? Mais adiante farei alusão a isso novamente. Qualquer coisa que nos faça um bem, que nos ponha em estado de espírito ou condição de boa qualidade, qualquer coisa que nos satisfaça ou que afrouxe as tensões e nos deixe relaxados, será de inestimável valor. A música faz isso para algumas pessoas, de maneira admirável. Lembremo-nos de que continuamos tratando das maneiras mediante as quais o pregador manipula e prepara a si mesmo. Portanto, faça funcionar seu toca-discos, ou outra coisa qualquer — qualquer coisa que você saiba que lhe ajuda.

Termino conforme comecei, dizendo: Conheça a si próprio. Você descobrirá que ocorrerão variações em sua vida; você passará por fases diversas e experimentará variegados estados de alma. Procure conhecer a si mesmo. Você descobrirá que haverá períodos, talvez de dias, ou mesmo semanas, quando, por alguma razão inexplicável, a sua mente estará trabalhando em seu zênite, quando então você estará em condição fecunda, capaz de descobrir idéias para sermões por toda a parte — "Línguas em árvores, livros nos riachos que serpeiam, sermões nas pedras e bondade em todas as coisas". Quando isso acontecer, ponha em concha ambas as mãos e receba tudo; registre no papel tudo quanto você puder, a fim de que, ao chegarem os períodos ressequidos, estéreis e áridos, você tenha algo do qual possa depender. "Conhece a ti mesmo" era o conselho dado pelos filósofos gregos de antanho; e, para os pregadores, continua não havendo outra injunção tão importante.

Capítulo Dez

A PREPARAÇÃO DO SERMÃO

Temos feito a tentativa de falar sobre o preparo do pregador propriamente dito. Nenhum homem pode fazer isso do modo devido, mas precisamos estar profundamente cônscios dessa necessidade, e continuar lutando com esse problema pelo resto das nossas vidas. Tendo feito isso, volvemos agora a atenção para a preparação do sermão.

Dê-me a permissão de enfatizar uma vez mais que, nestas preleções, estamos examinando a pregação. Alguém já indagou: "Que dizer sobre a visitação?" Não estou procurando tratar de todos os aspectos do trabalho de um ministro, e, sim, da pregação, porquanto acredito que esta ocupa o primeiro lugar e se reveste de importância máxima. A visitação, ou qualquer outra atividade, jamais poderá compensar a falta de pregação. Efetivamente, sugiro que a visitação não terá grande significado a menos que a pregação tenha sido o que deve ser, tendo preparado o caminho de antemão. Provavelmente tudo não passará de uma visita social, incluindo talvez uma xícara de chá e uma conversinha agradável; mas isso não é visitação pastoral. A pregação prepara o caminho para todas as demais atividades de um ministro. Conforme já pude demonstrar, ela prepara o caminho para o trabalho pessoal, e igualmente prepara o caminho para as visitações.

Não examinarei o tema das visitações. Realmente, você pode ter observado que nem ao menos eu tratei da questão das orações feitas do púlpito, ou das orações públicas. É óbvio que isso se deve, não ao fato que não as considere de capital importância; mas é simplesmente porque o tempo disponível e outros fatores me compelem a limitar-me ao tema da pregação. As orações feitas do púlpito são importantíssimas; a direção imprimida ao culto como um todo é da maior importância. Avento de novo, porém, que tudo isso será determinado principalmente pela pregação, e pela abordagem que se der à mesma. Como é claro, se você pertence a alguma igreja de tendências litúrgicas isso não é aplicável, embora eu pense que, mesmo nesse particular, o modo pelo qual o ministro lê a liturgia depende muitíssimo do que ele estiver fazendo durante a preparação de seu sermão. Todavia, não estou preocupado em examinar todas essas outras diversas questões; quero antes ressaltar aquilo que reputo como a questão primordial — a pregação. Não sou capaz de enfatizar isso com exagero; a pregação controla a tudo o mais, determinando o caráter de todas as outras coisas.

Quando nos voltamos para a preparação do sermão, vemo-nos, de imediato, diante de uma das decisões fundamentais, a respeito da qual já fiz alusão em minha introdução geral. Qual será o tipo deste sermão? Será evangelístico? Servirá de edificação, conforto e fortalecimento aos crentes, aos membros da Igreja? Ou será um tipo mais geral de instrução quanto à mensagem da Bíblia? Como é evidente, trata-se de uma decisão importante; e tendo feito comentários a respeito páginas atrás, agora apenas reitero esse ponto porque se trata de uma questão que surge em primeiro plano.

Tendo decidido qual seja o tipo específico de sermão, em seguida chegamos à questão intensamente prática da sua real preparação. Alguns parecem pensar que existem normas absolutas quanto a esta questão; mas avento que as coisas não são assim. Portanto, meramente exponho algumas sugestões experimentais, baseadas em meu próprio entendimento, em minha própria experiência sobre tais assuntos.

Considerando o quadro total, eu diria que o tema da pregação não deve se originar em assuntos. O que quero dizer é o seguinte. Lembro-me de um capelão das forças armadas dos Estados Unidos, durante a Segunda Guerra Mundial, que me contou o que fizera em certa oportunidade em que estava na Grã-Bretanha. Encontrava-se acantonado em certa porção do país quando lhe foi solicitado pregar em um domingo, em certa igreja local que ele vinha freqüentando. Ele chegara a determinadas conclusões acerca do estado espiritual daquela congregação. "Portanto", disse-me ele, "em face do que eu havia observado, resolvi apresentar-lhes o meu sermão sobre a 'Justificação pela Fé' ". Fiz-lhe então algumas perguntas e com isso descobri que, após ter ele terminado o seu treinamento em bem conhecido seminário teológico, aquele homem preparou uma série de sermões sobre vários temas teológicos e doutrinários. Ele tinha um sermão sobre a justificação, outro sobre a santificação, outro sobre a providência divina, outro sobre escatologia, e assim por diante. Em outras palavras, ele começava por um assunto, para em seguida procurar um texto bíblico que tratasse desse assunto. Mas o que ele estava fazendo, na realidade, era expor preleções sobre "justificação pela fé" e outros temas diversos. É isso que quero dizer quando falo que não se deve pregar sobre assuntos.

Aventuro-me a avançar mais um passo, expondo-me a ser alvo de alguma crítica, ao dizer que, no todo, não acredito na pregação do catecismo. Existem pessoas, as quais respeito grandemente, que fazem disso uma prática regular; mas minha sugestão é que não se trata de um sábio modo de proceder, principalmente por que tende a produzir uma atitude teórica para com a Verdade, uma atitude ultra-intelectual para com a Verdade. Não é que eu não acredite em ensinar o catecismo ao povo. Acredito. Mas minha opinião é que isso deve ser feito noutra ocasião e de maneira diferente. Eu situaria isso sob a categoria de instrução, abordando o assunto através de uma série de preleções. Melhor ainda, porém, ao que me parece, é dizer ao povo que leia e estude o catecismo por eles mesmos, e então considerem-no juntos, em grupos de discussão e debate.

Assim afirmo porque creio, conforme venho indicando, que na pregação a mensagem sempre deve originar-se diretamente das Escrituras, e não de formulações preparadas pelos homens, embora sejam eles os mais excelentes indivíduos. Afinal, esses catecismos foram produzidos por homens, e homens cujo intuito era enfatizar certas coisas, em sua peculiar situação histórica, em contraposição a determinados outros ensinamentos ou atitudes. No melhor dos casos, por conseguinte, tendem a ser incompletos, tendem por caracterizar-se por alguma ênfase específica; e, por isso mesmo, se inclinam a deixar de fora certas coisas. Mas, o meu argumento final contra a pregação de catecismos é que esse mesmo objetivo pode ser atingido mediante a pregação baseada nas Escrituras, da maneira como venho salientando; pois, afinal de contas, os catecismos se derivam das Escrituras. A função de um catecismo, conforme

penso, em última análise, não é prover material para a pregação; mas é salvaguardar a fidelidade da pregação, e também salvaguardar a interpretação dada pelo povo, quando estiverem lendo suas Bíblias. Visto ser essa a principal função dos credos e dos catecismos, sem dúvida é um erro, portanto, simplesmente pregarmos constantemente com base no catecismo, ano após ano, ao invés de pregar a Palavra diretamente das Escrituras, com as Escrituras sempre abertas na sua frente, com as mentes das pessoas dirigidas a elas, ao invés de serem dirigidas à compreensão do que os homens têm a respeito. Embora aquilo que você esteja pregando seja a sua compreensão sobre o significado e o ensino das Escrituras, esse método preserva — e enfatiza de forma bem mais clara — a idéia de que está expondo uma mensagem tirada da Bíblia, e não os dogmas de alguma denominação em particular.

Supondo-se que isso exprima uma verdade plena, no que tange a temas e a catecismos, chegamos então à grande indagação — "O que, exatamente, devo fazer? Pregarei sobre textos avulsos?" O que entendo por textos avulsos é que eles não pertencem a alguma série, mas que você toma um versículo ou um parágrafo específico aqui e outro acolá, de tal maneira que não há qualquer seqüência ou conexão entre os sermões de domingo para domingo. Portanto, devemos pregar baseados em textos esparsos, ou devemos pregar sermões que formem séries?

Os pregadores com freqüência têm defendido acirradamente os seus pontos de vista quanto a isso, e essa é uma questão deveras interessante, e, como é lógico, muito importante. Um dos maiores pregadores do século passado, se não mesmo o maior de todos, Charles Haddon Spurgeon, assumia sobre isso uma posição inflexível. Ele não acreditava em que se deve pregar uma série de sermões; de fato, opunha-se vigorosamente a tal prática. Dizia ele que há um sentido em que é atrevido o indivíduo que decidir pregar uma série de sermões. Também asseverava que os textos deveriam ser dados ao pregador, e que este deveria buscar a vontade do Senhor quanto a essa questão, pedindo-Lhe orientação. Ele mantinha que o pregador não deveria tomar pessoalmente tal decisão, mas antes, que deveria orar, rogando orientação e direção da parte do Espírito Santo, para então submeter-se a Ele. Assim fazendo, ele seria levado a determinados textos e declarações, que então exporia em forma de sermões. Esse era o ponto de vista defendido por Spurgeon e por muitos outros. Pessoalmente, fui criado em uma tradição que aderia a essa posição. Jamais ouvíamos uma série de sermões com base em um livro, ou parte de algum livro da Bíblia ou com base em um tema qualquer.

Em direta oposição a esse preceito, entretanto, temos a posição advogada pelos puritanos, os quais eram grandes adeptos de sermões pregados em série. De passagem, é interessante notarmos que embora Spurgeon fosse tão profícuo leitor dos escritos dos puritanos, fosse tão profundo admirador deles, quanto a essa particularidade ele discordava deles totalmente.

Por conseguinte, o que se pode dizer quanto a isso? Tudo quanto posso dizer é que para mim parece um tanto errado uma pessoa mostrar-se rígida sobre essa questão, baixando regras inflexíveis e peremptórias. Não vejo por que o Espírito não poderia guiar um homem para pregar uma série de sermões com base em alguma passagem ou livro da Bíblia, tanto quanto pode guiá-lo a um único texto isolado. Por

que não? O que importa — e neste ponto ponho-me ao lado de Spurgeon de todo o coração — é que nos compete preservar e salvaguardar "a liberdade do Espírito". Não podemos assumir o controle nesse particular; não podemos decidir a sangue frio, por assim dizer, o que haveremos de fazer, mapeando um programa, e assim por diante. A minha convicção é de que isso labora em erro. Já conheci homens que costumam fazer isso. Já conheci homens que, no começo de um novo período, após gozarem férias, distribuíam uma lista de seus textos com muitos meses de antecedência, revelando o que pregariam em cada domingo específico durante aquele período de tempo. Reprovo essa prática inteira e completamente. Não estou dizendo, e nem presumo dizer, que isso é algo impossível: sob a liberdade do Espírito não é algo impossível, porquanto "o vento sopra onde quer". Não podemos dizer que o Espírito sempre operará ou deverá operar de determinado modo. Mas, falando em termos gerais, sinto que a prática de planejar e publicar um programa dessa ordem importa, sem dúvida, em impor certos limites ao senhorio e à orientação do Espírito quanto a esse aspecto. Portanto, tendo asseverado que estamos sujeitos ao Espírito, e que devemos exercer cuidado para nos certificarmos de que realmente Lhe estamos submissos, argumento que Ele poderá conduzir, em certa oportunidade, a pregarmos sobre textos esparsos, e, noutra oportunidade, a pregarmos uma série de sermões. Posso afirmar humildemente que em minha experiência isso já ocorreu por várias vezes.

Existe um volume de sermões pregados por mim, sob o título de *Spiritual Depression* (Depressão Espiritual). A narrativa de como cheguei a pregar aquela série talvez ajude a ilustrar essa questão. Eu já havia verdadeiramente resolvido — parecia-me estar sendo guiado naquela direção, mas sem dúvida foi tudo de minha própria escolha — de que daria início a uma série de sermões alicerçados sobre a epístola aos Efésios. Entretanto, certa manhã, quando me vestia, de modo bastante súbito e avassalador, pareceu-me que o Espírito de Deus me compelia a pregar uma série de sermões sobre a "depressão espiritual". Mui literalmente, enquanto eu me vestia, aquela série tomou forma em minha própria mente, e tudo quanto tive de fazer foi apressar-me, o mais rápido possível, para registrar no papel os diversos textos, na ordem em que me tinham ocorrido, daquela maneira. Nunca antes eu pensara em pregar uma série de sermões sobre o tema da depressão espiritual; jamais me passara pela idéia tal coisa; no entanto, foi assim que aconteceu. Sempre dou profunda atenção a esses impulsos. Trata-se de uma experiência admirável, gloriosa e singular; e eu jamais ousaria desobedecer o que considero como injunção bem definida, que me é outorgada assim. Tenho plena confiança de que a pregação daquela série de sermões me foi ditada pelo próprio Espírito.

Gostaria de adicionar mais uma palavra a fim de justificar a minha atitude que devemos evitar a rigidez excessiva quanto a esse assunto. Estou sugerindo que é correto pregar tanto sobre textos esparsos como sobre textos em série; e, de qualquer modo, uma série sempre poderá ser interrompida. De fato, uma série sempre deveria ser interrompida, se sentirmos no espírito uma pressão específica que nos exorte a fazer tal coisa. Por essa razão é que eu jamais mandaria imprimir um programa daquilo que me proponho pregar, mesmo que seja durante os próximos três meses. Não

podemos dizer o que faremos — eu, pelo menos, nunca posso dizê-lo. Podem surgir circunstâncias que requeiram atenção e provejam maravilhosas oportunidades para a pregação. Na verdade, eu jamais poderia garantir que terminaria o sermão que preparara para qualquer dada ocasião. Por muitas e muitas vezes me tenho encontrado na posição em que o período do tempo usual para o sermão já terminou, mas que eu pregara apenas metade do meu sermão! Como poderíamos prever o que poderá suceder? Não estamos controlando essas coisas, ou pelo menos, não deveríamos controlá-las. O Espírito é quem nos está usando e tratando conosco enquanto pregamos, tanto quanto durante o processo de preparação. Não me compreenda mal; não estou advogando ou justificando o descaso. Tenho feito tudo quanto é humanamente possível para enfatizar justamente o contrário. Não obstante, apesar de toda a preparação e previsão, precisamos manter "a liberdade do Espírito", procurando conservar-nos franqueados e sensíveis para com todos os movimentos dEle. Para mim, pois, um programa impresso seria ridículo, devido à constante possibilidade de interrupções e variações, e por causa do desenvolvimento de certos temas de maneira inteiramente imprevisível, ou durante o processo de preparação ou enquanto estivermos pregando de fato. Qualquer que seja a sua decisão, no que concerne a essa matéria, mantenha-se livre.

Ou deixe-me exprimir a questão deste modo. Eu estabeleceria como praxe que existem ocasiões especiais que sempre deveriam ser observadas. Neste ponto, tenho a temeridade de expressar uma crítica a respeito dos puritanos. Acredito em pregar sermões especiais no Natal e durante a época do Advento; também acredito em que se preguem sermões na Sexta-Feira da Paixão, no Domingo da Páscoa e no Domingo de Pentecostes.

Como poderei justificar isso? Bem, por que os puritanos faziam objeção a tal prática? A resposta, naturalmente, é que faziam objeção a essas ocasiões especiais por causa da sua violenta reação contra o catolicismo romano. Os católicos romanos haviam transformado a celebração do nascimento de nosso Senhor em uma missa; e assim os puritanos, sendo criaturas típicas de reação, como todos nós o somos, inclinaram-se por reagir por demais violentamente, donde resultou o desejo deles de eliminarem tudo quanto cheirasse à missa em qualquer sentido, e tudo mais que estivesse associado à maneira de pensar do catolicismo romano, tendo cambado para o outro extremo, oposto a qualquer observância de tais dias.

Apesar de que compreendo plenamente a atitude deles, e simpatizo inteiramente com a mesma de modo geral, sem embargo penso que estavam equivocados. Assim afirmo porque creio que o perigo que a maioria de nós enfrenta é o de nos interessarmos de tal modo pelas implicações e conseqüências da fé cristã que tendemos por esquecer da essência e dos próprios fundamentos da fé. Nós deixamos subentendidas essas coisas, mas talvez nunca preguemos sobre elas. E se essa é a verdade atinente à pregação, a mesma coisa, como é óbvio, será verdade com relação às pessoas que nos ouvem. Entretanto, quando examinamos as epístolas do Novo Testamento, descobrimos que os apóstolos não podiam abordar qualquer assunto sem constantemente aludirem a esses fatos fundamentais da fé cristã. De qualquer maneira, existem quatro Evangelhos que nos fazem lembrar os fatos e a sua historicidade.

Por certo, o grande perigo de hoje em dia, sobretudo em certos círculos, é a ultra-intelectualização. Por muitas vezes me tenho esforçado para persuadir as pessoas a se tornarem mais intelectuais e menos sentimentais na sua abordagem da fé cristã; mas, neste instante, estou igualmente certo de que alguns indivíduos precisam ser advertidos a respeito do perigo de se tornarem ultra-intelectuais, perdendo contato com os grandes fatos históricos sobre os quais se respalda a nossa fé. Qualquer crente que não corresponda favoravelmente a um sermão sobre o nascimento de Cristo, faria bem em reexaminar a sua posição inteira em Cristo. E se você mesmo, na qualidade de pregador, não se pode comover por um sermão que aborde os fatos e os detalhes da morte de nosso bendito Senhor, na cruz, na colina do Calvário, se você não sente como se jamais os houvesse pregado antes, e se não for tão tocado por esses fatos como jamais fora no passado, então reafirmo que seria aconselhável examinar os seus alicerces. E a mesma coisa é verdadeira no caso dos ouvintes. Por conseguinte, essas ocasiões especiais se revestem de grande valor, quanto a esses aspectos, de tal maneira que, de certo modo, compelem-nos a retroceder a lembrarmo-nos dessas coisas que, afinal de contas, são os princípios fundamentais sobre os quais repousa a nossa posição inteira.

Vou mesmo além disso. Acredito em lançar mão de quase qualquer ocasião especial como oportunidade para pregar o Evangelho. Portanto, em acréscimo ao que já mencionei, sempre me aproveito do primeiro domingo de um Ano Novo dessa maneira. Você poderá indagar: "Qual é a diferença entre o dia 1º de janeiro e o dia 31 de dezembro?" Ora, em certo sentido, você teria toda a razão. Essa é uma atitude puramente intelectual. Para essa atitude, todos os dias são idênticos. Para a pessoa comum, no entanto, existe certa diferença. Ano Novo! tempo de tomar boas resoluções. Naturalmente, sabemos que nem uma delas é verdadeiramente séria, e que conduzem a nada. As pessoas repetem-nas a cada ano e provavelmente não mantêm suas resoluções nem mesmo por uma semana. Não obstante, prosseguem nessa prática. "Mas", poderá alguém perguntar, "de que adianta prestar atenção a essas coisas?" Uma vez mais temos aqui o ponto de vista teórico. Não devemos, entretanto, aceitar esses pontos de vista teóricos, conforme venho procurando demonstrar; precisamos aquilatar nossas congregações e nossa gente, e precisamos tratar deles como seres humanos. Relembrando o fato que "aquele que ganha almas é sábio", devemos tirar proveito de tudo e de qualquer coisa que ressalte o Evangelho diante das pessoas. Por conseguinte, quando se inicia um Ano Novo, há uma óbvia oportunidade de lembrarmos às pessoas acerca da natureza fugidia da vida. Todos nos inclinamos por esquecer esse fato; e você pode ficar tão interessado por profundos problemas teológicos, intelectuais e filosóficos que tenda por olvidar que haverá de morrer um dia. E o povo, imerso nos negócios, nos prazeres e na família, torna-se igualmente esquecidiço.

Portanto, eis aí uma oportunidade adredemente preparada e oferecida a você, para frisar diante de todos o caráter passageiro da vida neste mundo, lembrando-lhes do fato que ninguém pode acomodar-se como meros espectadores ou como críticos dos pregadores e da pregação. Você poderá lembrá-los do fato que todos eles estão envolvidos em tudo isso, e também que você não lhes dirige a palavra a respeito de

algum assunto teórico, mas antes, aborda a matéria mais vital dentre todas, e que, quer gostem disso quer não, eles estão se avizinhando para o fim inadiável e inevitável, porquanto se aproxima o Julgamento Final. O pregador que não tira vantagem dessas oportunidades é um tolo, e não está apto para ocupar o púlpito.

Jamais me esqueci de meu senso de desapontamento, há poucos anos passados, quando tive a experiência que passo a narrar. Sentindo-me um tanto exausto, aproveitei para repousar durante a passagem do ano e fui a uma reunião dirigida por um jovem ministro, na manhã do primeiro domingo de um Ano Novo. Mas, para meu total espanto, ele começou o seu sermão, dizendo: "Bem, vocês estão lembrados de que no domingo passado estávamos estudando tal versículo; neste domingo prosseguiremos para o próximo versículo". Não fez qualquer referência ao Ano Novo ou a qualquer dessas questões, de maneira alguma. Fiquei lamentando por ele, lamentei por ser ele capaz de desperdiçar tão excelente oportunidade. À parte de qualquer outra coisa, essas ocasiões especiais ajudam a facilitar a nossa tarefa — são oportunidades preparadas para o pregador.

Qualquer coisa que ocorre no mundo, qualquer coisa notável, qualquer fenômeno, é algo de que sempre nos deveríamos aproveitar. Lembro-me de ter lido acerca de um incidente na vida de John Fletcher, de Madeley, aquele homem santificado e extraordinário, que viveu há duzentos anos passados. Ele era capelão em Madeley, em Staffordshire, na Inglaterra. Repentinamente, teve lugar um terrível desastre no rio Severn. A enchente do Severn, naquele ano, foi maior que o usual, e o resultado disso é que grande número de pessoas morreu afogada por causa do transbordamento do rio. Essa catástrofe levou John Fletcher a pregar um inesquecível sermão, no qual teceu alusões freqüentes a trágicas ocorrências, com tremendas conseqüências. Também me lembro de haver lido como mais ou menos na mesma época incidentalmente, como um bom número daqueles pregadores do século XVIII se utilizaram do terremoto que sacudiu a cidade de Lisboa, em Portugal, no ano de 1751. Todos eles tiravam proveito de tais eventos. Não pregaram sobre o terremoto, propriamente dito, mas usaram o fato a fim de ressaltar diante das pessoas a natureza efêmera da vida, reforçando assim seu convite para que se arrependessem. Um terremoto faz as pessoas meditarem, tal como o faz um tornado ou um vendaval; e isso é que dá ao pregador a sua oportunidade. "Porque o teu coração se enterneceu", é o comentário favorável do Antigo Testamento a respeito do rei Josias. E também devemos estar lembrados das linhas de certo hino: "Salvador, estando enternecido o meu coração, eu quis entregar-Te o meu coração". Há ocasiões em que nossos corações se abrandam, e inclinamo-nos mais por reagir favoravelmente. Faz parte da essência da sabedoria, e, de fato, é apenas bom senso, que nos aproveitemos de todas essas coisas. Embora você possa ter planejado a mais extraordinária série de sermões que o mundo já conheceu, interrompa-a se houver um terremoto! Se você não puder ser abalado a se desvincular de alguma rotina mecânica por intermédio de um terremoto, então não há mais remédio para você.

Esses são os meus sentimentos no que concerne à questão se devemos pregar com base em trechos esparsos ou se devemos usar de uma série. No que tange à pregação sobre textos esparsos, já fiz comentários sobre isso quando tratava do

preparo do pregador. Adverti contra o péssimo hábito de ler as Escrituras à cata de "textos", tendo salientado que sempre devemos lê-las para nosso próprio bem e edificação. Também frisei como, ao fazê-lo, você encontraria certas declarações que muito o impressionariam e comoveriam; e já disse o que é que você deve fazer quanto a isso. Qualquer pessoa que siga essa prática descobrirá que nunca se ressentirá da falta de textos; antes, poderá acumular uma pilha de esboços de sermões, preparados enquanto lê a Bíblia visando a sua própria edificação.

Em adição a isso, entretanto, você descobrirá que os sermões serão como que presenteados a você. Esses lhes fluirão de maneira direta, e pouco terá de mexer neles. Não sei se todos poderão concordar comigo a esse respeito, mas a minha própria experiência sem dúvida tem sido que isso me sucedia com maior freqüência nos primeiros anos de meu ministério, embora tenha diminuído tal ocorrência com a passagem dos anos. Penso que isso se deve inteiramente à bondade de Deus. Ele sabe quem somos. "Pois ele conhece a nossa estrutura", e sabe que precisamos dessa forma de ajuda muito mais no começo da carreira ministerial. Assim como prestamos encorajamento extra às crianças, e fazemos por elas coisas que não faríamos mais tarde, porque queremos que elas cresçam, por semelhante modo Deus, conforme penso, trata com o pregador. Você descobrirá que Ele mostrar-se-á muito bondoso e gracioso para com você no princípio, dando-lhe textos e sermões; algumas vezes, um sermão completo, talvez, lhe ocorrerá. Mas então, em outras oportunidades, você perceberá que será forçado a trabalhar arduamente, suando e labutando da maneira como venho indicando. Deixo a questão da pregação sobre textos esparsos nesses termos.

Voltando nossa atenção para a preparação de um sermão, há diversas possibilidades. Uma delas é que se pesquise um dos livros da Bíblia do começo ao fim, examinando sistematicamente o mesmo. Outra é que se faça um estudo sistemático de uma secção de um livro, do Sermão do Monte, ou de algo parecido; ou, quiçá, até mesmo uma porção de um capítulo qualquer. Há muitas possibilidades quanto a isso. Ou então, conforme eu já havia indicado antes, pode-se ter uma série de sermões que abordam algum aspecto específico da vida cristã e do viver diário dos crentes.

Já aludi ao exemplo da "depressão espiritual". Permita-me dizer um pouco mais concernente a isso. O que determinou a minha pregação daquela série, na realidade foi uma combinação de alguns desses fatores que tenho mencionado. Já esclareci como se pode acumular um grande número de esboços de sermões. Eu vinha agindo assim por certo número de anos, razão pela qual eu tinha uma pilha deles. O que sucedeu naquela oportunidade, enquanto me vestia naquela manhã, foi que reconheci que naquela pilha de esboços havia uma série já pronta de sermões sobre a depressão espiritual. Não é que a pilha toda abordasse essa questão, mas é que na pilha havia sermões esparsos que poderiam ser postos na ordem certa, formando uma série. Para mim aquela foi uma experiência marcante, que não tenho esquecido e que jamais esquecerei. Se estou bem lembrado, ali mesmo fui capaz de registrar no papel cerca de vinte e um esboços de sermões. Ali eu já contava com os esboços, e tudo quanto me parece haver sucedido naquele momento foi que o Espírito os pôs em ordem para mim. Portanto, tudo quanto tive de fazer foi ir examinando o monte de

esboços a fim de escolher entre eles o que me interessasse mais particularmente. Desde o princípio pareceu-me que não poderia ser mais perfeito aquele arranjo, e não ousei variar a ordem de apresentação em coisa alguma. Acrescentei mais um ou dois sermões no fim — mas mesmo nesse caso os esboços já se encontravam naquela pilha.

Esse método, repito, não somente é correto por si mesmo, mas facilita grandemente a carga e o labor do ministro. Evita aquela terrível posição, na qual com tanta freqüência tenho encontrado certos homens, de procurarem freneticamente textos, em dia de sábado, para o domingo seguinte. Já soube até mesmo de homens que foram para a cama, na noite de sábado, sem estarem preparados para aquela tarefa. Porém, se você agir conforme venho sugerindo, descobrirá que esse método funciona da maneira mais interessante, e mesmo excitante.

Gostaria de enfatizar novamente que, ao mesmo tempo em que assim agimos, sempre nos devemos mostrar expositivos. Sempre expositivos. Se você seguir o método que venho advogando, você será expositivo, porque, quando esses textos o impressionarem, você fará uma pausa para os examinar a fim de desenvolver os esboços deles. Noutras palavras, os esboços serão os tópicos de uma exposição. Não aprovo o método mediante o qual alguém toma um assunto como a "depressão espiritual", desenvolvendo-o por si mesmo, para então procurar textos que se coadunem a esses pensamentos do indivíduo, como se fossem ganchos ali postos por eles. É contra isso que faço oposição. A matéria do sermão sempre deveria derivar-se das Escrituras, sempre deveria ser uma questão de exposição. E se alguém mostrar-se leal ao ensino das Escrituras, descobrirá que cobrirá todos os diferentes aspectos da verdade, fazendo-o de maneira muito melhor do que se estivesse procurando desdobrar essas coisas por si mesmo, seguindo moldes mais ou menos filosóficos.

Uma série de sermões pode ser longa ou breve. Como é que podemos decidir sobre isso? Lembro-me de quando, há anos atrás, estando em uma conferência de estudantes de teologia, houve intensa discussão sobre essa questão atinente a quão longa deve ser uma série de sermões. Recordo-me de que, naquela oportunidade, eu defendi ardorosamente as séries breves. Como é que alguém pode viver o bastante para desdizer o que dissera anteriormente?! Não obstante, aquela era a minha posição naquela ocasião, e quero justificar aqui a mesma. Ninguém pode determinar normas e regulamentos sobre essas questões; e é precisamente nesse ponto que, segundo penso, temos de ser judiciosos no uso dos escritos de pregadores como os puritanos. O perigo consiste em lermos os mesmos, para então dizermos: "Mas isto é uma maravilha! É assim que se deve pregar". Entretanto, se você tentar imitá-los, descobrirá talvez que não é assim que se deve proceder. E por que não? Uma das razões para tanto é que tudo isso depende muito do pregador. O que um homem pode fazer, outro talvez não possa; e para este é perigosa tal tentativa. E tudo isso depende não somente da pessoa específica do pregador, como também depende igualmente de seu estágio de desenvolvimento. Um pregador sempre deveria estar crescendo, avançando e se desenvolvendo, de maneira tal que aquilo que não era capaz de fazer em seus dias de juventude, deveria poder fazê-lo na idade madura e na velhice. Por conseguinte, qualquer rigidez quanto a essas questões deve ser evitada.

Lembro-me de ter ouvido acerca de homem muito apto — pertencente ao século XIX — excelente teólogo que, antes de haver-se tornado presidente de uma instituição teológica, fora pastor de uma igreja em Londres. Ele havia começado a pregar à sua gente, principalmente operários e suas respectivas esposas, aos domingos à noite, uma série de sermões sobre a epístola aos Efésios. O resultado disso é que ele praticamente acabou perdendo a sua congregação. Todos eles tinham o maior respeito e admiração possível por ele, e gostavam dele como um homem; mas o fato é que simplesmente não podiam digerir aquilo. Ele estava pregando acima da capacidade de compreensão deles e eles não estavam sendo alimentados. A intenção dele era boa, mas os sermões, conforme eles mesmos diziam, eram demais profundos para eles, e a série era exageradamente longa. Não suportavam tal coisa, e clamavam pedindo alívio.

Portanto, você precisa ter cuidado com isso. Em outras palavras, retorno a algo que já disse mas que aqui reitero enfaticamente, a saber, que você precisa avaliar-se continuamente, bem como à sua congregação. E sempre deve estar preparado a fazer reajustes. Não prossiga com algum rígido plano preestabelecido, do qual não queira variar. Lembro-me de ter ouvido falar a respeito de um pregador insensato que experimentara uma modificação em sua maneira de pensar e em suas atitudes, o qual, em resultado disso, pregava constantemente acerca de um único tema, seguindo uma só linha de pensamento. Alguém lhe disse então que já ouvira queixas por causa disso, da parte de alguns dentre sua gente. Sua resposta foi: "Eles têm de aceitar isso, quer gostem quer não". Há um sentido em que posso justificá-lo por ter falado assim; mas, segundo o modo que ele o disse, certamente tudo isso estava muito errado. A tarefa do pregador é persuadir as pessoas a "aceitarem", e ensiná-las a "aceitarem", afastando-as do que é falso, mas nunca jogando sobre elas a Verdade. Assim, pois, ele deve estar reajustando continuamente a si mesmo, na medida que for tomando consciência da variação de condições.

Isso pode soar como algo muito difícil, e em um sentido realmente o é, contudo, para mim, é um dos mais gloriosos aspectos do ministério. Faz parte do romance da pregação, a qual sempre será algo ativo e vivo; jamais será algo preestabelecido, e formal. Sempre haverá essa interação e reação constante entre o pregador e a sua gente. Ambos crescem e se desenvolvem juntos; e o pregador precisa fazer tais ajustes. Afinal de contas, qual é o propósito da pregação? O que fazemos quando pregamos? o que tentamos fazer? e qual é o nosso objetivo? Porventura não será ajudar as pessoas, conduzindo-as a Deus, a reconhecerem os direitos de Deus, edificando-as em nossa "fé santíssima"? Portanto, sempre devemos estar prontos para reajustes.

No fim desta seção, ressalto o que venho dizendo a todo tempo, isto é, que nos devemos certificar que cada sermão em particular seja uma unidade completa em si mesmo, seja uma entidade por si mesmo. Isso é uma verdade mesmo quando pregamos uma série de sermões. E a maneira de conseguir tal é dedicar uns poucos minutos, no começo do sermão, para dar um breve resumo do que fora dito anteriormente. Enfatizo o vocábulo "breve". Houve um pregador popular — não popular segundo o conceito usual do termo, mas sim, um homem que obteve certa notoriedade — na Inglaterra, há alguns anos passados. Sua popularidade, parece, se

devia principalmente ao tom de baixo de sua voz, o que o levou a falar com freqüência pelo rádio; e isso, por sua vez, enchia de gente a sua igreja. Recordo-me de ter falado com uma senhora que costumava ir ouvir aquele homem, mas que, segundo me informava, já deixara de fazê-lo. Perguntei-lhe o motivo disso; e ela disse: "Bem, ele passa tanto tempo para dizer o que havia falado da vez anterior, e também tanto tempo para dizer o que espera pregar da próxima vez, que diz bem pouca coisa de cada vez". Isso a perturbara de tal maneira que ela terminara por não ouvi-lo mais. Essa é uma armadilha e uma tentação bem real para o pregador. Embora essa tendência de sermos longos demais, quando apresentamos o resumo do sermão anterior, deva ser firmemente resistida, um sumário é essencial para os ouvintes. Isso ajudará a todos eles, incluindo aqueles que freqüentam os cultos com regularidade; e para os estranhos que porventura se façam presentes, essa é uma medida essencial. Assim sendo, você precisa mostrar o contexto desse sermão específico dentro da série, exibindo sua relação para com o todo, talvez deixando entrever algo do que se seguirá. Mas cada sermão deve ser uma inteireza por si mesmo — isso é algo importantíssimo.

Estamos tratando de uma decisão fundamental. Tendo chegado nessa decisão fundamental passemos então à obra propriamente dita da preparação do sermão, de algum sermão em particular. Como abordamos essa particularidade? Bem, como é óbvio, a primeira coisa a ser feita é averiguar a significação do texto escolhido. Quanto a isso, existe uma regra áurea, uma exigência absoluta — a honestidade. É mister que o pregador seja honesto com o seu texto. Com isso quero dizer que não se deve selecionar um texto exclusivamente para apanhar alguma idéia que nos interesse, para então desenvolvermos tal idéia. Isso é mostrar-se desonesto com um texto. Talvez algumas poucas ilustrações ajudem a esclarecer esse ponto.

Lembro-me da primeira vez em que ouvi pelo rádio a um certo e famoso pregador. Ele anunciou que pregaria sobre "Como transformar num jardim o lugar de vossa crucificação". De pronto pus-me a indagar qual poderia ser a fonte originária daquele tema. Logo ele disse-nos que o seu texto podia ser encontrado no começo do décimo oitavo capítulo do Evangelho de João, onde se lê que no lugar onde Jesus foi crucificado havia um jardim. Assim dizia o texto. Mas, conforme podemos ver, o sermão se propunha a "transformar" em um jardim o lugar de nossa crucificação. No entanto, no próprio texto não havia coisa alguma nesse sentido. O jardim estava lá; e estava lá desde antes da crucificação. Não foi a crucificação que produziu o jardim. Entretanto, a fim de dar a si mesmo a chance de pregar um sermão extremamente sentimental acerca de como as pessoas que padecem de alguma enfermidade deveriam reagir à sua triste condição, ele fez violência ao seu texto. E anunciou que as pessoas boas, que aceitam tudo com bom espírito, nunca se queixando nem murmurando, transformam os seus lugares de crucificação em um jardim. Em seguida, foram expostas diversas narrativas sentimentais de pessoas nessas condições, o que se prolongou por vinte e cinco minutos a meia hora. Ora, resta-nos somente uma coisa para dizer sobre isso — tal artifício é a mais completa desonestidade; nada mais se pode dizer a respeito.

Ou então consideremos um outro exemplo, o de certo homem que pregava acerca de Naamã, o sírio. Você deve estar lembrado que a história gira em torno da enérgica

recusa daquele comandante de exército em ir mergulhar nas águas do rio Jordão — riozinho miseravelmente pequeno, em contraste com os rios Abana e Farfar. No entanto, o tema do sermão era: "A importância de coisas sem importância na vida". Isso, novamente, é apenas um abuso perpetrado contra um texto. Porquanto o sentido daquele texto e seu contexto não é demonstrar "a importância de coisas sem importância na vida", e, sim, mostrar que Naamã nunca poderia ser curado por Deus enquanto não se humilhasse, em ilustração de que todos nós precisamos submeter-nos ao caminho de salvação oferecido por Deus. Mas aquilo sob hipótese nenhuma foi mencionado durante o sermão inteiro. O conceito por detrás de tal afronta contra um texto qualquer é que simplesmente extraímos dali alguma idéia, qualquer pensamento que nos agrade, como, por exemplo, o fato que o rio Jordão era realmente menor que os outros rios, ignorando o real significado do texto e seu contexto. Isso é um artifício não apenas superficial, é algo verdadeiramente desonesto, é um abuso contra as declarações escriturísticas.

Ou então ponderemos sobre um outro exemplo, ainda mais impressionante. Estou oferecendo deliberadamente ilustrações baseadas em incidentes que envolveram pregadores populares. Este outro homem anunciou o seu tema como "Meu evangelho". O seu texto era a declaração paulina, em II Timóteo 2:8: "Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos, descendente de Davi, segundo o meu evangelho". Ele começou, pois, fazendo a seguinte indagação: "Podeis dizer 'meu' evangelho?" E adicionou imediatamente: "Naturalmente, pode não ser o meu evangelho; mas, é o vosso?" Esse era o ponto principal dele: "Podeis dizer 'meu' evangelho?" Então houve uma tirada contra o tradicionalismo, a ortodoxia, a teologia sistemática, e, de fato, contra toda variedade de teologia. A única coisa que realmente importaria seria a experiência pessoal — o "meu evangelho". O que era realmente espantoso, e quase incrível, é que aquele homem pudesse dizer tal coisa, porquanto o que Paulo afirmava realmente é que não se tratava de seu próprio Evangelho, não se tratava de algo originado em sua própria experiência, e, sim, em "Jesus Cristo, ressuscitado dentre os mortos, descendente de Davi". O apóstolo, na verdade, estava escrevendo especificamente para contradizer o tipo de coisa que aquele pregador asseverava, e estava enfatizando que existe um único Evangelho — aquele que ele pregava — o Evangelho fundamentado sobre o fato histórico vital que Jesus, o Cristo, é o Filho encarnado de Deus, nascido descendente de Davi segundo a carne, e que ressuscitou literalmente do sepulcro, em Seu próprio corpo. Tudo isso, pois, estava sendo totalmente ignorado; de fato, estava sendo negado. A grande coisa era: Já passastes por alguma experiência pessoal? vossa vida foi transformada? Ele simplesmente extraiu as palavras "meu evangelho", tendo ignorado totalmente o próprio restante do versículo, quanto mais o contexto do mesmo. Na verdade, tudo não passava de uma diatribe contra a compreensão teológica do Evangelho, ou seja, podendo "dar razão da esperança que há em vós". Tudo não passou de uma exaltação da experiência pessoal, sem importar a causa dessa experiência. Uma vez mais, resta-nos dizer apenas uma coisa — é um artifício completamente desonesto, é um abuso, uma imitação burlesca daquilo que o texto diz.

Precisamos ser honestos com os textos que escolhermos; e sempre devemos

aceitá-los dentro de seus respectivos contextos. Essa é uma regra absoluta. Esses outros indivíduos não observam essa norma; não estão interessados por ela, pois vivem sempre à cata de "idéias". Querem um tema, uma idéia; e então põem-se a filosofar sobre ela, expressando seus próprios pensamentos e moralizações. Isso é deslavado abuso contra a Palavra de Deus. Precisamos aceitar os textos escolhidos dentro de seus devidos contextos, e devemos ser honestos com os mesmos. Cumpre-nos descobrir o significado dos vocábulos e da declaração inteira. Já falamos sobre isso, mas o que quero enfatizar neste estágio é o sentido espiritual do versículo ou passagem. Exatidão em primeiro lugar, mas então, e mais importante ainda, o seu significado espiritual. O que determina a exatidão da sua compreensão acerca de vocábulos específicos, em última análise, não é a erudição, porém o significado espiritual da passagem selecionada. Você descobrirá que as autoridades eruditas com freqüência, se não mesmo geralmente, discordam umas das outras completamente, e que o significado de qualquer passagem precisa ser determinado, afinal, não por meio de alguma ciência exata, e sim, mediante a percepção espiritual, mediante aquela "unção" da qual João nos fala em I João 2:20 e 27.

Esse modo de proceder nos leva ao ponto crucial da mensagem de alguma declaração bíblica. A fim de chegarmos lá, precisamos aprender a fazer perguntas ao texto. Nada é mais importante do que isso. Façamos perguntas como as seguintes: Por que o autor disse isto? por que ele o disse desta maneira específica? onde ele quer chegar? qual foi o seu objetivo e propósito? Sim, uma das primeiras coisas que um pregador precisa aprender é conversar com seus textos. Eles falam conosco, e devemos conversar com eles. Façamos perguntas a eles. Trata-se de método muito proveitoso e estimulante. Ao mesmo tempo, entretanto, jamais devemos forçar os nossos textos. Alguma idéia poderá ocorrer a você, emocionando-o e arrebatando-o; porém, se você perceber que precisa manipular ou forçar alguma passagem, para que ela se coadune com alguma idéia pessoal, não faça tal coisa. É melhor sacrificar um bom sermão do que forçar qualquer texto bíblico. Depois de fazer perguntas ao texto, ou enquanto as está fazendo, você precisa averiguar a exatidão da compreensão que tem a respeito, consultando seus dicionários e comentários.

Aquilo que estou objetivando, aquilo que me interessa, é que você deve certificar-se de que está verdadeiramente chegando à mensagem central, ao impacto e à significação desse texto, dessa declaração em particular. É deveras espantoso notar como homens bons podem evitar de fazer isso. Tenho chegado a um estágio em que não posso ter certeza se a gente aprende mais sobre a pregação por pregar pessoalmente, ou ouvindo a outros! Suponho que o melhor é a combinação das duas coisas. Entretanto, durante certa enfermidade recente, e enquanto me recuperava de uma intervenção cirúrgica, tornei-me ouvinte durante quase seis meses, e aprendi muitíssimo. Certa manhã de domingo ouvi um homem pregar sobre o trecho de Gálatas 3:1: "Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos foi Jesus Cristo exposto como crucificado?" O tema do sermão era "o perigo de deixar-se desviar". A introdução do sermão, segundo senti, foi boa e legítima, à parte da exagerada elaboração do tema de "olhos fascinadores", e de uma pequena investigação acerca do mesmerismo. Muito bem — eu estava preparado para aceitar até

mesmo isso. Porém, o restante do sermão foi devotado às coisas que, na opinião dele, tendem por distrair o povo, particularmente à teologia e à ortodoxia.

Ora, segundo meu parecer, aquele bom homem estava perdendo de vista a mensagem principal. Por certo, o que o apóstolo dizia era algo assim: "Ó gálatas insensatos! quem fascinou a vocês, para que não obedeçam à verdade, pois ante os olhos de vocês Jesus Cristo foi apresentado como um espetáculo, crucificado entre vocês?" O apóstolo estava perplexo por causa daqueles gálatas. Mas, a respeito do quê? Bem, o que deixava Paulo perplexo é que pudesse haver algo capaz de desviar a atenção daqueles tolos gálatas para longe da grandiosa e gloriosa verdade que fora exibida como um placar à frente deles, o admirável fato da morte do "Filho de Deus" na cruz, na colina do Calvário, que ele havia exibido, qual "placar", diante dos olhos deles. Paulo estava atônito que qualquer coisa pudesse distrair a atenção deles para longe da "glória da Cruz". No entanto, a cruz, juntamente com seu significado e sua mensagem, literalmente jamais foi mencionada naquele sermão. Todo o tempo foi dedicado a falar-nos sobre os "espetáculos colaterais", para as coisas que geralmente distraem a nossa atenção. Porém, nada foi dito sobre o objeto para longe do qual a nossa atenção é desviada. Por certo, Paulo expressava sua completa perplexidade e espanto ante o fato que um homem que tivesse recebido mesmo uma rápida visão dessa glória pudesse esquecer-se da mesma, devido à sua preocupação com questões como a circuncisão. Sem embargo, nada disso transpareceu naquele sermão. Em certo sentido, aquele pregador nada dizia de errado, exceto seu ataque incidental contra a ortodoxia; mas o que me admirou é que ele tivesse perdido aquela oportunidade para destacar o impacto principal do texto que ele mesmo escolhera, do texto mesmo sobre o qual pregava. Era óbvio que ele fora fascinado por algum "olho fascinador"!

Nada se reveste de maior importância do que nos assegurarmos de ter apreendido a significação central de um texto qualquer, permitindo que isso seja enfatizado. Não nos devemos assemelhar a certo outro homem, que ouvi pregando, em um domingo de Páscoa, sobre o trecho de Romanos 1:1-4, que diz: ". . .e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor". O que me admirou naquele sermão é que tivesse sido dito tão pouco a respeito da ressurreição. O bom homem explicou o significado dos vocábulos de modo muito hábil, e não se duvide de que ressaltou a verdade que Jesus é o Filho de Deus, mas me retirei da reunião sem haver-me admirado do extraordinário evento da ressurreição, exatamente aquilo que, de conformidade com o apóstolo, finalmente "declarou" a Jesus Cristo como "o Filho de Deus". Não foi esse, de maneira alguma, o ponto de ataque principal daquele sermão, naquela manhã de domingo de Páscoa; mas, no entanto, isso é o âmago mesmo do que o próprio apóstolo estava dizendo.

Lembro-me de um bem conhecido pregador, que pregou, em uma manhã de Sexta-feira da Paixão, sobre o texto de Romanos 8:2: "Porque a lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te livrou da lei do pecado e da morte". Seu tema mostrou-se ser o seu tipo específico de ensino sobre a santidade — ele cria na "inteira santificação". Naquela Sexta-feira da Paixão pela manhã, no dia mesmo e na ocasião mesma que nos trouxera ali, para nos reunirmos a fim de meditar sobre a morte física de nosso Senhor,

aquele fato histórico, eis que as nossas mentes foram desviadas disso para um ensino particular sobre a santidade. E uma vez mais, isso aconteceu não somente por haver sido mal compreendido aquele versículo em particular, mas porque o pregador ignorou totalmente os versículos anterior e posterior àquele. Não posso deixar de enfatizar a importância de chegarmos ao ponto central de ataque, à mensagem fundamental de um texto escolhido. Que isso nos guie, que isso nos ensine. Dê ouvidos a essa mensagem central, e então pergunte qual é a significação da mesma; e que isso seja o impacto do sermão que estiver pregando.

Capítulo Onze

A ESTRUTURA DO SERMÃO

Tendo descoberto a mensagem e o ímpeto principais de um texto qualquer, você deverá prosseguir, declarando os mesmos em seu contexto e aplicação reais. Por exemplo, pode haver uma aplicação à Igreja específica para a qual o apóstolo escrevia. Você deverá mostrar seu contexto original e sua aplicação.

Então prosseguirá a fim de mostrar que também se trata da declaração de um princípio geral, que é sempre válido. Exprimia uma verdade naquelas circunstâncias especiais, mas também envolve um princípio espiritual de perene aplicação. Dessa forma, você demonstrará uma verdade que teve não simplesmente uma aplicação temporária e local, mas também tem uma aplicação mais geral.

Nesse estágio, sempre sinto que é sábio reforçar isso chamando a atenção para trechos paralelos, em outros lugares das Escrituras. Isso, conforme acredito, é um princípio deveras valioso e importante, que se apóie aquilo que se tiver encontrado em um texto por meio de afirmativas similares em outras porções das Escrituras, ficando assim comprovado não se tratar de algum conceito isolado. Por muitas razões, essa é uma sábia maneira de proceder. Os hereges de modo geral são indivíduos que se têm apegado a alguma idéia, extraída de alguma declaração específica que interpretaram erroneamente, e em seguida a aderiram, ao invés de a compararem com outras porções das Escrituras. Sempre será proveitoso para os ouvintes se virem que aquilo que está sendo pregado é um ensinamento bíblico são e sólido. Por conseguinte, você deve procurar esses paralelos em outros lugares, e mostrar como essa mesma coisa é dita novamente, embora talvez em circunstâncias diferentes, mas essencialmente frisando o mesmo ponto. Tendo feito isso, você poderá mostrar sua relevância para os nossos dias, bem como para aquelas pessoas às quais você estiver pregando.

Nisso consiste a introdução de um sermão; é assim que avançamos para o manuseio do tema, o assunto ou o princípio que descobrimos desse modo.

Ora, a despeito de acreditar que essa é a maneira certa de proceder, a qual o pregador deveria adotar em geral, apresso-me a acrescentar que por certo nada existe de errado se variarmos isso vez por outra. Em outras palavras, algumas vezes você poderá começar pela situação atual, esboçando e delineando a mesma, para em seguida indagar: "Ora, pois, que têm as Escrituras a dizer a respeito disso?" Não que você tenha chegado a esse ponto dessa maneira, na preparação propriamente dita, mas é que às vezes esta é uma boa maneira de colocar a apresentação. Se houver algum problema agudo ou situação explosiva que tenha surgido na sua Igreja local, ou em algum âmbito mais amplo, essa não é uma maneira errada de abordar a questão. Isso despertará o interesse, focalizará sobre um ponto a atenção dos ouvintes, e certamente capacitará as pessoas a verem com clareza que aquilo que você estiver fazendo não é algo teórico e acadêmico. Ocasionalmente, portanto, é bom começar por uma declaração sobre a situação reinante, para em seguida mostrar que a passagem que você estiver expondo aborda exatamente essa questão. Isso patenteará que as

Escrituras sempre são contemporâneas, que elas jamais serão ultrapassadas, e que nunca deixam de tratar de toda e qualquer situação. Ao mesmo tempo, isso ressalta o fato de que a sua pregação sempre se alicerça sobre as Escrituras. Portanto, se por um lado advogo aquilo que sugeri como um hábito e uma prática gerais, também assevero que nunca nos deveríamos escravizar a qualquer método; sempre nos devemos manter livres e prontos para variar nosso método, por amor à proclamação da Verdade.

Chegamos agora ao princípio ou ensinamento que você desejará apresentar diante do povo. O passo seguinte consiste em dividir isso em proposições, capítulos ou títulos — podemos chamá-los como bem quisermos. Há certo número de coisas que devemos dizer no que tange a isso. Talvez me fosse apropriado tratar, antes de mais nada, da questão numérica. Há alguns pregadores que se tornaram escravos absolutos desse aspecto. Alguns pensam em ter apenas "três" divisões, e somente três. Se alguém tiver menor número de divisões, então é que é um mau pregador; e se tiver maior número, então, também é um mau pregador. Ora, isso é perfeitamente ridículo, naturalmente; mas é espantoso observar quão facilmente um indivíduo cai em hábitos e se torna escravo de alguma tradição. Certamente fui criado na tradição que decreta: "Sempre se deve ter uma introdução e três divisões". Os ouvintes sempre *esperavam que assim fosse; era um costume quase invariável dos pregadores.*

Que isso se tenha transformado numa tradição, naquela denominação específica — a Igreja Presbiteriana Galesa — é algo extraordinariamente ridículo, porquanto um dos maiores pregadores daquela denominação, e, de fato, seu maior pregador, e um de seus fundadores, Daniel Rowland, com freqüência tinha nada menos do que dez divisões em seus sermões. Um escritor que lhe foi contemporâneo testificou que ouvir a Rowlands era como observar um boticário com certo número de frascos com maravilhosas fragrâncias. Ele tomava o primeiro frasco, tirava do mesmo o selo e a rolha, e liberava o maravilhoso aroma que então se propalava por toda a congregação. Então depunha aquele frasco e tomava o segundo, fazendo a mesma coisa que fizera com o primeiro. E com freqüência havia nada menos do que dez desses frascos. Conto essa história a fim de respaldar o ponto que não nos devemos escravizar quanto a esse particular.

Entretanto, volvamo-nos agora para algo mais importante. O que há de mais importante quanto às "divisões" é que elas devem estar claramente no texto escolhido, e que elas devem derivar-se naturalmente do mesmo. Isso é vital. As divisões reais, conforme lhe passarei a mostrar, não são algo tão fácil como poderia parecer. Algumas pessoas parecem haver sido dotadas de incomum habilidade quanto a esse particular. Costuma-se dizer, sobre Alexander Maclaren — um pastor batista inglês, dos últimos dias do século passado e dos primórdios do nosso século, e cujos volumes de sermões continuam sendo reimpressos — que ele parecia ter uma espécie de martelo de ouro em sua mão, com o qual meramente tocava em um texto qualquer, e imediatamente este se separava em divisões inevitáveis. Entretanto, nem todos nós possuímos esse martelo de ouro; mas sempre nos devemos certificar de que essas divisões se originam naturalmente do texto. Deixe-me exprimi-lo, em primeiro lugar, de forma negativa, por ser algo tão importante. Nunca forcemos uma divisão. E nem se adicione alguma divisão meramente tendo em vista completar o conceito que

tivermos em mente, ou a fim de nos conformarmos à prática usual. As divisões devem ser naturais, e aparentemente inevitáveis.

Seja-me permitido contar um episódio cujo intuito é lançar no ridículo essa noção de que se fazem necessárias três divisões, ao mesmo tempo em que advirto acerca de falsas adições. Havia um idoso e singular pregador, do qual guardo ligeira memória — não me posso lembrar de tê-lo ouvido, mas certamente me recordo de tê-lo avistado e de ter ouvido muitos comentários a seu respeito. Era um autêntico excêntrico. Já houve no passado um bom número de homens dessa categoria no ministério; e, ocasionalmente, ainda surge um ou outro. Esse homem pregava de certa feita sobre o texto que diz: "Então Balaão levantou-se pela manhã e albardou a sua jumenta". Após haver apresentado o assunto, lembrando seus ouvintes acerca da narrativa bíblica, chegou às divisões, aos pontos capitais. "Em primeiro lugar", disse ele, "encontramos uma boa característica em um mau caráter — 'Balaão levantou-se pela manhã' ". Levantar-se cedo é coisa boa; portanto, aí estava a primeira divisão. Em segundo lugar, a antiguidade da arte de selaria — "albardou a sua jumenta". Essa arte não é algo moderno ou novo, mas uma antiga técnica. E então a sua inspiração parecia ter-se extinto, e não havia maneira dele encontrar no texto outra divisão. Não obstante, sentia que deveria ter três divisões em seu sermão, pois, de outro modo, não seria um grande pregador. Por conseguinte, as divisões do sermão foram eventualmente anunciadas como: "Uma boa característica em um mau caráter"; "A antiguidade da arte de selaria"; e, "em terceiro e último lugar, algumas poucas observações concernentes à mulher samaritana"! Ora, isso aconteceu literalmente. Com apoio nisso, aprendamos a não forçar um texto, bem como a nada acrescentar ao mesmo. Não nos tornemos escravos dessas noções mecânicas.

Apresso-me a acrescentar aqui algo por semelhante modo importante: Não nos mostremos exageradamente hábeis nas divisões, exageradamente capazes. Isso tem servido de verdadeiro ardil para muitos pregadores. Talvez isso não esteja acontecendo com tanta freqüência hoje em dia, mas no princípio deste século provavelmente não havia outro costume que tanto houvesse prejudicado à pregação. Divisões extraordinariamente talentosas. Divisões que deixavam entrever esperteza e engenho, nas quais os pregadores exibiam sua capacidade. Um dos maiores perigos com que se defronta o pregador (espero poder tratar disso mais adiante) é a medonha ameaça do profissionalismo. Por muitas vezes tenho observado que, quando os ministros têm seus encontros, ao invés de "contarem piadas" conforme fazem os homens mundanos, perguntam-se mutuamente: "O que você pensa disto? O que você pensa das seguintes divisões deste versículo?" Então trocam entre si as suas divisões, e quase entram em uma competição por causa das mesmas. Ora, isso é puro profissionalismo — e todos estamos sujeitos a essa fraqueza. Porém, trata-se de hábito extremamente ruim, de todo e qualquer ponto de vista. Jamais deveríamos manipular a Palavra de Deus dessa maneira. Assim sendo, evitemos o engenho e a esperteza. As pessoas acabarão detetando tal artifício, e terão a impressão de que você está mais interessado em você mesmo e em sua habilidade, do que na Verdade de Deus e nas almas delas.

Além disso, naturalmente, existe aquilo que se convencionou chamar de "Auxílio

Artístico das Aliterações Adequadas". Existem aqueles que acreditam ser proveitoso ter divisões que comecem, todas elas, com uma mesma letra do alfabeto, como, por exemplo, três "B" ou três "M", etc. Eles precisam apelar para esse elemento da aliteração. Hesito em julgar isso um erro real, mas estou certo de que se transforma em armadilha para alguns homens. A fim de fazerem a sua terceira divisão começar pela mesma letra do alfabeto que as outras duas, algumas vezes eles precisam manipular um pouco seu material. Ora, isso é exatamente o que eu vinha dizendo que não se deve fazer. Sempre me deixou perplexo o motivo pelo qual aqueles que se reputam pregadores "devocionais" ou os assim chamados "pregadores da santidade" seriam os mais constantes devotos dessa prática. Quanto a mim mesmo, sou agudamente alérgico a essa prática, e geralmente sinto que ela serve de obstáculo posto no caminho da Verdade, além de ser uma importunação. Evitando toda suspeita de artificialidade ou esperteza, nossos títulos deveriam mostrar a maneira inevitável de ser dividida a matéria dos textos que tivermos selecionado.

Há certo número de outras particularidades acerca dessa questão das divisões ou pontos principais de um sermão. Dedique tempo a esse mister, porque o propósito inteiro de dividir um assunto por seções, dessa maneira, é o de facilitar as pessoas a aceitarem e assimilarem a Verdade. Essa é a única razão para tais divisões. Não deveríamos crer na "arte por amor à arte". Mas, posto que assim agimos, a fim de ajudar as pessoas, então eis algo que deve ser bem feito.

O problema da forma do sermão, ao que já me referi anteriormente, também entra no quadro nesta altura; eis por que você deve dedicar tempo a esse trabalho. Algumas vezes, entretanto, você perceberá que é extremamente difícil conseguir a forma exata. Você já tem sua mensagem e está começando a visualizar a "forma" através da qual haverá de apresentá-la; no entanto, não consegue fazer as divisões de modo totalmente satisfatório. Assevero que precisamos exercer grande cuidado quanto a isso; não nos podemos precipitar e nem forçar as coisas. É quanto a isso, especialmente, que o conhecimento que o indivíduo tem de si mesmo se mostra mais útil e recompensador. Em preleção anterior eu frisava que um homem precisa conhecer a si mesmo e ao seu próprio temperamento, bem como às suas diversas condições mentais, físicas e espirituais, e que deve dirigir-se de conformidade com isso. Com grande freqüência tenho descoberto que na luta para fazer o material de um sermão separar-se em suas corretas divisões, bem como para dar-lhe a forma que lhe é mais apropriada, o indivíduo pode terminar em um labirinto mental. Descobre-se que já não se pode pensar com clareza, e fica-se tenso. É possível alguém passar horas nessas condições, procurando em vão dar forma a um sermão. Mas, por outro lado, são muitas as maneiras para se sair da situação e sentir alívio. O que acontece conosco, nesse particular, bem pode suceder igualmente a alguém que nem é crente. Um dos melhores estudos sobre esse assunto é um livro de Arthur Koestler, publicado há alguns poucos anos atrás sob o título de *The Act of Creation* (O Ato de Criação). Naturalmente, ele não se interessa por aquilo que aqui discutimos, mas interessa-se no modo como são feitas as grandes descobertas científicas em particular, como também no campo da poesia. Um dos pontos por ele ressaltados é que geralmente sucede que as descobertas científicas mais notáveis não têm sido resultado de um

puro processo lógico de pensamento. Sem dúvida isso tem desempenhado certo papel nesse processo; mas as grandes descobertas geralmente ocorrem súbita e inesperadamente; elas foram "outorgadas". A história mais comum não é que o cientista foi subindo de degrau em degrau, para então, eventualmente, chegar ao último degrau — a questão vital por muitas vezes foi desvendada como que por meio de um lampejo de revelação.

Para ilustrar a sua tese, ele narra a história de Poincaré, que fora Presidente da República Francesa e também Primeiro Ministro por mais de uma vez. Também foi grande matemático, e em certa ocasião estava trabalhando para solucionar certo problema matemático. Já vinha se dedicando ao mesmo durante meses, mas não conseguia chegar à solução. Podia chegar até certo ponto em cada tentativa, mas não conseguia avançar além disso. Sabia que havia uma solução, mas não era capaz de chegar à mesma. Após meses despendidos dessa maneira, ele começou a sentir-se um tanto gasto e descoroçoado, razão pela qual foi passar um tempo em uma pequena aldeia à beira-mar, em parte para mudar de ares, e em parte por questões de saúde. No entanto, levou consigo o seu trabalho, pensando que talvez pudesse dedicar-se ao mesmo, vez por outra, um pouquinho; e isso ele continuou fazendo durante algum tempo. Eventualmente, entretanto, chegou a um ponto em que sentiu que teria de fazer uma visita a Paris, a fim de consultar alguns colegas seus, com o propósito de ser ajudado por eles quanto àquele problema. Ora, eis o que finalmente aconteceu. Ele teve de embarcar em um pequeno ônibus para dirigir-se daquela aldeia para uma cidadezinha de interior, onde entraria num ônibus maior, que o conduziria, por sua vez, a uma cidade maior, e, finalmente, daí faria a viagem até Paris.

Deu início à jornada sem nada suspeitar do que estava prestes a acontecer. O ônibus local se atrasara na viagem, de tal modo que quando Poincaré chegou à cidadezinha do interior, ficou sabendo que o ônibus que o levaria no segundo estágio da viagem estava prestes a partir, e que lhe seria dificílimo conseguir apanhá-lo. Assim sendo, apanhou às carreiras a sua sacola de viagem, saltou do pequeno ônibus e, correndo ao máximo de sua capacidade, conseguiu chegar e agarrar-se no balaústre que havia na parte traseira do segundo ônibus, e pôde equilibrar-se periclitantemente no batente do ônibus. Quando seus dois pés pousaram no batente do ônibus, subitamente ocorreu-lhe, clara e definidamente, a solução para o seu problema matemático! Foi puro fato. Assim é que as coisas às vezes sucedem. É fenômeno dos mais assombrosos, e acho que é um estudo extremamente fascinante. Eu mesmo já passei por experiência dessa ordem em diversas ocasiões.

Todos somos diferentes uns dos outros, sei disso, e cada qual só pode falar por si mesmo; porém, até onde me diz respeito, se meu sermão não estiver claro e bem ordenado em minha mente, não posso pregá-lo a outras pessoas. Suponho que eu poderia pôr-me de pé e começar a falar, mas provavelmente isso deixaria as pessoas confusas, ao invés de serem ajudadas. Eis por qual razão considero essa boa ordem e formato do sermão como algo muito importante; e advogo que deveríamos lutar até poder dar-lhe boa forma. Recordo-me bem de como, de certa feita, eu lutava com um texto, já havendo gasto a manhã inteira com o mesmo, mas simplesmente não conseguia imprimir-lhe uma boa forma. Minha esposa chamou-me então para ir almoçar.

Naquele tempo — e isso teve lugar há muitos anos atrás — havia um homem de nome Christopher Stone, que dirigia um programa radiofônico diário, no qual apresentava novos discos de gramofone. Costumávamos ouvir com prazer aquele programa enquanto almoçávamos. Naquela oportunidade, fazíamos a mesma coisa. Ele já havia feito tocar dois ou três discos, que não me haviam interessado em coisa alguma. Então ele anunciou que iria apresentar um disco de dois famosos cantores, que cantariam um bem conhecido dueto. Acredito que um desses cantores era Beniamino Gigli. Ao ouvir aquele disco, com aquelas duas soberbas vozes perfeitamente harmônicas entre si, a cantarem uma linda música, não somente me senti satisfeito, mas também fui profundamente tocado em minhas emoções; e imediatamente, o problema com o qual eu vinha lutando por tantas horas, por toda aquela manhã, ficou inteiramente resolvido, no sentido que todas as coisas se ajustaram em seus devidos lugares, de uma só vez — ordem, divisões, forma, tudo enfim. No momento em que terminou o disco, corri precipitadamente para meu escritório e registrei no papel tudo aquilo, o mais rapidamente possível, na confiança de que de nada me esquecera, de que nada deixara de fora. Aquele cântico e aquela música proveram-me o alívio de que eu estava precisando para ser liberado daquele impasse e labirinto mental em que me achava.

Disponho-me a confessar que considero tão importante essa questão da forma e da verdadeira divisão de um sermão que, quando não posso traçar as divisões certas, para minha total satisfação, no caso de qualquer dado texto, ao invés de pregar dessa maneira insatisfatória, ponho o texto de lado e seleciono outro, por assim dizer "preparando" um outro sermão baseado nesse outro texto. Ao invés de arruinar uma mensagem que sinto ter-me sido dada, e que, segundo sinto, reveste-se de um significado especial, que Deus provavelmente honraria durante a pregação, e que certamente ajudaria os ouvintes — ao invés de arruinar algo que sinto ser melhor do que o comum, ao invés de estragar um sermão ou comunicá-lo de modo imperfeito, prefiro pô-lo de lado momentaneamente. Sermões assim tenho posto de lado por uma semana, uma quinzena, ou mesmo ainda mais tempo. Depois, volto a pensar sobre o mesmo; e somente quando, finalmente, me satisfaço acerca da sua forma é que me tenho aventurado a pregá-lo.

Convém fazermos disso uma norma — jamais estragar algo que, lá no íntimo, sentimos que dará um bom sermão. Os sermões variam tremendamente; e às vezes sentimos que aquilo que estamos preparando resultará num dos melhores sermões que já pregamos durante a vida inteira. Sempre que você tiver tal pressentimento, não estrague um sermão, não o arruíne por meio de uma preparação apressada e inadequada; dedique tempo para elaborar essa preparação.

O ponto seguinte é se deveríamos ou não anunciar todas as divisões de uma só vez. Tenho conhecido pessoas que insistem em anunciar imediatamente neste estágio essas divisões, antes mesmo de passarem a tratar do primeiro ponto. Assim decretava a antiga tradição. Você descobrirá que os puritanos assim faziam, como também era a norma seguida por Spurgeon.

Minha inclinação é rebelar-me contra essa tradição, apesar de minha admiração por seus praticantes. A razão disso é que sinto que as pessoas têm-se tornado

mecânicas quanto a esse particular também, e tenho sentido que exerce um efeito adverso sobre a congregação. Não se pode reiterar com exagerada freqüência que enquanto um homem está pregando, ele sempre estará em uma batalha; e essa batalha se dá entre a substância e a forma do sermão. Ambas essas facetas, naturalmente, são importantes; e esse é o motivo dessa tensão entre elas. Apesar de haver eu salientado, com toda a ênfase possível, a importância da forma, com igual vigor quero também afirmar o perigo de permitirmos que a forma se torne senhora da substância. Procuro sempre evitar a prática de declarar todas as divisões juntamente, no início da pregação, porque sinto que isso com freqüência encoraja as pessoas a se interessarem em demasia pela forma, pela mecânica, pela habilidade da construção, e não pela Verdade que está sendo pregada.

A esta altura, convém que você verifique o que tiver feito, examinando uma vez mais os seus comentários. Você já terá consultado obras de auxílio quanto ao significado exato das palavras, do contexto, e assim por diante; mas, agora, deverá retornar a essas obras para checar a você mesmo em relação à mensagem e à maneira como a dividiu. Novamente você deve fazer isso por causa de exatidão. Por conseguinte, até este ponto você terá preparado o esboço do sermão, averiguando que as divisões conduzem a um clímax e à aplicação do mesmo. Naturalmente, esse é o propósito e a finalidade de toda a preparação de um sermão e de sua pregação propriamente dita.

Ora, isso pode ser realizado de uma das duas maneiras. Existem aqueles que fazem tudo em suas próprias mentes, sem registrarem qualquer coisa no papel. Quanto a mim, uma vez mais eu frisaria, com insistência, a importância de reduzir à forma escrita esse esboço que acabara de ser preparado. Sugiro que isso é melhor porquanto tenho descoberto que ajuda a estimular um pouco mais a própria mente do pregador. Sei que existem aqueles que são capazes de pensar "interiormente", conforme algumas vezes é descrito. Há diversas maneiras de pensar; e todos diferimos uns dos outros quanto a esse aspecto. Algumas pessoas pensam melhor quando estão falando; outras, quando estão escrevendo; e também se tem dito que "o sal da terra" pensa interiormente. Pois bem, que você descubra a que grupo pertence; mas certifique-se de que não se equivocou em sua avaliação. Provavelmente é uma verdade dizer que a maioria de nós tira melhor proveito se registrar no papel o seu "esboço" de sermão. Tenho conhecido muitos homens que quando lhes ocorreu alguma boa idéia, visto terem-se entusiasmado por ela, pensaram terem-na fixado na memória, mas que terminaram por descobrir, chegado o momento de pregar o sermão, que realmente não haviam se assenhoreado daquela idéia, segundo imaginavam. Portanto, registre tudo no papel!

Tenho chegado a esse estágio, você estará face a face com uma das maiores decisões. O que fará com o esboço que preparou? Existem duas possibilidades principais que lhe estarão abertas: Deveria ou não esse esboço ser registrado na íntegra? De novo, parece-me que a única coisa equilibrada que pode ser dita é que não se pode estabelecer leis absolutas sobre essa questão; porquanto você descobrirá que suas regras não permanecerão de pé diante do teste da história da pregação. Charles Haddon Spurgeon, aquele notabilíssimo pregador, não registrava na íntegra os seus sermões; mas tão somente preparava e usava um esboço. Ele não aprovava a escrita de

sermões em geral. Escrevia artigos, o que fazia com grande freqüência, mas não escrevia os seus sermões na íntegra. Por outro lado, o Dr. Thomas Chalmers, o grande líder da Igreja Livre da Escócia, o notável pregador, descobriu que tinha de escrever na íntegra os seus sermões. Por diversas vezes tentou tornar-se um pregador extemporâneo, mas a cada tentativa sentiu que era total fracasso; ele simplesmente não conseguia fazê-lo. Portanto, tinha de escrever seus sermões do princípio ao fim. O resultado é que isso foi transformado em uma tradição na Escócia, e isso até os dias que correm. Foi Chalmers o homem que lhe deu origem. Antes dele tinha havido grandes pregadores na Escócia que não escreviam os seus sermões, e que foram excelentes pregadores extemporâneos. Chalmers, entretanto, foi um homem ilustre, e grande líder do Rompimento de 1843; assim, ele deu início a toda uma tradição. É assim que as coisas às vezes acontecem.

Jonathan Edwards é figura interessantíssima quanto a esse particular. Até recentemente, sempre eu tivera a impressão de que Edwards invariavelmente registrava na íntegra todos os seus sermões. É bem certo que nos seus primeiros dias, ele costumava fazer assim, além do que, era costume seu ler seus sermões do púlpito, para as pessoas. Existe uma bem conhecida crônica que diz como ele se postou em seu púlpito, de certa feita, com uma vela numa das mãos e o seu manuscrito na outra; assim é que ele costumava pregar. Mas foi deveras interessante descobrir, em 1967 — quando conheci os dois eruditos que são os responsáveis pela republicação das Obras de Jonathan Edwards, na Biblioteca da Universidade de Yale, os quais possuem todos os manuscritos dele — sim, interessou-me muito saber que com a passagem dos anos Edwards não continuou a escrever na íntegra os seus sermões, contentando-se apenas em rabiscar algumas poucas notas. É óbvio que ele foi variando o seu método na medida em que avançava e evoluía. Quão sábio ele se mostrou quanto a isso, como também acerca de muitas outras coisas!

Sempre será um erro determinar regras absolutas quanto a essas questões. Uma vez mais, cada indivíduo precisa vir a conhecer-se a si mesmo, e ele mesmo terá que tomar essas decisões. O que reputo como de perene importância, é que cada qual preserve a sua liberdade. Esse elemento jamais poderá ser levado ao exagero. No entanto, paralelamente a isso, precisamos contar com ordem e coerência. Conforme se verifica com tanta freqüência nessa questão da pregação, sempre estaremos na posição de estar entre dois extremos, é sempre como se estivéssemos sobre o fio de uma navalha.

Todavia, quero fazer uma pergunta: O que há de errado em combinar ambos esses métodos — o escrito e o extemporâneo? De muitas maneiras, essa combinação me parece o esquema ideal; afirmo que eu mesmo assim agi, durante os dez primeiros anos de meu ministério. Então eu procurava escrever um sermão por semana; nunca tentei escrever dois. Não obstante, durante os meus dez primeiros anos, sempre procurava escrever por extenso um dos meus sermões. Sentia que fazê-lo servia de boa disciplina, que contribuía para produzir pensamentos em ordem, bom arranjo e boa seqüência, além de desenvolvimento da argumentação, e assim por diante. Assim, pois, minha prática particular consistia em combinar ambos esses métodos, o escrito e o extemporâneo; e eu estaria pronto para defender essa prática.

Se me for indagado quais sermões eu escrevia, então repito que eu costumava dividir o meu ministério, como ainda prossigo fazendo, em edificação dos santos pela manhã, e um sermão de cunho mais evangelístico à noite. Pois bem, minha prática era de registrar por escrito os meus sermões evangelísticos. Eu agia assim por sentir que, ao falar aos santos, aos crentes, o pregador se sente mais à vontade. Nesse caso, o pregador fala no seio da família. Noutras palavras, acredito que devemos ter um cuidado incomum em nossos sermões evangelísticos. Eis por que está totalmente errada a idéia de que um evangelista pode ser um indivíduo que é meramente dotado de certa loquacidade no falar e de certa autoconfiança, para não dizermos impudência. Os maiores oradores sempre deveriam ser os evangelistas, e geralmente assim tem sucedido; e a idéia de que Fulano, Beltrano e Sicrano podem ser postos a falar numa esquina de rua, mas que precisamos um grande pregador para ocupar o púlpito da igreja, na minha opinião é a reversão mesma da ordem correta. É quando dirigimos a palavra ao mundo incrédulo que precisamos exercer maior cautela; e, por esse motivo, eu costumava registrar no papel os meus sermões evangelísticos, mas não aqueles outros. Sem embargo, estou meramente sugerindo que não nos convém ser ultradogmáticos ou rígidos a esse respeito. Então, conforme se foi passando o tempo, e fui adquirindo maior experiência, fui escrevendo cada vez menos freqüentemente os meus sermões, até que agora não posso lembrar-me da última vez em que escrevi um sermão. Entretanto, o ponto importante é que cada qual deve conhecer a si próprio, mostrando-se honesto consigo mesmo, a fim de pôr em prática aquilo que lhe parecer o método mais eficaz.

Não obstante, quer alguém escreva na íntegra um sermão, quer o escreva em parte, ou quer pregue de maneira mais extemporânea, jamais deverá pregar os seus meros "esqueletos". Esses "esqueletos" devem ser revestidos; precisam ser cobertos de carne. Voltamos, dessa maneira, à questão da forma do sermão. Um sermão não é mera coletânea de assertivas; tem essa outra qualidade que o caracteriza, essa forma, essa totalidade. A única razão disso é que tais qualidades ajudam os ouvintes. Não é uma questão de "arte por amor à arte"; mas é que ajuda grandemente as pessoas que os escutam. Pode-se exprimir desta maneira o quadro. Na construção de um edifício, é essencial a armação; mas, quando se contempla o edifício terminado, já não se vêem a armação, e, sim, o próprio edifício. Por dentro há uma estrutura; mas tal estrutura agora se acha recoberta, pois se achava ali somente para ajudar os construtores a erigir o edifício desejado.

Precisamente a mesma coisa se dá com o corpo humano. Há o arcabouço, o esqueleto; mas precisa estar revestido de carne, antes de tornar-se um organismo vivo. Por igual modo, é isso que sucede a um sermão. Recordo-me de um jovem pregador, um homem capaz que se formou com distinção em teologia, em Oxford, o qual me contou que vinha pregando, em certa ocasião, na presença de um velho pregador, um idoso mas excelente pregador. Tendo ouvido ao mais jovem por três ou quatro vezes, o homem de mais idade lhe disse: "Você quer saber de uma coisa? Você está trazendo para o mercado reses do mais alto 'pedigree', mas é lamentável que seus ossos e seus esqueletos apareçam tanto. Não há carne bastante sobre elas. A pessoa que vai ao mercado comprar um animal não quer comprar um esqueleto, mas gosta de comprar

animais bem alimentados e recobertos — carne! Ninguém compra só ossos no açougue; todos querem carne". Exatamente da mesma maneira, nunca devemos tão-somente oferecer fatos às pessoas, nem devemos simplesmente jogar pensamentos ou "esqueletos" diante das pessoas; precisamos dedicar tempo para cobrir de carne a esses "esqueletos".

Apesar de ser esse o maior risco no que tange à pregação extemporânea, volvemos agora a nossa atenção para os perigos vinculados à escrita de sermões. A razão para tal escrita é que desejamos revestir de "carne os esqueletos"; mas de imediato surgem certos perigos e armadilhas. O primeiro é produzir um estilo demasiadamente ornamentado, dando exagerada atenção à qualidade ou elemento literário. Trata-se de um aspecto dos mais interessantes, do ponto de vista da história da pregação. Os pregadores cristãos parecem haver atravessado certas fases que dizem respeito a isso. Pensemos, por exemplo, sobre o que aconteceu no século XVII, um grande século quanto a muitos particulares. No começo daquele século houve os chamados pregadores clássicos na Igreja da Inglaterra — o bispo Andrewes, o famoso Jeremy Taylor, e, até certo ponto, John Donne. Esses homens eram tidos e aclamados como grandes pregadores, e em muitos sentidos realmente o eram: no entanto, a mim parece, como parecia definidamente aos puritanos seus contemporâneos, que eles tinham pendido demais para certo extremo. Os sermões daqueles homens se haviam transformado em obras de arte. Eram obras-primas literárias, perfeitamente constituídas, livremente salpicadas de alusões e citações clássicas e literárias. O resultado, entretanto, é que o povo comum vinha sendo mantido mais ou menos no estado de ignorância da Verdade salvadora, das Verdades reais das Escrituras, e foram às reuniões meramente para desfrutar daqueles sermões ornados e perfeitos. Ouvi-los representava uma festa literária e estética.

Os puritanos desfecharam tremenda reação contra esse estado de coisas; e fizeram-no de maneira bastante deliberada. Eles sentiam que esses sermões perfeitos estavam "ocultando" a Verdade, ao passo que o intuito todo de um sermão consiste em "declarar" a Verdade. E uma vez mais a forma havia triunfado sobre a substância. Talvez a melhor maneira de ressaltar vividamente esse ponto consista em contar a história que envolve Thomas Goodwin, um dos mais eminentes puritanos. Thomas Goodwin era, por natureza, um homem eloqüente; e quando estudava na Universidade de Cambridge, tinha por hábito ouvir um famoso orador e eloqüente pregador daquela universidade. Ora, Thomas Goodwin admirava tremendamente àquele homem; ele era o seu ideal como pregador; por isso Goodwin começou a moldar-se segundo o estilo e os métodos do tal orador. No entanto, Thomas Goodwin experimentou profundíssima e notável transformação religiosa, que alterou toda a sua perspectiva e que o afetou de maneira radical, conforme se dá com toda a conversão verdadeira (ver 2 Coríntios 5:17). Entrou em grande conflito consigo mesmo, no tocante à sua pregação, como resultado disso. Não muito depois de sua conversão, foi-lhe solicitado que ele pregasse o sermão da universidade, e, obviamente, de maneira instintiva, ele começou a preparar-se e a escrever segundo os moldes clássicos que tanto havia admirado. Produziu um grandioso sermão, com admiráveis trechos ornamentais e enfeites literários, que o foram despertando e emocionando à

medida em que escrevia. Mas foi então que o Espírito de Deus, e a sua própria consciência, começaram a atuar no seu interior, e ele entrou em terrível peleja. Que lhe convinha fazer? Ele sabia que entre os seus ouvintes haveria não somente as pessoas cultas da universidade, mas igualmente algumas pessoas comuns, e quiçá algumas criadas sem muita instrução, que costumavam freqüentar tais reuniões. Thomas Goodwin reconheceu, então, que lhe competia pregar tanto para essas criadas quanto para aquelas outras pessoas; e ele sabia que aqueles trechos ornamentais nada significariam para aquela gente singela; pelo contrário, serviriam somente de empecilho. Que faria, pois? Finalmente, com o coração quase partido e a sangrar, ele retirou as porções ornamentadas de seu sermão, e jamais se referiu a elas. No interesse da Verdade, no interesse da comunicação do Evangelho, no interesse pelas almas das pessoas, não há que duvidar que ele estava com indubitável razão. A mera preocupação com a forma literária, exceto se for algo criteriosamente disciplinado, facilmente pode conduzir a um estilo empolado e artificial, que pode arruinar a verdadeira pregação.

Há intensa evidência sobre isso hoje em dia, sem dúvida. Lembro-me de ter lido, em 1943 ou 1944, uma narrativa sobre o Rompimento de 1843, que houve na Igreja Escocesa. Ao comentar sobre o grande Thomas Chalmers, o autor aventurava-se a criticar a pregação daquele. A crítica era que havia uma ausência quase lamentável de alusões literárias e históricas nos sermões de Chalmers. Dessa maneira, um minúsculo pigmeu, cujos esforços na pregação jamais foram ouvidos, e que nunca conseguira coisa alguma, teve o desplante de criticar a um gigante. Mas, que base para críticas! Quanta ignorância sobre a verdadeira função da pregação!

Desejo exprimir o problema em outras palavras. No princípio deste século houve um bispo da Igreja da Inglaterra de nome Hensley Henson. Ele escreveu sua autobiografia em dois volumes, sob o título *A Diary of an Unimportant Life* (Diário de uma Vida sem Importância)! Lembro-me de ter lido sua descrição, em um desses volumes, sobre como, de certa feita, passou três semanas escrevendo um sermão que tinha de apresentar em alguma ocasião especial. Ele narra como laborou no sermão, reescrevendo determinadas porções, alterando outras e fazendo diversos acréscimos — três semanas produzindo e polindo aquele sermão perfeito!

Sem dúvida trata-se de uma prática dificílima de ser conciliada com a pregação do Evangelho, segundo se observa nas próprias Escrituras, ou conforme se pode observar na pregação que tem caracterizado os mais notáveis períodos da história da Igreja. O que tem a ver com a Verdade esse polimento de frases, esse escrever e reescrever de sermões? Sim, deve haver forma, mas jamais devemos dar uma atenção excessiva a esse elemento. Poderíamos conceber o apóstolo Paulo a passar três semanas na preparação de um sermão, a polir frases, a modificar uma palavra aqui e outra acolá, a alterar algum adjetivo ou a adicionar um outro *bon mot*? A idéia é totalmente inconcebível. Diz o apóstolo: ". . . não com sabedoria de palavra. . ." E também ". . . não. . . em linguagem persuasiva de sabedoria". Quão facilmente nos precipitamos de um extremo para outro! Por conseguinte, coloco a questão nestes termos gerais, dizendo que sempre devemos ter o cuidado de evitar um estilo excessivamente ornado. Talvez isso não constitua hoje em dia um risco tão grande

como já foi antigamente, porque também o povo não está mais tão interessado pela pregação como já esteve; mas tenho plena certeza de que essa exagerada atenção, enfocada sobre o estilo literário e sobre a forma perfeita do culto, que se verificava nos fins do século passado e nos primórdios deste século, serviu de imenso prejuízo para a pregação e para a causa inteira da pregação.

Daí damos um salto lógico para a questão do emprego de citações. Por sua vez, essa pode ser uma questão bastante difícil e complexa. Na época em que vivemos, por certo isso constitui um problema mais agudo do que no caso da questão acima. Isso se deve ao fato que todos pensamos ser mais bem instruídos, e que nossas congregações se constituem de pessoas mais bem educadas, dotadas de maiores conhecimentos. E a tentação é pensar que a prova da erudição é o número de citações empregadas. Isso se verifica, particularmente, conforme você bem sabe, no que concerne a livros. Como se pode decidir se um homem é um erudito ou não? A resposta simplória diz: "pelo número de notas de rodapé". Se um livro não contar com notas de rodapé e copiosas referências a outros escritores, com citações extraídas dos mesmos, então seu autor não será um erudito, não será um pensador, e vice-versa. Naturalmente, tudo isso é simplesmente ridículo. Deveríamos interessar-nos na qualidade do intelecto de um homem, na sua capacidade de pensar, na sua originalidade; e jamais no número de notas de rodapé. No entanto, essa é a tendência inteira da nossa época. Contudo, quando isso é transferido para a pregação, então tudo se transforma em uma ameaça mortífera. Nada pode militar mais contra a verdadeira pregação do que isso.

Por que digo isso? Uma das respostas é que o real objetivo do uso de citações não deveria ser exibir nossa erudição e nem chamar a atenção para nós mesmos. Se assim for, então será mais aconselhável não lançar mão de uma citação sequer, porquanto estaremos sendo levados por um motivo inteiramente errôneo. Tenho na memória o presidente de um certo seminário teológico que gozou de considerável prestígio como pregador popular, por alguns anos, na Grã-Bretanha. Certo dia, alguém lhe solicitou para pregar um sermão em um programa radiofônico, dali a dois meses. Prontamente ele se pôs a ler todo o *Oxford Book of Religious Verse* (Livro de Oxford de Versículos Religiosos), além de obras similares. Com que finalidade? Para encontrar alguma citação impressionante com que dar início a seu sermão. E não somente fazia isso pessoalmente, mas também levou seus alunos favoritos a fazerem a mesma coisa; rogou-lhes que lessem obras poéticas a fim de ajudá-lo. Disse-lhes qual seria o tema que exploraria, e a eles caberia a incumbência de procurarem por alguma citação extraordinária, que concedesse um começo arrebatador ao seu sermão. Foi um daqueles alunos que contou-me o episódio, naquela ocasião. Só pode haver um comentário acerca de tal coisa — é o mais deslavado aviltamento. Mas também é um abuso contra as citações. E por que essa prática está tão errada? Assevero que ela é errônea pela razão que a forma, em tal caso, torna-se uma vez mais de maior importância do que a substância do sermão. No entanto, espera-se que a forma seja serva da substância.

Lembro-me de uma frase que muitíssimo me impressionou nessa conexão. Eu lia um artigo no qual seu autor traçava a distinção entre o que ele denominava de "Artifício do que é Artístico, e a Inevitabilidade da Arte". Essa distinção coloca de

modo perfeito a questão. O que é artístico depende de artifícios; pode-se ver o homem a esforçar-se e a extenuar-se para produzir certa impressão. Mas o que caracteriza a obra de um artista, de um artista autêntico, por outro lado, será sempre aquele senso de "inevitabilidade" — pode-se sentir que as coisas não poderiam mesmo ser diferentes. Há algo de artificial quanto ao outro lado; este é apenas um artifício, e sempre será característica do aviltador que busca produzir um efeito que contribua para as suas próprias finalidades. Jamais nos devemos tornar culpados disso. Sempre nos devemos assegurar de que em nossos sermões existe essa qualidade da "inevitabilidade".

Não me cabe estabelecer regras sobre esse particular, mas quero dizer que, no todo, é bom evitar o uso de livros de citações. O único emprego verdadeiramente legítimo de um livro de citações é averiguar a precisão daquilo que tomamos como citação exata, ou então ajudar a suprir alguma palavra ou palavras que estejam faltando na nossa citação. Ele existe a fim de poupar-nos tempo. Noutras palavras, não devemos buscar o índice de algum livro de citações a fim de encontrar uma citação para empregar. O que deveria acontecer, bem pelo contrário, é que, enquanto estivermos pensando ou escrevendo, algo nos ocorre na memória, algo que lemos algures ou que tivemos a oportunidade de aprender na escola. A fim de nos certificarmos de que citamos corretamente as palavras, bem como o seu autor, então isso é averiguado nos livros de citações. Porém, começar por um livro de citações é algo artificial e mecânico; e, seja como for, trata-se de um modo preguiçoso de realizar o trabalho.

Eu me atreveria a mais ainda, dizendo: Não tente pensar em citações. Se o fizer, uma vez mais a mecânica tornar-se-á por demais óbvia e proeminente no seu método. Em outras palavras, só se utilize de uma citação quando ela subir à sua mente, e quando ela parecer inevitável. Ou, se assim preferir exprimi-lo, só empregue uma citação quando ela parecer dizer com perfeição aquilo que você está procurando transmitir. Ela diz algo melhor do que você poderia exprimir, ela diz algo de maneira que parece quase perfeita. Talvez você pense que estou dando excessiva importância a esta questão, mas posso assegurar-lhe que não é bem assim. Um número muito grande de citações, em um sermão, pode tornar-se algo extremamente cansativo para os ouvintes, e ocasionalmente torna-se até ridículo. Lembro-me de que uma vez tive uma conversa com um homem que fora professor de poesia, em Oxford, além de também ser clérigo. Falávamos sobre essa exata questão, e sobre a maneira como a mesma estava se tornando ridícula. Contou-me ele que na semana anterior havia ouvido um sermão na Abadia de Westminster, em Londres. O erudito pregador apresentou grande acúmulo de citações (demonstrando ser um prolixo leitor!), quando, a certa altura de seu sermão, chegou a afirmar: "Conforme Evelyn Underhill nos tem relembrado mais recentemente: Deus é amor".

É óbvio que quando tudo precisa ser definido na forma de uma citação, chegamos neste ponto em que a verdade fica escondida, e o pregador se torna ridículo e aborrece os ouvintes.

Um sermão propõe-se a ser uma proclamação da Verdade divina mediada através do pregador. As pessoas não desejam ouvir uma fieira de citações daquilo que outras

pessoas tenham pensado e asseverado. Antes, elas vieram ouvi-lo; você é o homem de Deus, você foi convocado ao ministério, você foi consagrado; e elas querem ouvir essa grandiosa Verdade, conforme ela passa através de você, através da totalidade do seu ser. Elas esperam que essa mensagem tenha passado através do seu pensamento, como parte da experiência que você teve; buscam essa nota pessoal autêntica. Posso assegurar-lhe de que se os seus sermões nada forem além de uma série de citações, algumas pessoas, provavelmente entre as mais ignorantes, dirão: "Que homem erudito é esse que está pregando!" Mas outras pessoas, sobretudo qualquer pregador que porventura esteja presente, perceberão exatamente o que você estiver fazendo. Mas o fenômeno invariável em tudo isso é que não haverá poder na pregação. Dou minha garantia a esta afirmação. Jamais há qualquer poder em sermões que consistem meramente em "conforme Fulano ou Sicrano disse", ou então em "Beltrano nos lembra que", e assim por diante. Essas declarações se enfileiram uma atrás da outra, e todos sentem que o bom homem permitiu que sua leitura substituísse os seus próprios pensamentos. Espera-se que o pregador pense por si mesmo, pelo que toda a leitura a que ele se dedique deveria destinar-se a estimular-lhe os pensamentos e dar-lhe certo acervo de informações.

A próxima advertência que eu ofereceria é que devemos ser cautelosos — e acima de tudo quando estivermos escrevendo — para não raciocinarmos demais, acumulando razões muito próximas umas das outras. Tenho enfatizado de modo geral, no começo de meu esboço original, a importância do raciocínio, do desenvolvimento e da seqüência em um sermão. Todavia, que não haja raciocínios muito acumulados, refinados ou sutis. Isso se deve ao fato que um sermão visa a ser falado, e não é fácil a ninguém acompanhar um argumento muito denso e complexo, como quando estamos lendo. Por conseguinte, se você for exagerado nesse particular, estará impedindo que as pessoas apreendam a Verdade. Essa advertência pode aplicar-se igualmente a sermões extemporâneos, mas seu perigo mais específico, segundo sinto, se verifica em conexão com os sermões escritos.

Portanto, encerro esta preleção dizendo: Prepare-se, mas tenha cuidado com as preparações excessivas. E isso é particularmente o caso com os sermões escritos. O perigo consiste em sermos por demais perfeitos. Você embala seu próprio ideal e sabe o que pretende fazer; mas o perigo está em exagerar nesse ponto, no qual caso o sermão torna-se uma finalidade em si mesmo. O que se pode fazer para evitar tal ameaça? Qual é o antídoto? Trata-se de algo bastante simples — continue a relembrar a si mesmo, do começo ao fim, de que aquilo que está fazendo visa ser apresentado ao povo, a toda sorte e variedade de gente. Você não estará preparando um sermão para sábios ou mestres; estará preparando um sermão para uma congregação mista de pessoas, e a sua tarefa, e a minha, consiste em sermos uma ajuda para todos quantos estiverem na congregação. Teremos falhado, a menos que consigamos realizar isso. Portanto, evitemos toda abordagem ultra-acadêmica e teórica. Sejamos práticos. Lembremo-nos das pessoas: estaremos pregando para elas.

Capítulo Doze

ILUSTRAÇÕES, ELOQÜÊNCIA, HUMOR

Considerando agora o tipo extemporâneo de pregação, e bem assim a preparação necessária para o mesmo, há muito menos a ser dito. Nesse caso, os perigos não são tantos; embora exista um ponto que eu gostaria de destacar, e faço isso em resultado das minhas próprias experiências. Trata-se do perigo que surge quando um homem, que geral ou freqüentemente escreve os seus sermões e por diversos motivos resolve não mais fazê-lo, e torna-se um pregador extemporâneo. O maior perigo com que se defronta tal indivíduo será contentar-se com uma preparação inadequada. Instintivamente o indivíduo acha que se não tiver de escrever na íntegra os seus sermões, então tudo quanto se faz mister é preparar um simples esboço ou "esqueleto", deixando tudo nesse ponto. Mas o resultado disso pode ser muito desastroso no púlpito. Quando nos ocorre algum pensamento, enquanto estamos lendo nossas Bíblias, e preparamos um esboço ou "esqueleto" apressado de um sermão, poderá parecer-nos que extravasamos idéias, sentindo que não haverá a mínima dificuldade para pregar aquele sermão. Desafortunadamente, porém, com freqüência terminaremos por descobrir que, dias ou semanas mais tarde, quando nos pusermos a pregar no púlpito com base nesse esobço, todas as idéias parecerão ter-nos abandonado, e pouquíssimo teremos para dizer. Por mais que o tentemos, não poderemos recapturar aquilo que nos ocorrera, e começaremos mesmo a perguntar a nós mesmos como foi que chegamos àquelas diversas divisões do sermão. Parecia-nos óbvio que antes tinham grande significação, mas, de alguma maneira, agora tudo se desvaneceu.

A maneira de dar solução a esse perigo pode parecer perfeitamente óbvia, mas, se você não tiver consciência do problema, então terá de aprender por meio de uma mui dolorosa experiência, tal como sucedeu comigo. Você deve preparar os seus pontos, as divisões principais, mediante certo número de divisões secundárias ou subordinadas. Noutras palavras, terá que ter a certeza de que conta com material suficiente. As divisões principais poderão ser elaboradas, desenvolvidas e ilustradas de diversas maneiras. Nunca nos devemos olvidar de anotar no papel essas subdivisões. Tal como eu aconselhara no tocante ao próprio esboço do sermão, uma vez mais enfatizo a importância de tomar notas, de modo que você possa ser relembrado, enquanto está pregando, daquilo que quisera dizer sob essa divisão específica. A regra áurea consiste em não permitir que a preparação seja muito breve; antes, que as subdivisões da mensagem sejam elaboradas da melhor maneira possível, pois assim não lhe faltará material. Conforme venho descrevendo, muitos pregadores têm dependido da inspiração que lhes sobreveio quando um texto repentinamente lhes falou ao coração, e descobriram que podiam se lembrar dele quando estavam pregando realmente no púlpito. Estes têm então caído na tolice e na tentação de imaginar que isso sempre tornará a suceder, e que, por isso mesmo, não será necessária qualquer preparação cuidadosa. Mas a experiência não tardará a livrá-lo desse conceito errado.

Um outro fator que atua nessa conexão poderá ser melhor ilustrado se eu contar

a história de um ministro que conheci no sul do País de Gales. Ela demonstra como na experiência espiritual de um indivíduo há períodos de altos e baixos, de fluxos e refluxos. Pois bem, esse pregador em particular passara por grande experiência no despertamento religioso e reavivamento do País de Gales, nos anos de 1904 e 1905. Tratava-se de um homem habilidoso e muito estudioso. O reavivamento irrompeu quando ele era estudante; e isso muito afetou a ele e a outros. De modo bastante comum, durante algum período de reavivamento às pessoas é concedida uma incomum facilidade de falar e pregar, como também de orar. E o testemunho dos ministros do País de Gales, naquele período, é que tinham de dedicar bem pouco tempo à sua preparação para pregar. Tudo lhes parecia ser "dado"; não lhes faltava material, e da plenitude de seus corações e de sua alegria cristã, bem como por seu amor ao Senhor, falavam sem nenhuma dificuldade ou restrição.

Mas por muitas vezes surge um problema quando um período dessa natureza chega ao fim e o reavivamento se atenua. Então, muitos daqueles homens não percebem que passaram por uma fase excepcional, e que agora, tendo retornado a tempos comuns na vida da Igreja, terão de esforçar-se muito mais para se prepararem. Já conheci um bom número de pessoas que caíram nessa armadilha, e por diferentes razões. Alguns deles têm mesmo chegado a pensar ser um pecado preparar sermões. Haviam gozado daquela grande liberdade e desenvoltura, em razão do que, quando tudo aquilo cessou, alguns deles caíram em sérias dificuldades espirituais e estiveram à beira do desequilíbrio mental, por sentirem que haviam entristecido ou abafado o Espírito. Alguns outros têm-se sentido culpados de algum pecado, para eles inconsciente. Por qual razão não sentiram mais aquela mesma facilidade e fluência de que antes haviam desfrutado? Conheci vários homens nessa situação, e tive de ajudá-los um pouco para saírem de tal depressão espiritual, a qual, em certos casos, chegou mesmo a atravessar a fronteira do que é espiritual para o que já é psicológico.

Foi por não ter compreendido isso que levou o homem sobre quem estou pensando em particular a cair em grave dificuldade. Naquele caso, o problema não consistia tanto no temor de haver "entristecido o Espírito", e, sim, de que ele pensava contar com bases bíblicas para não preparar os seus sermões. Ele não tivera de preparar-se durante o período do reavivamento, e, terminado esse reavivamento, ele sentia que tinha garantias espirituais para dar prosseguimento a essa prática. Sua base bíblica era o trecho do Salmo 81, que diz: "Abre bem a tua boca, e ta encherei". Ele interpretava essas palavras como se elas ensinassem que um homem pode subir ao púlpito sem preparar-se previamente, porquanto o material de seu sermão lhe seria outorgado. O pobre sujeito punha isso literalmente em prática; e o resultado é que ele esvaziou os bancos de sua igreja, tornando-se mais ou menos inútil como pregador, durante os cinqüenta anos seguintes. A grande tragédia é que ele era homem de grande espiritualidade, dotado de muitas habilidades.

Por conseguinte, se você não quiser escrever na íntegra os seus sermões, então não tropece em qualquer dessas armadilhas. Antes, prepare-se tanto quanto possível, para que na mente saiba o que deseja dizer, do princípio ao fim. Não poderei exagerar a importância dessa norma. Se minha própria experiência se reveste de qualquer ajuda ou valor, então posso adiantar-lhe que me tenho inclinado por fazer notas

escritas cada vez mais completas, conforme os anos passam, ao invés de fazê-las cada vez mais breves. Naturalmente, há variedade em questões dessa natureza.

Se por um lado, porém, existem esses dois métodos principais — o sermão integralmente escrito e a preparação de notas para ajudar na pregação extemporânea — por outro lado também é verdade que há pessoas que empregam variações desses métodos; e nada vejo de errado nisso. Tenho conhecido homens que preferem escrever quase integralmente a introdução de seus sermões, como também a conclusão dos mesmos. Entre estas duas partes, preferem depender de seus esboços ou anotações abreviadas. Muito pode ser dito em favor desse método, especialmente quando alguém está mudando de sermões integralmente escritos para o método extemporâneo de pregar. Tal método ajuda durante o processo de transição. Alguns preferem escrever a introdução de seus sermões por haverem descoberto que, mesmo após terem preparado o esboço de um sermão, ao subirem ao púlpito subitamente começaram a tropeçar na introdução. Simplesmente não podiam ganhar ímpeto na pregação, e isso os deixava tão abalados que o sermão inteiro ficava arruinado. A maneira de corrigir essa falha, naquele período de transição, é escrever na íntegra a introdução dos sermões, e, quiçá, por igual modo, a conclusão.

Passamos agora a pensar sobre várias questões que surgem durante a entrega propriamente dita do sermão. Alguns homens lêem do púlpito os sermões, da primeira à última palavra. Não pretendo ser por demais dogmático, mas por certo essa prática deve incorrer em erro, deve ser prejudicial. Sei que podem ser citadas algumas instâncias notáveis, com base na história passada, de homens que assim agiram e que foram notavelmente abençoados; entretanto, ninguém firma leis respaldado em exceções. Certamente a pregação envolve, conforme vimos em preleção anterior, um contato direto entre o povo e o pregador, manifestando-se um inter-relacionamento de personalidades, de mentes e de corações. Há nisso aquele elemento de "dar e receber". Portanto, convém que o pregador olhe o povo de frente; mas você não poderá contemplar o povo e ler um manuscrito ao mesmo tempo. Ler um manuscrito atrapalhará tanto a você quanto ao povo. Você perderá a atenção dos ouvintes, não conseguindo prender-lhes o interesse; e eles, por seu lado, perderão o interesse em você e o fio da meada do que estiver dizendo. Não há que duvidar que pregar, por definição, consiste em discursar ao povo de maneira pessoal e direta. Não se trata de alguma preleção teórica ou acadêmica; antes, fica subentendido um contato vivo. Qualquer coisa que contribua para reduzir esses aspectos será algo ruim por si mesmo. Sei que alguns pregadores têm sido bem-sucedidos quando lêem os seus sermões; porquanto há exceções para toda e qualquer regra que possam ser estabelecidas quanto a essas questões; mas isso em nada afeta a regra geral. Existem outros que, a despeito de não lerem seus sermões, costumam olhar através das janelas do templo, enquanto pregam à congregação. Tal hábito não é melhor que aquele outro, obviamente; você poderia estar igualmente lendo seu manuscrito. Mas já conheci homens que davam a impressão que achavam esse um procedimento altamente espiritual — eram grandes místicos a contemplar alguma dimensão invisível!

Quero apressar-me a ajuntar, entretanto, que aquilo que é praticado por muitos outros pregadores, a saber, o fato de memorizarem os sermões que haviam escrito, é

algo igualmente prejudicial. Talvez não tanto quanto aquele outro mau hábito; mas não há muita distância entre os dois. Todavia, este último é um pouquinho melhor do que aquele, porque, enquanto alguém recita ou declama, pode olhar para as pessoas. Você terá escrito um sermão; em seguida, o lê por certo número de vezes; e, se possuir boa memória, poderá facilmente decorar a maior parte do mesmo. Já conheci muitos pregadores capazes de fazer isso. Porém, embora eu concorde que é um método um tanto superior, ainda assim não gosto dele. E a minha principal razão é que tal método escraviza o pregador, interferindo com o elemento da liberdade. Pois enquanto alguém recita ou declama, na realidade não está mantendo contato com as pessoas. Antes, está se concentrando naquilo que memorizou, e que agora se esforça por relembrar; e na exata proporção, tal método se interpõe entre o pregador e as pessoas a quem ele dirige a palavra. O elemento vivo fica amortecido e o elemento mecânico é ressaltado. Trata-se de questão muito difícil, e muitos pregadores têm sido forçados a experimentar e a alterar seu modo de proceder, vez por outra.

Sempre gosto de pensar que qualquer distinção que se possa traçar dentro do campo da oratória secular — discurso político por exemplo — tem validade também no campo da pregação. Existe certa diferença entre a retórica e a oratória, não é mesmo? No que consiste essa diferença? É exatamente essa diferença que enfatizo aqui. O retórico sente-se atado à sua preparação, porquanto declama algo que preparou com extremo cuidado. O mais notável exemplo de um bom retórico, em anos recentes, foi o falecido Sir Winston Churchill. Com freqüência ele tem sido chamado de orador, mas, na realidade, ele era mesmo um retórico. O pai dele, Lord Randolph, foi um orador; mas Sir Winston nunca foi tal. Quando era mais jovem, ele costumava escrever cada palavra de seus discursos, para em seguida memorizá-los e declamá-los. Mais tarde na vida, ele criou o hábito de lê-los; mas quando mais jovem, costumava recitar o que aprendera de cor. Que tal modo de proceder interfere com o contato vital e com o inter-relacionamento que deve haver entre orador e ouvintes, é algo que pode ser ilustrado no caso dele. Os seus oponentes, sabendo que ele estava recitando e realizando um feito da memória, procuravam interrompê-lo. Isso o desequilibrava momentaneamente, e ele era obrigado a retroceder várias frases, em seu discurso, recitando-as novamente, antes que pudesse prosseguir. Noutras palavras, visto ter sido ele um retórico, estava amarrado. O orador, por sua vez, sempre se sente livre e muito deve à sua audiência. Neste caso há sempre um vivo inter-relacionamento — sempre ocorre uma transação real.

Tudo isso, por semelhante modo, é verdadeiro no campo da pregação. O pregador deve ser um orador, e não um retórico. Sempre se perderá algo na memorização, recitação e declamação de um sermão.

Um outro artifício que os homens com freqüência adotam, e que, segundo penso, muito tem para ser dito a seu favor, é preparar notas copiosas do sermão escrito. Ao invés de decorá-lo, você poderá fazer observações a respeito dele. Tendo escrito o mesmo, e, em resultado, tendo na própria mente o âmago do sermão, simplesmente registre no papel notas acerca dele, e em seguida pregue alicerçado sobre essas notas. Isso garantirá muito maior liberdade do que qualquer dos dois métodos anteriormente ventilados. Uma vez mais, essa é uma prática particularmente boa para o

homem que se acha naquele estágio de transição do sermão escrito para a pregação extemporânea. O grande elemento é a liberdade. Não posso enfatizar exageradamente esse particular. Faz parte da própria essência do ato de pregar — essa liberdade em nossas mentes e em nossos espíritos, que ficam livres para receber as influências do Espírito sobre nós. Se ao menos cremos no Espírito Santo, então devemos crer que Ele está agindo poderosamente, enquanto nos ocupamos desse mais sério e maravilhoso dos trabalhos. Por conseguinte, devemo-nos franquear às influências do Espírito.

Como é natural, isso nos leva a certo número de possíveis conseqüências. Isso pode significar que nosso estilo não é assim tão perfeito; e, de fato, do ponto de vista estritamente literário, pode ser um mau estilo. No entanto, estaremos em boa companhia. Os pedantes sempre criticaram o apóstolo Paulo por causa dos seus anacolutos, não é verdade? Eles ressaltam como Paulo por várias vezes iniciou uma frase para então deixar-se arrebatar de tal modo por seu tema que se esqueceu de terminá-la. Isso é liberdade, liberdade no Espírito. É provável que ele não se tivesse saído bem, diante de uma banca examinadora, mas o Espírito Santo Se valeu dele. Não estou sugerindo que você não deveria completar as suas frases; mas estou sugerindo que você deveria ser livre. Assim sendo, quando o Espírito apossar-se de você, e o estiver conduzindo, deixe-se levar. Não se deixe atar, não se deixe agrilhoar.

Ninguém deveria ficar desencorajado diante dessas coisas. Jamais houve um pregador que não tenha tido de aprender por sua dura experiência. Não desanime. Se, no princípio, você achar que não pode pregar sem ter escrito na íntegra o seu sermão, então escreva-o na íntegra. Porém, faça experiências da maneira como tenho sugerido. Escreva um dos sermões, e não o outro; experimente essas diversas modificações e variações. Acima de tudo, não fique impaciente consigo mesmo. Não se deixe abater em demasia, se porventura tiver algum culto muito deficiente, e nem diga que nunca mais subirá a um púlpito sem estar munido de um sermão escrito na íntegra, posto no púlpito à sua frente. Isso é a voz do diabo. Não lhe dê atenção; prossiga, até chegar ao estágio onde tenha a certeza de que se sente livre. Não quero dar excessivo valor a esse ponto, mas existe um perigo bem real de depositarmos a nossa fé em nosso sermão, e não no Espírito. Ora, nossa fé não deveria estar fundamentada em um sermão, mas no próprio Espírito Santo. Portanto tenhamos a certeza de contar com liberdade em primeiro lugar, em último lugar, e a todos os momentos; e então entremos em contato com as pessoas.

Chegamos agora a certas questões que são comuns a ambas essas maneiras de pregar, isto é, sermões escritos ou pregações extemporâneas. Trato delas neste ponto porque com freqüência as pessoas me têm interrogado a respeito, fazendo comentários e críticas sobre as mesmas. Refiro-me ao problema inteiro do uso de historietas e ilustrações. É preciso que dediquemos atenção a esta questão. Suponho aqui que já sabemos fazer clara distinção entre o uso de uma ilustração e a espiritualização de uma porção qualquer das Escrituras. Não advogo aqui uma falsa e errônea espiritualização das Escrituras; e também não devo descer a detalhes em demasia, por não estar apresentando uma preleção sobre homilética. Mas quero deixar patenteado que existe uma diferença entre a espiritualização de um incidente do Antigo Testamento e o simples uso desse mesmo incidente, como ilustração. A diferença consiste no

seguinte: Temos de deixar claro para os ouvintes, exatamente aquilo que estamos fazendo. Temos de esclarecer que o que estamos asseverando é que assim como aquilo que estamos destacando aconteceu de fato no terreno da história, assim também esse mesmo princípio deve ou pode ser encontrado no terreno espiritual.

Deixe-me dar um exemplo. Quando conferenciava sobre reavivamentos, de certa feita, ventilei a história de Isaque, que cavou novamente "os poços que se cavaram nos dias de Abraão, seu pai", os quais os filisteus haviam tapado após a morte de Abraão. Algumas pessoas pensaram que, ao assim fazer, eu estivesse espiritualizando aquele incidente do Antigo Testamento. Assim pensaram por não terem percebido a diferença entre usar uma narrativa assim, como ilustração, e espiritualizá-la. Se eu tivesse espiritualizado esse episódio, eu teria comunicado que Isaque estava fazendo algo de natureza espiritual naquela ocasião. Mas eu tinha feito questão de enfatizar que estava simplesmente usando aquela história como uma ilustração, além de haver frisado que aquilo que Isaque fez no tocante à água — a água comum é essencial para a vida e para o bem-estar do organismo físico — provê para nós um quadro simbólico de um princípio de grande valor no campo espiritual, em conexão com os reavivamentos. Eu não estava dizendo que Isaque fez algo de natureza espiritual, mas tão-somente mostrava que, assim como ele não desperdiçou tempo enviando pesquisadores que descobrissem um novo suprimento de água, mas simplesmente cavou novamente o antigo poço, por saber que ali havia água, assim também me parecia ser da essência da sabedoria, no terreno espiritual, e em tempos de dificuldade e seca espiritual, não desperdiçar o nosso tempo à procura de um novo "evangelho", e, sim, voltar ao Livro de Atos e a cada período de reavivamento na história da Igreja. Ora, isso não é espiritualizar um antigo incidente. Eu poderia ter procurado minhas ilustrações ou minhas histórias no campo da ficção, ou no campo da história secular; naquela ocasião, entretanto, preferi tomar um incidente do Antigo Testamento e usá-lo como minha ilustração. Isso não é espiritualizar, porquanto eu não estava dizendo que aquilo que Isaque fez levou a um reavivamento. Como é natural, porém, é importante que esclareçamos bem aquilo que estivermos fazendo. Nossa congregação geralmente compreenderá isso com bastante facilidade; só os "sabidos" e os pedantes é que, provavelmente, compreenderão as coisas erradamente!

Porém, retornando a histórias e ilustrações em geral, o que me parece realmente mau é aquele tipo de coisa sugerido por um certo livro que tem o título de *The Craft of Sermon Illustration* (A Técnica da Ilustração de Sermões). Para mim, tais artifícios são pura abominação. Nesse campo não há lugar algum para tal "técnica". É degradação uma vez mais. Conheci um pregador que sempre trazia no bolso uma caderneta de notas, e quando ele ouvia uma boa história, sempre puxava daquela caderneta e anotava a história ouvida. Então, ao regressar ao lar, escrevia na íntegra a história ouvida; e, ato contínuo, punha a história escrita em certo fichário, no arquivo. Aquela seria uma boa ilustração para determinado tema. Por conseguinte, ele vivia sempre a coligir histórias, dividindo-as e classificando-as em diversas categorias, e separando-as no seu fichário. E então, chegada a hora de preparar um sermão a respeito de um tema qualquer, ele puxava do fichário e selecionava as histórias que desejasse. Ele exortava a outros para que o imitassem.

Para mim, tal coisa não somente é profissionalismo em seu pior ângulo, mas conforme venho dizendo, faz parte das artes de um aviltador, porquanto dá demasiada atenção e se preocupa exageradamente em engodar o povo. E o que é ainda pior, naturalmente, é quando os pregadores repetem as histórias e ilustrações utilizadas por outros pregadores, sem reconhecer a dívida; e o pior de tudo é quando compram livros de sermões, principalmente para descobrir tais histórias.

Por qual razão me oponho a isso? É porque sinto que essa prática faz as histórias e ilustrações serem uma finalidade por si mesmas. O uso excessivo das mesmas também alcovita a carnalidade das pessoas que ouvem. Tenho observado isso com freqüência. Lembro-me de haver pregado em certo lugar, numa oportunidade, e de como o ministro, que me ouvira, chegou-se a mim, no fim da reunião, e disse: "Muito obrigado por seu sermão. Mas o senhor não nos deu desta vez qualquer ilustração". Aquilo me fez pensar, e perguntei de mim mesmo: "Esse homem estava escutando para ouvir o quê?" Na vez anterior em que ele me ouvira, e eu me lembrava daquela ocasião, sucedeu que eu havia empregado maior número de ilustrações do que normalmente faço. Mas ali, ao que me parecia, estava um homem que viera ouvir não tanto a Verdade, mas ilustrações. Não é isso uma séria perversão?

As histórias e ilustrações têm o propósito exclusivo de aclarar a Verdade, e não o de chamar a atenção para si mesmas. Todo esse negócio das ilustrações e das histórias contadas tem servido de marcante maldição, durante os últimos cem anos. Acredito ser esse um dos fatores que explicam o declínio que ocorre na pregação, porquanto tem ajudado as pessoas a acreditarem que a pregação é uma arte, é uma finalidade por si mesma. Indubitavelmente há muitos que preparam um sermão tão-somente a fim de poder usar alguma excelente ilustração que lhes ocorrera, ou que tinham lido algures. A ilustração, para eles, já se tornou o fator essencial; e em seguida, procuram algum texto bíblico que cubra aquele tipo de episódio. Noutras palavras, o coração da matéria se tornou a própria ilustração. Mas essa é uma ordem de coisas que foi distorcida. A ilustração visa a ilustrar a Verdade, e não a exibir a si própria, e nem a chamar a atenção para si mesma. Antes, deve servir de meio para guiar e ajudar as pessoas a perceberem o princípio que o pregador está enunciando e proclamando, de modo ainda mais patente. Portanto, a regra sempre deveria ser que a Verdade ocupe lugar de preeminência, e que lhe demos posição primordial; e as ilustrações devem ser usadas com critério, esparsamente, tendo em mira exclusivamente aquele fim. Nossa tarefa não consiste em entreter o povo. As pessoas gostam de histórias, apreciam ilustrações. Nunca compreendi direito o porquê, mas as pessoas parecem gostar dos ministros que sempre falam sobre suas próprias famílias. No entanto, sempre fico enfadado diante disso, e não posso entender o pregador que se compraz em agir assim. Sem dúvida alguma, há nessa atitude grande dose de presunção. Por qual razão as pessoas se interessariam mais pelos filhos do pregador do que pelos filhos de outras pessoas? Elas têm os seus próprios filhos, e poderiam multiplicar tais histórias com igual facilidade. O argumento em prol dessa prática, em geral é que ela introduz um certo "toque pessoal". Lembro-me de um cidadão londrino que me disse jamais deixar de ir ouvir certo pregador, todas as vezes que ele visitava Londres. Esse pregador costumava subir do interior à capital, uma ou duas vezes por ano. Encontrei-

me com aquele homem certo dia, e ele me declarou: "Fui ouvir o Dr. Fulano no domingo passado. E o que há de mais formidável nele é que sempre nos revela a sua vida íntima!" Eu não tive muita certeza se ele estava sugerindo que eu fizesse a mesma coisa!

É de coisas dessa ordem que certas pessoas gostam, e é exatamente isso que fazem realmente alguns pregadores. E pode-se notar claramente como isso alcovita aquilo que é mais vil e pior em muitos membros de uma congregação. É a mais crua carnalidade, uma espécie de concupiscência e desejo para saber detalhes das vidas privadas das pessoas. Um pregador, sem embargo, deveria subir ao púlpito a fim de enunciar e proclamar a própria Verdade. Isso é o que deveria receber a preeminência, e tudo o mais deveria tão-somente contribuir para essa finalidade. As ilustrações são meras servas, e você deveria usá-las escassa e criteriosamente. Em resultado de ter ouvido pregadores pelo espaço de muitos anos, de ter eu mesmo pregado, discutido sobre esses assuntos e considerado os mesmos constantemente, estou preparado para atrever-me a dizer que o uso excessivo de ilustrações, dentro de um sermão, mostra-se uma medida ineficaz. Fazer isso sempre significa afrouxar a tensão até certo ponto. Existe aquele tipo de pregador que, após ter proferido as suas primeiras palavras, afirma: "Lembro-me de..." — e lá vem uma outra história. Em seguida, após mais algumas observações dele, ouve-se: "Lembro-me de...". Ora, isso significa que o tema, o âmago e ponto de ataque da Verdade, estão sendo continuamente sujeitos a interrupções; é como um trecho musical em "staccato"; e no fim, tem-se a impressão de ter estado a ouvir uma espécie de orador de fim de jantar, ou então uma espécie de entretenedor, e não um homem que proclama uma grandiosa e gloriosa Verdade. Se tais pregadores se tornam populares, e assim acontece com freqüência, então eles são populares somente no mau sentido, porquanto na realidade não passam de entretenedores populares.

A única outra coisa que digo acerca de histórias e ilustrações é que, quando você se utilizar delas, certifique-se dos fatos reais. Recordo-me da ocasião em que, sendo ainda jovem médico, eu ouvia um sermão no qual havia uma extensa ilustração que o pregador ficou desdobrando por longo tempo. O ponto por ele frisado era a loucura do pecador por não prestar atenção às primeiras advertências de sua consciência, etc. Isso foi ilustrado de maneira exageradamente elaborada, mediante a história de uma mulher que ele havia sepultado na semana anterior. Ela sofrera de câncer em um dos seios, mas, quando foi consultar um médico, os depósitos secundários já se tinham propagado até à coluna vertebral e outras porções de seu corpo. Agora era tarde demais para a cura. O que havia de errado com aquela mulher? "Bem", ajuntou o pregador, "a tragédia daquela mulher é que ela não dera atenção à primeira picada de dor". Para mim, que era médico, ouvir tal coisa era algo ridículo. Pois a dificuldade que circunda esse tipo de câncer é que ele não provoca qualquer dor, até haver avançado a um estágio muito adiantado; pois geralmente cresce de maneira insidiosa e calma. A dificuldade daquela pobre mulher não era que ela havia ignorado a dor, e, sim, provavelmente, que tinha ignorado alguma protuberância, que talvez ela pudesse ter apalpado. Aquela grandiosa ilustração fora arruinada, pelo menos no que me dizia respeito, porquanto aquele pregador não se inteirara dos fatos que resolveu usar.

Com grande freqüência podemos cair em erros dessa espécie se lançarmos mão de ilustrações retiradas do mundo científico, e se não tivermos plena certeza da exatidão daquilo que dizemos a respeito dos fatos. Tenha cuidado, pois, ao penetrar em terrenos do conhecimento humano sobre os quais você não está bem informado. Talvez você tenha lido algo a respeito em um artigo abreviado ou em algum jornal, e por essa razão pensa que já sabe tudo sobre aquele assunto em particular; e se aventura a usá-lo como ilustração. Não é infreqüente que o próprio sujeito que escreveu aquele artigo abreviado também não saiba muita coisa sobre o assunto, por ser muito mais um jornalista do que um cientista. E você fará pior ainda do que ele; e assim, uma pessoa dotada de real conhecimento científico, que porventura o esteja escutando, começará a duvidar da validade da Verdade que você estiver enunciando. Tal pessoa sentirá que você não é criterioso no que diz; e que, se você costuma manusear as Escrituras da mesma maneira que está manipulando aquilo que ele mesmo conhece, bem, então ele não se inclinará muito para ouvir atentamente o que você tem a dizer. Por conseguinte, tenha muito cuidado com os fatos, se você se aventurar a usá-los nesse campo das histórias e ilustrações.

Nesta altura precisamos ponderar um pouco sobre o lugar da imaginação nos sermões e na pregação. Naturalmente, isso está vinculado ao assunto anterior, apesar de ser diferente. A minha impressão é que hoje em dia não há tanto perigo no que toca ao lugar da imaginação, na pregação, como havia antigamente. Todos nos temos tornado tão científicos que pouco espaço resta para a imaginação. Para mim, isso é deveras lamentável, porquanto, na pregação, a imaginação é algo importantíssimo, capaz de prestar grande ajuda. Mas estou perfeitamente disposto a concordar que se trata de medida perigosa. Todavia, não nos olvidemos que a imaginação é um dom de Deus. Não seria grande o número de poetas, não fora o dom da imaginação; e se você acredita que se deve conquistar para o Senhor Jesus Cristo todas as modalidades de cultura, então não despreze a imaginação. Por que a imaginação deveria ser utilizada somente pelos que não são cristãos? Não, a imaginação tem um lugar real e garantido na pregação da Verdade, porque ela torna a Verdade vívida e viva. Naturalmente, pode-se exagerar nesse particular, em qual caso ela se torna perigosa. Mas é evidente que, nesse campo, qualquer coisa pode tornar-se perigosa, conforme temos averiguado; entretanto, o uso da imaginação se reveste de perigos particularmente grandes. Na minha opinião, esse sempre foi um dos maiores problemas em conexão com a pregação, talvez em parte devido à minha nacionalidade! Qual é o lugar da nacionalidade na prática da pregação, e, de fato, o lugar da nacionalidade e do temperamento na vida cristã como um todo, e, finalmente, o lugar da nacionalidade e do temperamento na teologia? Quão facilmente poderíamos entrar numa digressão, nesta altura.

Sem importar qual seja a verdadeira explicação da razão de ter isso sido sempre um grande problema para mim, o fato é que estou perfeitamente certo quanto à essência do problema. O perigo é que a imaginação pende por enganar-nos, podendo facilmente atravessar a fronteira daquilo que é útil, chegando àquele exagero, uma vez mais, em que chama atenção para si mesma, e então teremos perdido o contato com a Verdade que lhe dera origem. No fim, será apenas imaginação; e as declara-

ções que você tiver feito com base na imaginação, elas é que influenciarão as pessoas, e não a Verdade propriamente dita.

Não é difícil encontrar notáveis exemplos disso na história. George Whitefield, como é óbvio, era dotado de grande e excepcional imaginação. Incidentalmente, parece perfeitamente claro, através da leitura da história da pregação e das biografias dos pregadores, que os grandes pregadores sempre foram homens dotados de grande imaginação. Isso tem feito parte dos dons que possuíam, da oratória e do poder de influenciar pessoas, dons esses que são dados por Deus. Whitefield empregava livremente a sua imaginação, conforme transparecia com clareza, e penso que ocasionalmente também ficou claro que ela escapulia de seu controle. Consideremos aquela famosa ocasião quando Whitefield pregava certo dia na casa da Condessa de Huntingdon, em Londres, a um distinto auditório, entre os quais se achava o famoso Lord Chesterfield. Chesterfield era um incrédulo, mas ele estava interessado em pessoas notórias, interessando-se particularmente na boa oratória. Fora persuadido a ir ouvir Whitefield. Naquela oportunidade, o pregador estava usando sua famosa ilustração de um cego que caminhava ao longo da beirada de um precipício, com sua bengala e o seu cão. A princípio, o cego caminhava a boa distância da beira, mas ia-se aproximando cada vez mais, e pouco mais para o lado havia uma temível garganta que significaria morte certa para quem ali caísse. Whitefield ilustrava a maneira pela qual o pecador prossegue e se avizinha cada vez mais do terrível abismo do Julgamento Final e da perdição eterna. A despeito de todas as advertências, o pecador prossegue exatamente como aquele pobre cego, que perdera sua bengala e cujo cão fugira, mas que continuara andando cada vez mais para perto da beira do precipício. Whitefield vinha elaborando e pintando esse quadro com as cores mais vívidas por algum tempo, e da maneira mais dramática e imaginativa possível; e o efeito disso foi tão poderoso que, em dado ponto, Lord Chesterfield saltou da cadeira, gritando: "Misericórdia! o pobre cego se foi!" Que podemos, portanto, dizer sobre um episódio assim? Teria Whitefield cruzado a fronteira do que é razoável? O que foi que influenciou Chesterfield? É nesse ponto que o problema se origina.

Permita-me, entretanto, contar uma outra história autêntica. Houve um pregador no País de Gales, no fim do século XVIII e começos do século XIX, de nome Robert Roberts. Também era possuidor desse dom da imaginação — ainda mais intensamente do que Whitefield. Certo dia ele pregava em um templo apinhado de ouvintes, e novamente ventilava esse mesmo ponto do pecador que não quer dar ouvido aos avisos que lhe são feitos — preferindo os prazeres e ignorando os sinais de augúrio sobre o juízo vindouro. A fim de reforçar esse ponto, empregou ele uma vívida ilustração. Algumas pessoas que passavam temporada no litoral tinham resolvido passear pela praia. Havia rochas que adentravam pelo mar — uma espécie de promontório que se projetava por boa distância. A maré estava baixa, razão pela qual tinham caminhado até à extremidade do promontório, e, tendo chegado ali, deitaram-se de costas no solo, aquecendo-se ao sol. Ali estavam se deleitando grandemente, dormindo, lendo, e fazendo coisas semelhantes. No entanto, não haviam notado que tivera início a maré enchente, e que o mar estava retornando mui lentamente. Não deram atenção ao que sucedia; mas a maré continuava lambendo as rochas de ambos

os lados do promontório, terminando por circundar aquelas pessoas. O pregador continuou explorando graficamente o tema, até que chegou onde aquelas pessoas "deram-se conta" da terrível sorte que as aguardava. Restava-lhes ainda apenas o tempo suficiente para voltarem para a praia, e ouvirem às vozes de advertência dos que lhes gritavam da beira. Roberts desenvolveu de tal modo a sua ilustração, com a sua poderosa imaginação, que, quando usou a sua igualmente poderosa voz para representar os gritos de advertência e as súplicas das pessoas na beira da praia, para que aquelas outras escapassem sem tardança do promontório, para salvar as suas vidas, conforme ficou registrado, a congregação inteira de seus ouvintes literalmente se pôs de pé e correu para fora do templo!

Isso não pode ser satisfatoriamente explicado em termos do temperamento galês e da ignorância do povo naquela época. Tal espécie de acontecimentos costumava suceder mui freqüentemente em reuniões ao ar livre, nos Estados Unidos da América e na Inglaterra, exatamente naquela mesma época, e mesmo depois da mesma. Exatamente a mesma coisa pode ser verificada no ministério de Charles G. Finney. Ali, uma vez mais, estava um homem dotado de poderosíssima personalidade e de grande imaginação; e acredito que isso explica o que aconteceu a muitos de seus supostos convertidos.

A minha atitude ante essas coisas é que por certo já foi cruzada a fronteira que divide o que é legítimo do que é errado, no uso da imaginação, quando alguém atinge esse ponto. O que estava afetando as pessoas que descrevi nesses episódios, certamente não era a Verdade; tal influência foi antes o gráfico delineamento de uma cena, foi a poderosa e talvez fértil imaginação do pregador. O mesmo resultado pode ser conseguido mediante filmes ou peças teatrais dramáticas. Você deve estar lembrado da história da dama que fora a um teatro de Londres, ver uma peça, em uma noite de inverno. Tudo aconteceu nos dias antigos em que ainda não havia veículos motorizados. O cocheiro a conduzira até ali na carruagem de propriedade dela, e, enquanto ela apreciava a peça teatral por duas horas e meia, o cocheiro ficou sentado na banqueta do cocheiro, ao mesmo tempo em que o cavalo continuava atrelado à carruagem. No interior do teatro, aquela dama estivera chorando, profundamente comovida, ante o sofrimento de algumas pessoas pobres, que eram personagens da peça. Porém, quando ela saiu do teatro e encontrou seu pobre cocheiro recoberto de neve e quase morrendo enregelado, de modo algum se deixou comover, mas antes considerou tudo como parte natural da rotina da vida que ela levava. É isso aí. O que é que nos comove? Tudo quanto estou procurando dizer é que nossa tarefa consiste em certificar-nos de que os nossos ouvintes se deixem abalar pela Verdade, e não pela força da nossa imaginação.

Tal como acontece com outras particularidades, o uso da imaginação pode tornar-se bastante ridículo e digno de risadas zombeteiras. Quando se ouve um pregador que talvez não seja bem dotado de inteligência, mas é dotado de boa imaginação, então essa questão pode tornar-se bastante divertida. Lembro-me de ter ouvido um idoso pregador — e isso aconteceu, literalmente — que pregava sobre a parábola do Filho Pródigo. Os detalhes da parábola citada, dados nas Escrituras, não eram suficientes para aquele pregador; ele sentia que tinha de fazer adições. Sua imaginação

começou a funcionar e, eventualmente, atingiu as raias do ridículo, quando chegou a descrever as condições do insensato filho pródigo, naquele país longínquo, durante o período de fome, imediatamente antes de cair em si. Ele frisou que o dinheiro do jovem acabara, que todo o alimento fora consumido, e como agora ele tinha de depender das cascas que davam para os porcos. Mas até mesmo esse suprimento de cascas estava falhando, até que terminou de todo, e não somente o infeliz filho pródigo estava faminto e desesperado, mas os próprios porcos estavam desesperados de fome. "Ali estavam eles", disse ele, "e aquela fome terrível deixara os suínos tão frenéticos que já começavam a ruminar nas beiras das calças do pobre rapaz!"

Nessa altura, a Verdade fora inteiramente esquecida, e já nos encontrávamos no terreno da fantasia, para não dizer da comédia. Ali estava um homem que se deixara arrebatar pela sua imaginação para longe do que é razoável. Jamais devemos permitir que isso suceda. Sempre nos devemos certificar de que tudo quanto possuímos, na forma de dons e habilidades, fique subordinado à Verdade. Espero poder retornar a esse aspecto, porquanto acredito que esse é um dos mais acirrados conflitos em que qualquer pregador verdadeiro se pode encontrar. Onde é que a gente pode traçar a linha divisória? Minha sugestão é que o pregador sempre é capaz de reconhecer quando está se deleitando na sua história ou imaginação, ao invés de concentrar a sua atenção naquilo que ele pretende ilustrar. No momento em que um pregador chega a esse ponto, chegou a ocasião de parar; porque não estamos interessados somente em influenciar ou comover as pessoas; o nosso desejo deve ser que a Verdade é que deveria influenciá-las e levá-las à ação.

No que tange à seção seguinte, na realidade tenho praticamente as mesmas coisas a ventilar. Abordaremos aqui o lugar que cabe à eloqüência ou à oratória na pregação. Não preciso dizer mais do que isso, por enquanto, exceto que este assunto pode ser valorosíssimo, pois assim tem sido no caso de homens que tenho citado, além de muitos outros os quais eu poderia citar. Uma vez mais, entretanto, surge em cena aquele grande perigo de cruzar a linha divisória e de nos interessarmos na eloqüência propriamente dita, tornando-nos mais preocupados com a maneira como expressamos o que estamos dizendo do que em dizer a própria Verdade, tendo mais interesse no efeito que produzimos do que nas almas mesmas das pessoas a quem nos dirigimos. Em última análise, é óbvio, isso pode tornar-se uma questão de orgulho pessoal.

Haverá alguma regra que dite sobre essa questão? A única norma que estabeleço é que nenhum homem deveria tentar ser eloqüente. Não hesito em afirmar isso, quando falo, naturalmente, a respeito de pregadores. Talvez os estadistas e outros profissionais tenham esse direito de tentar ser eloqüentes. Mas eu mesmo firmaria a regra de que um pregador nunca deveria tentar mostrar-se eloqüente; mas, se ele perceber que é naturalmente dotado de eloqüência, então tal qualidade se revestirá de grande valor, e poderá ser usada por Deus. Reporto-me novamente aos arroubos de eloqüência do grande apóstolo Paulo, nas suas epístolas. Ele nunca se lançou ao tentame de produzir qualquer obra-prima literária; e nem mesmo se interessava por mera forma literária. Não foi Paulo um literato; mas, quando a Verdade se apossava dele, então ele se tornava poderosamente eloqüente. Ele revela-nos que os crentes de

Corinto diziam a seu respeito que era possuidor de uma "... palavra desprezível...". Isso significava meramente que ele não imitava as maneiras retóricas dos grandes retóricos gregos; mas não significava que ele não pudesse ser eloqüente. Mas o que se pode entrever disso é que a eloqüência de Paulo sempre era espontânea e inevitável — jamais produzida, jamais fingida, jamais moldada sob encomenda. Tornava-se ela inevitável por causa da grandiosidade da Verdade e dos conceitos que se franqueavam diante do seu intelecto. Quando a eloqüência é produzida dessa maneira, então assevero que ela se torna uma das mais proveitosas servas da pregação autêntica. A história da pregação demonstra abundantemente esse fato, por muitas e muitas vezes.

Volvemos nesta altura a nossa atenção para um outro ponto daquela lista de várias coisas que um indivíduo precisa levar em conta em um sermão escrito ou extemporâneo, a saber, o papel do humor na pregação. Essa é uma outra questão mui difícil. O que torna todas essas coisas tão difíceis é que são todas elas dons naturais; e o ponto debatível é o uso dos dons naturais, ou mesmo o lugar dos dons naturais, nesse grandioso mister da pregação. A história da pregação e dos pregadores demonstra que tem havido tremendas variações nesse particular. No caso de um notabilíssimo e grande pregador como foi Spurgeon, houve muito bom humor — alguns de nós diríamos que houve exagerado bom humor. Você já deve ter ouvido falar sobre a dama que foi entrevistar-se com ele para queixar-se desse elemento do humor em seus sermões. Ela era profunda admiradora do Sr. Spurgeon, e derivava muito proveito de suas pregações. No entanto, sentia que havia humor em demasia em seus sermões, queixando-se disso para ele. Spurgeon era homem bastante humilde, e disse para ela: "Bem, madame, é possível que a senhora esteja com a razão; mas se soubesse o número de piadas que eu não conto, e o número de coisas que me refreio de dizer, então me daria mais crédito do que me está dando". Ora, acredito que isso expressava uma verdade. Por natureza, ele foi homem de muito bom humor, e isso naturalmente borbulhava de seus lábios. Consideremos, entretanto, Whitefield, que Spurgeon tomava como modelo — Whitefield jamais demonstrou tal humor. Antes, mostrava-se sempre tremendamente sério. No século XVIII, no qual Whitefield viveu, havia outros pregadores, como John Berridge, de Everton, na Inglaterra, que também eram dotados de bom humor natural. Esses homens sempre me deixam atônito, porquanto sinto que geralmente avançavam demais, permitindo que seu bom humor tomasse as rédeas nas mãos. Não ousaria dizer que não há lugar para o bom humor na pregação; mas minha sugestão é que isso não deve ocupar posição por demais importante, tanto devido à natureza da obra como devido ao caráter da Verdade que manuseamos. O pregador cuida de almas, devendo preocupar-se com elas e com o seu destino. Ele é alguém postado a meio caminho entre os homens e Deus, e atua como embaixador enviado por Cristo. Minha opinião é que, por motivo dessa consideração que a tudo domina, o máximo que alguém poderia dizer sobre o papel do humor é que ele só é permissível se for um dote natural. O indivíduo que procura forçar a si mesmo a ser divertido é uma abominação, e jamais se deveria permitir que ele ocupasse um púlpito. A mesma opinião se aplica ao homem que faz isso deliberadamente, a fim de obter as boas graças de seus ouvintes. Nunca compreendi porque tem-se esperado esse tipo de coisa dos assim chamados "evangelistas profissionais".

Todas essas coisas precisam ser consideradas, e não devem ser varridas para um lado. Todas essas coisas podem ser servas e podem revestir-se de grande valor; mas sempre nos convém ser cautelosos no uso das mesmas. Devemos ser igualmente cuidadosos para não corrigirmos em demasia o abuso dessas práticas ao ponto de nos tornarmos pregadores tediosos, descoloridos e sem vivacidade. Enquanto nos olvidarmos de nós mesmos e nos lembrarmos do diabo, nunca cairemos no erro.

Minha palavra final, que de modo algum é imprópria nesta altura, alude à duração do sermão. Uma vez mais assevero que não deveríamos ser por demais mecânicos ou rígidos quanto a isso. O que determina a duração de um sermão? Acima de tudo é em primeiro lugar, é o próprio pregador. O tempo é algo bastante relativo, não é mesmo? Dez minutos, quando ouvimos certos homens, parecem ser uma era; mas uma hora, quando ouvimos a outros, se passa como se fossem alguns poucos minutos. Isso não exprime apenas a minha opinião pessoal, mas também a de todas as congregações. Portanto, visto que essa questão varia de conformidade com os pregadores, é ridículo tentar estabelecer regras fixas no tocante à duração do sermão, aplicando-as a todos os pregadores. Além disso, penso que a duração de um sermão também deveria variar de acordo com o assunto explorado. Alguns pontos podem ser referidos em pouco tempo, e sempre deveríamos tratá-los de conformidade com isso, nunca sentindo que deveríamos continuar a "enrolá-los" para preencher um determinado período de tempo. Além disso, a duração de um sermão também varia dependendo da congregação que o ouve. A capacidade das congregações, segundo temos visto, varia tremendamente. Por conseguinte, tudo isso deveria entrar em nossas considerações sobre a duração de um sermão, sob a condição de que nos lembraremos de todas as qualificações que expus no tocante ao papel da congregação em toda essa matéria. Se algumas congregações fossem o árbitro sobre essa questão, então todo sermão teria, no máximo, a duração de cerca de dez minutos somente. O pregador não deve dar atenção a essa espécie de "adorador", mas antes, cumpre-lhe fazer a sua avaliação pessoal acerca do seu povo. Se você chegar à conclusão que seus ouvintes são pessoas que não podem tolerar mais do que certa porção, então ofereça-lhes esse tanto, e não mais. Você será mau mestre e mau pregador se falhar na observância desse particular.

Existem ainda quaisquer outras regras que possam ser ditadas, a respeito da duração de um sermão? Não há necessidade alguma de dizermos que dez minutos é um tempo ridiculamente inadequado. Como é que alguém poderia ventilar qualquer dos temas com que se ocupa a verdadeira pregação em apenas poucos minutos? Isso é simplesmente impossível. Por outro lado, é igualmente errado dizer que o pregador sempre deveria pregar pelo espaço de uma hora. Estou usando da imaginação quanto a essas coisas? Temo que não. O despertado interesse sobre os escritos dos puritanos, mesmo que somente na Grã-Bretanha, conforme temo, tem contribuído para produzir certo número de jovens pregadores que parecem pensar que ninguém pregou coisa alguma se não pregou por uma hora. Parece ser essa a questão mais importante, na mente deles. Portanto, estão causando grande dano a si mesmos e à Verdade. A razão pela qual pregam por uma hora é porque assim agiam os puritanos. Quão ridícula pode tornar-se toda essa questão!

Não, não existem regras fixas quanto a essa matéria. Entretanto, para sermos realmente práticos, sinto que nos encontramos em uma espécie de círculo vicioso, nos tempos em que vivemos, no que concerne a toda essa questão da duração de um sermão. O pobre pregador se acha nesse dilema. Ele não deseja ofender as pessoas que costumam freqüentar as suas reuniões, mostrando-se extenso demais em seus sermões. Sabe que eles não apreciam sermões longos, e que tendem por pensar que os sermões dele são longos demais. O resultado disso, não infreqüentemente, é que o pregador reduz de tal maneira a extensão dos seus sermões, que os membros de sua igreja, além de outras pessoas, começam a sentir que não vale a pena irem ouvi-lo. Desde há muito é chegada a ocasião de interrompermos obrigatoriamente esse círculo vicioso. Precisamos fazê-lo, embora talvez com o risco de ofendermos a certas pessoas, que freqüentam as reuniões mecanicamente, por motivo de mero tradicionalismo ou por justiça própria. Fomos comissionados pelo Senhor ressurreto, e não somente pelo povo; nossa preocupação primária deve ser com a Verdade e com a necessidade que o povo tem da mesma. Não podemos pensar primariamente em termos do tempo que se escoa, e nem devemos permitir que nossa gente pense nesses termos. De fato, faz parte da tarefa do pregador libertar sua gente da servidão ao tempo, bem como da preocupação com a vida tão-somente neste mundo. Que a Verdade, que a mensagem, decrete a extensão do tempo, porquanto, governados por esse fator, e conhecendo "o temor do Senhor", então "persuadimos aos homens", estando aptos a prestar contas dos "feitos do corpo", ao nos apresentarmos diante do "tribunal de Cristo". Se, em acréscimo a isso, pudermos dizer honestamente que "o amor de Cristo nos constrange", então jamais nos desviaremos nesse particular, ou em qualquer outra questão.

Capítulo Treze

O QUE EVITAR

Até agora, temos considerado a preparação do sermão e de certas coisas comuns à preparação do sermão e ao preparo de nós mesmos.

Existe mais uma questão que algumas pessoas poderão considerar trivial mas que, para mim, se reveste de importância. Deveria o pregador anunciar de antemão o tema sobre o qual está prestes a pregar? Parece bem claro que a maioria das pessoas evidentemente gosta disso, mormente no caso daquelas Igrejas que fazem propaganda de seus cultos públicos; e assim tornou-se costumeiro anunciar o tema.

Uma vez mais, preciso deixar registrado o fato de que essa é uma prática que desaprovo, e que jamais segui. Afirmo isso por muitas razões.

A primeira razão, que predomina sobre tudo, é que as pessoas deveriam vir à casa de Deus para adorar a Deus, e também para ouvir a exposição da Palavra de Sua Verdade, sem importar qual seja, sem importar o aspecto, sem importar a porção que estiver sendo considerada. Essa deveria ser a razão de nossa freqüência, esse é o motivo que deveria ocupar lugar primacial em nossas mentes, e não qualquer outro assunto ou questão. Anunciar o tema é errado, por conseguinte, porque exerce uma influência adversa sobre o povo. Encoraja um pseudo-intelectualismo. Assim classifico a questão porque certamente é isso que ela realmente é. Trata-se de uma prática iniciada no século que passou. Até onde se pode sondar, não era praticada antes desse tempo, quando o povo costumava congregar-se a fim de adorar a Deus, a fim de ouvir a exposição das Escrituras, ou quiçá mesmo, ouvir a algum grande pregador.

Entretanto, aproximando-se os meados do último século, as pessoas começaram a considerar-se melhor instruídas e mais intelectuais, sentindo que teriam de ter "temas" sobre os quais pensar. Tudo fez parte daquelas profundas mudanças que tiveram lugar perto dos meados do século passado, que se tornaram conhecidas como a fase vitoriana. Podiam elas ser encontradas com freqüência tanto nos Estados Unidos da América quanto na Grã-Bretanha e em outros países. Já fiz alusão ao fato em conexão com o tipo de templo e com a forma do culto. Recomendo, como algo importantíssimo, que se faça um estudo sobre as sutis alterações que ocorreram a certa altura dos meados do século passado. Antes disso, a antiga idéia era que as pessoas se reuniam para adorar a Deus e para ouvir a exposição das Escrituras. Outrossim, os ouvintes esperavam a descida do Espírito Santo sobre o pregador e sobre o culto inteiro. Gradualmente, entretanto, foi tendo lugar certa modificação dessa posição para um tipo de culto mais centralizado em torno do homem. Já vimos como isso ocorreu no evangelismo. O interesse em "temas" ou assuntos foi uma das características definidas de tal alteração. Não éramos mais pessoas simples, e o que se fazia necessário agora era um "discurso" ou preleção, e não que as pessoas ficassem sob o poder da pregação da Palavra. Na qualidade de pessoas entendidas, queríamos "alimento para os pensamentos", estímulo intelectual, ficando negligenciada a

sensibilidade espiritual. Estávamos interessados por assuntos, por tópicos, e o anúncio dos temas encorajava esse pseudo-intelectualismo.

Tal atitude também encoraja uma abordagem excessivamente teórica da Verdade. Já pudemos ver quão prejudicial isso é para o próprio pregador; e se é prejudicial para ele, é muito pior para seus ouvintes.

Uma outra objeção a essa atitude é que ela tende por isolar os diversos tópicos de seus respectivos contextos nas Escrituras; na verdade, em última análise, reputa as Escrituras como mera coletânea de declarações a respeito de assuntos específicos. Dessa maneira, o indivíduo pulveriza as Escrituras em minúsculas partículas, esquecendo-se do todo; mas não há que duvidar que o todo é mais importante que suas partes componentes. Por conseguinte, a prática de anunciar tópicos de pregação é prejudicial, porquanto extrai tais assuntos de seus respectivos contextos, tendendo por isolá-los; efetivamente, a tendência é ficarem os tópicos isolados até mesmo uns dos outros. E dessa maneira, perde-se o senso de algo completo, que há na mensagem bíblica, ficando o indivíduo interessado em tópicos e questões específicos.

Uma razão ainda mais importante para fazermos oposição a essa prática é de natureza mais pastoral. Por que as pessoas se interessam por "tópicos"? A resposta é que elas pensam saber o de que precisam, e querem ouvir exclusivamente aquilo que dizem revestir-se de "tremendo interesse".

Você já deve ter deduzido que faz parte do meu argumento inteiro o fato de que as pessoas comuns não estão, em última análise, em posição de saber do que necessitam; e a experiência que temos de nós mesmos no passado, além da experiência que temos como pastores de almas, ensina-nos que com imensa freqüência as pessoas têm noções errôneas sobre suas necessidades. Como é natural, o pregador também pode equivocar-se quanto a esse aspecto, mas tal equívoco se aplica muito mais freqüentemente às congregações. É parte, repito, de todo nosso tratamento desse assunto, a posição de não permitir que os bancos decidam o tema da pregação e de não encorajá-los nesse sentido. Pelo contrário, deveríamos expor-lhes a Verdade em sua inteireza, levando-os a perceber que existem aspectos vitais da mesma acerca dos quais são ignorantes, e nos quais, segundo todas as aparências, não se interessam de forma alguma. No entanto, deveriam interessar-se pela Verdade inteira e por todos os seus aspectos. E a nós compete mostrar-lhes o quanto isso lhes é necessário.

Permita-me expressar a questão da maneira seguinte. Sempre haverá o perigo de nos tornarmos assimétricos, destituídos de equilíbrio na vida cristã. Algumas pessoas são tremendamente interessadas, conforme dizem, nos assuntos proféticos; e sempre querem saber se o pregador irá pregar sobre questões proféticas. Em caso positivo, far-se-ão presentes; não se duvide a esse respeito. Tenho descoberto isso por muitas vezes. Lembro-me do falecido Dr. G. Campbell Morgan, meu predecessor, que de certa feita me disse em tom de brincadeira: "Se você quiser ter uma multidão excepcional de ouvintes, anuncie que irá pregar sobre assuntos proféticos; e você conseguirá reunir tal multidão". Existem pessoas assim; elas sentem cobiça por temas específicos — profecia, santidade, e coisas semelhantes. Por conseguinte, se anunciarmos o tópico da pregação, tenderemos por aumentar esse desequilíbrio, essa vida cristã assimétrica.

Porém, permita-me colocar a questão, finalmente, como uma generalização. Por

muitas vezes tenho ficado surpreso ao observar como as Igrejas e os pregadores aferram-se a métodos do século XIX, mesmo depois de já se terem despedido há muito das grandes Verdades que foram enfatizadas, principalmente, na primeira parte daquele século. Esse hábito e prática de anunciar um tópico, de ter um coral e de ter uma preleção para as crianças — todas essas coisas penetraram nas Igrejas no século passado; não eram realizadas antes disso. Tudo fazia parte do pseudo-intelectualismo da fase vitoriana; e agora estamos experimentando os resultados dessa prática. Estou chamando atenção para isso porque sinto que há uma necessidade urgente de nos desvencilharmos desses hábitos maus, dessa falsa respeitabilidade e intelectualismo, que tanto caracterizaram o final do século passado. Essas coisas têm dominado os nossos cultos; e sinto que servem somente para prejudicar a pregação do Evangelho e a centralidade da pregação do Evangelho.

Ao invés de simplesmente perpetuarmos determinadas práticas, deveríamos indagar: Por que eu deveria estar praticando isto ou aquilo? Como é que teve começo este costume? Quando assim fizermos, descobriremos que muitas dessas coisas que atualmente são tidas como essenciais, foram introduzidas somente pelos meados do século passado, e pelos motivos mais errôneos. Quão diferente seria o estado das nossas Igrejas se nos mostrássemos tão preocupados com a ortodoxia em nossas crenças como nos preocupamos em ser ortodoxos na conformidade às "coisas que devemos fazer" e com as "coisas que são feitas" nas Igrejas.

É indispensável, nestes dias, dizermos algo acerca de toda a questão da pregação pelo rádio e pela televisão. Fiz alusão a isso na introdução a esta série de preleções; mas preciso destacar novamente esse particular, por ser uma questão vividamente debatida pela maioria dos pregadores da atualidade. Eliminando-se uma ou duas exceções, por motivo de circunstâncias muito especiais, isso é algo que me tenho recusado a fazer, porquanto tenho mantido o ponto de vista, como o faço até agora, que esses meios de comunicar a Verdade são adversários da verdadeira pregação. As discussões e debates sobre diferentes tópicos, bem como as entrevistas, são coisas que classifico em diferentes categorias. De fato, eu chego mesmo a afirmar que desde cerca do ano de 1920, mais ou menos, esse tem sido um dos principais fatores que militam contra a confiança na pregação. O argumento usado pelo lado oposto geralmente é colocado em termos dos resultados que disso advêm, e podem-se ouvir maravilhosas e emocionantes histórias de pessoas que acidentalmente ligaram seu aparelho de rádio e ouviram um recado que as arrebatou e conduziu à sua conversão. A mesma coisa se aplica à televisão; sempre é apresentado o argumento baseado nos resultados.

Essa questão deve ser examinada criteriosamente, porquanto ela tem muitas facetas. Minha objeção mais arraigada contra esse método moderno se baseia principalmente no fato que produz reuniões muito estruturadas. Segundo a natureza das coisas, assim realmente tem de ser. Os radialistas precisam traçar cuidadosamente os seus programas, além do fato que dispõem somente de determinado período de tempo que é sempre escasso. Do ponto de vista deles, isso está perfeitamente certo; mas argumento que, da perspectiva da pregação, isso labora em grave erro, posto que milita contra a liberdade do Espírito. Se já adverti contra o perigo de permitirmos que a

congregação dite ordens a esse respeito, quanto mais precisamos advertir contra a idéia disso ser controlado pelos programadores do rádio e da televisão? Que assim precisam fazer, por causa das exigências de organizar a programação, é algo fora de cogitação para o nosso ponto de vista. Sem dúvida é errado, em qualquer ocasião e sob quaisquer circunstâncias, começar a pregar algemado, acorrentado a qualquer modalidade de limite de tempo.

Recordo-me de haver tido uma discussão, anos atrás, acerca de toda essa questão, com o então Diretor Religioso da British Broadcasting Corporation (Associação Britânica de Rádio), o qual se mostrara bastante gentil para convidar-me a pregar em mais de uma oportunidade. A maneira simples através da qual expus meu caso diante dele, foi a seguinte. Disse eu: "O que sucederia aos seus programas se o Espírito Santo subitamente descesse sobre o pregador, apossando-se dele; o que aconteceria aos seus programas?" Ele não foi capaz de dar-me resposta. A resposta, naturalmente, seria que a voz do pregador teria sido desligada. Mas que terrível coisa para ser feita. Quando estamos pregando, nunca deveríamos estar controlando as coisas até esse ponto, razão pela qual é errado, segundo penso, ficar preso dessa maneira por considerações de tempo e de outras medidas semelhantes. Em adição a isso, o Diretor Religioso enfatizou o fato que sempre os radialistas têm de ficar de olho sobre as pessoas nos hospitais, nas instituições e em seus lares, porquanto é mister que haja em cada programa certo número de hinos e orações, por causa dessas pessoas. O resultado disso, porém, é que a pregação vai sendo despojada de seu devido lugar. Os radialistas não querem que haja muito tempo de pregação, e, de qualquer maneira, ficariam perturbados se pregássemos sobre determinados aspectos da Verdade, como a questão da morte, do julgamento, e assim por diante.

Ora, do ponto de vista dos radialistas, podemos entender tudo isso sem dificuldade, simpatizando mesmo com eles; entretanto, do ponto de vista da pregação autêntica, por certo isso não é legítimo. E também nos convém examinar mais de perto toda essa questão dos resultados obtidos. Eu sugeriria que, se realmente examinássemos esses resultados criteriosamente, descobriríamos que eles são bem parcos em número. A esses poucos resultados, porém, geralmente se empresta uma intensa publicidade, e jamais nos é dito o que acontece com essas pessoas, depois disso. Contudo, mesmo admitindo-se que esses resultados tenham sido conversões legítimas, o que nos compete fixar na mente é a diferença entre certos resultados específicos e a tendência inteira de um método qualquer. Para mim, essa é uma importantíssima distinção. Por amor ao argumento, estou pronto a concordar que ocorrem, realmente, algumas conversões individuais; mas, quando se trata de avaliar um dado método, minha opinião é que deveríamos fazê-lo em termos de seu efeito total sobre a vida da Igreja, tanto em seus aspectos imediatos quanto em seus aspectos remotos. Ora, contemplando o quadro todo de um ponto de vista geral, penso que não restam quaisquer dúvidas de que esse efeito tem sido adverso.

Posso dar apenas uma ilustração sobre o que desejo dizer? Há poucos anos atrás, pregava em uma igreja dos Estados Unidos da América onde, pela manhã, era mister que houvesse dois cultos, por causa do número de pessoas que ali freqüentavam, um

às nove e meia e outro às onze horas; e do pregador se pedia que repetisse então o culto com precisão. No entanto, à noite o culto era radiodifundido. Fiquei extremamente interessado por ter observado, no primeiro domingo em que estive ali que, tendo contado com duas congregações pela manhã — uma de cerca de mil e quatrocentas pessoas, e outra, digamos, de mil e duzentas pessoas — a minha congregação noturna tivesse sido apenas de cerca de quatrocentas pessoas. Entretanto, foi-me dito que isso era o que eu deveria esperar. Tive interessantíssima experiência naquela igreja. Eu não estava familiarizado com a maneira deles procederem nos cultos noturnos, que eram radiodifundidos. O culto começou cerca de sete e quarenta e cinco da noite, sob a liderança do diretor de música. Após alguns momentos, acendeu-se uma luz verde, anunciando-se que estávamos "no ar". Então houve mais alguns hinos por parte da congregação, de um quarteto, de um solista, etc. Fui instruído que quando estivesse pregando, não deveria perder de vista a luzinha verde, pois em seguida se acenderia uma luz vermelha, que era o sinal de que eu deveria terminar minha pregação. Tudo chegaria ao fim então, e na verdade eu deveria estar proferindo a bênção final, quando se acendesse a luz vermelha.

Enquanto os vários cânticos prosseguiam, eu notava que o meu precioso tempo se escoava, e comecei a sentir-me bastante ansioso. O culto deveria terminar às oito e cinqüenta e cinco, e, para meu desalento descobri que ainda não me pusera de pé quando o relógio já marcava oito e trinta e cinco, concedendo-me menos de vinte minutos para o meu sermão, porquanto teríamos um hino de encerramento e a bênção final antes das oito e cinqüenta e cinco. Eu estava a braços com grande dificuldade. A princípio, pensei que era dever meu cortar parte do que eu tencionava dizer, para que tudo coubesse dentro daquele tempo exíguo; e comecei a tentar conseguir o feito. Porém, conforme as coisas sucederam, repentinamente dei-me conta de que me estava sendo outorgada uma excepcional liberdade no Espírito; e assim, enquanto eu prosseguia, rugia um tremendo debate no meu interior: Deveria eu deixar-me guiar pelo programa adredemente preparado, ou deveria deixar-me conduzir pelo que, para mim, era a influência do poder do Espírito Santo sobre mim? Resolvi que seria culpado de abafar o Espírito e de pecado se eu viesse a observar as normas e regulamentos daquela Igreja. Portanto, quando vi que a luzinha vermelha se acendia, às oito e cinqüenta e cinco, não lhe dei a mínima atenção e continuei pregando, terminando eventualmente às nove e vinte e cinco.

O ponto que realmente importa nesse episódio foi o que daí se seguiu. Aquele foi o meu primeiro domingo naquele templo. Eu tinha de ausentar-me da cidade naquela noite a fim de ir a uma conferência no interior do país, voltando no domingo seguinte. Ora, naquele templo havia três ministros assistentes, os quais eram homens muito gentis. Pedi-lhes desculpas, naquele primeiro domingo à noite, por causa do que eu fizera, e exprimi que tinha a esperança de que eles não teriam dificuldades por minha causa! E disse-lhes que me culpassem de tudo. Quando voltei, no domingo seguinte, os três achavam-se presentes para dar-me boas vindas. Disse-lhes eu: "Espero que vocês não tenham tido uma semana muito ruim". Eles retrucaram: "Tivemos uma semana terrível". "Bem", continuei, "espero que vocês explicaram que tudo foi inteiramente falta minha". E então adicionei: "Espero que vocês tenham

apresentado desculpas por mim, explicando que eu não estava acostumado a esse tipo de culto, e que eu procurarei corrigir a falta". E eles disseram: "Bem, a nossa dificuldade não envolveu isso". "E no que consistiu ela, afinal?", indaguei. "Bem, nunca recebemos tantas queixas por causa de um culto — nunca". E perguntei: "E no que consistiram essas queixas?" E eles continuaram: "Recebemos intermináveis reclamações, por meio do telefone e de cartas, dizendo: 'Por que vocês não deram àquele homem mais tempo para pregar pelo rádio? Gostaríamos de saber como prosseguiu aquele sermão. Em que direção seguiu ele, e como terminou? Por que razão vocês tiveram tantos cânticos? Podemos ter música sacra noutras oportunidades. Por que não dão mais tempo ao pregador?' " O resultado é que, na segunda vez, foi-me concedido mais tempo; cortaram a um mínimo todos os preliminares, e recebi três quartos de hora para proferir o meu sermão.

Ao que me parece, isso apontou para um importante princípio. Mais tarde, eu disse àqueles homens que se eu fosse o pastor naquele templo, não poria no ar o culto da noite, mas antes, faria a seguinte propaganda: "Esta é a Igreja que não difunde pelo rádio os seus cultos". Por qual razão? Porque aquele método, na minha opinião, persuadiria as pessoas a virem ao culto noturno. Enquanto aquele público pudesse ficar assentado em casa, ouvindo tudo pelo rádio, por que se dariam ao trabalho de tirar seus automóveis da garagem, a fim de sofrerem por causa do trânsito e de muitas outras inconveniências? Os cultos radiodifundidos, segundo temo, têm desencorajado as pessoas de virem à Casa de Deus, ensinando-lhes péssimos hábitos. Mais sério ainda é o dano que isso tem feito contra a vida unificada da Igreja. Com demasiada freqüência as pessoas pensam que as igrejas são apenas locais onde elas se sentam para ouvir um sermão; e agora se pode lançar isso no ar, por intermédio do rádio e de fitas gravadas, etc. Por conseguinte, a noção inteira das pessoas se congregarem, de se assentarem em volta da Palavra, de darem ouvidos à exposição da mesma, vem sendo seriamente danificada. Os próprios fatos e os dados estatísticos demonstram que durante os últimos cinqüenta anos, a vida da Igreja, como tal, tem deteriorado de forma muito séria.

Uma vez mais apresento a sugestão que devemos pôr ponto final a todas essas coisas. Os motivos que têm levado os homens a se utilizarem desses meios de comunicação, naturalmente, são óbvios. Eles pensavam que tudo isso seria proveitoso para suas respectivas Igrejas, e que as pessoas que os ouvissem pelo rádio viriam ouvi-los nos seus templos. Mas afianço que as coisas simplesmente não têm funcionado dessa maneira; e que no futuro, mui provavelmente, Deus haverá de reavivar a Sua obra na Igreja, e que aqueles que são seus freqüentadores assíduos serão justamente os que participarão mais intensamente das bênçãos. Foi sempre assim que Deus agiu no passado. O que nos espanta, novamente, é que as pessoas não queiram fazer as coisas segundo o modo que Deus sempre tem abençoado. Pelo contrário, contentam-se com essa atitude de indiferença para com a Igreja. Trata-se de um fracasso fundamental em não entenderem a verdadeira doutrina da Igreja cristã — "a unidade do Espírito no vínculo da paz", o congraçamento do povo de Deus. "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles."

Sempre me opus à idéia de tentar forçar as pessoas a freqüentarem os cultos na

igreja; o que estou dizendo é que nossa pregação deveria infundir-lhes forte desejo de fazerem isso. Não devemos ter de açoitá-las para que venham. Olhem para aquela gente, em Atos 2: "Diariamente", vocês devem estar lembrados, "de casa em casa", eles "perseveravam unânimes" nessas práticas. Essa idéia de que as pessoas deveriam contentar-se em participar de um único culto em cada domingo exibe o fracasso de não entender o verdadeiro caráter do cristão. Ele se assemelha a um "bebê recém-nascido", que "deseja o sincero leite da Palavra", além do que deseja estar na companhia de seus iguais, "amando aos irmãos". Mas aquela atitude de que falamos parece indicar uma errônea idéia acerca da Igreja e do crente individual, como bebê recém-nascido. Temos permitido que essas forças externas nos influenciem exageradamente; e sugiro que é chegado o tempo de interrompermos todas essas práticas, retornando ao quadro da Igreja retratado no Novo Testamento. Com o advento do gravador de fita não há mais qualquer dificuldade para fazer-se provisão para os membros idosos e enfermos das Igrejas locais.

Passamos agora a considerar aquelas coisas que nos convém evitar na pregação. Já temos tratado de algumas delas, mas ainda há pontos intocados. Começando pelo pregador propriamente dito, o que ele deve evitar? Acima e antes de tudo, o profissionalismo. Esse é o maior de todos os perigos no ministério. Trata-se de algo contra o que os pregadores têm de lutar enquanto viverem. Para mim, o profissionalismo é algo odioso, em qualquer lugar, em toda parte. Eu o abominava quando era médico praticante tanto quanto o faço agora. Existe certo tipo de praticante de medicina que é mais profissional do que capaz. Ele possui todas as atitudes e graças, sabendo de tudo quanto "se deve dizer" e "se deve fazer", mas geralmente é um mau médico. Quanto maior for um médico, menos evidências ele dará desse mero profissionalismo. Ora, esse mesmo fenômeno é infinitamente mais verdadeiro no campo do ministério cristão.

Seja-me permitido esclarecer mais explicitamente o que quero dizer. Não pode acontecer coisa pior a um pregador do que ele chegar a um estágio em que sua principal razão para pregar nas manhãs de domingo é que tal coisa fora anunciada. Para ele, tal pregação significa simplesmente que ele está realizando sua tarefa como se fora um emprego. Perdeu o contato com o que o movera originalmente, com o que o impelira; agora é tudo uma questão de rotina. Se tal homem realmente indagasse com honestidade, de si mesmo, enquanto sobe os degraus da plataforma do púlpito: "Por que estou fazendo isto?", então teria de dar a si próprio a seguinte resposta: "Foi anunciado que eu faria isto; portanto, fá-lo-ei por uma questão de dever". Isso é clara confissão de profissionalismo.

Tal atitude também transparece de muitas maneiras durante o culto. Tais pregadores geralmente são exageradamente formais; tudo quanto fazem é cuidadosamente estudado. Ora, isso sempre será sinal de profissionalismo. Extraindo uma ilustração do campo da medicina, lembro-me de um homem que costumava divertir aqueles dentre nós, estudantes, que nos interessávamos muito mais em aprender a medicina do que em adquirir boas maneiras à beira do leito dos enfermos. Ficávamos divertidos ante a maneira como aquele homem costumava aplicar o estetoscópio à caixa toráxica dos pacientes. Os grandiosos gestos floreados nada tinham a ver com a

própria medicina. Na verdade, ele não se saía muito bem ao interpretar os sons que ouvia; mas seus modos e gestos graciosos com que aplicava o estetoscópio, eram dignos de ser contemplados. Não há que duvidar que essas coisas produzem seu efeito sobre algumas pessoas, especialmente aquelas que sofrem por causa de alguma condição psicológica ou psicossomática; mas, se alguém estiver verdadeiramente enfermo, nada disso será capaz de ajudá-lo.

Infelizmente, algumas vezes isso pode ser visto em nossos púlpitos. Ocasionalmente é patético notar os gestos corporais e o caráter estudado de quase tudo quanto se faz ali. Em Londres houve um famoso pregador que tinha por hábito dar uma viravolta, girando em torno de si mesmo, no decurso da reunião, a fim de que as pessoas tivessem a vantagem de contemplar as suas costas, bem como o seu rosto! Obviamente ele dava grande atenção ao cuidado e penteado dos seus cabelos. Isso acontecia literalmente, e muita gente se juntava a fim de ver tal espetáculo. Se eu não tivesse visto tal coisa com os meus próprios olhos, nunca teria acreditado. Mas tudo isso é o mais puro profissionalismo, e da pior categoria. Já ouvi dizer que um outro pregador manda ondear os seus cabelos uma vez por semana, além de manter um tom de bronzeado na pele, artificialmente produzido.

Em outras palavras, o profissional é o homem que está sempre olhando para si mesmo. Ao mesmo tempo, sempre está profundamente interessado em técnicas. Tal homem faz circuitos para ouvir a outros, para apanhar novas idéias, para verificar como os outros pregadores fazem diversas coisas. Em seguida ele procura imitá-los, introduzindo em sua "técnica" aquilo que tiver visto. Deduzo que algo semelhante ocorre entre os atores de teatro. Já se foi o tempo em que um homem que era ator nato simplesmente punha-se a fazer papéis teatrais, aprendendo à medida em que atuava. Porém, acredito que introduziram algo que é chamado de "o método", e agora todos os atores tendem por fazer a mesma coisa. "O método!" Não se trata mais de verdadeiro pendor teatral, no antigo sentido; antes, tudo é a aplicação de um método.

— Existem muitas coisas que um pregador tem de evitar. Uma delas é a exibição de conhecimento próprio. Um dos pecados mais ferrenhos dos pregadores é procurar dar a impressão de ser homem de muita leitura e de profunda cultura. Já pude pôr em relevo o lugar e o valor da leitura; entretanto, se a principal razão por que você lê muito é dar um espetáculo, exibindo o próprio conhecimento, então tal prática é obviamente má, em todos os sentidos.

Entretanto, talvez o pior perigo de todos é o perigo que o pregador corre de depender da sua própria preparação. Essa é uma questão extremamente sutil, e tenho a certeza de que todo o verdadeiro pregador concordará prontamente comigo a esse respeito. O risco consiste em que tendo terminado a sua preparação, sem importar qual seja ela, e sem importar quando ela termine — em um sábado ou mesmo antes — venha ele a dizer: "Bem, agora estou preparado para o dia de amanhã". Você terá terminado sua preparação e sentirá que é dono de um bom sermão, e assim você penderá por depositar sua confiança sobre isso. Não há maior risco, vinculado à pregação, do que esse. Você ficará descoroçoado; ficará desapontado; e, acima de tudo, tornar-se-á menos eficaz. É uma tentação terrível. É por essa razão que tenho enfatizado o preparo do próprio indivíduo com tanta insistência; e abordarei de novo

essa questão, antes de terminar esta série. Neste ponto, tão-somente menciono essa particularidade. Vigie. Vigie com cuidado, ou acabará caindo nessa armadilha.

Muitos pregadores, ao subirem ao púlpito, dependem de sua boa voz; muitos se orgulham de sua voz e a exibem. O pregador, de muitas e variegadas formas, vive sempre combatendo o diabo. Ele estará ali, perto de você, e sempre estará disposto a passar-lhe uma rasteira, sem importar-se de que modo.

Procurarei sumariar tudo respondendo à seguinte indagação: "Que conselho daria o senhor quanto a isso?" Bem, confessando que meu único direito de dar tal conselho é que sou um grande pecador, que tem combatido nessa batalha por tantos anos, éu colocaria a questão nestes termos. Vigie seus dotes naturais, suas tendências e suas idiossincrasias. Vigie-os. O que quero dizer é que eles tenderão por escapar do seu controle. Tudo isso poderia ser sumariado em uma única frase — vigie as próprias forças. Não tanto suas fraquezas. Você terá de vigiar seus pontos fortes, as coisas em que você se mostra apto, como seus dons naturais e suas habilidades. Essas são as coisas que mais provavelmente o embaraçará, porquanto serão as coisas que o tentarão ao exibicionismo, a satisfazerem ao próprio eu. Portanto, vigie essas qualidades; mas também vigie suas idiossincrasias. Todos temos idiossincrasias, e precisamos vigiar as mesmas.

O pregador sempre deve resguardar-se da terrível tentação de ser um "personagem". As pessoas gostam de "personagens", e se certo homem traz em si mesmo certos elementos que tendem por transformá-lo em um personagem — algo extraordinário, algo que as pessoas consideram atrativo — então esse homem precisa exercer cautela. O perigo que ele corre é alcovitar tais características, é explorá-las; e no fim ele sempre estará chamando a atenção para si mesmo. Alguns indivíduos gostam de ser estranhos, ou esquisitos ou diferentes, para que as pessoas falem a respeito deles. Isso constitui um perigo. Portanto, cuide-se; e, uma vez mais, vigie sobretudo os seus pontos fortes.

Quero exprimir isso na forma de um quadro. Lembro de ter ouvido de certa feita um homem pregar um sermão sobre Absalão. O tema do sermão é que sempre deveríamos ter cautela com nossos pontos fortes. Não sei se aquele ponto frisado era exegeticamente correto, mas certamente me impressionou. Você deve estar lembrado de que Absalão tinha muito orgulho da sua cabeleira. Dava grande atenção à mesma, e jactava-se dela. Mas você deve estar lembrado que, finalmente, ela foi motivo de sua desgraça. Ficou preso pela cabeleira ao galho de uma árvore, quando fugia por um bosque, e isso deu a Joabe a oportunidade de atravessá-lo com um dardo e matá-lo. O ponto ressaltado por aquele pregador é que a força de Absalão — a sua vasta cabeleira — foi a razão de sua desgraça final. Sempre me lembrarei desse sermão, o que demonstra que algumas vezes, embora um pregador não se atenha às regras, consegue transmitir bem a sua lição às mentes dos ouvintes! Tudo quanto me interessa afirmar é: vigie os seus pontos fortes, suas cabeleiras ou qualquer outra coisa. Não faça exibição disso.

A súmula total do que estou afirmando é que a mais letal de todas as tentações que podem assaltar a um pregador é o orgulho. Orgulho, porque ele se coloca praticamente sobre um pedestal. Ele se põe de pé no púlpito, fica acima das pessoas, todas

olhando para ele. Ele ocupa essa posição de liderança na Igreja, na comunidade; e por esse motivo, sua pior tentação é a do orgulho. Provavelmente o orgulho é o mais mortífero e sutil de todos os pecados, podendo assumir inúmeras formas; porém, enquanto o indivíduo der-se conta disso, tudo irá muito bem. Embora eu já tenha dito algo sobre como tratar de tal coisa, permita-me acrescentar mais uma palavra, por ser assunto de tanta magnitude. A melhor maneira de refrear qualquer tendência ao orgulho — orgulho na pregação ou em qualquer outra coisa que possamos ser ou possamos fazer — consiste em ler, no domingo à noite, a biografia de algum grande santo de Deus. Não importa qual santo, e nem a que denominação e a que época ele pertencia, contanto que tenha sido um santo homem de Deus. Se você se sentir tentado a pensar que está fazendo as coisas de forma extraordinariamente boa, e que ninguém pregou tão bem antes, bem, mergulhe simplesmente no Diário de Whitefield; e garanto que você será curado em menos de cinco minutos. Ou então pondere sobre a biografia de David Brainerd ou de alguém que lhe seja semelhante; e se isso não o trouxer de volta ao nível desta terra, então o meu veredito é que você é mero profissional, já sem esperança de cura. Mas esse é o antídoto; reconheça seu devido lugar.

Aí estão, portanto, alguns dos perigos especiais com os quais se defronta o pregador. Vamos agora, ao que concerne ao sermão. Abordo esse aspecto aqui porque, quando falava sobre a preparação do sermão, ansiava por fazê-lo em linhas gerais. Existem outros pontos especiais ou refinamentos em adição ao que venho dizendo. No que tange ao sermão propriamente dito, pois, cuide para não torná-lo exageradamente intelectual. Coloco esse aspecto em primeiro lugar, particularmente no caso daqueles que são um tanto mais bem dotados, sobretudo na intelectualidade. Eu não daria a isso o primeiro lugar no caso de todos os homens; mas, quanto a alguns deles, esse fator precisa figurar em primeiro lugar.

Lembro-me de breve conselho que me foi dado no meu primeiro ano de ministério, por um idoso pregador com quem eu estava pregando naquela ocasião. Naquela época, era costume, no País de Gales, que em ocasiões especiais dois pregadores pregassem consecutivamente em um só culto, o mais jovem primeiro e depois o mais idoso. Naquelas determinadas reuniões especiais, tive de pregar sozinho no culto vespertino, pois o pregador mais idoso havia pregado pela manhã, e então ambos pregaríamos no culto da noite. O idoso homem foi suficientemente gentil para ouvir-me naquela tarde, sendo aquela a primeira vez em que ele me ouvia tentando pregar. Quando estávamos sendo conduzidos de automóvel para tomar chá na casa do pastor da Igreja, o idoso pregador, que era exatamente sessenta anos mais velho do que eu, mui gentilmente e com sincero desejo de ajudar-me e encorajar-me, me ofereceu seríssima advertência: "O grande defeito do sermão desta tarde", disse ele, "foi que você estava exigindo demais da compreensão daquela gente, estava dando-lhes matéria demais". Em seguida, ele estipulou: "Eu lhe daria uma regra. Lembre-se dela enquanto viver: Somente uma em cada doze pessoas na sua congregação é realmente inteligente". Somente uma em cada doze. Essa era a avaliação dele — não a minha! "Lembre-se disso enquanto viver: somente uma em cada doze." "Lembre-se", prosseguiu ele, "que essas pessoas não conseguirão apreender o que

você lhes disser. Para elas isso será impossível. Você estará somente deixando-as aturdidas. E por isso mesmo você não as estará ajudando". E ajuntou: "Observe bem o que eu farei esta noite. Na realidade, estarei dizendo sempre a mesma coisa, mas fá-lo-ei de três maneiras diferentes". E foi exatamente isso o que ele fez, e com notável êxito. Ele era homem dotado de elevado intelecto, sendo conhecido como grande teólogo, sendo autor de vários excelentes comentários, tanto em galês quanto em inglês. Mas isso foi o que ele me recomendou. E agora estou meramente repetindo o seu excelente conselho — "Cuidado com a intelectualidade exagerada". É quase inevitável que um jovem pregador tropece nessa armadilha, não é verdade? Ele teve de passar tantos anos estudando, lendo e debatendo sobre grandes questões com outros estudiosos que, agora, inclina-se por supor que todas as pessoas são como ele. Quanto mais cedo der-se conta de que as coisas não são assim, melhor para ele, pois as pessoas que o ouvem são muito diferentes. Não gastaram seu tempo lendo, estudando e argumentando; são antes negociantes ou profissionais liberais, ou trabalhadores braçais. Portanto, cuidado com o intelecto em demasia.

Naturalmente, eu também estou pronto a enfatizar com igual vigor, que tenhamos cuidado com uma intelectualidade escassa. Falando em termos gerais, não é isso que precisa ser destacado hoje em dia. Não obstante, há pregadores para quem se faz mister dizer: Cuidado com demasiado sentimentalismo e emoções exageradas. O primeiro tipo de pregador ressentia-se da ausência desse elemento, mostrando-se friamente intelectual. Mas existem certos pregadores por demais emocionais e sentimentais. Já ouvi homens que, após terem anunciado um texto, passaram a narrar uma fieira de histórias, geralmente sentimentais em extremo, e por muitas vezes de cunho pessoal. Isso é condenável.

Outrossim, há pregadores que precisam ser avisados a que não preguem somente exortações. Com muita freqüência alguns indivíduos imaginam que pregar é apenas apresentar uma prolongada exortação. Começam exortando aos ouvintes desde o começo do sermão; todo o sermão consiste somente em aplicação. Não apresentam a Verdade em primeiro lugar, para então fazerem a inevitável aplicação da mesma. Mas passam todo o seu tempo atingindo sua gente, vergastando-as e exortando-as, convocando-as para que façam isto ou aquilo, forçando-as a tomarem alguma decisão.

No outro extremo, há homens que jamais exortam, sob hipótese alguma. Já expuseram ante todos sua brilhante e intelectual pesquisa ou exposição; e tudo é deixado nesse estágio. Nada existe capaz de levar as pessoas às lágrimas ou à ação: nenhuma emoção, nenhum sentimento e nenhuma exortação. Ora, essa prática está obviamente equivocada; por conseguinte, cuidado para não exagerar em qualquer dessas diversas ênfases.

Um dos problemas mais espinhentos é o do lugar que cabe à polêmica no sermão e na pregação. O elemento polêmico é obviamente importante, e merece um lugar bem definido; é bom para os ouvintes. Mas nesta altura estou simplesmente advertindo contra o perigo de incluir polêmica exagerada no sermão. Outra vez, esse é um perigo típico do tipo mais intelectual de pregador. O pregador esteve a braços com teorias rivais, com heresias e com interpretações distorcidas, e, naturalmente, sua mente

transborda dessas coisas. Porém, deve cuidar para que os seus sermões não fiquem sobrecarregados desse elemento. Por qual motivo? Porque o povo — pelo menos a grande maioria de sua gente — provavelmente não se interessa por tais coisas, e uma grande parte deles nem ao menos as entende. Lembremo-nos disso — existem pessoas assim. Certamente existe um lugar para a polêmica; tudo quanto estou dizendo é que não devemos ceder-lhe espaço demasiado. Haverá certo número de pessoas na congregação, que sempre se interessará muito por questões polêmicas, e geralmente lhes é prejudicial se houver excesso desse elemento nos sermões. São do tipo de gente que viaja quilômetros para ouvir um ataque virulento contra um homem ou contra uma teoria. Conforme você bem sabe, os pregadores que sempre se inclinam para assuntos polêmicos geralmente obtêm boas audiências — e geralmente excelentes coletas, também. Mas tudo não passa de um grande ardil.

Preocupo-me com uma questão assim porque já vi bons homens e grandes pregadores se arruinarem por essa causa, e também tenho visto bons ministérios serem arruinados. De certa feita tive uma discussão com um desses pregadores, cujo nome eu não mencionarei. Aliás, ele foi um desses pregadores polemistas de primeira grandeza. Tive o privilégio de passar um dia na companhia dele, há muitos anos atrás; e durante a nossa conversa, sucedeu ventilarmos esse tema. Tudo aconteceu em resultado de ter-me ele feito certa pergunta: "Você costuma ler Joseph Parker?" Ora, Parker foi o famoso ministro do City Temple em Londres, até cerca de 1901. Ele publicou grandes volumes de sermões intitulados *The People's Bible* (A Bíblia do Povo). Fui interrogado, pois: "Você costuma ler Joseph Parker?" Eu respondi: "Não, leio pouquíssimo dos escritos de Joseph Parker". Ele ficou admirado ante a minha resposta, e prosseguiu: "Oh, eu leio Joseph Parker todos os domingos pela manhã. Sempre leio obras de Joseph Parker antes de ir para a igreja nas manhãs de domingo; ele me coloca na linha, compreende? O velho Parker", continuou ele, "foi um homem maravilhoso. Não sei dizer o quanto me agrada ver Parker transformar em picadinho aqueles modernistas e liberais da época dele". Isso me ofereceu uma oportunidade, e eu disse: "Bem, preciso confessar que essas coisas não me atraem. O que foi que Joseph Parker conseguiu realizar exatamente, depois de ter transformado aquela gente em 'picadinho'?"

Isso armou para nós o palco do acontecido; e tivemos um prolongado debate que prosseguiu pelo dia inteiro. Lembro-me somente de três pontos ventilados durante aquela discussão, e só transcrevo os mesmos aqui porque confio que poderão ser de alguma ajuda. Eu sugeria àquele pregador verdadeiramente notável, que era bem conhecido por todo o mundo evangélico, que ele estava arruinando seu grande ministério quando a cada domingo à noite fazia suas tiradas, contra algum errôneo ensino protestante liberal, ou contra o catolicismo romano, ou mesmo, ocasionalmente, contra pessoas em particular. Esses assaltos eram desfechados de maneira brilhante; mas eu tentava fazê-lo perceber que isso estava arruinando o seu ministério, ao mesmo tempo em que rogava que ele retornasse a uma pregação mais evangélica. "Mas", objetou ele, "você não está sendo bíblico. Deixe-me lembrar-lhe do que nos diz o apóstolo Paulo, em Gálatas 2. Quando Pedro se desviou, ele lhe resistiu na cara". E adicionou: "Isso é tudo quanto eu estou fazendo. Estou fazendo apenas

aquilo que Paulo fez. Sem dúvida isso está certo, não é mesmo?" A isso, retruquei: "Sim, sei que Paulo nos diz que fizera isso. Mas", prossegui, "estou agora interessado nos resultados. Noto que o resultado da maneira de Paulo tratar com Pedro, quando o atacou frontalmente em Antioquia, é que ele conseguiu persuadir a Pedro de que este laborava em erro, e o conquistou para a sua posição. Noto também que Pedro, mais tarde na vida, em sua segunda epístola, expressou sua grande admiração pelo apóstolo Paulo e pelas suas epístolas. Pode você dizer a mesma coisa a respeito das pessoas a quem vem atacando?" Diante dessa indagação, tudo quanto ele foi capaz de fazer foi levantar-se de seu assento e encaminhar-se até à outra extremidade do jardim, onde estivéramos sentados por algum tempo. Portanto, se você puder conquistar pessoas para a Verdade, e para que percebam a sua posição através de um debate polêmico, então tudo estará perfeito. Porém, exerça cuidado para fazer exatamente isso, para que no fim não as deixe ainda mais antagônicas, além de irritar um bom número de outros indivíduos.

Também me lembro que mais adiante, naquela mesma discussão, ele lançou mão de um outro argumento. Disse ele: "Olhe aqui. Apresentarei a você esta questão, como médico que você é. Imagine um cirurgião e um paciente em cujo sistema desenvolveu-se um tumor. Se for permitido que esse tumor continue crescendo, terminará por matar aquele paciente. Para este, só existe uma esperança: aquele tumor precisa ser removido mediante uma intervenção cirúrgica". E disse ainda: "O médico não quer operar, mas, a fim de salvar a vida daquele homem não lhe resta outro recurso, tem de extrair aquele câncer do sistema e do organismo daquele homem". E, finalmente, acrescentou: "Essa é precisamente a minha posição. Não quero fazer o que estou fazendo, mas sou obrigado, pois esse câncer se tem desenvolvido no corpo da Igreja e é necessário removê-lo, é preciso que ele seja extirpado".

Qual foi a minha réplica a esse argumento? Bem, nessa conjuntura era mister pensar com rapidez, mas a resposta, ao que me parecia, era bastante óbvia. Retruquei: "Existe aquilo que se tem chamado de 'mentalidade de cirurgião', de se desenvolver o hábito de 'açougueiro'. Um dos perigos que os cirurgiões enfrentam é o de cair no costume de pensar exclusivamente em termos de intervenções cirúrgicas, olvidando-se do tratamento clínico. Eis algo com o que ele tem de tomar muito cuidado. Se alguma vez você estiver seriamente enfermo", aconselhei-o, "então nunca aceite o veredito apenas de um cirurgião; sempre faça averiguação do conselho dele diante do veredito de seu médico clínico ou de algum outro cirurgião". Sim, o cirurgião tende por desenvolver a mentalidade das operações cirúrgicas, e inconscientemente, no instante em que olha para um paciente, tende por pensar em termos de cirurgia, devido à sua atitude. Esse é um fato indiscutível. Por conseguinte, voltando-me para meu interlocutor, eu lhe disse: "Você poderia dizer-me, com toda a honestidade, que está isento dessa mentalidade de cirurgião? Pode afirmar que não gosta de 'operar' os outros dessa maneira?" Novamente ele teve grande dificuldade, por alguns momentos.

Lembro-me, também, do terceiro grande argumento. Disse ele: "Bem, ouça isto. Sem dúvida isso será capaz de convencê-lo. De cada vez que cedo ao que você censurou como uma dessas minhas tiradas, de cada vez que faço aquilo que você

considerou prejudicial, sabe qual é o resultado? A circulação de meu semanário simplesmente se eleva como um foguete! O que você tem a dizer sobre isso?" E acudi: "Bem, o que tenho a dizer é o seguinte. Já observei que sempre que há uma briga de cachorros na rua, uma multidão sempre se reúne em volta. Sempre haverá pessoas que gostam de apreciar conflitos; e por essa razão não me surpreendo que a circulação de seu jornal aumente tanto. Se você atacar diversas coisas e apelar ao público para que lhe ajude, sempre conseguirá dinheiro do povo para sustentar a sua causa. Mas isso tudo é negativo; é destrutivo; não edifica qualquer congregação". Por conseguinte, acautele-se para não abusar do fator polêmico. Aquele homem em particular, com quem eu tive aquela discussão, terminou a sua vida em comparativa solidão, e a sua Igreja, depois de ter sido uma numerosa congregação, terminou reduzida em números e em influência. As pessoas se ajuntam a fim de escutar a tais ataques; esses ataques atraem os sentimentos carnais, e elas gostam dessas coisas. Mas você nunca poderá edificar uma Igreja sobre o alicerce da polêmica. Não poderá edificar uma Igreja sobre a apologética, quanto menos sobre a polêmica! O pregador foi chamado, primariamente, a fim de anunciar a Verdade positiva.

Entretanto, para que eu seja perfeitamente eqüitativo, também peço licença para dizer que você deve resguardar-se de usar pouquíssima polêmica. Existem alguns homens que gostam de ter a reputação de serem indivíduos inofensivos. Reinvidica-se para eles o título de "nunca negativos"; e gostam de dizer exatamente isso sobre si mesmos. "Nunca negativos; sempre positivos." Ora, isso é impostura — deslavada impostura e hipocrisia. As Escrituras encerram um bem pronunciado elemento polêmico em suas páginas; e esse elemento precisa ser exposto em nossa pregação. Precisamos dar aviso à nossa gente, precisamos guiá-los. Contudo, nunca deveríamos deixar desenvolver-se a idéia de que nós somos os defensores da Verdade, para então desperdiçarmos todo o nosso tempo atacando pessoas e pontos de vista. Isso torna-se muito negativo. Não há vida alguma em tal atitude, e por certo ela arruinará a vida de qualquer Igreja.

Dentro deste segmento, eu também gostaria de dizer o seguinte. Acautele-se e mantenha permanente vigilância quanto ao emprego da ironia. Esta tem o seu devido lugar; mas, cuidado com ela. A maioria das pessoas perde completamente de vista o sentido do que a gente está dizendo, porquanto não percebem que estamos sendo irônicos. Elas recolhem nossas palavras literalmente, e ficam ofendidas por causa delas. Assim sendo, tenham cuidado com isso. A ironia pode ser usada, e às vezes precisa ser usada; mas dê-se conta de que se trata de uma arma perigosa. Ridicularizar os outros, penso eu, sempre deve ser evitado.

Portanto, o equilíbrio dessa prática dentro do sermão é obtido conforme expressou Paulo em Filipenses 1: ". . . estou incumbido da defesa (e confirmação) do evangelho". Não envolve isso exclusivamente a defesa. Portanto, não nos nomeemos a nós mesmos guardiães ou defensores da fé. Sempre deverá haver "defesa e confirmação". Que haja esse equilíbrio, e que haja mais confirmação do que defesa. Assim, pois, procure edificar as pessoas, dando-lhes mensagens perfeitamente equilibradas, pregando-lhes "todo o conselho de Deus".

Em último lugar, cuide do método de apresentação. Muitos problemas surgem

com a própria apresentação do sermão. Conheci um homem que nunca caminhava para o seu púlpito nos domingos pela manhã, mas sempre corria para lá. Ele, o homem que vi agindo dessa maneira, estava apenas imitando a um outro que fazia o mesmo. A idéia em volta disso, posso imaginar, era a de mostrar o quão ansiosos eles se sentiam por anunciar a Verdade. Mas, conforme eu vejo as coisas, tudo servia somente para chamar a atenção para eles mesmos. Mas existe algo ainda pior do que correr na direção do púlpito. É chegar ao púlpito com um sorriso fingido nos lábios. Você sem dúvida conhece aquele tipo de homem que sobe ao púlpito e exibe um sorriso fingido, para em seguida saudar a congregação com palavras como: "Bom dia, minha gente. Que ótimo vê-los aqui, e como é bom que vocês vieram". Mas, pior ainda será se ele passar a contar uma piada ou duas, somente para deixar os ouvintes à vontade, descontraídos.

Já ouvi alguém argumentar que esse artifício pode ser justificado no caso de uma campanha evangelística, em algum salão público. Mas afianço que é uma atitude errônea, sempre, em qualquer lugar, se estiver vinculada à obra cristã. E por qual razão é uma atitude errônea? Porque toda essa abordagem labora em erro. Não se trata de um culto nosso; as pessoas não vêm ali a fim de contemplar-nos ou agradar-nos. Não é como convidar as pessoas para nos visitarem em casa, por assim dizer; a reunião não nos pertence, de modo algum. Tanto aquelas pessoas quanto nós mesmos achamo-nos ali para adorar a Deus, para nos encontrarmos com Deus; e o que devemos tentar fazer é mostrar-lhes que aquela reunião é algo inteiramente diferente de tudo quanto puderem fazer em qualquer outro lugar. Um ministro, em uma igreja, em nada se assemelha a um homem que convida visitantes à sua casa; ele não é quem manda ali. Pois ele mesmo é apenas um servo; todos nos congregamos ali a fim de entrar juntos na presença do Deus vivo. Não posso enfatizar de maneira excessiva que nos devemos esforçar com o máximo de nossos recursos para demonstrar a diferença entre essas duas coisas. Condeno abertamente a prática de alguns que sugerem ao povo que nada há de singular e incomum em nossas reuniões, os quais saúdam aos circunstantes com um "Bom dia, minha gente", e deixam todos descontraídos com algumas piadinhas. Se você quiser agir dessa forma em seu próprio lar, tem toda a liberdade de fazê-lo; mas uma igreja não é o seu lar, e você mesmo está subordinado a Deus. É mister que ressaltemos essa diferença.

Permita-me reforçar este ponto, colocando a questão sob uma luz tal que quase a torna ridícula. Conheci um diácono, um pobre sujeito, que anelava sempre por ser gentil e agradável; e efetivamente assim ele era. No entanto, inclinava-se por levar essa atitude a extremos. Comecei a observar que, quando eu distribuía o pão aos diáconos, em dia de Ceia do Senhor, aquele homem, ao tomar o seu pedaço de pão, sempre murmurava, "Obrigado". E fazia a mesma coisa ao receber o vinho. Tive de destacar para ele o fato de que era um erro dizer "obrigado" em tais ocasiões. Se ele estivesse em minha casa como convidado, e eu lhe estendesse um prato com pão e manteiga, então poderia esperar que ele dissesse "obrigado", mas não quando ele recebia o pão durante a Ceia do Senhor. Mas, por que estabelecer tal diferença? É que durante a celebração da Ceia não sou eu que estou lhe dando nem o pão e nem o vinho; e ele não precisa agradecer-me por isso. A polidez e o tipo de conduta que são

corretas em ocasiões sociais, tornam-se erradas aqui. O bom homem jamais tomara consciência do que estava acontecendo. O de que ele necessitava era do senso da presença de Deus. Isso não significa, por outro lado, que devamos revestir-nos de uma falsa dignidade, aparentando pomposidade. Mas estou falando sobre "reverência e piedoso temor".

Acima de tudo, não usemos de um tom de voz "clerical". Que coisa horrenda é essa! E no entanto, quão comum! Os homens mais jovens geralmente desenvolvem esse mau hábito; ouvem a outros e começam, eles mesmos, a usar esse afetado tom clerical. Mas isso ofende as pessoas. Todavia, pior ainda é se o pregador se envolver de uma aura de falsa piedade — beatice. Que horrível! De acordo com certa crônica, Spurgeon lançou no ridículo essa atitude, certa ocasião, com razão ou sem razão, no tocante a certas pessoas que ele julgou serem culpadas dessa hipocrisia nos dias em que viveu. Adaptando as palavras de Atos 1:11, ele indagou: "Varões de. . . por que estais olhando para as alturas?" Seu propósito era ridicularizar aquelas pessoas que olham para o alto com uma expressão beata, procurando persuadir a si mesmas que são muito piedosas. Nessa conexão, ele também disse algo de grande sabedoria. Afirmou ele que sempre que se vê um homem que tem a reputação de parecer muito santificado, mas que sente prazer nessa reputação, então podemos estar bem certos de que ele sofre do fígado. Concordo com ele cem por cento! O Novo Testamento recomenda-nos que quando estivermos jejuando, devemos "ungir a cabeça com óleo"; de fato, recomenda-nos que façamos tudo quanto estiver ao nosso alcance para não darmos a impressão de que estamos jejuando. Não devemos chamar atenção para nós mesmos, para aquilo que somos e para aquilo que estivermos fazendo.

Uma outra observação — evite o tom de conversa e o chamado estilo descontraído, na pregação. Quão indignas são todas essas coisas em conexão com a pregação! E por semelhante modo: nunca se mostre ridículo. Não cultive nem pratique gestos. Tudo quanto for histriônico, deveria ser evitado.

Qual é a regra sobre isso, portanto? Ela é: seja natural; esqueça-se de si mesmo; fique tão absorvido no que estiver fazendo, na consciência da presença de Deus e na glória e grandiosidade da Verdade que estiver pregando, bem como no motivo que reuniu você e as demais pessoas naquele lugar, que se sinta tão arrebatado por essas razões a ponto de se olvidar de si mesmo completamente. Essa é a atitude correta; essa é a única condição em que desfrutaremos de segurança; essa é a única maneira pela qual poderemos honrar a Deus. O próprio "eu" é o pior inimigo do pregador, muito mais do que no caso de qualquer outro indivíduo na sociedade. E a única maneira de nos desvencilharmos do próprio "eu" é ficarmos tão envolvidos e extasiados pela glória do que estamos realizando, que nos esqueçamos de nós mesmos totalmente.

Capítulo Catorze

APELANDO POR DECISÕES

Visando ao propósito de sermos satisfatoriamente práticos e contemporâneos, nesta altura me convém levantar a questão se devemos envidar qualquer esforço para condicionar a reunião e as pessoas, para que estas recepcionem a nossa mensagem. É neste ponto que se encaixa a questão da música. Afinal, o pregador é quem segura o leme do culto, e está dentro de sua alçada, por conseguinte, controlar esse aspecto. Nos nossos dias, essa pode ser uma questão extremamente penosa, e já conheci muitos ministros que se viram envolvidos em grandes dificuldades por causa da questão de coros, de cântico de hinos e talvez de quartetos. Sucede que há templos que contam com cantores coristas ou solistas pagos, os quais talvez nem sejam membros da Igreja, e nem mesmo se consideram crentes. Além disso, há o problema dos organistas. E, passando a um tipo mais popular de música, em algumas congregações há intermináveis cânticos de corinhos. E finalmente, em alguns países, existem indivíduos cuja função especial consiste em conduzir os cânticos, esforçando-se por fazer as pessoas entrarem na correta atitude e condição mental para acolherem a mensagem que ouvirão.

Como poderíamos avaliar todas essas coisas? Qual deveria ser a nossa atitude diante delas? Meu comentário inicial é que, uma vez mais, temos à frente algo que cabe dentro da mesma categoria de algumas das coisas que já estivemos considerando. Trata-se de algo que foi herdado da era vitoriana. Nada se faz mais urgentemente necessário do que uma análise das inovações que surgiram no campo da adoração religiosa durante o século XIX — o qual para mim, quanto a esse particular, foi devastador. Quanto mais prontamente nos esquecermos do século XIX e retrocedermos até ao século XVIII, e mesmo mais, até aos séculos XVII e XVI, tanto melhor. O século XIX, com sua mentalidade e perspectiva, é o responsável pela grande maioria de nossas dificuldades e problemas atuais. Foi naquele tempo que se verificaram alterações fatais em tantos quadrantes, conforme podemos averiguar. E ocupando posição mui proeminente, entre as modificações que tiveram lugar, citamos a música em seus variegados estilos. Com freqüência, e especialmente nas igrejas fora da tradição episcopal, as congregações nem mesmo dispunham de órgão, antes daquela época. Muitos dos líderes evangélicos eram contrários ao uso do órgão. e procuravam justificar sua atitude com o respaldo das Escrituras; e assim muitos deles eram contrários ao cântico de qualquer coisa exceto dos salmos. Não vou avaliar as várias interpretações contrárias das Escrituras pertinentes ao assunto, e nem debater quanto à antiguidade do cântico de hinos; o que desejo frisar é que se por um lado o cântico de hinos tornou-se muito popular nos últimos anos do século XVII, e, mais particularmente, durante o século XVIII, por outro lado, a nova ênfase emprestada à música, que ocorreu em cerca dos meados do século passado, fazia parte daquela atitude de respeitabilidade, de pseudo-intelectualismo, que já estive descrevendo.

Mais particularmente ainda, com freqüência se verifica uma ameaça bem real,

uma espécie de "tirania do organista". Isso se dá porque o organista encontra-se numa posição em que ele ou ela pode exercer considerável controle. Munido de um instrumento poderoso, o organista pode controlar o ritmo em que um hino é entoado, e o efeito varia de um a outro extremo, se ele o toca em ritmo apressado ou em ritmo lento. No ministério muitos pregadores têm tido problemas com organistas difíceis e especialmente com o tipo que está muito mais interessado pela música do que pela Verdade. Por conseguinte, o pastor deve usar de muito critério ao nomear um organista, assegurando-se de antemão que se trate de um verdadeiro crente. E se você tiver um coral em sua Igreja, então deverá insistir sobre esse mesmo ponto, no tocante a cada membro. O primeiro desiderato não é que os coristas tenham boa voz, e, sim, que possuam caráter cristão, amem à Verdade e se deleitem em cantá-la. É desse modo que podemos evitar a tirania do organista, bem como sua irmã gêmea, a tirania do coral. No País de Gales, minha terra de origem, havia uma expressão usada com freqüência. Aludia não tanto ao coral, mas ao cântico por parte da congregação. Este era conhecido como "o demônio dos cânticos". O que isso queria dizer é que essa prática causava mais querelas e cismas nas Igrejas do que praticamente qualquer outra questão, e que os cânticos ofereciam ao diabo mais freqüentes oportunidades de entravar e produzir roturas na obra do que qualquer das outras atividades na vida da Igreja. Porém, independente disso, a música, em suas variadas formas, faz surgir no horizonte o problema todo do elemento de entretenimento, o qual consegue insinuar-se e pode levar as pessoas a virem às reuniões para ouvir música, e não com o propósito de adorar.

Meu argumento é que podemos estipular como regra bastante geral que quanto maior for a atenção que se tenha dado a esse aspecto da adoração — a saber, o tipo de edifício, o cerimonial, os cânticos, menor será a espiritualidade provável; e disso só se pode esperar menor calor, entendimento e interesses espirituais. Todavia, eu não estacaria aqui, mas faria uma pergunta, pois sinto que é tempo de começarmos a fazer essa indagação. Conforme eu já dissera noutra conexão, precisamos interromper determinados maus hábitos que têm penetrado na vida das nossas Igrejas, transformando-se numa tirania. Já me havia referido à forma fixa e preestabelecida, bem como às pessoas que se dispõem a brincar com a Verdade e tentam modificá-la, mas que resistem a qualquer tentativa de alteração na ordem do culto e nessa rígida forma preestabelecida. Portanto, sugiro que é chegado o tempo de fazermos as seguintes perguntas: Por que se faz necessária toda essa ênfase sobre a música? Por que isso tem qualquer importância, afinal? Enfrentemos essa questão; e por certo, quando fazemos assim, chegamos forçosamente à conclusão de que aquilo que deveríamos buscar e ter como alvo é uma congregação de pessoas que entoam juntas louvores a Deus; e que a verdadeira função de um órgão é acompanhá-las. Compete-lhe servir de acompanhamento; e não de ditador. Nunca deveríamos permitir-lhe ocupar tal posição. Sempre deve ser subserviente. Eu diria mesmo que o pregador, de modo geral, deveria escolher tanto as melodias quanto os hinos, porquanto às vezes verifica-se contradição entre as duas coisas. Algumas melodias virtualmente contradizem a mensagem do hino, embora a métrica seja correta. Por conseguinte, o pregador tem o direito de dirigir essas questões; e não podemos desistir desse direito.

Talvez você não esteja disposto a concordar comigo quando sugiro que deveríamos abolir de uma vez por todas os corais; mas por certo todos devem concordar que o ideal seria que todas as pessoas elevassem suas vozes em louvor, adoração e veneração, regozijando-se enquanto assim o fazem. Confio em que você também concordará que as tentativas deliberadas para "condicionar" as pessoas são decididamente prejudiciais. Espero poder tratar disso na próxima seção, razão por que, por enquanto, contento-me em dizer que essa tentativa de "condicionar" as pessoas, suavizando-as; por assim dizer, realmente milita contra a verdadeira pregação do Evangelho. Não se trata de mera imaginação ou teoria. Lembro-me de ter estado em mui famosa conferência religiosa onde a rotina invariável, em cada reunião, e também no caso de cada orador, era a seguinte. Pedia-se de cada orador que estivesse presente na plataforma a certa hora. Então seguiam-se literalmente quarenta minutos de cânticos, dirigidos por um artista, tudo salpicado com observações supostamente humorísticas, pelo citado cavalheiro. Não havia qualquer leitura das Escrituras, havia uma oração extremamente breve; e então ordenavam ao orador que falasse.

Esse é um exemplo do que quero dizer por elemento de entretenimento. Recordo-me que havia um solo de órgão, um solo de xilofone, e em seguida um grupo vocal — lembro-me até do nome deles — Os Cantores do Jubileu Eureca, os quais ficavam mais ou menos simulando aquilo sobre o que cantavam. Tudo isso se prolongava por quarenta minutos. Confesso que senti imensa dificuldade para pregar depois disso. Também me senti compelido a modificar a minha mensagem, a fim de enfrentar aquela situação com que me defrontava. Eu sentia que o "programa", a forma fixa, dominava a situação, e que cada indivíduo ali tornava-se parte integrante do entretenimento. Por essa razão é que temos de ser tão cuidadosos. Portanto, eu diria como uma regra geral: Conserve a música em seu devido lugar. Ela é uma criada, uma serva, e não lhe devemos permitir que domine ou controle as coisas, em nenhum sentido.

Menciono uma outra questão que pode parecer trivial — a despeito do que algumas pessoas lhe têm dado imensa atenção. É a questão se deveríamos manipular as luzes do edifício em que estamos pregando, a fim de tornar mais eficaz a pregação. Alguns lugares contam com lâmpadas de diferentes cores instaladas em lugares estratégicos e, conforme o sermão vai prosseguindo, as luzes vão sendo gradualmente apagadas, até que, no fim, em certo caso particular, sobre o qual estou pensando, não há mais qualquer lâmpada acesa, exceto uma cruz vermelha iluminada, suspensa por cima da cabeça do pregador. Tudo é apenas condicionamento psicológico; mas tais práticas estão sendo justificadas em termos de que elas facilitam a aceitação da Verdade por parte das pessoas. Todavia, poderíamos deixar a questão nessa altura, dizendo simplesmente que a questão que realmente se levanta aqui é o ponto de vista de alguém acerca da obra e do poder do Espírito Santo. Quão difícil é fazer tudo isso adaptar-se à Igreja do Novo Testamento e à sua adoração de natureza espiritual.

Porém, isso conduz, mui naturalmente, a uma outra questão importantíssima, a qual envolve a pergunta se, no término dum sermão preparado segundo os moldes que estamos considerando, o pregador deveria fazer apelos para que as pessoas se decidissem ali mesmo. Várias expressões têm sido utilizadas, como "vir à frente", "vir

ao altar", "ritual do arrependido", "assento dos ansiosos", etc., para descrever esse modo de proceder.

Esse é um assunto que nestes últimos anos tem ganhado considerável proeminência, razão pela qual precisamos tratar do mesmo. Seja como for, trata-se de um problema que todo pregador precisa arrostar. Eu mesmo por muitas vezes já tive de enfrentá-lo. Algumas pessoas, em diversas ocasiões, ao encerrar-se alguma reunião, têm-se aproximado de mim a fim de me chamarem a atenção, passando-me às vezes uma verdadeira reprimenda, porque eu não fizera um apelo imediato para que as pessoas se decidissem. Algumas dessas pessoas chegam mesmo ao extremo de afirmar que com isso eu cometo um pecado, que fora criada uma oportunidade excelente pela minha própria pregação, mas eu não me aproveitara da mesma. E então costumam dizer: "Tenho certeza de que se o senhor ao menos tivesse feito um apelo, teria conseguido um grande número de decisões" — ou algo similar a esse argumento.

Em adição a isso, certo número de ministros me tem dito, nos últimos dez anos mais ou menos, que no fim do culto certas pessoas vêm dizer-lhes que eles não pregaram o Evangelho, simplesmente por não terem feito um apelo. Isso lhes havia acontecido tanto em cultos matinais como em cultos noturnos. E já havia sucedido não somente durante cultos de evangelização, mas igualmente em outras reuniões, cujo intuito não é primariamente evangelístico. Não obstante, por não ter havido qualquer "apelo", haviam sido acusados de não terem pregado o Evangelho. De certa feita conheci três homens, três pastores, que virtualmente já tinham sido contratados para pastorear em determinadas Igrejas, e que estavam a ponto de serem aceitos quando alguém, de repente, lhes fizera a pergunta: Eles costumavam fazer um "apelo" no fim de cada sermão? E posto que aqueles três homens em particular haviam respondido na negativa, não foram aceitos, afinal, ficando cancelada a decisão daquelas Igrejas. Isso se tem tornado problema dos mais incisivos, como resultado de determinadas coisas que vêm acontecendo desde os fins da Segunda Guerra Mundial.

Novamente, é importante que tenhamos os pensamentos claros acerca da história dessa questão. A abordagem histórica será sempre proveitosa. Há muitos que não parecem ter consciência do fato que tudo isso, à semelhança de muitas outras coisas que penetraram na vida da Igreja, só o fizeram durante os últimos cem anos. Esse costume foi introduzido bastante cedo no século passado, mais cedo que outras coisas que tenho mencionado. Realmente foi introduzido por Charles G. Finney na década de 1820. Foi ele quem deu início ao chamado "assento dos ansiosos", aquela "nova medida" através da qual se apelava às pessoas que se decidissem no mesmo instante. Tudo fazia parte essencial de seu método, abordagem e maneira de pensar; e naqueles dias a questão provocou muitas controvérsias. Trata-se de controvérsia das mais importantes, além de ser interessante e fascinante em extremo. Recomendo que os pregadores façam disso matéria de leitura. Os dois maiores protagonistas desse debate foram W. H. Nettleton e Finney. Nettleton foi um pregador muitíssimo usado em reuniões de pregação. Viajava muito e era constantemente convidado a pregar nos templos de outros ministros. Jamais efetuara um "apelo" para que as pessoas se decidissem imediatamente, mas era grandemente usado, e numerosas pessoas se convertiam sob seu ministério, agregando-se às Igrejas locais. Seguia a doutrina

calvinista, e punha em prática as suas crenças nesse particular. Mas então surgiu Finney em cena, com o seu apelo direto à vontade para que as pessoas se decidissem ali mesmo. Isso provocou grande controvérsia entre os dois pontos de vista, e muitos ministros se viram envoltos em imensas dificuldades, entre os dois conceitos. Há uma fascinante narrativa sobre o episódio na autobiografia do Dr. Lyman Beecher, pai do Dr. Henry Ward Beecher. Ele fora grande amigo de Nettleton, e, a princípio, pôs-se ao lado deste. Eventualmente, entretanto, bandeou-se para a causa de Finney. O Dr. Charles Hodge e outros dentre as grandes figuras de Princeton estiveram ativamente engajados nessa discussão, como também J. W. Nevin, fundador da Teologia Mercersberg.

Essa é a história da origem dessa prática, e importa que nos tornemos informados da mesma. Não foi por acidente que tenha sido introduzida por Finney, porquanto, em última análise, é uma questão teológica. Ao mesmo tempo, sem embargo, não é somente uma questão teológica; e nunca nos deveríamos esquecer que um arminiano como João Wesley, além de outros, jamais empregou esse método.

É possível que a melhor maneira pela qual eu possa estimular outros a pensar, conferindo-lhes alguma ajuda quanto a isso, é declarar francamente que não tenho seguido essa prática em meu ministério. E permita-me dar-lhe alguns dos motivos que me têm influenciado quanto a essa matéria. Não procurarei declará-los em qualquer ordem sistemática e precisa, mas dou aqui uma ordem geral. O primeiro motivo é que, sem dúvida, é um erro exercer pressão direta sobre a vontade. Desejo esclarecer o que digo. O homem constitui-se de mente, afetos e vontade; e meu argumento é que ninguém deve fazer pressão direta sobre a vontade. Sempre deveríamos avizinhar-nos da vontade por intermédio da mente, do intelecto, e então, através das afeições. A ação da vontade deveria ser determinada por essas influências. A minha base bíblica para assim asseverar é a epístola de Paulo aos Romanos 6:17, onde o apóstolo declara: "Mas graças a Deus porque, outrora escravos do pecado, contudo viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues".

Observemos a ordem dessas sentenças. Eles haviam "obedecido", é verdade; mas, de que maneira? "... de coração..." Porém, o que foi que os levara a fazer isso, o que movera os seus corações? Foi essa "forma de doutrina", que lhes fora anunciada. Ora, o que lhes fora anunciado ou pregado fora a Verdade, e Verdade dirigida primariamente à mente. Na medida em que a mente apreende ou compreende a Verdade, os afetos são acesos e movidos; e, dessa maneira, a vontade é persuadida, daí resultando a obediência. Noutras palavras, a obediência não resulta de alguma pressão direta sobre a vontade, mas é conseqüência de uma mente iluminada e de um coração enternecido. Para mim, esse é um ponto crucial.

Deixe-me desdobrar mais ainda a importância dessa idéia. Em preleção anterior, aventurei-me a sugerir que o próprio grande Whitefield, ocasionalmente, caía no erro de desfechar um ataque direto sobre as emoções ou a imaginação; mas lamentamos qualquer tentativa para fazer-se isso deliberadamente. Encontramos aqui um outro aspecto exato desse mesmo princípio. Da mesma maneira que é errado lançar um ataque contra as emoções, é também errado desfechar um ataque contra a vontade.

Na pregação, cabe-nos expor a Verdade; e, como é óbvio, isso ocupa lugar proeminente e primacial para a mente. No momento em que nos desviamos dessa ordem de coisas, dessa norma, e nos aproximamos diretamente de qualquer dos outros elementos, estamos convidando dificuldades; e o mais provável é que as arranjaremos.

Em segundo lugar, argumento que pressão demasiada sobre a vontade — inevitavelmente há algum deste elemento em toda a pregação, mas refiro-me aqui à pressão em excesso — ou pressão por demais direta, é algo perigoso, porquanto, no fim, poderá produzir uma condição na qual aquilo que determinou a reação favorável de um indivíduo que "veio à frente", não foi tanto a própria Verdade, mas, talvez, a personalidade do evangelista, ou então algum vago temor geral, ou alguma outra forma de influência psicológica qualquer. Isso faz-nos relembrar, uma vez mais, o papel da música nos cultos de pregação. Podemos ficar embriagados de música — não há como duvidar sobre isso. A música pode ter o efeito de criar um estado emocional tal que a mente não mais funciona como deveria, não mais fazendo discriminações. Já vi pessoas cantarem até atingirem um estado de embriaguez no qual não mais tinham consciência do que estavam fazendo. O ponto importante é que deveríamos dar-nos conta de que os efeitos produzidos dessa maneira não são produzidos pela Verdade, e, sim, por um outro dentre esses diversos fatores.

Há alguns poucos anos passados, sucedeu deparar-me com uma extraordinária ilustração exatamente desse particular. Meramente repetirei algo que foi divulgado pela imprensa, razão pela qual não estarei revelando segredo algum, e nem traindo qualquer confiança. Certa vez pediram a um evangelista da Inglaterra que dirigisse um programa de cântico de hinos no domingo à noite pelo rádio. Tal programa era levado ao ar, regularmente, por meia hora, todos os domingos. Diferentes Igrejas eram solicitadas a cuidar desse programa, de semana em semana. Ora, naquela ocasião particular, esse bem conhecido evangelista estava realizando esse programa no Albert Hall, de Londres. Tudo fora planejado conforme era costumeiro, com meses de antecedência. Cerca de uma semana, mais ou menos, antes do programa ser levado a efeito, chegou em Londres um outro evangelista; e, ao ouvir falar do fato o evangelista britânico convidou este outro para pregar antes da meia hora de hinos ser levada ao ar. Assim fez o evangelista. E este foi avisado que teria de parar sua pregação a certa hora, porquanto naquele momento estariam "no ar" para a radiodifusão dos hinos cantados. Portanto, o evangelista pregou e terminou sua pregação exatamente na hora marcada; e de imediato os hinos foram postos "no ar" por meia hora. Quando tudo terminara, e não estavam mais "no ar", o evangelista visitante fez seu usual "apelo", convidando as pessoas para que se adiantassem à frente. No dia seguinte esse evangelista foi entrevistado por repórteres, e, entre outras perguntas, foi-lhe indagado se estava satisfeito com o resultado de seu apelo. Imediatamente ele retrucou que não estava, que estava desapontado, e que o número de pessoas que atendera ao convite fora muito menor do que estava acostumado a obter em Londres, bem como em outras localidades. Então foi-lhe feita a próxima pergunta óbvia, por um dos jornalistas: "E ao que se pode atribuir o fato de que a reação foi comparativamente pequena nesta ocasião?" Sem a menor hesitação, o evangelista respondeu que isto era bastante

simples, pois infelizmente houvera uma interrupção de meia hora, para o cântico de hinos, entre o fim do seu sermão e a realização do apelo. Isso, declarou ele, era a explicação. Se ao menos lhe houvesse sido permitido que fizesse seu apelo imediatamente no fim de seu sermão, então o resultado teria sido muitíssimo maior.

Não é, realmente, um episódio iluminador e instrutivo? Não comprova ele que algumas vezes, afinal, o que produz os resultados, como ficou claro, não é a Verdade, e nem a atuação do Espírito? Pois eis que aquele pregador, pessoalmente, admitia que os "resultados" não podiam resistir ao teste de meia hora de cântico de hinos, admitia que meia hora de cântico de hinos pode anular os efeitos de um sermão, sem importar quais tenham sido esses efeitos, pelo que os resultados obtidos haviam sido desapontadores. Esse episódio serve de ótima ilustração do fato que a pressão direta sobre a vontade pode produzir "resultados", embora isso não tenha nenhum relacionamento com a Verdade.

O meu terceiro argumento é que a pregação da Palavra e os apelos para que as pessoas se decidam são coisas que não deveriam ser separadas em nossa mente. Isso requer mais algum esclarecimento. Foi um grande princípio, enfatizado dentro do ensino reformado, que teve início no século XVI, que as ordenanças jamais deveriam ser separadas da pregação da Palavra. Os católicos romanos foram os culpados de tal separação, com o resultado que as ordenanças foram divorciadas da Palavra e se tornaram entidades autônomas. De acordo com tal doutrina, o efeito e os resultados nas pessoas seriam produzidos, não por intermédio da pregação da Verdade, e, sim, através da ação das ordenanças, que agiriam *ex opere operato*. O ensinamento protestante, entretanto, condenou tal doutrina, ressaltando que as ordenanças sob hipótese alguma deveriam ser separadas da pregação, por ser essa a única maneira de evitar noções semi-mágicas e experiências espúrias.

Meu argumento é que o mesmo princípio se aplica a essa questão de convites para que as pessoas se decidam, e também que a tendência crescente vem sendo de pôr-se cada vez mais ênfase sobre o "apelo" e sobre as decisões, considerando isso como algo que subsiste por si mesmo. Lembro-me de ter estado em uma reunião evangelística na qual eu, além de outros, sentimos que o Evangelho não fora pregado, verdadeiramente. O Evangelho fora mencionado, mas certamente não fora comunicado, não fora pregado; para minha admiração, entretanto, grande número de pessoas se dirigiu à frente em resposta ao apelo feito no fim. E a pergunta que imediatamente se levantou foi: o que poderia explicar uma coisa assim? No dia seguinte eu discutia sobre essa questão com um amigo meu. Disse ele: "Nada há de difícil a respeito desse fenômeno: esses resultados nada têm a ver com a pregação". Então insisti: "Bem, nesse caso, o que é que acontece?" Replicou ele: "É Deus quem está respondendo às orações de milhares de pessoas que oram, pedindo tais resultados, ao redor do mundo; não é a pregação". Minha contenção é que não deveria haver tal disjunção entre o "apelo" e a pregação, da mesma maneira que não deve haver separação entre as ordenanças e a pregação.

Meu quarto ponto é que esse método certamente envolve, implicitamente, a idéia de que os pecadores possuem um poder inerente de decisão e de autoconversão. Entretanto, isso não pode ser conciliado com o ensinamento escriturístico, segundo

se vê em I Coríntios 2:14: "Ora, o homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las porque elas se discernem espiritualmente". Ou como Efésios 2:1, que assevera: "Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados". E ainda existem muitos trechos semelhantes.

Como meu quinto ponto, sugiro que nisso fica implícito que o evangelista, de alguma maneira, se encontra em posição de manipular o Espírito Santo e as Suas operações. O evangelista precisa meramente aparecer e fazer o seu apelo, e inevitavelmente seguir-se-ão resultados. Se houvesse algum fracasso ocasional, ou uma ou outra reunião com pouca ou nenhuma reação positiva, então não existiria tal problema; mas tão freqüentemente, hoje em dia, os organizadores são capazes de predizer o número dos "resultados".

A maioria concordaria com o meu sexto ponto, o qual assegura que esse método tende por produzir uma superficial convicção de pecado, se é que a produz. As pessoas com freqüência reagem positivamente por terem a impressão de que, fazendo assim, receberão certos benefícios. Lembro-me de ter ouvido falar a respeito de um homem importante que era considerado como um dos convertidos de determinada campanha. Entrevistaram-no e perguntaram por que viera à frente na campanha evangelística do ano anterior. Sua resposta foi que o evangelista dissera: "Se alguém não quiser 'perder o barco', é melhor que venha à frente". E, como ele não queria "perder o barco", viera à frente; e tudo quanto o entrevistador pôde arrancar dele é que agora ele estava "no barco". Não tinha certeza sobre o significado dessas palavras, nem do que se tratava realmente, e nem parecia ter-lhe acontecido qualquer transformação real durante o ano que se passara desde então. Mas lá estava ele. Um ato de decisão pode ser tão superficial assim.

Ou consideremos uma outra ilustração, extraída dentre as minhas próprias experiências. Na Igreja que pastoreei, no sul do País de Gales, eu costumava ficar na porta principal do templo ao encerramento do culto de domingo à noite para cumprimentar as pessoas com um aperto de mão. O incidente a que me reporto envolve um homem que costumava vir às nossas reuniões todos os domingos à noite. Era um operário, e também era alcoólatra quase inveterado. Embebedava-se regularmente todos os sábados à noite, mas também vinha regularmente ocupar um assento na galeria de nosso templo, todos os domingos à noite. Naquela noite específica a que me refiro, aconteceu-me observar que, enquanto eu pregava, aquele homem estava sendo obviamente tocado pela Palavra. Eu podia ver que ele chorava copiosamente, e desejei muito saber o que estava acontecendo com ele. Terminada a reunião, fui postar-me à porta. Passados uns momentos, vi que aquele homem se aproximava, e imediatamente me vi a braços com um tremendo conflito mental. Deveria eu, em face do que tinha visto, dizer-lhe uma palavra e convidá-lo a tomar uma decisão naquela mesma noite, ou não deveria? Estaria eu interferindo com a obra do Espírito, se assim agisse? Apressadamente, resolvi que não pediria a ele que ficasse mais um pouco, mas tão-somente me despedi dele, como era de hábito, e ele saiu. Seu rosto revelava que estivera chorando muito; ele quase nem podia olhar-me no rosto. Na noite seguinte, quando eu me encaminhava para uma reunião de oração que teria lugar na igreja, ao atravessar uma passarela por cima de uma linha de trem, notei que aquele homem

vinha na minha direção para falar comigo. Ele atravessou a rua a fim de vir dizer-me: "Sabe de uma coisa, doutor? Se o senhor me tivesse convidado para demorar-me mais um pouco, na noite passada, eu lhe teria atendido". "Pois, bem", retruquei, "agora eu estou lhe fazendo um convite. Venha comigo". "Não, não", ele se apressou a dizer, "mas se o senhor me tivesse convidado na noite passada, eu teria atendido". Então eu lhe disse: "Meu caro amigo, se aquilo que lhe aconteceu na noite passada não perdurou por vinte e quatro horas, então não me interessa. Se você não está pronto a vir comigo agora, conforme estava na noite passada, então você ainda não tem a coisa certa e verdadeira. Não importando o que lhe tenha afetado na noite passada, era algo apenas temporário e passageiro, e você ainda não conseguiu, de fato, perceber sua necessidade de Cristo".

São coisas dessa ordem que podem suceder, mesmo quando não se faz apelo nenhum. Porém, quando o costume é fazer apelos, então esse fenômeno é grandemente exagerado, e obtemos muitas conversões espúrias. Conforme eu tenho lembrado a você, o próprio João Wesley, o grande arminiano, não apelava às pessoas para que "viessem à frente". O que se pode encontrar com grande freqüência em seus diários, é algo parecido com o que aqui é transcrito: "Preguei em tal lugar. Muitos pareceram estar profundamente tocados, mas só Deus sabe quão profundamente". Sem dúvida, essas palavras são muito significativas e importantes. Wesley era possuidor de entendimento espiritual, e sabia que muitos fatores são capazes de afetar-nos. Mas, aquilo em que ele realmente se interessava não era resultados imediatos e visíveis, e sim, a obra regeneradora do Espírito Santo. O conhecimento do coração humano, da psicologia humana, deveria ensinar-nos a evitar qualquer coisa que incremente a possibilidade de alcançarmos resultados espúrios.

Um outro argumento — o sétimo — é que assim fazendo estaremos encorajando as pessoas a pensar que seu ato de vir à frente, de alguma maneira, as salva. É como se fora um ato que precisa ser feito imediatamente, como se fora uma ação capaz de salvar as pessoas. Foi isso que aconteceu no caso daquele homem que sentia que agora estava "no barco", por ter vindo à frente, embora não entendesse coisa alguma do que estava fazendo.

Porém, conforme já tenho sugerido, não será essa uma prática baseada, em última análise, na desconfiança acerca do Espírito Santo, de Seu poder e de Sua obra? Não deixa ela subentendido que o Espírito Santo precisa ser ajudado, auxiliado e suplementado, a fim de que a obra seja apressada, não podendo tudo ser deixado nas mãos do Espírito? Não posso ver como poderíamos escapar dessa conclusão.

Ou então, colocando o problema sob outra luz — um nono ponto — não se levanta toda essa questão da doutrina da regeneração? Para mim, essa é a questão mais séria de todas. O que quero dar a entender é o seguinte (e o que aqui digo cobre este ponto tanto quanto o anterior), que em face de ser essa uma obra do Espírito Santo, e dEle somente, então ninguém mais pode concretizá-la no Seu lugar. A obra verdadeira da convicção de pecado, da regeneração, da dádiva do dom da fé e da nova vida cabe, unicamente, ao Espírito Santo. E posto ser uma obra Sua, ela sempre será uma obra completa; e sempre será uma obra que se fará visível. Sempre foi assim. Pode-se ver isso, da maneira mais dramática, no dia de Pentecoste, em Jerusalém, con-

forme Atos 2. Enquanto Pedro ainda proferia o seu sermão, os ouvintes começaram a clamar, sob convicção de pecado: "Que faremos, irmãos?" Ora, Pedro estava pregando sob o poder do Espírito Santo. Ele estava expondo e aplicando as Escrituras. E não se utilizou de qualquer técnica, e nem deixou escoar-se qualquer intervalo entre o sermão e o apelo. De fato, nem ao menos Pedro teve a possibilidade de terminar o seu sermão. A poderosa obra de convicção prosseguia, e fez-se visível da maneira como invariavelmente se faz.

Lembro-me de ter lido a narrativa de certo reavivamento que ocorreu no Congo, em um livro intitulado *This is That* (Isso é Aquilo), particularizando um dos capítulos escrito por um homem a quem conheci pessoalmente. Ele já vinha atuando como missionário evangélico, no coração da África, por vinte anos, e a cada reunião, virtualmente, fizera apelos ao povo para que viesse à frente e se decidisse pelo Evangelho, em resposta à sua mensagem. Pouquíssimos haviam atendido, e ele estava de coração partido de tristeza. Ele pressionava os ouvintes e lhes fazia rogos, e fazia tudo quanto é habitual entre os evangelistas; e, no entanto, não obtinha resposta favorável. Então, de certa feita, ele teve de afastar-se para uma parte distante do distrito do qual estava encarregado. Enquanto estava ausente, irrompeu um reavivamento na área central de seu distrito. A sua esposa lhe enviou uma mensagem, relatando o que estava sucedendo. A princípio ele não gostou do que acontecia. Não o alegrava ouvir falar acerca daquilo, porque tudo sucedera enquanto ele não estava presente — todos nos inclinamos a sermos culpados de tal orgulho. Não obstante, precipitou-se de volta, no intuito de controlar o que sentia ser uma explosão de emocionalismo ou alguma espécie de "fogo fátuo". Tendo regressado, reuniu o povo no templo, e começou a pregar. Para seu completo espanto, e antes de estar a meio caminho de seu sermão, as pessoas começaram a vir à frente, sob profunda convicção de pecado. Aquilo que ele tentara levá-los a fazer por vinte anos e não conseguira, agora faziam-no espontaneamente. Por quê? Porque o Espírito Santo estava realizando a obra. Sua atuação sempre se torna manifesta. Assim deve suceder, necessariamente, e assim sempre sucederá. Certamente isso não requer demonstração e nem argumento em seu favor. A obra de Deus sempre se patenteia, quer na natureza, na criação ou nas almas dos homens.

Já passei por muitas experiências no que tange a esse aspecto da questão. Mais adiante, direi alguma coisa sobre o romance da obra do pregador e do ministro do Evangelho; e isso focaliza um dos aspectos da mesma. Lembro-me de como, durante os negros dias da Segunda Guerra Mundial, quando tudo era desencorajador em extremo — os bombardeios haviam dispersado a nossa congregação, e assim por diante — eu estava passando por um período de grande desencorajamento. De repente, recebi uma carta das Índias Orientais Holandesas, que agora têm por nome Indonésia. Fora enviada por um soldado holandês que me dizia que sua consciência o havia espicaçado de tal maneira que, finalmente, resolvera escrever-me para narrar o que lhe havia sucedido dezoito meses antes. Esclarecia-me que viera à Inglaterra, com o Exército Livre Holandês. E enquanto estava aquartelado em Londres, viera aos nossos cultos por diversas vezes. Naqueles dias, ficara convencido sobre o fato de que jamais fora um crente verdadeiro, embora tivesse pensado que o era. Depois disso,

passou por um negro período de convicção de pecado e de desamparo espiritual; mas, eventualmente, pudera ver com clareza a Verdade e desde então muito se regozijava. Nunca viera contar-me o que se passara consigo, por diversas razões; mas agora me participava de tudo em sua carta.

Minha reação a essas coisas é a seguinte. Que importa se eu vier a saber ou não do resultado da pregação? Naturalmente, isso tem seu valor, do ângulo que serve de encorajamento para o obreiro cristão. Mas não têm valor algum, do ponto de vista da própria obra. A obra foi realizada, e ela se patenteou, e continuava a manifestar-se na vida daquele soldado antes mesmo dele haver-me escrito. E é isso que realmente importa.

Graças a Deus, tenho constatado a repetição dessa experiência nestes últimos tempos. Tendo-me aposentado de um pastorado ativo, e podendo viajar por muitos lugares, por restar-me mais tempo, tenho encontrado pessoas, em vários lugares da Grã-Bretanha, que me vêm dizer que se converteram enquanto me ouviam pregando. De nada eu soubera antes desses episódios, mas eles tinham acontecido há muitos anos, no passado. Por exemplo, eu pregava no templo de certo pregador, há exatamente *dezoito meses passados. Enquanto me apresentava à sua congregação*, ele narrou em breves pinceladas a sua história espiritual, e, para minha total surpresa, fiquei sabendo que eu havia desempenhado um papel vital na mesma. Aquele homem fora um profissional muito bem qualificado, que deixara a sua profissão e se tornara o pastor daquela Igreja. Ele contou aos circunstantes como, em uma quente noite de verão, no mês de junho, ao andar sem rumo por uma rua de Londres, ouviu o som de cânticos que provinham da Capela de Westminster. Entrou e permaneceu ali até o fim da reunião. "Saí dali", declarou ele, "um novo homem, nascido de novo, regenerado". Antes daquela oportunidade ele fora completamente ignorante sobre tais coisas; e, na verdade, inclinara-se por desprezá-las e eliminá-las de suas cogitações. Ora, aquela era a primeira vez que eu ouvia falar de tais acontecimentos, embora tudo tivesse ocorrido em 1964. Porém, que importa isso? O importante é que, visto ser o Espírito aquele que realiza tal obra, trata-se de uma obra real, sólida; e ela sempre tende por manifestar-se.

Passo agora a firmar como meu décimo ponto que nenhum pecador chega realmente a "decidir-se em prol de Cristo". Esse vocábulo, "decidir-se", a mim sempre me pareceu bastante errado. Com freqüência tenho ouvido pessoas usarem expressões que me parecem perturbadoras, que me deixam muito infeliz. Geralmente usam-nas em sua ignorância, e com a melhor das intenções. Posso pensar em um idoso cavalheiro que costumava dizer o seguinte: "Meus amigos, eu me decidi ao lado de Cristo faz quarenta anos, e nunca me arrependi disso". Quão terrível é dizer, "Nunca me arrependi!" Mas esse é o tipo de declaração que fazem as pessoas que têm sido criadas no Evangelho debaixo desse ensinamento e desse método. Um pecador nunca "se decide" em favor de Cristo; o pecador "foge" para Cristo, em total desamparo e desespero, dizendo —

> Infrator, à fonte corro,
> Lava-me, Senhor, ou morro.

Ninguém vem verdadeiramente a Cristo, a menos que se atire nEle como seu único refúgio e esperança, seu único meio de escape das acusações da própria consciência e da condenação ante a santa lei de Deus. Nenhuma outra coisa é satisfatória. Se um homem qualquer disser que, tendo pensado sobre a questão e havendo considerado todos os lados envolvidos, terminou por decidir-se ao lado de Cristo, e se o fez sem qualquer emoção ou sentimento, não poderei aceitá-lo como homem que foi regenerado. Como um coitado que está se afogando não simplesmente "se decide" a pegar na corda que lhe é atirada, mas agarra-se a ela pois esta é sua única escapatória, assim também o pecador convicto não simplesmente "se decide" em favor de Cristo. Tal expressão é inteiramente imprópria.

Entretanto, uma vez mais temos de defrontar-nos com o argumento baseado em "resultados". Mas, "Veja o que acontece", dizem muitos. Ao que me parece, esse é um argumento que pode ser respondido de diversos modos. Um deles é que nós, protestantes que somos, não deveríamos lançar mão do argumento jesuítico de que o fim justifica os meios. No entanto, esse argumento sobre resultados equivale a isso, efetivamente. Mas, deveríamos aprofundar-nos mais, examinando os resultados e as reivindicações que são feitas. Qual porcentagem dessas "decisões" perdura? Já ouvi evangelistas dizerem que nunca esperam que se firme mais de uma décima parte dessas decisões. Eles afirmam isso abertamente. O que então exerceu influência sobre os restantes? E se alguém disser que só importam aqueles dez por cento, por representarem o resultado da operação do Espírito, então replicarei que isso teria acontecido mesmo na ausência de qualquer "convite para virem à frente".

Indo mais adiante, é imprescindível que saibamos fazer a distinção entre resultados imediatos e resultados remotos. Para fins de argumentação, vamos admitir que se verifique certo número de resultados imediatos. Apesar disso, teremos de levar em conta os efeitos e resultados remotos dessa maneira de proceder — o efeito sobre a vida da Igreja local, bem como sobre a vida das Igrejas em geral. A despeito de tudo quanto nos tem sido dito acerca de resultados fenomenais e espantosos, durante os últimos vinte anos, dificilmente poder-se-ia contestar que o nível geral de autêntica espiritualidade, na vida das nossas Igrejas, tem atravessado um seríssimo declínio. Ora, esse é o efeito remoto, o qual é diametralmente contrário àquilo que sempre aconteceu em tempos de reavivamento e despertamento espiritual.

Outrossim, nas reuniões de pastores e em conversa particular com muitos ministros, tenho averiguado que, de modo geral, os ministros acham que seus problemas aumentaram, e não que diminuíram, em anos recentes. Já mencionei o caso de ministros que nem ao menos têm sido convidados por certas Igrejas, por esse motivo. E já teci comentários sobre outros que são criticados pelos próprios membros de suas respectivas Igrejas porque não costumam fazer um "apelo" no fim de cada culto. Essa prática parece haver introduzido uma nova espécie de mentalidade, uma carnalidade que se expressa na forma de um doentio interesse pelos números. Isso também tem criado um desejo pelo que é emocionante, uma quase impaciência diante da mensagem, porquanto todos estão esperando pelo "convite", após a pregação, para que vejam os resultados. Ora, esse estado de coisas, por certo, é muito sério.

Nesta altura, vem participar do quadro geral um outro elemento. Conforme eu já dissera, exprime um fato aquela declaração de que os organizadores dessa espécie de atividade são capazes de predizer, com extraordinária precisão, o número de decisões e resultados que provavelmente conseguirão. Têm até mandado imprimir seus cálculos antes da campanha ter início, e geralmente não erram por grande margem em suas estimativas. Ora, isso é algo perfeitamente inconcebível em conexão com a obra do Espírito Santo. Ninguém sabe o que o Espírito Santo haverá de fazer. "O vento sopra onde quer. . ." Nada pode ser predito, nada pode ser antecipado. Os maiores pregadores e santos, com freqüência, têm tido cultos difíceis e estéreis quanto aos resultados numéricos, e têm deplorado esse fato. E mesmo em períodos de reavivamento, há dias e reuniões em que coisa alguma acontece, em absoluto; mas no dia seguinte, talvez, eis que ocorre um avassalador derramamento de poder. Por conseguinte, o próprio fato que se pode mais ou menos antecipar e predizer o que provavelmente sucederá, serve de indicação de que tal método não se molda ao que sempre caracterizou a obra do Espírito. Por outro lado, confio que tenha ficado claro que, em tudo quanto acabo de dizer, não estou pondo em dúvida os motivos ou a sinceridade daqueles que se utilizam desses métodos, e nem que não tenham havido conversões genuínas, pois preocupei-me tão somente em mostrar por quais razões eu mesmo não tenho empregado essa técnica.

Portanto, você perguntará, o que se deveria fazer? Eu mesmo situo a questão nestes termos. O apelo deve fazer parte integrante da própria Verdade, da própria mensagem. Enquanto você estiver proferindo um sermão, deveria estar fazendo constantes aplicações da mensagem, sobretudo, como é natural, na última fase, quando chegarem à aplicação final e ao clímax do sermão. Mas o apelo deve fazer parte da mensagem; deve ser assim, inevitavelmente. O sermão deve ter a capacidade de fazer os homens perceberem ser essa a única coisa que pode ser feita. O apelo deve estar implícito ao longo de todo o corpo do sermão, bem como em tudo quanto o pregador faz. E eu diria, sem qualquer hesitação, que um apelo distinto, separado e especial no fim do sermão, após certo intervalo, ou após um hino, só deveria ser feito se o pregador tiver plena consciência de alguma imposição avassaladora do Espírito de Deus para que ele assim faça. Se alguma vez eu sentir tal coisa, fá-la-ei; mas somente então. E mesmo num caso desses, a maneira pela qual o farei não será convidando as pessoas para que venham à frente. Simplesmente participarei aos presentes que me ponho à disposição para conversar com qualquer pessoa que queira entrevistar-me, no fim da reunião ou em qualquer outra oportunidade. De fato, acredito que o ministro sempre deveria anunciar, de alguma maneira ou forma, que ele está pronto para conversar com qualquer pessoa que queira conversar com ele a respeito de sua alma e de seu destino eterno. Isso pode ser dito por meio de um cartão posto em cada assento — assim tenho agido eu mesmo — embora você possa fazê-lo usando qualquer outro esquema. Faça-se disponível, deixe bem claro que está à disposição dos interessados, e assim você descobrirá que as pessoas que sentiram a convicção de pecado, virão falar com você porque se sentem infelizes. Não é infreqüente que elas receiam voltar para casa do mesmo jeito. Já vi casos de pessoas que, depois de estarem a meio caminho de casa, voltaram para conversar comigo, na igreja, por não poderem

tolerar o senso de convicção de pecado e de infelicidade; a agonia delas era grande demais.

Ou então, se tiverem encontrado a salvação e agora se rejubilam nela, haverão de querer revelar-lhe o acontecido. Cada pessoa fará isso no seu próprio tempo; permita-lhe a liberdade de fazê-lo. Não procure forçar tais coisas. Essa é uma obra do Espírito Santo de Deus. A obra dEle é completa, e também é duradoura; e, por essas razões, não nos devemos impacientar e ansiar à cata de resultados. Não estou dizendo que essa ânsia seja desonesta, mas digo que ela é um erro. Precisamos aprender a confiar no Espírito, dependendo da Sua atuação infalível.

Capítulo Quinze

OS ARDIS E O ROMANCE

Resta ainda certo número de questões avulsas às quais devo fazer alusão. Uma delas refere-se ao problema de repetir um mesmo sermão. Não há nisso nenhum grave problema, apesar de que sei que alguns crentes se surpreendem ante o fato de que um pregador repita um sermão. Parece que pensam que isso quase se torna pecaminoso; e é por esse motivo que precisamos examinar essa questão.

Quando falo em repetir um sermão, obviamente não estou pensando em repetir o mesmo sermão na mesma igreja e para as mesmas pessoas. Refiro-me a usar um sermão que já havíamos pregado em nossa própria igreja, pregando-o algures, quando somos convidados a pregar em período de férias ou em alguma ocasião especial. No que toca a repetir um mesmo sermão em uma mesma igreja, sinto grande dificuldade em compreender como é possível que alguém pudesse fazer tal coisa. Pessoalmente, eu me sentiria por demais autoconsciente se o fizesse. Todavia, há homens que já praticaram algo assim. Um organista revelou-me que ouvira certo pregador pregar seu famoso sermão sobre "Balaão e sua jumenta" por nada menos de sete vezes, na igreja onde ele era organista; e podia recitar palavra por palavra certas porções daquele sermão. Nada mais preciso dizer sobre isso. Também fui informado a respeito de um bem conhecido pregador norte-americano que tinha por costume repetir certo sermão específico a cada ano, quando era ministro em Filadélfia. Todos os membros da Igreja sabiam que ele faria isso, e costumavam esperar ansiosamente por tal sermão. E também soube que isso era feito a pedido. Pessoas diversas têm solicitado desse ministro que pregue algum sermão específico em diferentes ocasiões, e ele tem atendido a elas por reiteradas vezes. Nada tenho a dizer em favor dessa prática; na realidade, muito tenho a dizer contra ela.

Porém, que dizer sobre pregar um mesmo sermão em outra igreja ou em outras igrejas? Estará envolvido nisso algum princípio? Até onde tenho conhecimento da história dessa particularidade, mediante leituras e conversas, parece ter havido um único homem que repelia tal prática, a saber, Charles Haddon Spurgeon. Portanto, cumpre-nos o dever de dar alguma atenção a essa questão.

Spurgeon não aprovava a repetição de sermões; sempre procurava preparar um novo sermão para cada ocasião. Não obstante, é muito interessante ler o que sucedeu na ocasião em que ele visitou a Escócia pela primeira vez, e pregou em Edimburgo. Aderiu ele ao seu método usual e pregou um novo sermão, apesar de saber que estaria pregando a uma numerosa e curiosa audiência. Mas a mensagem caiu em ouvidos moucos e foi um completo fracasso, e assim Spurgeon enviou para sua casa, em Londres, uma mensagem urgente, solicitando que lhe trouxessem as notas de um sermão que havia pregado no Tabernáculo no domingo anterior! Por conseguinte, Spurgeon teve de retroceder de sua própria norma, em um momento de crise e dificuldade.

Porém, independentemente desse único caso de Spurgeon, até onde tenho cons-

ciência, a tendência inteira de outros notáveis pregadores tem sido a de reiterar os seus sermões. Whitefield fazia isso constantemente, o que também sucedia com João Wesley. Você terá apenas de ler os seus diários para descobrir isso. Deixaram registrado que pregaram este ou aquele sermão sobre este ou aquele texto, e que o pregaram novamente, noutros lugares, por muitas vezes. Fiquei interessado por notar recentemente, em um dos volumes dos diários de Benjamin Franklin, os quais estão sendo republicados, que ele reivindicava ser sempre capaz de dizer quando Whitefield estava pregando um novo sermão. Ele podia dizê-lo imediatamente, somente por ouvir e observar o pregador, notando tratar-se de um novo sermão ou se era um sermão com o qual Whitefield estava bem familiarizado, devido a freqüentes repetições. Ele não demonstrava a mesma fluência e liberdade, ao tratar-se de algum novo sermão. Whitefield era muito cuidadoso, particularmente porque era um pregador extemporâneo. Houve, igualmente, um grande pregador galês, falecido em 1921, o qual costumava afirmar, bem definida e deliberadamente, que ele sentia que jamais pregara realmente um sermão, da maneira devida, a menos que já o tivesse pregado por vinte vezes! Apesar de poder compreender bem o que ele queria dizer, não me sinto desembaraçado a respeito. No caso específico daquele pregador, sinto que ele tinha certa tendência de tornar-se mais um retórico ou declamador dramático.

Nessa conexão, também me lembro de excelente resposta que de certa feita foi dada por um outro grande e idoso pregador, a alguém que viera queixar-se a ele que acabara de ouvi-lo pregar um mesmo sermão pela terceira vez. Mas ele não o reiterara no mesmo lugar, e, sim, em lugares diversos. O ouvinte era uma daquelas pessoas que seguem um pregador de lugar para lugar; e tais pessoas podem tornar-se um embaraço! Quando aquele homem apresentou tal queixa, o valoroso e idoso pregador olhou para ele, e perguntou: "E você já o pôs em prática?" O seu interlocutor vacilou na resposta. "Muito bem", juntou o pregador, "continuarei a pregar aquele sermão até que você o ponha em prática".

Essa é uma resposta satisfatória, até certo ponto; porém, justifica realmente essa prática? Acredito que sim, e eu também a defenderia nos mesmos termos. Afinal de contas, um sermão não é apenas uma declaração da Verdade, ou uma declaração de certo número de Verdades. Também, não é, de conformidade com a minha definição, somente a exposição de uma passagem qualquer: é muito mais do que isso. Se fosse apenas uma exposição, e nada mais, então eu me aprestaria a admitir que é perfeitamente válida a objeção contra a repetição de sermões. Contudo, se aceitarmos a definição de um sermão como uma mensagem e um dever, como uma entidade, como uma mensagem completa em si mesma, com sua forma e suas maneiras específicas, então penso que muito se pode dizer em prol da repetição do mesmo sermão em diversos lugares. Minha razão principal para dizer tal coisa, e por certo essa é a experiência de todo pregador, é que algumas mensagens são dadas ao pregador de maneira especialíssima. Já fiz alusão a isso. Alguns sermões são conferidos ao pregador com uma clareza incomum; até parece que a própria ordem dos pontos a serem apresentados lhe foi outorgada; tudo parece ter sido um dom direto da parte de Deus. Outrossim, o pregador descobre que tal mensagem é honrada e usada pelo Espírito, talvez para a conversão de alguém, ou como meio de bênção especial para outros. Quanto a isso

não restam dúvidas; todo pregador pode dar seu testemunho a esse respeito. Portanto, pergunto: Por que um sermão dessa ordem não poderia ser repetido? O indiscutível é que o pregador deveria ter como uma de suas grandes preocupações dar o melhor que está ao seu alcance, o melhor que ele possui. Portanto, sem dúvida alguma é perfeitamente legítimo a um pregador selecionar seu melhor sermão e pregá-lo ao povo.

Existe ainda um outro argumento. Assumindo o ponto de vista que aqui advogo a respeito dos sermões e da pregação, você perceberá que os sermões evoluem e se desenvolvem em resultado de serem pregados. Ninguém consegue ver tudo, quando está preparando um sermão em seu escritório; mas o pregador percebe outros aspectos quando se põe a pregá-lo, e assim tal sermão cresce e se desenvolve. Trata-se de questão das mais interessantes e fascinantes. Falo de novo apoiado em minha experiência própria, e também estribado naquilo que tenho escutado de terceiros. Lembro-me de um pregador que me contou, certa ocasião, como um senso de alarma o assaltou subitamente. Aquele homem era grande admirador de um outro pregador. Ele mesmo era bom pregador, mas não se notabilizara e nem se tornara popular como aquele que admirava. Entretanto, por ser homem bom e humilde, era admirador sincero daquele outro pregador. Em certa oportunidade, ele se fez presente a um grande sínodo; e era costume que o último dia de cada sínodo fosse dedicado à pregação. Os grandes pregadores sempre eram convidados a pregar em tais ocasiões. O grande herói do meu amigo levantou-se para pregar; e disse o meu amigo: "Para meu desalento, ouvi que ele anunciava um determinado texto. Na realidade, comecei a sentir-me agoniado e adoentado, porque" continuou ele, "eu tinha ouvido meu amigo pregar sobre aquele texto em minha própria igreja cerca de três meses antes, em certas reuniões especiais. Naquela oportunidade eu sentira que o tal sermão não estava bem à altura de seus padrões usuais. Assim, quando o ouvi anunciar seu texto, naquela grandiosa ocasião, fiquei desalentado e cheio de ansiedade por causa de sua reputação". E prosseguiu: "No entanto, eu não precisava ficar perturbado. Aquele seu sermão havia crescido e se desenvolvido e agora estava quase irreconhecível. Eu ainda pude reconhecer o antigo esboço, mas agora se transformara em um sermão verdadeiramente grandioso, que ele pregou com poder imenso. O extraordinário naquele idoso homem", acrescentou ele, "é que os seus sermões crescem; desenvolvem-se da forma mais notável". E ele contrastou isso com os seus próprios sermões, asseverando: "Os meus sermões não evoluem". É que ele se preparava tão criteriosa e meticulosamente, escrevendo cada palavra, que, em certo sentido, os seus sermões não eram capazes de desenvolver-se. O mesmo não sucedia com o outro pregador, e por isso seus sermões podiam crescer e desenvolver-se. O resultado disso é que embora tal pregador vivesse pregando basicamente o mesmo sermão, em muitos outros sentidos não se tratava do mesmo sermão; tornara-se um sermão melhor, mais completo, um sermão maior.

E não somente isso; mas uma vez mais se levanta toda a questão do relacionamento entre o sermão e a pregação. Conforme já tenho confessado, é dificílimo definir isso; mas está bem de acordo com a experiência dizer que, à medida em que nos familiarizamos com um sermão, maior será a eficácia que exibiremos na

enunciação daquele sermão. Há menos senso de tensão, e não nos preocupamos tanto em relembrar o que devemos dizer em seguida. É que teremos alcançado certa dose de liberdade por já estarmos afeitos ao material, de um modo que seria impossível quando o pregamos pela primeira vez. Portanto, por todas essas razões eu diria que é algo perfeitamente legítimo pregar o mesmo sermão, quando sentimos que há algo de excepcional no mesmo, até onde isso nos diz respeito, quando sentimos que o mesmo comunica uma mensagem real, e quando é abençoado e usado por Deus. De fato, fazer isso é prestar um benefício às pessoas que ouvirão esse sermão.

Alguém, todavia, poderia indagar: "Mas, sendo assim, por quantas vezes se deveria repetir este mesmo sermão?" Eis uma pergunta bastante difícil de responder. Meu distinguido e famoso predecessor, o Dr. G. Campbell Morgan, não sentia pejo algum por causa disso. Lembro-me de tê-lo ouvido, certo dia, e foi assim que ele começou. Disse ele: "Sabemos que a confissão é boa para a alma. Portanto, eu bem poderia dizer a todos vocês, agora, antes de começarmos, que nesta manhã pregarei este sermão pela centésima décima nona vez".

Por quantas vezes conviria reiterar o mesmo sermão? Tudo quanto posso dizer é o seguinte: não se trata de uma questão de cifras ou de mera estatística. O Dr. Campbell Morgan tinha o cuidado de assentar, no envelope onde guardava as suas notas, o número de vezes que já pregara um sermão, e também em que lugar o fizera. Era uma boa prática. Quanto ao número de vezes, entretanto, não se trata de uma questão mecânica; e quanto a isso só existe uma regra, em minha opinião. Interrompa a pregação de um sermão qualquer quando o mesmo deixar de tomar conta de você, quando deixar de comovê-lo, quando deixar de ser um meio de bênçãos para você mesmo. A essa altura, não mais o pregue; porquanto daí por diante, a pregação desse sermão será mecânica, e, de fato, poderá tornar-se mero "desempenho". Nada poderia ser pior do que isso.

De certa feita ouvi um homem, em uma grande conferência bíblica, nos Estados Unidos da América, repetir um sermão a pedido de muitas pessoas. Ele tinha um grande sermão a respeito do Senhor Jesus Cristo, que se desenvolvia em termos das letras do alfabeto, de "A" até "Z". Naturalmente, tratava-se de um sermão bastante longo. Ao ouvir o sermão, preciso confessar que o efeito que ele teve sobre mim não foi levar-me a contemplar a glória do Senhor e nem a sentir-me agradecido. Senti que o seu desempenho andava perto de ser uma blasfêmia. O pregador precipitava-se na enunciação do sermão. Era forçado a fazê-lo, para que tivesse tempo de completar o sermão. Além disso, tinha de partir do lugar da conferência logo após a reunião, motivo pelo qual tinha de falar tão depressa. Grandes e gloriosas verdades eram proferidas mecanicamente. Muitos dos presentes já tinham ouvido aquele sermão por muitas vezes, e por essa razão consideravam-no maravilhoso. Por certo era um sermão muito bem feito, uma espécie de acróstico; para mim, entretanto, tudo não passou de um mero desempenho, o qual levou as pessoas não a admirar e nem a adorar ao Senhor, mas a admirar a memória e a habilidade do pregador. Jamais deveríamos ter uma mera encenação; e nunca poderíamos exprobar de modo suficiente tal coisa.

Gostaria, igualmente, de estabelecer algumas outras advertências. Se você chegar a repetir um sermão desse modo, então terá de evitar determinadas coisas.

Existe a história de um bem conhecido pregador — bem conhecido tanto nos Estados Unidos da América quanto na Grã-Bretanha — que preparava mui cuidadosamente os seus sermões, escrevendo-os integralmente, e que geralmente os lia enquanto pregava, embora sem chamar atenção para isso. Ele se interessava particularmente por palavras e por suaves nuances de significação. Era famoso quanto a isso. A história prossegue, e diz-se ser verdadeira, que em certa ocasião um certo caixeiro-viajante visitava a cidade onde o tal homem então ministrava; e no domingo pela manhã ele foi ouvir o famoso pregador. Ao sair dali, sentia que acabara de ouvir o maior sermão que escutara em toda a sua vida. E o que o impressionara particularmente era algo que aconteceu à meia altura do sermão. O grande pregador fez uma pausa dramática e disse: "Ora, qual é a palavra que quero aqui?" Então ele mencionou uma palavra: "Não; ela chega perto, mas não é precisamente exata". Então ele experimentou outro vocábulo. "Não, ainda não é a palavra exata". E então, mui dramaticamente: "Ah, eis aqui está exatamente a palavra que transmite o sentido exato". O visitante pensou que isso foi maravilhoso. Nunca ouvira qualquer coisa semelhante. No fim da semana seguinte, aquele mesmo caixeiro-viajante encontrava-se em cidade e em região do país inteiramente diferente. Examinou o jornal de sábado à noite para ver quem pregaria na manhã seguinte, e, para sua grande satisfação e deleite descobriu que aquele pregador estava escalado para pregar na reunião de aniversário de certa igreja. Naturalmente, para ele não restava dúvidas sobre onde ele deveria ir na manhã seguinte. Ele foi àquela igreja; e chegado o momento de começar o sermão, foi anunciado o texto; tratava-se do mesmo texto do sermão do domingo anterior. O caixeiro-viajante ficou um tanto decepcionado, mas pensou que bem valia a pena ouvir de novo aquele sermão. Todavia, à meia altura do sermão, houve idêntica pausa dramática e a mesma pergunta: "Qual é a palavra de que eu preciso aqui?" etc. O caixeiro-viajante, desgostoso, levantou-se e foi embora, jurando que nunca mais haveria de ouvir aquele pregador.

Portanto, se você tiver de repetir algum sermão, evite cair nesse ardil. Coisas assim é que têm prejudicado tanto a pregação; é uma desonestidade. O orador sabia qual era a palavra que queria, quando fez aquela pergunta. No entanto, ele preferiu dar a impressão que ela lhe ocorrera repentinamente.

Tenho muito maior simpatia pelo idoso pregador a quem conheci pessoalmente, um homem bom e idoso que prestara serviço fiel em sua igreja local, durante muitos anos. Não era grande coisa como pregador, mas foi-lhe outorgada a grande honraria, quando já ia bem avançado em anos, de ser-lhe solicitado que pregasse no que era chamado de associação trimestral. Muitos pregadores consideravam isso um privilégio ambicionado, e por certo era a maior honraria que poderia ser prestada a qualquer deles. Essa grande honra, finalmente, coubera ao homem idoso; e, como era costumeiro em tais ocasiões, ele era um de dois pregadores. Assim, pois, os dois pregadores subiram juntos ao púlpito. Enquanto eram entoados os hinos, o outro pregador observou que o homem idoso estava perscrutando a congregação, mirando cuidadosamente cada pessoa dos diversos bancos. Portanto, sussurrou-lhe, enquanto era entoado um dos hinos: "O que você está fazendo? Você está querendo ver se há alguém presente que já ouviu antes o seu sermão?" "Não", respondeu o idoso homem,

"estou observando para ver se há alguém que ainda não o ouvira antes!" Se um sermão seu já tiver sido ouvido antes por muitas pessoas, não o pregue novamente.

Lembro-me bem da última vez em que ouvi certo bem conhecido pregador. Quando ele anunciou o seu texto, o ministro sentado ao meu lado, na congregação, fez para mim um gesto com a cabeça e disse: "Vamos fazer uma excursão esta noite". Disse eu: "Sim, sei que vamos". "O quê?", disse ele, "Então você também já ouviu esse sermão?" Retruquei: "Já o ouvi pregá-lo por três vezes em sua ex-igreja; e também já o li por diversas vezes, no jornal que ele publica". O fato é que a maioria das pessoas presentes na ocasião — era uma conferência que se constituía principalmente de ministros e diáconos provenientes de todas as regiões do país — já tinha ouvido aquele sermão, e provavelmente já o lera por mais de uma vez.

Por que os homens costumam fazer coisas assim? Sejamos justos acerca de tudo isso. Não se precipite em condenar mui facilmente esses homens, a fim de que não se encontre em idêntica dificuldade algum dia, e suas próprias palavras se voltem contra você. Há muitas razões para tanto. Uma delas é a preguiça, naturalmente. Isso jamais servirá de desculpa, e não deve ser usado como argumento. Mas, algumas vezes, tudo cresce até transformar-se em autêntico pânico. Consegui a revelação, da parte daquele homem que acabo de mencionar que, naquele dia ele estava em uma espécie de pânico. Disse ele a alguns de nós, terminada aquela reunião, que havia preparado um sermão especial para aquela grandiosa ocasião. Entretanto, ele não se sentira muito bem de saúde no fim da semana; e assim, chegado o instante de subir ao púlpito, perdera a sua confiança no novo sermão e, em um momento de pânico, preferira depender de sua antiga obra-prima. Infelizmente, ele já se tornara culpado de fazer isso com grande freqüência. Naturalmente, não se pode excluir certo elemento de soberba em tudo isso. Um homem pode estar muito mais preocupado com a sua própria reputação como pregador do que em comunicar a Verdade ao povo. Trata-se de uma questão sutil; e jamais deveríamos permitir que o orgulho assumisse o comando. Por conseguinte, se você tiver de repetir certos sermões, mantenha um registro do que estiver fazendo; pois, em caso contrário, quase certamente terminará por se ver metido em graves dificuldades.

Encerro esta seção com um outro episódio, que envolve exatamente esse homem ao qual acabo de aludir, e que não mantinha qualquer registro dessa natureza. Conversava eu certo dia com o ministro de uma grande congregação de uma populosa cidade do interior. Falávamos justamente sobre aquele citado pregador, e meu interlocutor disse: "Sim, convidei-o para vir pregar no aniversário da minha igreja, há alguns anos passados. Ele pregou sobre aquele texto que diz: 'Participa dos meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus'. Bem, todos pensávamos ser a maior pregação que já ouvíramos. Portanto, quando no ano seguinte, levantou-se a questão de quem deveríamos convidar como o pregador de nosso aniversário, não houve qualquer discussão. Antes, todos concordamos prontamente que deveríamos convidar o mesmo homem. Escrevemos para ele e ele aceitou o convite, e veio no segundo ano. No grande dia, ele se levantou para pregar e anunciou o seu texto — 'Participa dos meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus'. Bem, mesmo assim a pregação foi muito boa, e nós pudemos apreciá-la muito, embora tivéssemos ficado

um tanto desapontados. Quando chegou a hora de decidir sobre qual pregador convidaríamos para nosso terceiro aniversário, houve bastante debate. Alguns desejavam convidar o mesmo homem, mas outros se opunham, em face do que ele fizera. Não obstante, após intensa discussão, ficou decidido que lhe daríamos outra chance — todos incorremos em equívocos, vez por outra, e por isso não deveríamos condená-lo por causa de um deslize. Assim sendo, lá veio ele no terceiro ano, e anunciou o seu texto: 'Participa dos meus sofrimentos, como bom soldado de Cristo Jesus'. Por aquela altura" concluiu meu amigo, "realmente já estávamos sentindo que estávamos 'sofrendo', e por isso nunca mais o convidamos!" A lição que disso se depreende, é: *Mantenha um registro.*

Agora enfocaremos outro assunto que considero extremamente interessante, a saber, o caráter dos sermões. O que quero dizer com isso é que cada sermão tende por ter um caráter todo seu. Trata-se de questão das mais misteriosas. O pregador preparou o sermão, foi ele quem o compôs; mas, no entanto, o sermão parece revestir-se de um caráter todo individual. Fiquei muito interessado ao saber, durante longo e fascinante diálogo que tive recentemente com um romancista, que ele já descobrira exatamente a mesma coisa, acerca do caráter de seus romances. "Tenho grandes dificuldades com eles", disse ele, Ele não conseguia manter alguns deles em seus devidos lugares; antes, sentia que eles se inclinavam por manuseá-lo. A despeito de serem criações suas, eles tinham um caráter tal, com individualidade e personalidade muito próprias, que praticamente o controlavam, ao invés dele mesmo controlá-los. Exatamente a mesma coisa ocorre com os sermões. Como explicar esse fenômeno, não sei dizê-lo, mas trata-se de fato indiscutível. Alguns sermões virtualmente pregam a si mesmos, e ao pregador bem pouco resta fazer; eles como que pregam a si mesmos, e jamais nos decepcionam.

Desafortunadamente, isso só se dá com alguns deles; existem outros — e não sou capaz de explicar a diferença entre eles — que requerem um manuseio extremamente cuidadoso; e se não usarmos de cuidado no seu manuseio, por pouco eles não nos matarão. Já preguei sermões que quase me exauriram já na introdução; e tive de passar muito tempo para conhecê-los e compreendê-los a contento, para que pudesse manuseá-los com correção, a fim de que não me manipulassem e não me dominassem. Por várias vezes tenho feito sermões que me arrebataram de tal modo na introdução que, quando chegou o momento de abordar algo realmente importante, sobretudo o clímax, descobri que já estava muito cansado e exausto, não podendo apresentar o assunto com justiça.

Em cada sermão se pode verificar um caráter bem definido; e você terá de familiarizar-se bem com o seu sermão. Esse é um ponto de grande valor. Lembro-me de um velho pregador — ele já estava no fim de seus dias, quando eu ainda era muito jovem — que sempre comparava os sermões com cavalos. Na sua juventude, ele montara em muitos cavalos, como homem do campo que era; e invariavelmente, ao falar sobre sermões e sobre a pregação, ele se utilizava da analogia da arte de montar a cavalo. Lembro-me de tê-lo ouvido dizer de certa feita, após um culto bastante ruim: "O velho sermão derrubou-me da sela; e desde o princípio eu sentia que acabaria fazendo isso. E ali estava eu, deitado em terra". O sermão o derrubara da sela, como se

fora um cavalo. Há em tudo isso uma grande verdade. Por conseguinte, meu conselho é: Procure conhecer bem os seus sermões. Então você conseguirá saber qual o tipo certo de sermão para cada ocasião específica, e também saberá qual o sermão exato para qualquer estado ou condição física em particular em que se achar. Todos esses fatores participam da questão, e se revestem de profunda importância. Para alguns, tais palavras podem soar como se fossem totalmente despidas de espiritualidade; mas asseguro-lhe que elas se revestem de imensa importância prática. Continuamos vivendo "na carne", e temos este tesouro em "vasos de barro". Qualquer consideração que contribua para tornar a pregação mais eficaz, não pode ser desprezada.

Hesitei muito em tecer qualquer comentário a respeito de meu próximo ponto — pregar sermões de outrem. Mas sinto que preciso fazer menção a isso porque estou seguro de que se trata de uma prática em nada incomum. Cabe-me apenas um comentário a fazer sobre o problema — trata-se de algo totalmente desonesto, a menos que você reconheça publicamente o que está fazendo. Nunca pude entender como um homem pode tolerar viver consigo mesmo, quando prega sermões alheios sem reconhecer em público o que está fazendo. Tal homem recebe os louvores e os agradecimentos das pessoas, e, no entanto, sabe perfeitamente bem que tal sermão não é de sua lavra. Ele não passa de um gatuno e de um ladrão; ele é um grande pecador. Mas, conforme eu dizia, o que me admira é que tal homem possa tolerar a si mesmo.

Quanto a esse assunto, há alguns aspectos estranhos que nos chamam a atenção. Por exemplo, há um famoso episódio que envolveu Spurgeon e um dos estudantes de seu colégio, o qual foi trazido à sua presença, para que fosse repreendido, em certa ocasião. Eis a história. Aquele jovem vinha pregando em diversas igrejas, aos domingos, e já haviam chegado notícias acerca da sua pregação, àquele colégio. Alguns diziam que sua pregação era excelente; mas também tinham começado a surgir algumas críticas no sentido de que o jovem vivia repetindo nas suas prédicas certo sermão do Sr. Spurgeon. Naturalmente, o diretor do colégio tinha forçosamente de cuidar do problema; e, por isso, mandou chamar o jovem. O diretor lhe disse: "Ouvi dizer que ultimamente você anda por aí pregando um dos sermões do Sr. Spurgeon. É verdade?" O moço replicou: "Não, senhor, não é verdade". O diretor continuou a pressioná-lo por algum tempo, mas ele persistia em afirmar não ser isso uma verdade. Essa situação prosseguiu por algum tempo, até que, finalmente, o diretor sentiu que a única coisa que lhe restava fazer era levar o jovem à presença do próprio Sr. Spurgeon. Assim sendo, foram vê-lo juntos, e o caso foi exposto ao Sr. Spurgeon. "Ora, ora", disse-lhe Spurgeon, "você não precisa ficar assustado. Se for honesto, não será punido. Todos somos pecadores, mas queremos chegar aos fatos. Você vem pregando um sermão sobre tal texto?" "Sim, senhor". "E você tem dividido o material desta maneira?" "Sim, senhor". "E você afirma que não tem estado a pregar um sermão meu?" "Assim é, senhor".

Esse interrogatório se estendeu por algum tempo, até que o Sr. Spurgeon já estava começando a sentir-se um tanto impaciente; portanto, disse ao jovem: "Bem, você está dizendo que esse sermão foi de sua lavra, por conseguinte?" "Oh, não, senhor", replicou o jovem. "Bem, nesse caso, de quem é o sermão?" "É um sermão de William

Jay, de Bath, senhor", disse o estudante. Ora, Jay foi um famoso pregador em Bath, nos primórdios do século passado, e alguns de seus sermões haviam sido impressos em dois volumes. "Espere um minuto", disse Spurgeon. E, voltando-se para a sua biblioteca, puxou de uma estante um de seus volumes. E lá estava o sermão, o sermão exato — o mesmo texto, as mesmas divisões, tudo era a mesma coisa! Que sucedera? O fato é que o Sr. Spurgeon também pregara um sermão de William Jay, e chegara mesmo a imprimi-lo, juntamente com outros sermões propriamente seus. A única explicação do Sr. Spurgeon para isso é que já se tinham passado muitos anos desde que ele lera os dois volumes de sermões de Jay, esquecendo-se inteiramente daquele sermão em particular. Podia dizer, com toda a honestidade, que não tinha consciência do fato que, ao pregar aquele sermão, estava pregando um dos sermões de William Jay. Estava registrado inconscientemente em sua memória. O estudante foi absolvido da acusação de estar pregando um dos sermões do Sr. Spurgeon, apesar do que continuava culpado de plágio!

Existe uma outra história muito boa, que repito aqui para consolo de qualquer pregador em necessidade, ou de qualquer homem em estado de desespero — os pregadores leigos em particular. Trata-se de outro episódio que envolve Spurgeon, o qual, conforme é conhecido, era dado a fases de depressão. Ele sofria de gota, e essa condição com freqüência é acompanhada por certo elemento de depressão. Durante um daqueles períodos, Spurgeon sentia-se tão deprimido que sentia que não era capaz de pregar, e, de fato, que não era apto para pregar. Portanto, recusou-se a pregar no Tabernáculo, no domingo seguinte, e retirou-se para o interior do país, para sua antiga casa em Essex. No domingo pela manhã ele se arrastou até um assento, no fundo de um minúsculo templo, onde freqüentara a igreja quando menino. Um pregador leigo estava pregando naquela manhã, e o pobre homem passou a pregar um dos sermões impressos do Sr. Spurgeon. No momento em que o bom homem terminou Spurgeon precipitou-se para ele, com lágrimas a verter-lhe rosto abaixo, e agradeceu-lhe profusamente. O pobre homem disse: "Sr. Spurgeon, não sei como olhá-lo de frente. Acabo de pregar um de seus sermões". "Não me importa de quem é o sermão", disse o Sr. Spurgeon, "pois tudo quanto sei é que a sua pregação desta manhã me convenceu de que sou um filho de Deus, de que estou salvo pela graça, de que todos os meus pecados estão perdoados, e de que fui chamado para o ministério; e estou pronto para voltar e começar a pregar novamente". Seu próprio sermão, através dos lábios, da boca e da língua daquele pregador leigo, fizera aquele milagre para ele. Segundo eu penso, esta é a única justificativa para tal prática.

Não obstante, seja-me permitido adverti-lo para que exerça cautela. Atravessei o Atlântico, em 1937, na companhia do querido e idoso santo e evangelista, Mel Trotter, de Grand Rapids. Após uma vida de pecado e opróbrio, ele se convertera de maneira gloriosa, tendo-se tornado superintendente de uma grande obra e da Rescue Mission Hall (Missão de Auxílio aos Marginais). Contou-me com grande satisfação o seguinte episódio. Estivera trabalhando arduamente durante certa semana, falando, organizando a obra e aconselhando a muitas pessoas em dificuldade. Ora, ele não era um homem estudioso, e não tivera muito tempo para preparar-se devidamente para o domingo. Já tinha preparado seu sermão para o domingo à noite, mas simplesmente

não podia pensar em coisa alguma para o culto matinal. Teve de recolher-se ao leito, no sábado à noite, naquele estado intranqüilo, sem um sermão sequer para o domingo pela manhã. Por conseguinte, levantou-se bem cedo, na manhã de domingo; mas mesmo assim nada lhe ocorria, e ele não sabia o que fazer. Finalmente, em desespero, resolveu que teria de pregar um dos sermões de seu amigo, o Dr. G. Campbell Morgan. Portanto, subiu ao púlpito e dirigiu a reunião da maneira usual — hinos, leitura bíblica, orações, etc. Quando a congregação estava a pique de terminar o hino antes do sermão, Mel Trotter viu abrir-se uma porta nos fundos do edifício, e, para seu total desalento, entrou Campbell Morgan e sentou-se nas últimas fileiras de bancos! Nada mais restava para ser feito, e Mel Trotter pregou o sermão. Terminada a reunião, Campbell Morgan dirigiu-se a ele e agradeceu-lhe calorosamente pelo sermão. "Que é isso?", disse Mel Trotter, "você não reconhece um de seus próprios filhos, simplesmente porque desta vez está com uma roupagem minha?"

No ano de 1936, no segundo domingo de agosto, estávamos gozando um dia de feriado, em família, na porção oeste do País de Gales. A única igreja que ali existia era a igreja anglicana, pelo que fomos até ali com o fazendeiro e sua esposa, com quem estávamos hospedados. Quando, eventualmente, o pastor subiu ao púlpito para pregar o sermão, e anunciou o seu texto, então minha esposa fez-me um aceno, porquanto, na realidade, aquele havia sido o primeiro texto acerca do qual eu pregara na Capela de Westminster, na ocasião de minha primeira visita que fiz ao lugar, no último domingo de 1935. Por essa causa, suponho, e porque eu era um estranho nos púlpitos londrinos, aquele meu sermão fora impresso em dois ou três jornais e periódicos religiosos; e a minha esposa, tendo lido os mesmos, conhecia perfeitamente bem aquele sermão. O pastor anunciou o texto, e começou a pregar. Lamento ter de dizer que ele tentou pregar o meu sermão; e ali achava-me eu, ouvindo-o. Ele não me conhecia, e nunca me vira antes. Fiz o que estava ao meu alcance para evitar encontrar-me com ele, durante a semana que se seguiu, mas o nosso hospedeiro fazendeiro trouxe-o até nossa sala, um dia, e fez as devidas apresentações entre nós. Embora eu não tivesse ficado impressionado pela maneira como ele manuseara o meu sermão, era mister que eu agora lhe desse a nota máxima, devido à maneira como manipulou a situação! Sem demonstrar qualquer embaraço, ele olhou-me diretamente nos olhos, e disse: "Alegro-me por conhecê-lo, pois tenho ouvido falar a seu respeito por muitas vezes. Se ao menos eu soubesse que você estava aqui, ter-lhe-ia pedido que oferecesse a mensagem no culto". "Verdadeiramente, ele já têm seu galardão"; eu não o traí. Mas isso é o que poderá acontecer com você, se pregar os sermões de outrem.

Minha esposa sabe duma história que ilustra um outro perigo possível. Dois pregadores vieram, em dois domingos sucessivos, pregar na igreja da qual ela era membro, e pregaram o mesmíssimo sermão. A pergunta era: Qual deles era o seu autor? A resposta provável é — nem um nem outro. A maior probabilidade é que ambos tomaram-no por empréstimo, ou melhor ainda, plagiaram-no. Mas é assim que acabamos sendo apanhados. Mais um comentário — alterar o texto não basta! Qualquer ouvinte dotado de discriminação será capaz de detetar o que você estiver fazendo quanto a isso.

Acrescentar a um sermão plagiado algumas de suas próprias ilustrações ou estórias também não encobre o furto. Conheci um homem que declarava que seu método consistia em ler um sermão de Spurgeon por três ou quatro vezes, alguns dias antes do domingo, para então pregá-lo. "Como você vê", dizia ele, "na realidade não estou pregando um sermão de Spurgeon; ele apenas passou pela minha mente!" É através de artifícios assim que procuramos racionalizar os nossos pecados, mas tais métodos conseguem apenas patentear que tipo de mente nós possuímos.

Apenas mais uma palavra sobre a questão. Se você tiver de pregar o sermão de algum outro homem, se você estiver em real desespero em alguma ocasião e sentir que não há outro recurso e nem pode fazer outra coisa em favor de seus ouvintes, então evite fazer o que fez um pobre pregador que de certa feita pude conhecer no sul do País de Gales. Provavelmente estarei dizendo uma verdade literal ao afirmar que certamente ele nunca esteve fora do País de Gales, talvez nem mesmo na Inglaterra, quanto menos em qualquer lugar do exterior. Esse homem, pois, certo domingo pela manhã, leu o seu texto e começou o seu sermão com as seguintes palavras: "Quando me pus de pé um dia desses, no começo do vale do rio Wyoming..." Noutras palavras, aprenda o que deve excluir, se estiver plagiando. Se o clérigo que pregou aquele meu sermão tivesse um pouquinho de bom senso, jamais teria começado exatamente pela minha primeira frase. Mas foi o que ele fez. Ainda me lembro disso, porque o episódio fixou-se em minha mente. Essa frase dizia: "Um excelente assunto para ser discutido em uma reunião de associação de igrejas. . ." O pastor em pauta nunca efetuou uma reunião de associação de igrejas. Eu já efetuara reunião dessa natureza, e por isso, mui naturalmente, introduzi meu tema dessa forma. Evite coisas dessa ordem, se sentir, em qualquer momento, que deve pregar o sermão de algum outro indivíduo. Mas, se quiser retificar tal ação, então diga aos ouvintes que o sermão se deve à pena de outra pessoa.

Passemos agora, prontamente, para algo de muito maior importância — o romance da pregação! Nada existe que se lhe compare. Trata-se da maior incumbência que há no mundo, a mais emocionante, a mais excitante, a mais recompensadora e a mais maravilhosa. Desconheço outra coisa que lhe possa ser comparável, quanto ao que um homem sente ao subir as escadas do púlpito, munido de um novo sermão, para um domingo pela manhã ou domingo à noite, sobretudo quanto esse homem sente que leva uma mensagem da parte de Deus e anela por comunicá-la ao povo. É algo que ninguém pode descrever. Repetir aquele sermão em outro lugar qualquer jamais rende tantos dividendos. Essa é a razão porque advogo tão ardentemente um longo e regular ministério em um mesmo lugar. Mas temo que jamais serei capaz de experimentar novamente essa sensação, agora que me aposentei do ministério pastoral. Pois nada existe que lhe seja igual. Pode-se sentir muito prazer pregando algures, mas essa experiência especial, que resulta do relacionamento entre o pregador e a sua gente, que resulta da preparação do pregador e de vários outros fatores, é algo peculiar ao ministério regular em uma única igreja.

Um outro aspecto desse elemento romântico consiste nas intermináveis possibilidades envolvidas em um culto. Ou então, se você assim preferir, o elemento de incerteza em um culto. Existe algo de glorioso, mesmo em torno da incerteza;

porquanto, se você realmente é pregador autêntico, nunca saberá, de fato, o que poderá acontecer, quando subir ao púlpito. Se você for conferencista, aí sim, saberá, conforme já expliquei; mas, se for pregador, não o saberá, sob hipótese nenhuma. E passará pelas experiências mais admiráveis. Você poderá subir ao púlpito sentindo-se perfeitamente bem, confiante na preparação e antecipando um bom culto, somente para ter um culto inadequado. Mas há algo de maravilhoso até mesmo nesse dissabor, porque isso demonstra que você não é a única pessoa que está no controle das coisas, afinal de contas. Talvez você chegue a pensar que assim é, mas descobre que isso não é verdade, e ser-lhe-á relembrado que você está "sob Deus".

Mas, quanto ao outro lado da moeda, e graças a Deus por isso, você poderá entrar no púlpito sentindo-se mal, sentindo-se nervoso, cônscio de uma preparação insuficiente, e isso por diversas razões; e, repentinamente, tudo passa a correr bem, incluindo o aspecto físico. O efeito da pregação sobre a própria saúde é algo simplesmente notável. Aqueles que leram os diários de Whitefield terão notado que ele fazia alusões freqüentes a essa questão. Ele não estivera se sentindo bem — provavelmente isso se devia a alguma dificuldade cardiovascular, ou à sua excessiva corpulência, nos seus últimos anos — e então poder-se-á descobrir, em seu diário ou em alguma carta sua dirigida a alguém, uma declaração dele que vai mais ou menos assim: "Não me sentirei bem novamente enquanto não passar por um bom suadouro no púlpito". E isso lhe endireitou as coisas por tantas vezes — "um bom suadouro no púlpito". Já afirmei por freqüentes vezes que os únicos banhos turcos que tomei, foram no púlpito. Isso é algo que acontece mui literalmente, a saber, o pregador se sente completamente revigorado e restaurado à saúde e às forças físicas, através da pregação, de tal modo que ele quase não pode reconhecer a si próprio. Desconheço qualquer outra coisa que produza tal efeito. Sem importar quão débil e abalado possamos estar, ao subir ao púlpito, podemos sair dali homens completamente diferentes.

Quero acrescentar a isso uma certa qualificação, a qual, uma vez mais, trata-se de um ponto que muitíssimo me tem interessado através dos anos. Houve ocasiões em que, em um sábado, eu podia dizer o que sucederia no domingo. Note que eu disse "ocasiões", pois certamente não se trata de uma experiência regular. Quando o pregador se sente arrebatado e comovido, durante a preparação do sermão, geralmente descobre que o mesmo acontece quando está pregando. Enfatizo aqui o fato de que isso tem lugar quando nos sentimos arrebatados e comovidos, e não quando compusemos bem. É depois de havermos sido despertados dessa maneira que a mensagem que estivemos preparando vem com poder sobre nós, fazendo algo em nós; e então o mais provável é que fará a mesma coisa no caso dos ouvintes. Sempre que eu me sentia assim arrebatado e comovido em meu escritório, geralmente eu sabia que algo de extraordinário sucederia no domingo; e geralmente assim era.

Dentro desta seção que fala sobre o romance da pregação, menciono de novo aquilo a que já fizera alusão anteriormente, quando eu dizia que, enquanto pregamos, o tema vai se desenvolvendo. Essa, por igual modo, é uma experiência das mais arrebatadoras e maravilhosas, capaz de infundir no pregador o senso de pasmo. Trata-se de algo deveras extraordinário, e o pregador não parece poder exercer qualquer controle sobre essa questão; tudo meramente acontece. Por diversas vezes tenho des-

coberto que, ao subir ao púlpito com um sermão devidamente preparado, enquanto pregava, meu primeiro ponto, por si só, se desdobrava em um sermão completo. Por muitas vezes subi ao púlpito na consciência de que tinha entre as mãos uma série de sermões que eu antes não percebera. E posto que minha primeira divisão se transformara em um sermão completo, então eu podia ver que a mesma coisa sucederia às demais divisões; e assim me surgia uma série inteira. Ora, eu não tinha notado tal coisa durante a preparação; mas, enquanto pregava, tudo aquilo se descortinava diante de meus olhos.

Não é tudo isso verdadeiramente romântico? Enquanto essas coisas estiverem acontecendo com você, nunca lhe faltará material, você nunca estará rebuscando desesperadamente atrás de um sermão. De fato, você atingirá o estágio em que ansiará para que chegue o domingo seguinte, anelando pelo mesmo. Ora, falo alicerçado na mais pura experiência, e para a glória de Deus. O que o pregador nunca teria pensado, ou mesmo imaginado, repentinamente começa a ocorrer no púlpito, quando está enunciando o sermão; e ele é envolvido por um senso de pasmo, gratidão e alegria indizível. Nada há que se lhe compare.

Entretanto, também existe, por assim dizer, o lado oposto desse tipo de experiência. Tenho passado por momentos em que me sentia restrito, incápaz de pregar a totalidade do sermão que eu havia preparado. Antes, sinto-me impelido a desenvolver e apresentar o sermão de modo modificado, razão pela qual às vezes me tem sido necessário reajustar a série que eu tinha planejado. Ou então, algumas vezes — e estou pensando particularmente sobre uma certa ocasião — tenho descido do púlpito após ter pregado apenas a metade do sermão que preparara. Não pude realmente entender o que sucedera naquela ocasião a que me refiro. Não obstante, aconteceu; e assim, de certo modo, eu já estava preparado para a manhã do próximo domingo. Chegou a manhã do domingo seguinte, e preguei o restante de meu sermão original, parte essa que, por essa altura, já se tornara um sermão em si mesmo. Também descobri que me estava sendo proporcionada uma liberdade incomum. No fim do culto, aproximou-se de mim um homem que me disse haver ali um visitante que muito gostaria de ver-me. Para ele parecia tratar-se de um ministro. Eventualmente, vi aquele ministro que residia a milhares de quilômetros de distância. Estava tão comovido que quase nem podia falar. O que sucedera? Por que estava tão comovido e tocado? Aquele homem tinha a certeza de que Deus o trouxera até ali, por toda aquela distância, a fim de ouvir aquele sermão em particular. Já me referi a esse incidente no preâmbulo de um pequeno volume meu intitulado *Faith on Trial* (Fé no Banco dos Réus); mas vale a pena repeti-lo aqui. Estou certo de que aquele ministro estava com a razão. Mas eis o que me encheu de espanto — se não tivesse procedido no domingo anterior, conforme descrevi acima, e se não tivesse sido impedido de pregar todo o meu sermão, então teria pregado no domingo anterior o que aquele homem agora ouvia. No entanto, eu fora refreado, tendo-me sido permitido pregar apenas a metade do sermão preparado no domingo prévio; a outra metade ficara reservada para agora. Conforme já havia dito, eu tinha me sentido um tanto perturbado ante a ocorrência, mas agora tudo ficara perfeitamente claro para mim. Nós não controlamos a situação; tal controle vem de Deus. É nesse estágio que entra em cena o romance da pregação; não fazemos

qualquer idéia sobre o que poderá acontecer. Eu nunca ouvira aquele homem, e nada, em absoluto, sabia a respeito dele; porém, o que ele ouvia naquela manhã bem pode ter sido preparado especialmente para ele. O que eu havia planejado para a manhã em que ele se fez presente, não lhe teria sido proveitoso, caso eu tivesse seguido meu planejamento original. Pode haver algo que se compare com isso? Há algo tão romântico quanto isso? É esse tipo de coisa que acontece com um pregador; e quanto maior for a nossa experiência a respeito, tanto maior será a nossa admiração, e agradeceremos mais intensamente a Deus por termos sido convocados para tão glorioso ministério.

Alguém poderia indagar, explorando o nível prático: O que se deve fazer, pois, quando repentinamente o pregador se dá conta, enquanto prega, de que isso lhe está acontecendo? Nesses casos, você descobrirá que precisa pensar com rapidez, a fim de levar a bom termo o sermão que estiver enunciando, o qual também se foi desenvolvendo enquanto era pregado. Você terá de transformá-lo em uma entidade autônoma. E terá de reformulá-lo quanto a certos aspectos, fazendo determinadas adições e elaborações, para levá-lo à conclusão e ao clímax. Não poderá deixar tal sermão em estado incompleto; mas antes, precisará desdobrá-lo em seu término lógico, conclusão e aplicação. Tudo isso, como é óbvio, deixa implícito o elemento de liberdade, enquanto se profere o sermão; e a habilidade para tanto vai crescendo na medida da experiência adquirida.

Um outro elemento que faz parte desse romance da pregação é que nunca se sabe quem virá ouvir o pregador. Você nunca saberá o que sucederá àqueles que o estiverem escutando. Pode ser que tal oportunidade sirva de ponto crucial, reorientador, na vida de uma pessoa. Graças a Deus, isso não acontece com raridade. "Os tolos que vieram a fim de escarnecer, ficaram para orar." Homens que têm chegado a uma reunião em estado de total desamparo, têm saído da mesma se rejubilando — convertidos, regenerados, novos homens e mulheres. A vida inteira de tais pessoas é transformada; e você estará envolvido na ocorrência, tendo desempenhado um papel de destaque. Poderia haver qualquer coisa comparável a isso? Nada existe de igual — nada, em absoluto. É a coisa mais maravilhosa que poderia suceder a um ser humano. Você estará colocado ali, entre uma alma e Deus. Questões eternas haverão sido manuseadas, e destinos eternos terão sido determinados.

Uma outra bem freqüente experiência é que você será abordado por pessoas, ao terminar algum culto, que lhe dirão: "Sabe de uma coisa? isso é algo de espantoso: se o senhor conhecesse a minha (ou a nossa) posição, não poderia ter pregado de maneira mais direta para meu caso". Aquele sermão era precisamente o de que aquelas pessoas necessitavam. Algum problema, alguma perplexidade, alguma dificuldade, alguma tragédia as vinha oprimindo, mas você deu a elas as palavras mesmas de que elas precisavam. Tenho um amigo, pastor excelente, que habita em outro país, o qual tem sido perseguido tão constantemente que se viu forçado a mudar-se. Ele e seus familiares tinham tencionado transferir-se para outro país. Todavia, estavam de passagem por Londres, e assim aconteceu que vieram a um de nossos cultos, certa manhã de domingo. Naquele tempo eu nunca ouvira falar sobre eles, e nada sabia a respeito deles. No entanto, fui impulsionado a dizer algo que lhes falou diretamente

do coração. Tudo era apenas parte da exposição do texto escolhido, como aplicação geral do mesmo. Aquele homem virou-se para sua esposa, e ela se virou para ele, terminada a pregação, e disseram um para o outro: "Essa é a nossa resposta". A resposta é que não deveriam ir estabelecer-se em um outro país, por enquanto. Convinha-lhes voltarem para sua própria terra, onde tinham sido tão tremendamente perseguidos, a fim de arrostarem a perseguição e combatê-la. Assim fizeram, e foram honrados no seu ato. Mas eu nada fiquei sabendo de tudo aquilo, senão quando eles mesmos me contaram muitos anos mais tarde. Tais experiências conduzem-nos a "pensamentos que com grande freqüência jazem profundos demais para as lágrimas".

Deixe-me terminar este segmento contando aquele que reputo como o exemplo mais singular de coisas desse gênero que já tive o privilégio de experimentar. Trata-se de algo que, na verdade, sucedeu durante uma oração, e não durante um sermão. Conheci um pobre homem que se convertera de uma terrível vida de pecado, e que então se tornara cristão excelente. Isso teve lugar quando me encontrava no sul do País de Gales. Mas, posteriormente, infelizmente para ele, por diversas razões aquele pobre sujeito se desviou, e recaiu mui profundamente no pecado. Havia abandonado sua esposa e seus filhos, a fim de conviver com outra mulher de caráter muito vil. Tinham-se mudado para Londres, onde viviam em pecado: Havia desperdiçado o seu dinheiro, chegando mesmo a voltar à sua casa e mentir à sua esposa, somente para arrancar dela mais dinheiro. A casa em que ele vivera com sua família fora registrada no nome dele e de sua esposa, mas ele conseguiu alterar o registro, para que ficasse somente no seu próprio nome. Em seguida, ele vendeu a casa, a fim de ficar com o dinheiro. Portanto, ele se tinha entranhado assim profundamente na "terra distante", cometendo pecados terríveis. Mas foi então que todo o dinheiro acabou, e ele foi abandonado pela mulher de quem era amante. E ele agora se sentia tão totalmente desgraçado e envergonhado que resolveu, solenemente, cometer suicídio, sentindo que nesse profundo estado de arrependimento haveria de ser perdoado por Deus. Mas ele mesmo não podia perdoar-se, e sentia que não tinha qualquer direito de procurar novamente os seus familiares. Assim sendo, resolveu solenemente encaminhar-se à Ponte de Westminster, a fim de atirar-se nas águas do rio Tâmisa. De fato, chegou a pôr-se a caminho do local. Justamente quando aquela alma atribulada chegava à ponte, o relógio Big Ben soou a meia-hora depois das seis — seis horas e trinta minutos. De repente lampejou na mente dele um pensamento que o fez dizer para si próprio: "É exatamente agora que ele (referia-se a mim) está subindo ao seu púlpito, para o culto desta noite". E, dessa forma, ele resolveu que viria ouvir-me uma vez mais, antes de dar fim à sua vida. Percorreu a distância até a Capela de Westminster em cerca de seis minutos, entrou na mesma pela porta frontal, subiu os degraus, e estava justamente chegando à galeria, quando ouviu as seguintes palavras: "Deus, usa de misericórdia para com os desviados". Eu proferira tal petição em minha oração, e elas foram, literalmente, as primeiras palavras que ele ouvira ali. De pronto, tudo foi retificado para ele, e não somente ele foi restaurado espiritualmente, mas também tornou-se ancião de uma igreja, nos subúrbios de Londres, tendo prestado ali um excelente serviço, por certo número de anos.[1]

Ora, que significa isso? Significa que nós estamos nas mãos de Deus, razão por

que tudo pode acontecer. "Para Deus, nada é impossível. . ." Peça grandes coisas de Deus", era o que William Carey costumava dizer, e então prossiga, "esperando grandes coisas da parte de Deus", e Ele haverá de guiá-lo de surpresa em surpresa. Não existe romance que se possa comparar ao romance da obra do pregador. É essa uma estrada ao longo da qual existem muitas cidades de Betel, a qual também nos faz lembrar das palavras de Francis Thompson: "Volvam ao menos uma pedra, e comecem a voar".

1 — No tempo que se passou entre a enunciação destas preleções e sua publicação, ele faleceu de modo glorioso e triunfante.

Capítulo Dezesseis

"DEMONSTRAÇÃO DO ESPÍRITO E DE PODER"

Para esta preleção final, guardei e reservei aquilo que, em última análise, é o tópico mais fundamental em conexão com a pregação, a saber, a unção do Espírito Santo. Talvez alguns estranhem que eu tenha reservado o fator mais importante de todos para o fim, ao invés de começar por ele. A razão pela qual assim fiz é que acredito que, se fizermos ou tentarmos fazer primeiro tudo aquilo a que me referi, então essa unção será derramada sobre nós. Já tive a oportunidade de frisar que alguns homens caem no erro de depender exclusivamente da unção do Espírito, negligenciando tudo quanto se refere à preparação. A maneira correta de encarar a unção do Espírito é pensar nela como aquilo que se derrama sobre a preparação. Existe um incidente no Antigo Testamento que provê ótima ilustração acerca desse relacionamento. Trata-se do episódio de Elias ao enfrentar os falsos profetas de Israel, no monte Carmelo. Somos ali informados que Elias erigiu um altar, em seguida cortou lenha e a arrumou sobre o altar. Então, matou o novilho, cortou-o em pedaços e os colocou sobre a lenha. Tendo feito tudo isso, orou para que descesse o fogo; e o fogo desceu. Essa é a ordem das coisas.

Há muitos outros incidentes que exemplificam precisamente isso. Um dos mais notáveis desses relatos tem a ver com a narrativa da construção do tabernáculo no deserto, em Êxodo 40. Lemos ali que, primeiramente, Moisés cumpriu minuciosamente tudo quanto Deus lhe dissera para fazer, e que foi somente depois de tudo feito que desceu a glória do Senhor sobre o tabernáculo. É por esse motivo que reservei para o fim aquilo que, acima de qualquer dúvida, é o mais importante entre todos os fatores relacionados com a pregação. "Deus ajuda àqueles que ajudam a si mesmos" é um dito popular verdadeiro, neste e em muitos outros aspectos. A preparação cuidadosa e a unção do Espírito Santo jamais devem ser consideradas como alternativas, e, sim, como fatores que se complementam mutuamente.

Todos tendemos por cair em extremos; alguns dentre nós dependem de sua própria preparação, e em nada mais esperam; mas outros, conforme tenho dito, inclinam-se por desprezar a preparação, confiando somente na unção, e na iluminação do Espírito. Neste caso, entretanto, deve haver um "ambos/e", e nunca somente um "ou/ou". É que aquelas duas coisas sempre andam juntas.

O que se deve entender por "unção" do Espírito? A melhor maneira de abordarmos a questão consiste em mostrarmos, pelas próprias Escrituras, antes de tudo, o que isso significa. Porém, antes de fazermos isso, deixe-me formular algumas perguntas a todos os pregadores. Você sempre procura e busca essa unção antes de pregar? Tem sido essa a sua maior preocupação? Não existe teste mais perfeito e revelador que se possa aplicar a um pregador.

Que teste é esse? Consiste na descida do Espírito Santo sobre o pregador, de maneira toda especial. Trata-se de um acesso de poder. Deus é quem propicia poder e capacidade ao pregador, mediante o Espírito, a fim de que o pregador possa realizar

sua tarefa de uma maneira que seu desempenho seja elevado acima e além dos esforços e empreendimentos humanos, chegando a uma posição em que ele está sendo usado nas mãos do Espírito e se torna o canal por intermédio do qual o Espírito opera. Isso pode ser visto de modo claro e inequívoco nas Escrituras.

Proponho-me, por conseguinte, a examinar em primeiro lugar o ensinamento bíblico, para em seguida enfocar o assunto do ponto de vista histórico, para, finalmente, tecer alguns comentários. Nas Escrituras fica indubitavelmente claro que todos os profetas do Antigo Testamento servem de exemplos ilustradores dessa unção; mas meu intuito é confinar a nossa atenção às páginas do Novo Testamento. Comecemos por João Batista, por ter sido ele o precursor de nosso Salvador. Em Lucas 1, lê-se que foi dada a seu pai Zacarias uma mensagem, nestes termos:

> Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho nem bebida forte, será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus. E irá adiante dele no espírito e poder de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado (versículos 15 a 17).

Temos aí um resumo excelente da posição dos profetas no Antigo Testamento. Aqueles homens tinham consciência de uma insuflação divina que descia sobre eles; o Espírito se apossava deles e eles recebiam uma mensagem, juntamente com o poder necessário para comunicá-la. Essa era a grande característica daqueles profetas, e João foi o último deles. Assim sendo, somos informados a respeito dele que fora dotado, de modo todo especial, com o Espírito Santo e com o Seu poder, a fim de que pudesse cumprir a sua incumbência. E quando lemos as narrativas bíblicas sobre seu ministério, então isso torna-se óbvio. João falava de tal maneira que as pessoas caíam sob profunda convicção de pecado. A pregação de João Batista chegou a convencer aos próprios fariseus — sendo essa a comprovação mais segura do poder de um ministério. No entanto, João tinha plena consciência do caráter meramente preliminar do seu ministério, e sempre ressaltou que o mesmo era apenas preparatório — "Eu não sou o Cristo", dizia ele. ". . . mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias." "Eu na verdade vos batizo com água,. . . ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Lucas 3:15-17). Restava algo mais para surgir em cena, algo muitíssimo maior.

Em seguida, convém que observemos o que sucedeu no caso do próprio Senhor Jesus. Essa é uma particularidade que com freqüência perdemos de vista. Aludo à maneira como o Espírito Santo desceu sobre Ele, quando subia da água, no rio Jordão, depois que fora batizado por João Batista. O Espírito adejou sobre Cristo, na forma corpórea de uma pomba. O próprio Jesus esclareceu, depois, o que isso significara, ao falar na sinagoga de sua cidade adotada, Nazaré, conforme se acha registrado em Lucas 4:8 ss.: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres. . ." O que me interessa enfatizar aqui é que Cristo declarou que aquilo que Lhe sucedera no rio Jordão é que Ele fora ungido pelo Espírito a fim de pregar o Evangelho da salvação, a fim de ". . . apregoar o ano aceitável do Senhor".

Trata-se de afirmação das mais notáveis. Naturalmente, projeta grande luz sobre todo o significado e o propósito da encarnação; mas o que se torna mais significativo é que o próprio Senhor nosso, o Filho de Deus, não poderia ter exercido o Seu ministério como homem, nesta terra, se não houvesse recebido essa "unção" especial e peculiar do Espírito Santo, a qual Lhe deu capacidade para realizar Sua tarefa. Isso foi uma verdade até mesmo no caso dEle.

Então — e estou tão-somente selecionando aquelas passagens que considero as mais importantes que tratam desse assunto — chegamos ao livro de Atos dos Apóstolos. E em Atos 1:8, lemos: ". . . mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra". Essas informações, naturalmente, sempre deveriam ser vinculadas ao último capítulo do Evangelho segundo Lucas, onde se acha uma narrativa sobre o que nosso Senhor disse aos discípulos congregados no cenáculo. Disse-lhes que os estava enviando como Seus mensageiros.

> . . . São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco, que importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer, e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia, e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas cousas. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder.

Isso nos leva ao trecho de Atos 1:8, bem como ao cumprimento desse versículo, conforme está registrado em Atos 2.

A significação disso, conforme eu vejo as coisas, é que aqui encontramos homens de quem se pensaria estarem em perfeita posição e condição de agir como pregadores, sem mais delongas. Tinham estado na companhia de nosso Senhor por três anos, tinham ouvido todos os Seus discursos e Suas instruções, tinham sido testemunhas de todos os Seus milagres, tinham desfrutado do benefício de terem estado com Ele, olhando para o Seu rosto, além de terem tido conversas pessoais e comunhão com Ele. Três dentre eles haviam sido testemunhas de Sua transfiguração, todos tinham contemplado a Sua crucificação e sepultamento, e, acima de tudo, todos eram testemunhas do fato de Sua ressurreição física. Pensaríamos, por conseguinte, que aqueles homens, por essa altura, estivessem capacitados para sair a pregar; mas, de acordo com o que ensinou nosso Senhor, não o estavam. Aparentemente possuíam todo o conhecimento necessário, mas esse conhecimento não basta, pois algo mais se faz mister e, de fato, é essencial. O conhecimento, na verdade, é algo vital, pois ninguém pode ser testemunha sem conhecimento; mas, para alguém ser uma testemunha eficaz é preciso que tenha o poder, a unção e a demonstração do Espírito, em adição a isso. Ora, se isso foi necessário no caso daqueles homens, quanto mais é necessário para todos os outros que tentem pregar essas realidades?

Lemos que o Espírito desceu sobre aqueles homens, reunidos em Jerusalém, no

dia de Pentecoste; e de imediato se observa a diferença causada neles. Pedro, que com espírito poltrão havia negado a seu Senhor, a fim de salvar a própria vida, agora estava transbordante de coragem e grande firmeza. Foi capaz de expor as Escrituras com tom autoritativo, tendo falado com tão poderoso efeito que três mil pessoas se converteram ante a sua pregação. Essa foi a inauguração, por assim dizer, da Igreja cristã, de conformidade com o que dela conhecemos nesta dispensação do Espírito. Esse é o quadro gráfico que nos é dado acerca de como ela começou.

Neste caso devo chamar a atenção para um outro ponto que, segundo sinto, também nos inclinamos por perder de vista. Esse "acesso de poder", ou, se você assim preferir, essa "efusão de poder", que se derrama sobre os pregadores cristãos, não é algo que venha "de uma vez para sempre"; antes, pode ser repetido e repetido por muitas e muitas vezes.

Seja-me dado o privilégio de aduzir alguns exemplos sobre isso. Ali, no dia de Pentecoste, temos visto os apóstolos serem enchidos com esse poder, e também temos visto que o objetivo real do "batismo com o Espírito" é capacitar os homens para que sejam testemunhas de Cristo e de Sua salvação, e para que o façam com poder. O batismo com o Espírito Santo não é a mesma coisa que a regeneração — os apóstolos já eram homens regenerados — e também não é conferido primariamente para promover a santificação; antes, é um batismo de poder, um batismo de fogo, um batismo que capacita o crente individual a ser testemunha. Os antigos pregadores costumavam dar grande valor a isso. Indagavam a respeito de um homem: "Ele já recebeu o seu batismo de fogo?" Essa era uma pergunta capital. Não era tanto a regeneração ou a santificação; mas era poder, poder para testificar.

Os apóstolos receberam esse batismo no dia de Pentecoste, e sem tardança Pedro testificou da maneira mais poderosa que se possa imaginar; e ele e João, novamente, testificaram após a cura do aleijado, e mais uma vez o fizeram quando pregaram no interior do templo. Porém, examinemos de novo a passagem de Atos 4:7. Ali estavam Pedro e João, sendo julgados diante do Sinédrio, e eis que lhes são assacadas algumas acusações: ". . . e, pondo-os perante eles, os argüiram: Com que poder, ou em nome de quem fizestes isto?" Note, entretanto, o que o registro bíblico passa a dizer: "Então Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: Autoridades do povo e anciãos. . ."

Como se poderiam interpretar essas palavras? Por qual motivo diriam elas, "Então Pedro, cheio do Espírito Santo"? Você poderia argumentar: "Mas não fora ele cheio com o Espírito Santo no dia de Pentecoste, tal como o foram os outros homens?" Sim, isso havia sucedido. Por qual razão isso teria sido reiterado neste ponto? Só existe uma explanação adequada para isso. Não se trata de mero lembrete do fato que ele fora batizado com o Espírito Santo no dia de Pentecoste. Não haveria propósito nenhum em usar essa expressão, a menos que isso signifique que ele recebeu um novo acesso de poder. Pedro estava em situação crítica. Ali estava ele sendo julgado, na companhia de João. De fato, o Evangelho e toda a Igreja cristã estavam no banco dos réus, e Pedro precisava de algum poder novo e recente, a fim de poder testificar de maneira positiva e de poder confutar os perseguidores — algum poder novo e recente; e esse poder lhe foi dado. Por essa razão é que foi empregada essa expressão: "Então Pedro, cheio do Espírito Santo. . ." foi um novo enchimento, para uma tarefa especial.

Ainda temos um outro exemplo disso, naquele mesmo quarto capítulo do livro de Atos, no versículo 31. Lá estavam todos os membros da Igreja a orar, temerosos ante as ameaças das autoridades, que tinham por alvo exterminar a Igreja. Mas eis o que sucedeu: "Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo..." — a mesma gente, uma vez mais. Todos eles haviam sido cheios do Espírito Santo no dia de Pentecoste; e Pedro e João haviam sido cheios do Espírito Santo em ocasiões subseqüentes, por semelhante modo. No entanto, o grupo inteiro foi agora novamente cheio do Espírito Santo. É óbvio, portanto, que se trata de algo que pode ser repetido por muitas vezes.

Em seguida, chegamos em Atos 6, onde há o relato de como foram nomeados os primeiros diáconos. Notemos as qualificações que são ressaltadas nos versículos 3 e 5: "Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria..." Isso não aludia a cada cristão indiscriminadamente, mas caracterizava somente alguns deles — "... aos quais encarregaremos deste serviço". E então lemos no verso 5: "O parecer agradou a toda a comunidade; e elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo..." Todavia, você poderá indagar: "Mas, não haviam sido, todos eles, cheios do Espírito Santo?" Não nesse sentido. Neste caso havia algo de especial, algo de peculiar, algo de adicional; e foram informados que deveriam procurar tal característica. Em cada caso trata-se exatamente do mesmo ponto.

Há ainda um outro exemplo em Atos 7:55 — o quadro de Estêvão, imediatamente antes de haver sido apedrejado e morto. Isso foi algo não meramente memorável, mas também de imensa importância — verso 54: "Ouvindo eles isto" — esses eram os seus acusadores, os membros do Sinédrio — "enfureciam-se nos seus corações e rilhavam os dentes contra ele. Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus, e Jesus, que estava à sua direita". É perfeitamente claro que isso, uma vez mais, foi um derramamento especial. Novamente, ali estava um homem a braços com grande crise; e o Espírito desceu sobre ele de maneira excepcional, capacitando-o a enfrentar a crise e a prestar um poderoso testemunho.

Um exemplo adicional deveria bastar — em conexão com o apóstolo Paulo, que só mais tarde veio a fazer parte da Igreja. Acha-se em Atos 13:9. O apóstolo Paulo, juntamente com Barnabé, havia chegado a um país onde havia um procônsul de nome Sérgio Paulo, o qual desejava ouvir a Palavra de Deus. "Mas opunha-se-lhes Elimas, o mágico (porque assim se interpreta o seu nome), procurando afastar da fé o procônsul". Mas, vem a seguir o verso 9: "Todavia Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando nele os olhos, disse..." Quando o registro sagrado diz, "cheio do Espírito Santo", não alude ao fato que ele fora cheio do Espírito Santo ao converter-se, em resultado de haver-se encontrado com Ananias. Seria ridículo se fosse repetida aqui essa informação, se porventura tivesse ocorrido de uma vez por todas. Aqui temos, novamente, um derramamento especial de poder, uma crise especial, uma ocasião especial, tendo-lhe sido conferido aquele poder especial, para essa oportunidade especial.

Eu iria ainda mais adiante, sugerindo que isso sempre acontecia no caso dos apóstolos, todas as vezes que realizavam um milagre, ou todas as vezes que tinham

uma situação muito especial para resolver. A significação de tudo isso transparece da seguinte maneira. Há uma grande diferença entre os milagres efetuados pelos apóstolos e os "milagres" que certos homens reivindicam efetuar hoje em dia. Uma das grandes diferenças é a seguinte: nunca se ouve que os apóstolos anunciaram, com antecedência, que teriam um culto de curas, dentro do prazo de tantos ou quantos dias. Por que não? Porque eles nunca sabiam quando isso haveria de suceder. Não eram eles quem decidiam, e nem era algo debaixo do seu controle. Mas o que invariavelmente acontecia era o seguinte. Por exemplo, ali estava o apóstolo Paulo lidando com este homem, e de repente foi-lhe concedido um poder sobrenatural. Paulo nada sabia do que ocorreria até haver sido impulsionado pelo Espírito, recebendo poder para tanto; e assim fez ele. Por conseguinte, a primeira diferença entre os chamados operadores de milagres de hoje em dia e os apóstolos é que estes últimos nunca prediziam nem anteviam ou anunciavam de antemão a operação de milagres; eles nunca fizeram tais coisas.

Mas há, igualmente, uma segunda diferença. Os apóstolos, pode-se notar no livro de Atos, jamais fracassaram. Nunca houve um único caso de mera tentativa; não havia esse elemento experimental. Eles sabiam. Fora-lhes dada uma comissão, e assim falavam com autoridade. Expediam uma ordem, e não havia fracassos; e não pode haver fracassos, efetivamente, quando as coisas sucedem nesses moldes. É patente que esse é o quadro geral que se encontra no livro de Atos dos Apóstolos.

Todavia, há algo ainda mais direto e específico do que tudo isso, a saber, a grande declaração do apóstolo Paulo, em I Coríntios 2, naquela assertiva crucial mediante a qual ele descreve como havia sido sua própria pregação em Corinto. "E foi em fraqueza, temor e grande tremor que eu estive entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana; e, sim, no poder de Deus" (versos 3 a 5). Essa é a declaração vital e controladora que diz respeito a toda essa questão. Ali estava um homem possuidor de grandes dons, que tinha excepcionais poderes naturais; mas ele resolveu, deliberadamente, não usar seus dons de modo carnal. Ele resolveu "nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado". Portanto, deliberadamente eliminava todos os maneirismos dos retóricos gregos, quanto ao conteúdo e quanto ao estilo, com o que ele estava tão familiarizado. Conforme disse para aqueles mesmos coríntios, ele se tornara "insensato por causa de Cristo", a fim de que se tornasse claro que o poder não era dele, e, sim, de Deus, e que toda a posição deles não se deveria basear "em sabedoria humana; e, sim, no poder de Deus".

Vindo da parte de Paulo, dentre todos os homens, penso que tudo isso é notabilíssimo. Ele lembra aos crentes coríntios acerca disso, uma vez mais, no quarto capítulo dessa epístola, nos versículos 18 a 20. Alguns dos membros da igreja de Corinto estavam falando muito, criticando ao apóstolo Paulo e expressando livremente as suas opiniões sobre ele e sobre os seus ensinamentos. Por conseguinte, ele os desafiou ao dizer: "Alguns se ensoberbeceram, como se eu não tivesse de ir ter convosco; mas em breve irei visitar-vos, se o Senhor quiser, e então conhecerei não a palavra, mas o poder dos ensoberbecidos. Porque o reino de Deus consiste, não em

palavra, mas em poder". É provável que não exista outro texto do qual tanto precisemos ser lembrados, no nosso tempo, como esse. Por certo não nos faltam palavras; mas, há evidência de poder na nossa pregação? "Porque o reino de Deus consiste, não em palavra, mas em poder." É como se o apóstolo houvesse dito: "Nisso consiste o teste". E até hoje é isso que comprova a verdadeira pregação.

Mais adiante descobrimos que ele reitera praticamente os mesmos conceitos, em II Coríntios 4. Referindo-se ao seu próprio ministério, escreve ele: "Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; pelo contrário, rejeitamos as cousas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade". Desse ponto ele prossegue para a comovente declaração do verso 6: "Porque Deus que disse: De trevas resplandecerá luz — ele mesmo resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo". E então, imediatamente: "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós". Sempre acontecia a mesma coisa, sempre Paulo ansiava por enfatizar essa total dependência do poder do Espírito. Outro tanto se acha, novamente, em II Coríntios 10:3-5, que diz: "Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas; anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo". Sempre ocorre o mesmo ponto: "não carnal", "poderosas em Deus". Está em foco um poder espiritual. De fato, a mesma ênfase pode ser achada naquela extraordinária declaração de II Coríntios 12, onde ele nos diz como fora "arrebatado até ao terceiro céu" e "ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir". E então ele fala acerca do "espinho na carne", o qual lhe fora imposto, e sobre o qual orara por três vezes a fim de que fosse removido; mas tal espinho não fora retirado. A princípio, Paulo ficara perplexo diante disso; mas finalmente entendeu sua significação, quando Deus lhe esclareceu: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza". Agora ele se sentia capaz de dizer, por conseguinte: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. . . Porque quando sou fraco, então é que sou forte".

Há uma outra declaração sobre esse fato, e que jamais deixa de tocar-me profundamente, a qual se acha no fim do primeiro capítulo de Colossenses: ". . . o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim". Esse sempre foi o testemunho de Paulo. Paulo estava fazendo o máximo ao seu alcance, mas o que realmente contava era "a Sua eficácia que opera eficientemente em mim". É isso que se deve entender pela palavra "unção". E uma definição ainda mais precisa sobre isso pode ser encontrada no trecho de I Tessalonicenses 1:5: ". . . porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra, mas sobretudo em poder, no Espírito Santo e em plena convicção. . ." O apóstolo estava relembrando aos tessalonicenses sobre como o Evangelho chegara até

eles. Tivera ele de deixá-los a fim de que pudesse pregar noutros lugares, e agora lhes escrevia esta epístola, que muitos estudiosos pensam ter sido a primeira epístola que ele escreveu a uma igreja. Efetivamente, trata-se de capítulo importantíssimo, na qualidade de uma declaração definitiva e controladora acerca da pregação e do evangelismo. Ele lhes relembra, pois, que o Evangelho "não viera" a eles "tão-somente em palavra". Realmente, viera "em palavras", e ele relembra àqueles crentes sobre a mensagem dessas palavras, nos versos 9 e 10; mas, a despeito disso, não viera "tão-somente em palavras, mas sobretudo. . ." E é esse "mas", essa adição do poder do Espírito Santo que, em última análise, empresta à pregação a sua eficácia. É isso que produz convertidos e levanta Igrejas, e edifica Igrejas — "poder", "o Espírito Santo", e "plena convicção".

Pedro ensina-nos precisamente a mesma verdade, ao relembrar aos cristãos para quem escreveu, em sua primeira epístola, sobre como eles se tinham tornado cristãos, além de ter-lhes refrescado a memória sobre o caráter da mensagem evangélica. Referindo-se aos profetas do Antigo Testamento, assevera ele: "A eles foi revelado que, não para si mesmos, mas para vós outros, ministravam as cousas que agora vos foram anunciadas por aqueles que, pelo Espírito Santo enviado do céu, vos pregaram o evangelho, cousas essas que anjos anelam perscrutar". É dessa maneira que o Evangelho deve ser pregado, afirma Pedro: — ". . . pelo Espírito Santo enviado do céu. . ."

Minha citação final se deriva do último livro da Bíblia, o livro de Apocalipse. Trata-se de uma declaração feita por João, acerca de si mesmo, no primeiro capítulo, verso 10: "Achei-me no espírito, no dia do Senhor, e ouvi por detrás de mim grande voz, como de trombeta. . ." Como se poderiam interpretar essas palavras? Significariam elas que João, por ser um cristão, estava sempre "no Espírito"? Se assim efetivamente acontecia, por que ele se deu ao trabalho de afirmá-lo? É evidente que esse não era seu estado e sua condição comuns; era algo bastante excepcional. Diz ele: Eu estava na ilha de Patmos, no dia do Senhor, quando, de repente, me achei "no Espírito". Tudo foi uma visitação do Espírito de Deus. E foi em resultado dessa visitação que lhe foi outorgada aquela grandiosa visão, as mensagens enviadas às igrejas, e a compreensão que teve acerca do curso futuro da história.

Essa é a clara e inequívoca evidência e testemunho das Escrituras no tocante à pregação. Mas é bem possível que a sua posição seja tal que diga: "Sim, aceito essa verdade e não sinto qualquer dificuldade a esse respeito. Mas tudo isso terminou juntamente com a era apostólica, razão pela qual isso nada tem a ver comigo". Minha resposta é que as Escrituras também tencionavam que tudo isso tivesse aplicação até hoje, porquanto se confinarmos todas essas bênçãos à era apostólica, então estaremos deixando pouquíssimo para o tempo presente. Seja como for, como alguém poderia decidir o que estava destinado somente àquela geração, e o que está destinado a nós, igualmente? E que critério poderia ser usado para tanto? quais seriam os cânones de tal discriminação? Minha opinião é que tudo isso não passa de meros preconceitos. As Escrituras foram escritas para nós, em sua inteireza. No Novo Testamento encontramos um quadro sobre a Igreja, e esse quadro é relevante para a Igreja, em todos os séculos e em todas as épocas.

Graças a Deus que a história da Igreja comprova o acerto desse nosso argumento.

A evidência em prol do mesmo é muito abundante. A longa história da Igreja demonstra, reiteradamente, que aquilo que se acha no Novo Testamento sempre caracterizou a Igreja, em períodos de reavivamento e reforma. Eis por que sempre tenho dito que, depois da leitura da própria Bíblia, a leitura da história dos reavivamentos é uma das práticas mais encorajadoras que um crente pode seguir. Consideremos a situação com que nos defrontamos hoje em dia. Consideremos a tarefa, consideremos o estado do mundo, consideremos a mentalidade moderna. Se não dermos crédito ao poder do Espírito, e se não soubermos de algo a respeito, então teremos de defrontar-nos com uma tarefa capaz de partir-nos o coração. Por certo eu não poderia prosseguir mais um dia dessa maneira. Se eu sentisse que tudo fora deixado exclusivamente a nós, à nossa erudição, à nossa sabedoria e às nossas organizações, então, entre todos os homens eu seria o mais desgraçado e desamparado. A situação seria totalmente desesperadora. Todavia, não é esse o caso. Aquilo que lemos nas páginas do Novo Testamento é igualmente possível e está franqueado para nós, hoje em dia; e essa é a nossa única esperança. Porém, cumpre-nos ter consciência do fato. Se não nos dermos conta disso, passaremos o nosso tempo em "lugares rasos e misérias"; e nada, em absoluto, conseguiremos empreender.

Qual, pois, é a evidência da história? Bem poderíamos começar pela Reforma Protestante. Há ampla evidência, quanto àquele tempo, a respeito de poderosas operações do Espírito. Houve aquela grandiosa experiência, descrita pelo próprio Lutero, quando pareceu que a sala inteira ficara tomada de luz. Esta é, sem a menor dúvida, a chave para entendermos sua extraordinária pregação. Ficamos tão interessados no teólogo Lutero que tendemos por olvidar o pregador Lutero. Lutero foi poderoso pregador. A mesma coisa pode ser dita acerca de João Calvino.

Mas houve dois homens na Inglaterra, que também se notabilizaram quanto a essa questão. Um deles foi Hugh Latimer, cuja pregação, na igreja da Cruz de São Paulo, em Londres, era obviamente acompanhada por profunda unção e por grande poder do Espírito Santo. Uma vez mais, isso é algo que tendemos por olvidar. Com alguma razão nos interessamos pela grande agitação teológica que ocorreu na época da Reforma Protestante; nunca nos esqueçamos, entretanto, que aquele também foi um movimento popular. Não foi movimento limitado aos eruditos e aos mestres tão-somente; descera ao povo porque havia aqueles grandes pregadores, ungidos pelo Espírito.

Houve um homem de nome John Bradford, que obviamente foi um grande pregador, nesse sentido exato. Foi ele um dos primeiros mártires protestantes. A mesma coisa ocorria em outros países, naquela época. Houve poderoso pregador na Escócia, nos fins do século XVI, chamado Robert Bruce. Um pequeno livro que fala a respeito dele foi recentemente republicado. Naquele volume você poderá ler a narrativa do que aconteceu, certa ocasião, quando ele se fez presente a uma conferência de ministros, em Edimburgo. Naqueles dias, as coisas corriam realmente adversas, infundindo grande desencorajamento. Os ministros conversavam entre si e conferenciavam, mas todos eles se sentiam imensamente deprimidos. Quanto mais falavam, mais deprimidos ficavam — o que, de resto, não é incomum nas assembléias gerais e em outras conferências religiosas. Robert Bruce tentou fazer os ministros orarem, e eles, de fato,

estavam tentando orar. Sem embargo, era claro para Robert Bruce que eles estavam tão-somente "tentando orar", não podendo ele considerar aquelas frouxas tentativas como verdadeiras orações. Portanto, ele foi "comovido no espírito", tal como sucedera a Paulo em Atenas; e Bruce disse que haveria de "empurrar" o Espírito Santo para dentro deles. Assim sendo, ele começou a bater na mesa com os punhos; e por certo conseguiu com isso algum efeito. Pois foi aí que realmente começaram a orar "no Espírito", tendo sido elevados para fora daquele estado de depressão até às maiores alturas, recebendo profunda convicção, da parte de Deus, de que Ele continuava com eles, "pois nunca os deixaria e nem os abandonaria". E eles regressaram aos seus lugares de atividade revigorados com uma nova esperança e com uma nova confiança.

Mas eis que temos chegado ao que, de muitos modos, é a minha ilustração favorita. Diz respeito a John Livingstone, o qual viveu no começo do século XVII, na Escócia. John Livingstone também era um homem muito capaz, conforme era a maioria daqueles homens. Aqueles primeiros ministros reformados da Escócia formaram uma sucessão de tremendos homens do ponto de vista da capacidade, da erudição e do conhecimento; porém, aquilo que os caracterizava acima de tudo era seu conhecimento e experiência quanto a esse poder e unção espirituais.

John Livingstone, conforme digo, era excelente erudito e um grande pregador. Tivera de fugir para a Irlanda do Norte, por causa da perseguição; e estando ali teve algumas experiências com certo reavivamento. Mas seu dia glorioso ocorreu em 1630. Havia um período de confraternização em uma localidade de nome Kirk O'Shotts, logo no início da estrada entre Glasgow e Edimburgo. Esses períodos de confraternização perduravam por muitos dias, e se caracterizavam por muitas pregações, feitas por diversos pregadores visitantes. Naquela oportunidade particular, todos tinham sentido, desde o começo, até ao domingo à noite, que havia algo de extraordinário. Assim sendo, os irmãos resolveram efetuar uma reunião adicional de pregação na segunda-feira; e solicitaram de John Livingstone que pregasse. Ora, Livingstone era homem muito modesto, humilde e piedoso, e por isso mesmo sentia-se temeroso da grande responsabilidade de pregar naquela ocasião tão solene. Portanto, passou a maior parte daquela noite lutando em oração. Saiu ao ar livre, e ali continuou a orar. Muitas outras daquelas pessoas também estavam orando. Mas ele mesmo se achava em profunda agonia de alma, e não pôde encontrar paz senão já nas primeiras horas da manhã de segunda-feira, quando Deus lhe outorgou uma mensagem, ao mesmo tempo que lhe infundia a certeza de que a sua pregação seria acompanhada por grande poder. E foi assim que John Livingstone pregou naquela famosa manhã de segunda-feira, e em resultado daquele único sermão, quinhentas pessoas foram acrescentadas às igrejas daquela localidade. Foi um dia tremendo, uma experiência avassaladora do derramamento do Espírito de Deus sobre uma congregação reunida. O restante da história de sua vida mostrou-se igualmente significativo e importante. John Livingstone viveu muitos anos depois daquilo, mas nunca mais passou por tal experiência novamente. Ele vivia lembrando-se saudoso da ocasião, e sempre anelou vê-la repetida; mas, na realidade, ela nunca mais foi reiterada em sua experiência.

Experiências espirituais semelhantes são descritas nas vidas de pregadores norte-americanos. Muito fui beneficiado, há poucos anos atrás, por ter lido o diário de

Cotton Mather, autor da obra intitulada *Magnalia Christi Americana*. Aqueles diários, com sua história da religião evangélica na América, encerram muitas ilustrações acerca do poder do Espírito Santo. De conformidade com o que tenho dito, nada existe de mais importante, para a pregação, do que a leitura da história da Igreja e de biografias de grandes santos. No próprio diário de Cotton Mather existem marcantes descrições dessas "visitações", conforme chamaríamos essas intervenções do Espírito de Deus, e do efeito que elas tiveram sobre a pregação dele. Uma vez mais ressalto que Cotton Mather foi homem de grande capacidade, um grande erudito, e não apenas um pregador ignorante, crédulo e excitável. Todos aqueles homens da família Mather foram homens capazes; e ele também tinha nas veias a influência da ainda mais capaz família Cotton. Era neto tanto de John Cotton, que talvez foi o mais erudito dos primeiros pregadores norte-americanos, quanto de Richard Mather. Nenhum homem poderia ter melhor "pedigree", uma melhor ascendência do ponto de vista do intelecto e das habilidades; e no entanto, nada se destaca mais naquele homem do que a sua percepção de que nada, realmente, podia fazer, sem essa unção e poder do Espírito Santo, além de seu senso de total dependência a Ele.

"Faltar-me-ia o tempo", conforme diz o autor da epístola aos Hebreus, para falar acerca de Jonathan Edwards e David Brainerd. Suas respectivas biografias, antigas e recentes, deveriam ser leituras compulsórias para todos os pregadores. Além desses, houve Gilbert Tennant e outros membros daquela notável família. Gilbert Tennant foi usado por algum tempo como uma espada chamejante; mas então o poder pareceu abandoná-lo e, pelo resto de seu ministério em Filadélfia, ele foi um pregador comparativamente "comum".

Uma vez mais destaca-se a história de George Whitefield e dos Wesleys. João Wesley foi um homem importante em todo esse argumento por diversos motivos. Um deles, e o mais importante em vários aspectos, é que se já houve um homem tipicamente erudito, esse homem foi João Wesley. Também foi um inglês típico, o que significa que não era emocional por natureza. Os ingleses, somos informados, são fleumáticos, e nunca ficam excitados; não se deixam comover, e nem se mostram instáveis como as raças celtas e latinas — embora não pareça ser assim, quando se acham em um campo de futebol! Ora, João Wesley era o mais típico inglês que se possa conceber: pedante, preciso e exato. A sua criação fora extremamente restrita, rigorosa e disciplinada, e, após excelente carreira acadêmica como estudante, ele se tornou membro do corpo docente de uma faculdade em Oxford. Ele se mostrava preciso em sua exegese, exato em suas declarações, nas quais cada palavra ocupava sua posição correta, e, acima de tudo, era homem muito devoto e religioso. Dedicava o seu tempo vago a visitar os prisioneiros, nas masmorras; e até chegou a acompanhar alguns deles ao local de sua execução. Costumava contribuir de seu bolso para alimentar os pobres. Mas tudo isso não o satisfazia ainda; desistiu de sua posição em Oxford e cruzou o oceano Atlântico a fim de pregar o Evangelho no estado de Geórgia, a pobres escravos e a outros. Entretanto, ele mostrou ser inteiramente inútil, um fracasso total, e terminou concluindo que precisava do Evangelho tanto quanto os pobres escravos de Geórgia. E realmente precisava. Não havia poder no seu ministério. Em acréscimo a isso, ele não tinha pensamentos claros acerca do caminho da

salvação, e isso sobreveio a ele mui intensamente, em uma tempestade no meio do Atlântico, ao observar a diferença entre si mesmo e alguns irmãos morávios, quando todos estavam face a face com a morte. E assim, Wesley retornou à Inglaterra.

Tendo regressado à Inglaterra, antes de tudo teve suas idéias corrigidas a respeito da doutrina da justificação exclusivamente pela fé. Em março de 1738 veio a perceber claramente essa verdade, mas continuou sendo um fracasso como pregador; e, de fato, começou a sentir que não podia pregar. Disse ao irmão morávio, Peter Bohler, que o ajudara a entender a doutrina da justificação pela fé: "Vejo-a claramente com a cabeça, mas não a sinto; seria melhor parar de pregar até senti-la". "Não", replicou Peter Bohler naquela sua resposta imortal, "não cesse de pregá-la, mas continue a pregá-la até que a possa sentir". Você deve estar lembrado do que aconteceu. No dia 24 de maio de 1738, João Wesley passou por aquela sua experiência culminante. Em uma pequena reunião da rua Aldersgate, em Londres, certo número de pessoas se ajuntara a fim de estudar as Escrituras e para se edificarem mutuamente na fé. Naquela noite em particular, um homem fora nomeado para ler o prefácio do Comentário de Lutero sobre a Epístola aos Romanos — não o comentário, mas somente o prefácio. E eis ali aquele homem a ler o prefácio do Comentário de Lutero sobre a epístola aos Romanos; e enquanto ele lia, conforme declarou Wesley, seu coração ficou "estranhamente aquecido", e de repente ele sentiu que Deus havia perdoado o seu pecado — os seus próprios pecados. Quando sentiu aquele calor, algo começou a derreter-se dentro dele; e foi daquele instante em diante que aquele homem começou a pregar com um novo poder, tendo sido usado poderosamente nas mãos de Deus. Ora, tudo isso tão-somente confirma aquilo que descobrimos nas Escrituras. Um homem pode possuir conhecimento, pode mostrar-se meticuloso na preparação de seus sermões; porém, sem a unção do Espírito Santo não terá qualquer poder, e a sua pregação não será eficaz.

Whitefield conta-nos que teve consciência, realmente durante o culto de sua ordenação, de que descia poder sobre a sua pessoa. Ele o sabia. Ficou arrebatado pelo senso de poder. Logo no primeiro domingo após sua consagração, ele pregou em sua cidade natal de Gloucester, e foi um culto maravilhoso. Foi algo tão admirável que as pessoas escreveram ao bispo — o bispo Benson — queixando-se de Whitefield e dizendo que, como conseqüência de sua pregação, quinze pessoas haviam enlouquecido. O bispo era não somente sábio, mas também era bom, e assim a sua resposta foi que desejava que todos os membros do clero pudessem produzir algum efeito sobre as pessoas, pois a maioria dentre eles não os produzia. E agora se alegrava por ouvir falar de um homem que obtinha algum efeito. Naturalmente, aquelas pessoas não tinham ficado insanas. O que sucedera é que tinham ficado sob aterrorizante e poderosa convicção de pecado. Mas a gente daquela época, à semelhança de muitos médicos e outros da atualidade, estava sempre muito inclinada para fazer o diagnóstico de "mania religiosa". No entanto, o que havia acontecido é que aquelas pessoas tinham ficado sob tremenda convicção de pecado, por obra do Santo Espírito de Deus. Os diários de Whitefield, bem como as diversas biografias que têm sido escritas a seu respeito, contêm intermináveis narrativas de quão cônscio ele era da descida do Espírito de Deus sobre ele quando pregava, como também noutras oportunidades.

Na minha terra nativa do País de Gales, houve dois homens notáveis no século XVIII, Howel Harris e Daniel Rowland. Suas vidas são igualmente eloqüentes quanto a esse particular. Howel Harris era um jovem mestre-escola. Ficou convicto de pecado no período da Páscoa, em 1735, e sentiu grande perturbação de alma até ao domingo de Pentecostes, quando lhe foi dada a certeza de que seus pecados lhe haviam sido perdoados, e ele começou a regozijar-se sobre esse fato. Entretanto, três semanas mais tarde, estando ele assentado dentro da torre de uma igreja, lendo as Escrituras, orando e meditando, conforme ele disse, "Deus começou a derramar do Seu Espírito sobre mim". Ele descreve como tudo veio em "onda após onda", até que dificilmente ele podia contê-lo fisicamente; e então conta que ficou cheio do amor de Deus, derramado em seu coração. Ora, foi a partir daquele instante que Harris começou a sentir o impulso de evangelizar seus vizinhos pagãos. A princípio ele costumava visitar os enfermos, e punha-se a ler livros de boa qualidade para eles. Não proferia de sua própria lavra uma única palavra, mas tão-somente lia livros para eles. Todavia, tal era a unção e o poder que acompanhavam essas leituras que as pessoas começaram a ficar convictas de pecado e a se converterem. Isso prosseguiu por certo tempo. Sentia-se tão indigno que não estava apto para ser um pregador; e por isso, embora se sentisse um pouco desonesto com o que fazia, continuou na sua prática de ler bons livros. Mantendo ainda os olhos fixos no livro começou também a fazer observações pessoais à medida que os pensamentos lhe ocorriam. Continuou fazendo assim por algum tempo. Eventualmente, porém, começou a exortar abertamente às pessoas, e grandes multidões reuniam-se a fim de ouvi-lo. Em certo sentido, esse homem foi o pioneiro de um movimento que abalou o país inteiro e que trouxe à existência aquela denominação conhecida por Metodista Calvinista Galesa, ou a Igreja Presbiteriana do País de Gales, dos nossos próprios dias. Foi assim que tudo aconteceu; foi resultado direto dessa unção especial do Espírito Santo. Ocasionalmente Harris perdia por algum tempo essa unção, e isso muito o entristecia; mas a unção retornava mais tarde. E ele assim continuou, até que faleceu, em 1773. A mesma coisa estava acontecendo com muitos de seus contemporâneos, mormente no caso do grande Daniel Rowland, cujos diários particulares infelizmente foram perdidos.

A mesma coisa pode-se encontrar na biografia escrita por Andrew Bonar, acerca do pregador W. H. Nettleton, o qual foi grandemente usado e a quem já me referi páginas atrás.

Em outras palavras, pode-se averiguar exatamente o mesmo tipo de experiência em homens os mais diferentes entre si. A maioria dos homens que tenho mencionado até agora foram homens dotados de grandes habilidades. Em adição a isso, todavia, podemos considerar um homem como D. L. Moody, que não era muito preparado, mas que, não obstante, foi grandemente usado por Deus. E isso ocorreu como conseqüência e resultado diretos de uma experiência que teve, quando caminhava pela Wall Street da cidade de Nova Iorque, certa tarde. Moody já havia sido pastor de uma igreja em Chicago, antes disso, e pastor muito bem-sucedido. Não havia que duvidar que vinha realizando um bom trabalho; mas isso empalidece na insignificância quando comparamos com o que ele foi capacitado mais tarde a fazer.

Não obstante, seja-me permitido apresentar uma ilustração final. Houve um

grande reavivamento nos Estados Unidos da América, em 1857, que se propagou para a Irlanda do Norte em 1858, e para o País de Gales em 1859. De modo geral, os reavivamentos têm ocorrido simultaneamente em certo número de países. Assim aconteceu tanto no século XVIII quanto no século XIX, e isso foi um fato interessantíssimo, por si mesmo. Porém, estou pensando particularmente no homem que foi mais intensamente usado nas mãos de Deus, no País de Gales, naquele reavivamento. O nome daquele homem era David Morgan, e quero enfocar principalmente um aspecto de sua admirável história. Naquela época vivia nos Estados Unidos da América um galês de nome Humphrey Jones, que sentira poderosamente a influência do reavivamento. Tendo experimentado aquela nova vida, e estando cheio da alegria e do regozijo do Espírito, ele disse consigo mesmo: "Como gostaria que a minha gente, na minha pátria, pudesse experimentar isto também". Isso tornou-se-lhe uma imposição tal que ele regressou ao País de Gales. Tendo chegado, simplesmente começou a narrar ao povo de seu condado natal o que vira e experimentara. Ele saía ao redor e falava nos templos, e os ministros e o povo em geral davam-lhes ouvidos. David Morgan ouvira, por certo número de vezes, a pregação de Humphrey Jones, e gradualmente se foi interessando e sentindo anelo por um reavivamento. Uma noite, quando Humphrey Jones falava com excepcional poder, David Morgan sentiu-se profundamente afetado. E disse ele mais tarde: "Fui para o leito, naquela noite, como o simples David Morgan que eu sempre fora. Mas despertei na manhã seguinte sentindo-me como um leão, sentindo que fora cheio do poder do Espírito Santo". Ora, por essa altura dos acontecimentos ele já vinha sendo ministro por certo número de anos. Ele sempre foi um bom homem, sem nada de extraordinário — de fato, era apenas um pregador comum. Nada de mais acontecia em resultado de sua pregação. Mas, naquela manhã, ele acordou-se como se fora um leão, e começou a pregar com tal poder que as pessoas ficavam convictas de pecado e se convertiam em grandes números, com imenso regozijo; e seguiram-se inúmeras adições às igrejas locais. Isso continuou pelo período de dois anos; onde quer que fosse aquele homem, seguiam-se tremendos resultados.

Entre as muitas narrativas de conversões ocorridas sob o ministério de Morgan, nenhuma delas se notabilizou tanto como a de T. C. Edwards, autor de bem conhecido comentário sobre a Primeira Epístola aos Coríntios, que ainda pode ser encontrado nas estantes dos livros de sebo. Thomas Charles Edwards era, indubitavelmente, um gênio. Seu pai, Lewis Edwards, era o diretor do Primeiro Colégio Teológico da Igreja Metodista Calvinista do País de Gales, e sua mãe era neta do famoso Thomas Charles, o qual, em muito, fora o responsável pela fundação da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. T. C. Edwards, naquela época apenas um estudante, estava em casa em gozo de férias, quando ouviu dizer que esse David Morgan e outro pregador viriam pregar na sua cidade natal. Ele resolveu ir ouvi-los; e, subseqüentemente, descreveu como foi àquela reunião com sua mente repleta de dificuldades e perplexidades filosóficas. Sua fé fora abalada devido à leitura de obras filosóficas, e ele se sentia atribulado. Não sabia dizer exatamente qual era sua posição, e confessou que foi ouvir a pregação naquele estado por motivo de pura curiosidade, a fim de ver e ouvir o que aqueles dois simples pregadores teriam para dizer. Lera muita coisa a respeito do

entusiasmo e da emoção vinculados ao reavivamento, e desaprovou a tudo isso com todas as suas forças.

No entanto, eis o que aconteceu. Ele tinha um lenço de seda vermelho em seu bolso, de acordo com o hábito dos jovens naqueles tempos; e tudo quanto ele soube foi que, terminada a reunião, o lenço de seda vermelho jazia em pedaços no assoalho debaixo do banco onde ele se sentara, na galeria. Não tinha memória alguma de haver feito tal coisa, mas o fato é que sua vida inteira foi transformada, suas dúvidas filosóficas se tinham dissipado, todas as suas incertezas se haviam desvanecido como a névoa da manhã, e aquele grande erudito fora cheio do poder do Espírito Santo, tornando-se ele um pregador destacado. Mais tarde ele foi nomeado primeiro diretor do University College, em Aberystwyth, e eventualmente veio a substituir seu pai como Presidente do Colégio Teológico. Sir William Robertson Nicol, o primeiro editor de um famoso semanário religioso de nome The British Weekly, que era penetrante juiz de homens e pregadores, declarou que dentre todos os grandes pregadores que havia conhecido, T. C. Edwards era o único a quem podia conceber como fundador de uma nova denominação — tal era o seu poder dinâmico.

Tal foi o tipo de ministério exercido por David Morgan, durante cerca de dois anos. E qual foi o fim dessa história? Anos mais tarde ele testificou, dizendo: "Certa noite recolhi-me ao leito ainda sentindo-me qual leão, repleto daquele estranho poder que fora meu privilégio já por dois anos. Acordei na manhã seguinte e descobri que, uma vez mais, era apenas David Morgan". Ele viveu por cerca de mais quinze anos, depois disso, durante os quais exerceu um pastorado dos mais comuns.

O poder viera, e o poder se retirara. Tal é o senhorio do Espírito! Ninguém pode ordenar que seja outorgada essa bênção, ninguém pode ditar-lhe ordens; do princípio ao fim é um dom de Deus. Os exemplos que tenho oferecido, extraídos das Escrituras, comprovam isso. "Pedro, cheio do Espírito Santo. . ." O Espírito o encheu naquela oportunidade. E Ele fez outro tanto com David Morgan; e então, em Sua própria e inescrutável sabedoria e soberania, Ele retirou Sua bênção especial. Os reavivamentos não têm o propósito de ser permanentes. Ao mesmo tempo, entretanto, mantenho que todos dentre nós, os pregadores, deveríamos buscar esse poder a cada vez que pregamos.

Como podemos reconhecer esse influxo, quando ele vem? Deixe-me tentar dar a resposta. A primeira indicação se verifica no consciente mesmo do pregador. "... porque o nosso evangelho não chegou até vós tão-somente em palavra", diz Paulo, "mas sobretudo em poder, no Espírito Santo e em plena convicção". Quem experimentou aquela plena convicção? Foi o próprio Paulo. Sabia que algo estava acontecendo, e tinha consciência disso. Ninguém pode ser cheio do Espírito Santo, sem saber o que está acontecendo. Ele tinha "plena convicção". Sabia que estava revestido de poder e autoridade. E como é que alguém pode saber disso? É que esse enchimento propicia clareza de pensamento, clareza de expressão, facilidade de expressão, um profundo senso de autoridade e confiança na pregação, além da certeza de um poder vindo do exterior, que se manifesta ardentemente por todo o nosso ser, com um senso indescritível de alegria. Tornamo-nos homens "possessos", dominados, controlados. Gosto de colocar a coisa nestes termos — e desconheço outra coisa na terra que se

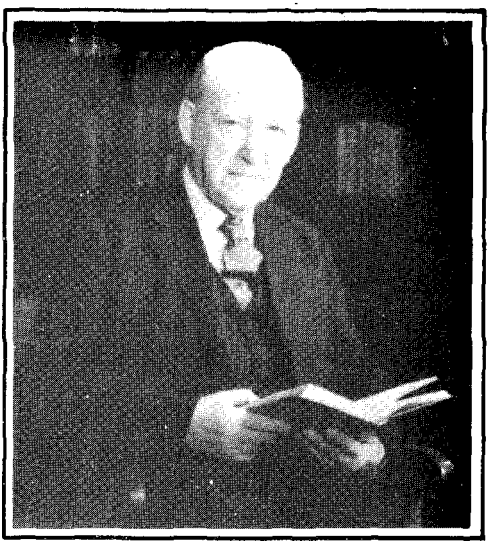
equipare a esse sentimento — que quando isso sucede, sentimos que na realidade não estamos pregando, mas estamos contemplando a cena. É como se estivéssemos contemplando a nós mesmos, admirados, enquanto tudo isso vai sucedendo. Nada provém de nosso próprio esforço; somos um mero instrumento, um canal, um veículo; o Espírito nos usa e contemplamos tudo com grande júbilo e admiração. Nada existe que ao menos possa começar a comparar-se a isso. É disso que o próprio pregador tem consciência.

E que dizer sobre os ouvintes? Eles percebem tal fenômeno de imediato; podem notar prontamente a diferença. Sentem-se arrebatados, tornam-se sérios, são convencidos de pecado, ficam comovidos e são humilhados. Alguns são convencidos de pecado, ao passo que outros alçam aos céus, e qualquer coisa pode suceder a qualquer deles. Reconhecem de pronto que algo bastante incomum e excepcional está sucedendo. Em resultado, começam a deleitar-se nas realidades de Deus, e querem receber mais e mais instrução. Tornam-se semelhantes àquela gente, no livro de Atos dos Apóstolos, pois desejam perseverar "... na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações".

Por conseguinte, o que devemos fazer a respeito dessas realidades? Só existe uma conclusão óbvia. Busque-O! Busque-O! Que poderíamos fazer sem Ele? Busque-O! Busque-O sempre! Mas vá além de buscá-Lo, espere-O. Você espera que aconteça algo, quando sobe a um púlpito? Ou você simplesmente diz para si mesmo: "Bem, preparei o meu sermão, e vou apresentá-lo; alguns dentre eles o apreciarão, e outros não"? Você está esperando que tal sermão se torne em algo crucial e transformador na vida de alguém? Você está esperando que algum dos presentes receba alguma experiência culminante? Esse é o resultado que a pregação tem por escopo. É isso que podemos encontrar nas páginas da Bíblia e na história subseqüente da Igreja. Busque esse poder, espere pela manifestação desse poder, anele por esse poder; e, quando esse poder vier, submeta-se a Ele. Não ofereça resistência. Esqueça-se inteiramente de seu sermão, se necessário. Permita-Lhe liberar você, permita-Lhe manifestar o Seu poder em você e através de você. Tenho a certeza, conforme já disse por diversas vezes, que coisa alguma será de qualquer valor, exceto o retorno desse poder do Espírito, para abençoar nossa pregação. É esse poder que produz verdadeira pregação; e essa é a maior necessidade de todos nós, hoje em dia — hoje mais do que nunca. Nada pode substituir esse poder. Contudo, uma vez recebido, teremos um povo que ansiará e se prontificará por ser ensinado e instruído, a fim de ir sendo guiado, cada vez mais profundamente, à "Verdade que há em Cristo Jesus". Essa "unção", é o fator supremo. Busque-a, pois, até que se torne seu possuidor; não se contente com nada menos que isso. E prossiga até que possa dizer: "A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder". Ele continua perfeitamente capaz de fazer "... infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos. . ."

TÍTULOS DA EDITORA FIEL:

Ansiedades de um Padre — Hegger
Carismáticos, Os — MacArthur
Casados mas Felizes — LaHaye
Chaves para o Crescimento Espiritual — MacArthur
Christiana Tsai, A Rainha do Quarto Escuro — Tsai
Conduzindo os Pequeninos a Deus — Schoolland
Conselheiro Capaz — Jay Adams
Criação ou Evolução — Morris
Deus Conosco (Coleção 2 volumes) — Radius
Deus é Soberano — Pink
Disciplina Bíblica na Igreja — Wray
Eleição — Charles H. Spurgeon
Enriquecendo-se com a Bíblia — Pink
Estudos no Sermão do Monte — Lloyd-Jones
Evangelho de Hoje: Autêntico ou Sintético? — Chantry
Existe Mesmo o Crente Carnal? — Reisinger
Felicidade no Lar — Petersen
Filhos Precisam de Pais — Petersen
Gideão, o Soldado de Deus — Mackenzie
Importância da Igreja Local, A — Wray
Luz Diária
Manual do Conselheiro Cristão — Jay Adams
Manuel, o Índio Diplomata — Stevens
Maria, Mãe de Jesus — Mackenzie
Mestre Chegou e Te Chama, O — Sacramento
Minha Paz Vos Dou — Blanchard
Morte da Razão, A — Schaeffer
Não Deixe de Corrigir Seus Filhos — Ray
Obreiro Cristão Normal, O — Nee
Onde Irei Daqui, ó Deus? — Poonen
Pedro, o Pescador — Mackenzie
Peregrino, O — Bunyan
Pregação e Pregadores — Lloyd-Jones
Procura da Verdade, A — Lloyd-Jones
Provisão Divina para Sua Saúde — McMillen
Psicologia da Felicidade — Narramore
Regeneração por Decisão — James Adams
Rute, a Moça Ceifeira — Mackenzie
Salário de Uma Mãe, O — Strachan
Santidade do Sexo, A — Lawes e Olford
Sexo e Casamento — Capper e Williams
Torturado por Sua Fé — Popov
Verdadeira Espiritualidade — Schaeffer
Verdades que Transformam — Kennedy
Vida Cristã no Lar, A — Jay Adams
Vida Cristã Normal, A — Nee
Vida pela Fé — Silva
Viva Agora Amigo — Pinnock
Vivo ou Morto? — Ryle
Você Está Contente, Mamãe? — Aldrich
Agora que Sou Cristão — Keven
Buscando — Mota
Conhecer Deus para Melhor O Servir — Maire
Evangelho em Gênesis, O — Law
Novo Catolicismo, O — Carson



Aos 23 anos de idade, **Martyn Lloyd-Jones** era Chefe Assistente Clínico de Sir Thomas Horder, o médico do rei da Inglaterra. Inesperadamente aos 27 anos, Dr. Lloyd-Jones voltou ao País de Gales, sua terra natal, com o coração ardendo pela salvação dos seus compatriotas.

Alguns consideraram sua mudança de carreira como romântica, outros como loucura. Porém, de uma coisa o Dr. Lloyd-Jones estava certo: tal mudança não era nenhum sacrifício. "Eu não desisti de nada. Eu recebi tudo. Considero a maior honra que Deus pode conferir a qualquer homem, o chamá-lo para ser um mensageiro do Evangelho."

Depois de 12 anos pastoreando aquele rebanho, o "Doutor", título pelo qual foi afetuosamente conhecido, voltou para Londres, onde ocupou por mais 30 anos o púlpito da Capela de Westminster.

Em 1981, o grande médico, pregador e líder cristão partiu para encontrar-se com Aquele que o chamara e capacitara, deixando-nos um legado que continua mantendo vivos sua obra e ministério.